

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**Flaviana Aparecida da Silva**

**Maria Graham e Marianne North: viagens, redes de sociabilidade e imperialismo britânico  
(Século XIX)**

Juiz de Fora

2025

**Flaviana Aparecida da Silva**

**Maria Graham e Marianne North: viagens, redes de sociabilidade e imperialismo britânico**  
(Século XIX)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Doutora em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Mota Barbosa

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Flaviana Aparecida da.  
Maria Graham e Marianne North : viagens, redes de sociabilidade e imperialismo britânico (Século XIX) / Flaviana Aparecida da Silva. -- 2025.  
250 p. : il.

Orientadora: Silvana Mota Barbosa  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Maria Graham. 2. Marianne North. 3. Imperialismo britânico. 4. Literatura de viagens. 5. Redes de sociabilidades. I. Barbosa, Silvana Mota, orient. II. Título.

**Flaviana Aparecida da Silva**

**Maria Graham e Marianne North: viagens, redes de sociabilidade e imperialismo britânico (Século XIX)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 16/12/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Profa. Dra.** Silvana Mota Barbosa - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof Dr.** Cristiane de Paula Ribeiro  
Universidade Estadual Paulista

**Profa. Dra.** Hevelly Ferreira Acruche  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof Dr.** Jefferson Cano  
Universidade Estadual de Campinas

**Profa. Dra.** Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juiz de Fora, 05/12/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Mota Barbosa, Professor(a)**, em 05/01/2026, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane de Paula Ribeiro, Usuário Externo**, em 20/01/2026, às 08:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Hevelly Ferreira Acruche, Professor(a)**, em 21/01/2026, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Jefferson Cano, Usuário Externo**, em 24/03/2026, às 20:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira, Usuário Externo**, em 30/03/2026, às 19:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Conferência de Documentos, informando o código verificador **2779962** e o código CRC **89485EA5**.

---

Dedico este trabalho aos meus pais, Rômulo e Sirlei, e a Caio Cezar, meu companheiro de vida.

## AGRADECIMENTOS

Encerro aqui, com esta tese, um ciclo importante da minha vida, iniciado ainda nos tempos em que eu era uma estudante de História na UEMG Divinópolis.

A História das Mulheres transformou o modo como vejo o mundo e a sociedade em que vivemos. Ao longo de quase sete anos de pesquisa, aprendi, amadureci e construí ideias, esperanças, lutas e opiniões. Queria ressaltar como este campo de estudos me ajudou a compreender o meu lugar no mundo, a reconhecer as vozes femininas silenciadas pela história e a me fortalecer como mulher. Por isso, agradeço a Maria Graham e Marianne North, cujos escritos me acompanharam por tantos anos.

Agradeço, de forma muito especial, ao meu marido e companheiro, Caio Fernandes, cujo destino cruzou o meu no *campus* da UFJF. Obrigada pela força, pelo apoio, por segurar a minha mão nos momentos difíceis e por acreditar em mim mesmo quando eu duvidei. Te amo!

Aos meus pais, Rômulo e Sirlei, por toda a dedicação, amor e cuidado, e à minha irmã, Luana, pela parceria e cumplicidade, que permaneceram firmes apesar da distância. Amo vocês!

À minha avó Alda, que perdi ao longo deste percurso, deixo minha eterna gratidão. Obrigada pela oportunidade de ter sido sua neta e por me ensinar que é preciso ter coragem neste mundo. Sua lembrança e sua força me acompanharam nesta reta final da tese.

Aos meus padrinhos, Silmara e Carlos, e à minha tia Silvana, obrigada pelo carinho, pelos conselhos e pelo cuidado em todos os momentos de minha vida.

Aos meus primos Dudu, Letícia, Larissa, Mayron e Felipe, pela convivência alegre e pelas risadas.

Aos meus sogros, Claudineia e Adão, e à minha cunhada, Camila, agradeço pelo carinho.

À minha sobrinha, Lara, que encheu nossos dias de alegria.

Às minhas amigas de longa data, Larissa e Talita, presentes desde a escola e a graduação, agradeço pela amizade verdadeira, pelo afeto, pelos conselhos e pela companhia nas alegrias e nas dificuldades do caminho da pós-graduação. Amo vocês!

Aos meus colegas de graduação e aos professores da UEMG, que sempre me incentivaram a seguir o caminho da pesquisa, em especial à professora Flávia Lemos, por me orientar nas reflexões sobre gênero, e ao professor João Ricardo, por me apresentar ao diário de Maria Graham, que se tornaria uma das protagonistas desta tese.

Aos amigos que me acolheram em Juiz de Fora, Camila e Geovana, obrigada pela companhia, pelas conversas e por me fortalecerem na morada longe de casa.

Ao Núcleo de Estudos de História Social da Política (NEHSP) e aos amigos que fiz durante esse percurso: Pedro, Louise, Natália e Olga, agradeço pelas conversas, pelos cafês e pelas risadas que tornaram essa jornada mais leve.

Às integrantes do grupo de estudos “Mulheres e a Escrita da História”, obrigada pelas discussões e pelos debates que ampliaram meu olhar sobre as relações de gênero e o lugar das mulheres na historiografia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de pesquisa que possibilitou o desenvolvimento deste doutorado.

À minha orientadora, profa. Dra. Silvana Mota Barbosa, expressei minha gratidão pela parceria, pelas conversas e por acreditar neste trabalho desde o momento em que cheguei a Juiz de Fora. Sua confiança, paciência e generosidade foram essenciais para que esta tese se tornasse possível.

À profa. Dra. Stella Scatena Franco, pelas contribuições realizadas na banca de qualificação.

Aos professores Dra. Tânia Maria Tavares Bessone, Dra. Cristiane Ribeiro, Dr. Jefferson Cano, Dra. Hevelly Ferreira Acruche, agradeço pela disponibilidade em participarem desta banca de defesa e pela atenção dedicada à leitura deste trabalho.

Enfim, obrigada a todos que, de alguma forma, estiveram presentes na minha caminhada de pesquisa.

## RESUMO

Na Inglaterra oitocentista, marcada pela expansão imperial e pela consolidação de instituições científicas, museológicas e artísticas, o espaço da viagem tornou-se um importante instrumento de observação, circulação de saberes e mobilização de redes de sociabilidade. Neste contexto, destacam-se mulheres que se envolveram não apenas com as jornadas marítimas, mas também com a atividade cotidiana de escrever, recolher espécimes botânicas, catalogá-las e pintá-las. Maria Graham (1785–1842) e Marianne North (1830–1890) foram personagens centrais dessa Inglaterra imperial. A partir do diálogo entre as duas viajantes, a presente tese tem como objetivo analisar de que modo elas mobilizaram recursos materiais, estratégias de gênero e redes de sociabilidade para viabilizar suas viagens, produzir conhecimento e negociar sua inserção em espaços tradicionalmente masculinos, como os navios, os círculos científicos e os debates culturais do século XIX. Embora existam estudos comparativos sobre mulheres viajantes, ainda não há, na historiografia, uma análise que articule, por meio das trajetórias de Maria Graham e Marianne North, redes de sociabilidade, gênero e império. Para realizar este trabalho, foram utilizados diferentes tipos de fontes: biografias, autobiografias, relatos de viagem, cartas a amigos e familiares e trechos de jornais ingleses. Através deste *corpus* documental, a pesquisa busca romper com o olhar “romantizado” acerca das trajetórias das viajantes oitocentistas e compreendê-las a partir de uma perspectiva mais ampla, isto é, entender que as viagens e as produções literárias e artísticas não são apenas experiências excepcionais ou aventuras, mas foram práticas sustentadas por condições materiais que envolveram redes de sociabilidade, cartas de recomendação, correspondências pessoais, capital social e recursos financeiros.

**Palavras-chave:** Maria Graham. Marianne North. Imperialismo britânico. Literatura de viagens. Redes de sociabilidade.

## ABSTRACT

In nineteenth-century England, marked by imperial expansion and the consolidation of scientific, museological, and artistic institutions, the space of travel became an important instrument for observation, the circulation of knowledge, and the mobilization of sociability networks. In this context, women who were involved not only in maritime journeys but also in the daily activity of writing, collecting botanical specimens, cataloguing them, and painting them stand out. Maria Graham (1785–1842) and Marianne North (1830–1890) were central figures in imperial England. Through a dialogue between the two travelers, this thesis aims to analyze how they mobilized material resources, gender strategies, and sociability networks to make their journeys possible, produce knowledge, and negotiate their insertion into traditionally male spaces, such as ships, scientific circles, and the cultural debates of the nineteenth century. Although there are comparative studies on women travelers, there is still no historiographical analysis that articulates, through the trajectories of Maria Graham and Marianne North, sociability networks, gender, and empire. To carry out this research, different types of sources were used: biographies, autobiographies, travel writings, letters to friends and family, and excerpts from English newspapers. Through this documentary *corpus*, the study seeks to move beyond a “romanticized” view of nineteenth-century women travelers’ trajectories and to understand them from a broader perspective, that is, to recognize that their travels and literary and artistic productions were not merely exceptional experiences or adventures, but practices sustained by material conditions involving sociability networks, letters of introduction, personal correspondence, social capital, and financial resources.

**Keywords:** Maria Graham. Marianne North. British Imperialism. Travel writing. Sociability networks.

## LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 – Retrato de Maria, Lady Callcott pintado por Sir Thomas Lawrence (1819).....        | 49  |
| Figura 2 – Fotografia de Marianne North realizada por Julia Margaret Cameron (1877).....      | 51  |
| Figura 3 – Escultura <i>Roma</i> (1869), de Anne Whitney.....                                 | 195 |
| Figura 4 – North Gallery, Kew Gardens.....  | 212 |
| Figura 5 – Bahia – Maria Callcott [s.n.].....   | 238 |
| Figura 6 – <i>Heliconia, height eleven feet</i> , 1820 – Maria Callcott.....                  | 239 |
| Figura 7 – Fisherman's hut. Maria Callcott.....   | 240 |
| Figura 8 – Ganhadores, Bahia – Maria Callcott.....  | 241 |
| Figura 9 – Fishermen in jangada and Canoe: Bahia – Maria Callcott.....                        | 242 |
| Figura 10 – Foliage and Fruit of the Loquat, or Japanese Medlar, Brazil – Marianne North..... | 243 |
| Figura 11 – Flowers of a Coral Tree and King of the Flycatchers, Brazil – Marianne North..... | 244 |
| Figura 12 – Brazilian Flowers – Marianne North.....   | 245 |
| Figura 13 – Group of Brazilian Forest Wild Flowers and Berries – Marianne North.....          | 246 |
| Figura 14 – Lovers of a Brazilian Coral Tree and Vegetable Mercury – Marianne North...        | 247 |
| Figura 15 – Flowers of Hedychium, Botanic Gardens, Brazil – Marianne North.....               | 248 |

## LISTA DE TABELA

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1 – Espécies da flora brasileira – Maria Graham..... | 115 |
|---|-----|

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>13</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS DE MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH.....</b>     | <b>43</b>  |
| 1.1 BIOGRAFIAS E A CONSTRUÇÃO DAS VIAJANTES.....  | 43         |
| <b>1.1.1 Maria Graham e as narrativas de viagens.....</b>   | <b>53</b>  |
| 1.2 ESCRITAS DE SI: <i>REMINISCENCES</i> E <i>EARLY DAYS AND HOME LIFE</i> .....                      | 57         |
| <b>1.2.1 Viajantes oitocentistas: mulheres frágeis, vulneráveis ou solitárias?.....</b>               | <b>64</b>  |
| <b>1.2.2 Autobiografias e a discussão de gênero.....</b>  | <b>69</b>  |
| 1.3 REDES DE SOCIABILIDADE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA.....  | 78         |
| <br>  |            |
| <b>CAPÍTULO 2: VIAGENS, CIÊNCIA E IMPERIALISMO.....</b>   | <b>85</b>  |
| 2.1 O EXERCÍCIO DAS CIÊNCIAS NATURAIS NO OITOCENTOS.....  | 85         |
| 2.2 A NARRATIVA DE VIAGEM E A CIÊNCIA NATURAL.....  | 97         |
| 2.3 PLANTAS MEDICINAIS, ANIMAIS E O “OURO VERDE”: AS ATIVIDADES DE MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH..... | 106        |
| 2.4 MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH E SEUS CAMINHOS NA BOTÂNICA: ALGUMAS REFLEXÕES.....                 | 125        |
| <br>  |            |
| <b>CAPÍTULO 3: VIAGENS, REDES DE SOCIABILIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO.....</b>                          | <b>128</b> |
| 3.1 AS VIAGENS MARÍTIMAS BRITÂNICAS NO SÉCULO XIX.....  | 129        |
| 3.2 VIAGENS TERRESTRES: OS PERCURSOS DE MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH.....                            | 136        |
| 3.3 MULHERES VIAJANTES E AS CARTAS DE RECOMENDAÇÃO.....   | 143        |
| 3.4 MULHERES CASADAS, SOLTEIRAS E VIÚVAS.....   | 148        |
| 3.5 AS VIAJANTES E OS EMPREGADOS DOMÉSTICOS.....  | 162        |
| 3.6 AS VIAGENS E O IMPERIALISMO BRITÂNICO.....  | 168        |
| <br>  |            |
| <b>CAPÍTULO 4: MULHERES VIAJANTES E REDES DE SOCIABILIDADE: ARTE E LITERATURA NO SÉCULO XIX.....</b>  | <b>172</b> |
| 4.1 MULHERES VIAJANTES, CARTAS E REDES DE SOCIABILIDADE.....  | 172        |
| 4.2 REDES DE SOCIABILIDADE “FEMININA” .....   | 178        |

|  |            |
|--|------------|
| 4.2.1 As redes “femininas” e as práticas de cuidado.....     | 185        |
| 4.2.2 As mulheres como mediadoras culturais e políticas..... | 186        |
| 4.2.3 A amizade entre Marianne North e a Sra. Skinner.....   | 192        |
| 4.2.4 O destino de <i>Roma</i> , de Anne Whitney.....        | 194        |
| 4.3 AS EXPOSIÇÕES DE MARIANNE NORTH.....                     | 201        |
| 4.4 MARIA GRAHAM E A PRODUÇÃO LITERÁRIA.....                 | 216        |
| 4.5 REFLEXÕES SOBRE AS MULHERES VIAJANTES.....               | 219        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                             | <b>221</b> |
| <b>Biografias.....</b>                                       | <b>224</b> |
| <b>Bibliográficas.....</b>                                   | <b>224</b> |
| <b>Autobiografias.....</b>                                   | <b>224</b> |
| <b>Diários de viagem.....</b>                                | <b>224</b> |
| <b>Cartas.....</b>   | <b>225</b> |
| <b>Jornais.....</b>  | <b>227</b> |
| <b>Testamentos.....</b>                                      | <b>228</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                      | <b>228</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>238</b> |

## INTRODUÇÃO

O espaço para as mulheres, em viagens longas e perigosas, [...] foi conquistado muito lentamente.

(Leite, 1997, p. 16)

Atravessar oceanos, observar paisagens estrangeiras e escrever sobre mundos distantes, por muito tempo, era uma tarefa masculina. Às mulheres restavam o espaço doméstico, o jardim, o interior da casa e a rotina de cuidado com as crianças (Leite, 1997; Gazzola, 2001). No entanto, apesar das normas e convenções de um mundo patriarcal, algumas atravessaram estas fronteiras e partiram. Elas carregavam diários, pincéis e cavaletes e negociaram suas entradas em espaços políticos e redes de sociabilidade intelectuais, científicas e artísticas. Entre estas mulheres, destacam-se Maria Graham e Marianne North, as inglesas protagonistas desta tese.

No contexto histórico de Maria Graham, a Inglaterra enfrentava a França de Napoleão Bonaparte e buscava expandir seu mercado consumidor, justificando seu interesse pelos territórios recém-independentes da América do Sul. Marianne North, por sua vez, nasceu em um período em que a indústria britânica se modernizava e tecnologias como a fotografia, o telefone e a energia elétrica começavam a se desenvolver. Neste período, o império iniciou políticas de colonização de territórios africanos, manifestando o interesse pela partilha do continente no final do século XIX (Hobsbawm, 1997).

A Grã-Bretanha, onde ainda impera o regime monárquico parlamentarista, permanece como um território de grande relevância econômica, política e social. Ferguson (2021) elenca a influência do império na constituição do mundo contemporâneo: a língua inglesa como o principal idioma; o liberalismo econômico e as concepções de John Locke; os ideais de liberdade e igualdade; a delimitação de fronteiras em países do Oriente Médio e do continente africano; e a Revolução Industrial do século XVIII.

A grande revolução (1789–1848) mencionada por Hobsbawm (1997) traz a ascensão da indústria capitalista e da classe média burguesa. Com o desenvolvimento das manufaturas, a Grã-Bretanha percebeu a necessidade de iniciar a busca por matérias-primas e regiões que mantivessem relações comerciais, já que, com o aumento das produções, era necessário comercializar seus excedentes. Neste sentido, a ideologia imperialista se desenvolve ao longo do século XIX (Ferguson, 2021).

Em suma, o imperialismo “é o processo de construção do império. É um projeto originado na metrópole e leva à dominação e controle sobre os povos e terras da periferia”

(Hall; Hose, 2006, p. 6). A metrópole é o centro de onde emana o poder, e a colônia, o território que o país imperial controla. Portanto, o colonialismo é aquilo que ocorre nas colônias através da dominação imperial (Loomba *apud* Hall; Hose, 2006). O imperialismo, por sua vez, pode ocorrer em colônias informais, isto é, sem a posse de territórios. A Grã-Bretanha influenciou a economia e a política de muitas regiões sem exercer o controle direto no país. Por esta razão, alguns pesquisadores as denominam como “zonas de influências”, já que não havia uma conquista formal (Hobsbawm, 1997).

Para legitimar suas ações, o Império Britânico baseava-se em discursos que se respaldavam nas definições de raça, nação e império, principalmente depois da abolição da escravidão, em 1834. Apesar de haver vários eixos de poder, a categoria “raça” foi primordial para a Grã-Bretanha adentrar em outros lugares. O discurso da missão imperial pautava-se na ideia de que a Inglaterra era a responsável por levar a civilização, o progresso e a religião cristã em países “atrasados”, porém a ideia de civilização também estava atrelada à questão do comércio (Hall; Hose, 2006). De acordo com Jane Rendall, no início do século XIX, havia duas linhas que explicavam a economia política do império: a visão de Adam Smith e as ideias de Edward Gibbon Wakefield.

A primeira perspectiva sobre a economia política do império, ainda seguindo Adam Smith, viu a Grã-Bretanha exercendo uma dominância econômica informal ao redor do mundo, mais por meio da força industrial que pelas posses coloniais. O outro, associado com Edward Gibbon Wakefield, adaptou a crítica de Malthus da expansão industrial e do crescimento populacional para sugerir que a prosperidade continuada para a Grã-Bretanha iria requerer colonização e emigração para criar mercados seguros e escoamento para a população. Mulheres escritoras se envolveram com estas questões, inicial e principalmente através de contos morais e didáticos (Rendall, 2006, p. 112-113, tradução minha).<sup>1</sup>

A citação de Rendall (2006) evidencia como estas visões divergentes sobre o papel do império – ora fundamentado na supremacia da indústria, ora na necessidade de expansão colonial – impactavam não apenas a formulação de políticas, mas também os discursos culturais e literários da época. A presença de mulheres escritoras neste debate demonstra como as questões econômicas e imperiais atravessavam diversas esferas da sociedade,

---

<sup>1</sup> Citação original: “One, still following Adam Smith, saw Britain exercising an informal economic dominance throughout the world, through industrial strength rather than colonial possessions. The other, associated with Edward Gibbon Wakefield, adapted Malthus critique of industrial expansion and population growth to suggest continuing prosperity for Britain would require colonisation and emigration to create secure markets and outlets for population. Women writers engaged with these issues, initially mainly through moral and didactic tales” (Rendall, 2006, p. 112-113).

inclusive a produção literária “feminina”. Como exemplo, há as personagens Maria Graham e Marianne North, que, em seus relatos de viagem e escritas epistolares, abordaram questões da Grã-Bretanha imperial.

Além destas leituras sobre o papel do império e das suas estratégias de expansão, outros autores, ao analisarem a força da Revolução Industrial, apresentam diferentes linhas de raciocínio. A perspectiva tradicional, apoiada por Thomas Ashton e David Landes, argumenta que a revolução trouxe ampla mudança na economia e na sociedade britânica, pois o império exportava outros produtos manufaturados além do algodão e do ferro. Já a segunda corrente, mais recente e difundida por Nicholas Crafts e Knick Harley, considera que estas mudanças foram restritas a alguns setores industriais, sugerindo que o impacto da Revolução Industrial foi mais limitado do que se supõe (Temin, 1997).

Cannadine (1997) e Cain e Hopkins (2016) seguem a linha interpretativa que relativiza o papel central da Revolução Industrial na consolidação do poder britânico. Para Cannadine, as oficinas britânicas ainda eram, em grande medida, de pequeno porte, pois a adoção da energia a vapor ocorreu de maneira desigual. O autor destaca o ano de 1870 como um ponto de inflexão para o Império Britânico, marcado pela expansão das ferrovias, do telégrafo, da eletricidade e dos meios de transporte. É também neste período que o império passa a se posicionar na competição internacional, ao lado de novas potências como Itália, Alemanha e Estados Unidos.

Londres reafirmou seu domínio nacional, na medida em que a identidade e as lealdades provincianas enfraqueciam-se acentuadamente. Foi no fim, não no começo do século XIX que a Grã-Bretanha tornou-se uma sociedade de massas predominantemente urbana, industrial, com lealdade entre classes e conflitos entre classes inseridos pela primeira vez numa estrutura genuinamente nacional (Cannadine, 1997, p. 131-132).

Seguindo a abordagem da história econômica, Cain e Hopkins (2016) analisam a relação entre o desenvolvimento econômico e as causas da expansão imperial. A partir do conceito de “capitalismo cavalheiro”,<sup>2</sup> os autores destacam o protagonismo das elites tradicionais ligadas ao setor de serviços e às finanças, em detrimento da ênfase exclusiva na indústria. Esta leitura contrasta com a perspectiva marxista clássica, que atribui à industrialização um papel central no processo de formação do imperialismo. De acordo com os autores,

---

<sup>2</sup> O cavalheiro inglês representava a figura que seguia um código de honra e estava comprometido com os interesses fundiários e o setor de serviços (Cain; Hopkins, 2016).

ao mesmo tempo, o empreendimento imperialista estava inserido em uma grande estratégia de desenvolvimento, concebida pela Grã-Bretanha, para remodelar o mundo à sua própria imagem. Esta estratégia foi liderada, não por interesses industriais, mas por elites aristocráticas que viam no império um meio de gerar fluxos de renda de formas compatíveis com os altos ideais de honra e dever. E o império permaneceu uma força dinâmica e em expansão, muito depois do que se convencionou considerar como o início do declínio britânico, medido pelo desempenho industrial comparativo (Cain, Hopkins, 2016, p. 61, tradução minha).<sup>3</sup>

Neste sentido, em vez de enfatizar o papel das indústrias e fábricas, é fundamental compreender a importância do setor de serviços<sup>4</sup>, que, a partir de 1850, passou a desempenhar um papel estratégico na expansão ultramarina do Império Britânico (Cain; Hopkins, 2016).

Esta lógica expansionista, seja guiada pelos interesses industriais e financeiros ou pela atuação das elites do setor de serviços, se traduziu em formas específicas de ocupação e administração dos territórios coloniais. O investimento em empresas privadas, como a Companhia das Índias Orientais e Ocidentais, foi uma das estratégias iniciais adotadas pela Grã-Bretanha para explorar economicamente novas regiões sem comprometer diretamente os cofres do Estado (Temin, 1997; Ferguson, 2021).

A Índia foi um país de grande interesse britânico por possuir riquezas agrícolas e pedras preciosas (Ferguson, 2021). O território recebia a visita de muitos viajantes. Maria Graham se casou e residiu na Índia com seu primeiro marido, Thomas Graham. Seus dois livros de viagem sobre o país apresenta uma variedade de relatos sobre os aspectos religiosos, sociais e culturais indianos, com raros escritos sobre a dominação britânica na colônia. Marianne North, por sua vez, transitou pelas cidades no interior para coletar espécies botânicas e pintar sua coleção de quadros sobre a flora do mundo, mantendo uma relação próxima com o médico Arthur Burnell.

Assim como o poder bélico, os poderes da ciência e da natureza eram importantes para o império. Além de investir nas indústrias e no fortalecimento belicista, o Estado expandiu as pesquisas botânicas, por meio de viajantes, naturalistas e cientistas, e construiu museus, jardins botânicos e viveiros. Além disso, os diários de viagem e outras fontes impressas foram fundamentais para a ampliação de discursos imperialistas, uma vez que os narradores

---

<sup>3</sup> Texto original: “At the same time, imperialist enterprise was enfolded in a grand development strategy designed by Britain to reshape the world in her own image. It was spearheaded, not by manufacturing interests, but by gentlemanly elites who saw in empire a means of generating income flows in ways that were compatible with the high ideals of honour and duty, and it remained a dynamic, expanding force long after decline, as measured by British comparative industrial performance, is conventionally thought to have set in” (Cain; Hopkins, 2016, p. 61).

<sup>4</sup> Segundo os autores, o setor de serviços é a soma das atividades que não são primárias nem secundárias (Cain; Hopkins, 2016).

corroboravam com os ideais do seu país de origem e mantinham uma visão colonialista e eurocêntrica ao desprezarem regiões e povos de outros continentes (Morgan, 1993; Egmond, 2010; Alcorn, 2020; Souza, 2020; Silva, 2021).

No contexto citado, Grã-Bretanha, França e Alemanha são palcos do movimento romântico, que, com uma grande participação da classe média, exaltava a natureza, o “eu” e as artes, por meio do olhar crítico sobre a sociedade burguesa. As mulheres “levaram do contexto romântico para o ambiente burguês, adaptaram-se rapidamente ao mesmo tipo frágil, pálido, de cabelos macios, a suave flor vestida com um xale e um gorro tão característicos da moda de 1840” (Hobsbawm, 1997, p. 294-295). Os homens, por outro lado, apresentavam a imagem do nobre inglês: o *dandy* bem barbeado que trazia a ideia de civilização (Hobsbawm, 1997).

A imagem da mulher frágil e ociosa eram características fundamentais dos papéis que elas deveriam cumprir no interior de seus lares (Hobsbawm, 1997). No entanto, no decorrer do século XIX, há a ascensão de outras figuras “femininas”<sup>5</sup>, como as *bluestockings* e as *globe-trotters*. De acordo com Rodenas (2014), as *globe-trotters* são mulheres viajantes do período vitoriano que romperam com os limites da domesticidade e participaram de viagens em alto-mar. Já as *bluestockings* são mulheres da classe alta e média que discutiam e escreviam sobre temas que envolviam política, ciência e literatura (Gust, 2017).

Ao observar as figuras de Maria Graham e Marianne North, nota-se que elas desafiam o estereótipo “feminino” tradicional da fragilidade, delicadeza e passividade. Em vez disso, elas se aventuraram pelos oceanos e florestas ao redor do mundo. Suas trajetórias chamam a atenção, pois, apesar de pertencerem a diferentes épocas históricas, os caminhos trilhados nos navios e na construção de redes de socialidade se assemelham. Ressalta-se, ainda, que as distinções entre estas duas mulheres são interessantes para a pesquisa por revelarem mudanças e rupturas nos contextos históricos. Portanto, esta tese propõe uma análise conjunta de suas experiências, com o objetivo de compreender tanto as dinâmicas de gênero quanto os discursos associados ao imperialismo britânico e à imprensa da época.

Maria Graham nasceu como Maria Dundas, filha de Ann Thompson, uma jovem emigrante estadunidense, e George Dundas, um Almirante Real da Marinha Britânica. Sua história se inicia em Papcastle, no interior da Inglaterra, no dia 19 de julho de 1785. No ano em que Maria Graham nasceu, o jornal *Daily Universal Register*, atual *The Times*, realizava

---

<sup>5</sup> Utilizam-se, nesta tese, as aspas para designar os termos “feminina” e “feminino”.

sua primeira publicação. A Inglaterra vivenciava o período romântico e a imprensa se modernizava.

Durante a infância, sua mãe lia a *Bíblia* e as obras de Shakespeare. Sua educação era composta por aulas de desenho, francês, botânica, história geral e leitura dos clássicos da antiguidade grega. Embora seu pai não ocupasse um cargo que proporcionasse grande remuneração financeira, seu tio paterno, David Dundas de Richmond, médico-cirurgião do rei, financiou seus estudos e possibilitou a entrada da jovem sobrinha nos salões aristocráticos escoceses, onde ela teve contato com cientistas, artistas, escritores e pintores (Gotch, 1937; Marchant, 1963).

Maria Graham cresceu longe do pai, que comandava as missões britânicas na Índia, mas seu imaginário já criava “estórias” com os mares e personagens de heróis viajantes. Pouco antes de sua mãe falecer, ela foi levada para o colégio interno da Sra. Bright, localizado na cidade de Drayton, em Abingdon, região vizinha a Oxford. Com o falecimento da mãe, a inglesa perdeu o convívio com os irmãos. Durante o período de estudo no colégio, ela ficou sem ver o pai por dez anos (Gotch, 1937).

Em 1808, Maria Graham realizou sua primeira viagem intercontinental com destino à Índia, acompanhada do pai, nomeado comissário da Marinha Real em Bombaim. Durante a travessia, ela se aproximou de Thomas Graham, um jovem oficial que, assim como seu pai, trabalhava na Marinha Britânica, ocupando o cargo de capitão. Iniciou-se uma história de amor que mudaria o destino da personagem. Eles casaram-se e residiram na Índia por três anos. Em 1811, retornaram à Grã-Bretanha, onde a viajante começou a trabalhar como tradutora e editora de livros, já que eram atividades frequentemente exercidas pelas mulheres da sua classe social (Gotch, 1937).

A entrada de Maria Graham na literatura foi bem-sucedida, através da publicação do livro *Journal of a residence in India*, em 1812, referente à viagem realizada com o pai. Dois anos depois, ela escreveu *Letters on India; with etchings and a Map*, uma continuação do primeiro diário escrito. Entre livros de viagem, história, botânica e artes, o gênero literário de maior sucesso de Maria Graham foi o conto infantil, *Little Arthur's history of England*, com mais de 70 edições e 800 mil cópias vendidas (Rendall, 2006).

Em 1821, Maria Graham acompanhou seu marido em uma missão do serviço inglês. O objetivo era visitar a América do Sul e as regiões que estavam em processo de independência. O casal visitou Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e, posteriormente, foi para o Chile. No entanto, Thomas Graham faleceu durante a passagem pelo Cabo de Horn, e a inglesa chegou ao território viúva. Apesar de estar sozinha em terra desconhecida, continuou a viagem e

visitou Valparaíso e Santiago. Após um ano, ela retornou ao Império do Brasil, acompanhando, dessa vez, Lorde Cochrane, almirante escocês que liderou importantes batalhas pela independência no Brasil e Chile. Foi durante esse período que a viajante se aproximou da Família Real e ocupou o cargo de professora das princesas imperiais. Os conflitos e os episódios acerca de sua estadia na Corte foram narrados na obra *Escorço biográfico de d. Pedro I com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo* (Graham, 1824b).

O período de permanência na América foi marcado pelo testemunho de importantes eventos políticos, como os conflitos e as batalhas pela independência do Brasil, o processo de construção da República no Chile e encontros com líderes e pessoas da elite, mas também por dificuldades advindas da viuvez e da solidão de estar distante da terra natal. Estes episódios de Maria Graham foram registrados nos livros *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823* e *Journal of a residence in Chile during the year 1822*, ambos publicados em 1824 na Inglaterra (Graham, 1824b).

Além de viajante e escritora, Maria Graham realizou trabalhos no campo da história natural, coletando espécies nativas e registrando esboços de vegetais. Embora não fosse uma naturalista com formação acadêmica, durante sua viagem à América do Sul, ela coletou e desenhou espécies da flora brasileira e chilena, enviando-as para a Inglaterra. Foi principalmente no período em que morou no bairro de Laranjeiras, no interior do Rio de Janeiro, que Maria Graham realizou esse trabalho. Quando não podia secar e preparar as plantas adequadamente, ela realizava esboços para enviar ao Dr. William Hooker<sup>6</sup>, através da fragata “Aurora” (Callcott, 2010). Atualmente, as amostras coletadas fazem parte do acervo herbário do Royal Botanic Gardens Kew<sup>7</sup>, na coleção denominada *Herbarium Hookerianum*. Além disso, as sementes e plantas coletadas no Rio de Janeiro foram utilizadas na publicação da obra *Exotic flora (1822–1827)*.

Depois de uma longa estadia na América, Maria Graham retornou para a Inglaterra. Ela casou-se pela segunda vez com o pintor Augustus Callcott, segundo sobrenome pelo qual ela ficou conhecida. Após viajar para a Índia, Itália, Brasil e Chile, os trabalhos de Maria Graham passaram a ter como tema a arte, com publicações dos livros *Description of the chapel of the annunziata dell’arena; or Giotto’s chapel, in Padua* (1834) e *Essays towards*

---

<sup>6</sup> William Jackson Hooker foi professor de botânica na Universidade de Glasgow, botânico inglês e primeiro diretor oficial do Royal Botanic Gardens Kew.

<sup>7</sup> Para saber mais, acessar <https://www.kew.org/>.

*the history of painting* (1836). A aproximação com o campo da literatura artística pode ter sido influenciada pela profissão do segundo marido (Gotch, 1937).

Maria Graham faleceu em 1842, em decorrência da tuberculose. Dois anos depois, Augustus Callcott também faleceu. A viajante não teve filhos, e suas documentações, como cartas, autobiografias e pinturas, estão nos acervos de museus e bibliotecas, doadas pela família (Gotch, 1937).

Marianne North, a segunda protagonista deste estudo, nasceu em 24 de outubro de 1830, em Hastings, Sussex, na Inglaterra. Diferentemente de Maria Graham, ela cresceu em um ambiente familiar marcado pelo alto prestígio social e político. Filha de Janet North e Frederick North, membro liberal do Parlamento inglês, era também neta de um primeiro-ministro inglês, Frederick Francis North. Portanto, desde a infância, teve contato com os assuntos políticos, e frequentemente viajava acompanhando seu pai, que estava a serviço do Parlamento (North, 1894).

Marianne North teve três irmãos: uma meia-irmã do primeiro casamento da sua mãe, um irmão mais velho e uma irmã mais nova, Janet Catherine North Symonds<sup>8</sup>, responsável pela edição das suas obras de viagens e cujo nome é muito citado nas correspondências. Diferentemente de Maria Graham, que estudou em um colégio interno na Inglaterra, a educação formal de Marianne North foi com alguns meses na escola de Madame Anne de Wahl, em Norwick, no condado de Norfolk. A viajante aprendeu canto e piano com professores particulares e, ainda jovem, desenvolveu sozinha sua aptidão para a pintura (Gazzola, 2001).

Como mencionado, Marianne North acompanhava seu pai nas viagens a trabalho e era sua principal companheira. Antes de sua mãe falecer, ela fez com que a inglesa promettesse não abandonar seu pai, e este seria um dos motivos pelos quais não se casou nem constituiu uma família. Segundo Sheffield (1997), enquanto seus irmãos se casavam, Marianne North chegou aos 40 anos “vivendo a vida do pai”. Quando Frederick North faleceu, em 1869, ela se mudou para Londres e viajou por várias cidades da Itália (North, 1894).

A partir de 1870, a vida de Marianne North se modificou. Sem a companhia do pai, ela realizou uma série de viagens por vários países do globo, incluindo Canadá, Estados Unidos, Jamaica, Brasil, Chile, Japão, Índia, Austrália, Nova Zelândia, Egito, Síria e África do Sul. Estas jornadas costumavam durar aproximadamente um ano, e, além de levar seu caderno de desenhos, a personagem carregava seu diário para registrar as impressões sobre os povos e

---

<sup>8</sup> Janet Catherine casou-se com John Addington Symonds, poeta e crítico britânico.

lugares visitados (North, 1894). Entre uma viagem e outra, ela retornava para rever seus amigos na Inglaterra.

Sheffield (1997) e Catherine North, irmã de Marianne North, afirmam que as expedições foram uma escolha de vida. Para as autoras, o amor e o tempo dedicados ao pai foram transferidos para suas pinturas e viagens, uma vez que, mesmo doente, ela continuava a realizá-las. No entanto, esta tese adota outra perspectiva. É preciso considerar que suas jornadas não se limitavam a uma questão romântica, mas estavam inseridas em um projeto artístico e científico mais amplo.

No Império do Brasil, Marianne North permaneceu entre 1872 e 1873 e conheceu as cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Petrópolis, Juiz de Fora, Barbacena, Ouro Preto, Mariana, Sabará e Lagoa Santa. Poucas viajantes “femininas” incluíram Minas Gerais no seu roteiro, e a jornada, que inicialmente duraria três semanas, se estendeu por oito meses. Anos depois, a inglesa retornou à América do Sul, embarcando em 1884 na sua última viagem com destino ao Chile. Seu objetivo era pintar uma árvore, a velha *Araucaria imbricata*, e, por esta razão, visitou a cidade de Santiago (North, 1894).

Suas memórias de viagens foram editadas por Catherine Symonds e John Symonds, anos depois da sua morte, e publicadas em 1892, em dois volumes, sob o título de *Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North*. No total, os livros contêm 16 capítulos, divididos conforme os países visitados. Marianne North havia passado seus escritos ao amigo Joseph Hooker, que negociou com a Editora Macmillan. No entanto, os relatos precisavam ser editados para a publicação, e ela estava muito doente para fazê-lo. Por esta razão, o manuscrito só foi retomado anos depois. Além das memórias de viagem, a inglesa escreveu uma autobiografia, também editada pela irmã (Gazzola, 2001).

Nos seus relatos, Marianne North dedicava atenção à natureza, mas também escrevia sobre a política, os hábitos alimentares, o cotidiano e o “feminino” e participava de encontros com líderes políticos. A viajante se encontrou três vezes com o imperador d. Pedro II, sendo a primeira visita intermediada por Edward Sabine, amigo de seu pai, ao lhe dar a missão de entregar pessoalmente uma carta ao imperador. Em suas memórias, a inglesa escreveu:

Nesse meio tempo, fiz duas visitas ao Rio, cujo objetivo principal era ver o imperador, para quem eu tinha uma carta de um velho amigo de meu pai, sir Edward Sabine. O imperador é eminentemente um cavalheiro e cheio de informação e conhecimento geral sobre todos os assuntos. Ele leva mais a vida de um estudante que aquela a que os príncipes em geral se condenam. Não oferece recepções públicas, mas em certos dias ele e a imperatriz recebem os mais pobres de seus súditos que gostam de levar suas queixas até eles. Ele gentilmente me concedeu um encontro especial pela manhã e

passou mais de uma hora examinando minhas pinturas e as discutindo, dizendo-me os nomes e as qualidades das diferentes plantas que eu mesma não sabia (North, 2001, p. 110).

As viagens de Marianne North eram dedicadas ao seu trabalho de história natural, pois tinha o objetivo de pintar plantas específicas ou coletar objetos e amostras dos lugares visitados para compor a coleção da North Gallery. Esta galeria, fixada no Kew Gardens, foi inaugurada em 1882 como *Marianne North Gallery of Painting of Plants and their Homes*. Sua criação foi motivada pelo sucesso de uma exposição particular em Londres, durante a qual um crítico do jornal *Pall Mall Gazette* sugeriu que a artista tivesse uma sala permanente no Kew Gardens para exibir suas coleções. Antes de ter um espaço fixo, Marianne North frequentava o Jardim Botânico de Kew, muitas vezes acompanhando Frederick North nas suas visitas, especialmente após ele se tornar amigo de Willian Hooker, o primeiro diretor do jardim (Bandeira, 2012). Assim como Maria Graham, Marianne North possui uma coleção de cartas trocadas com o segundo diretor da instituição, Joseph Hooker. Este acervo encontra-se disponível no Kew Gardens.

Nos anos finais da vida da viajante, ela relatou que “vozes humanas” frequentemente lhe diziam palavras de insulto. Os médicos da época diagnosticaram que ela sofria de “problemas dos nervos” e lhe receitavam brometo de potássio como tratamento. No outono de 1888, a inglesa desenvolveu uma doença no fígado, vindo a falecer em agosto de 1890 (North, 1894).

\*\*\*

A proposta desta tese nasceu no decorrer da pesquisa de mestrado, dedicada ao estudo da trajetória de Maria Graham durante sua estadia no Império do Brasil (Silva, 2021). Ao longo dos dois anos de pesquisa, tornou-se evidente a necessidade de expandir o olhar, uma vez que grande parte dos estudos sobre a inglesa permanece centrada nas suas passagens pelo Brasil e nos seus diários de viagem. Esta ampliação não implica apenas revisitar a própria Maria Graham com novas perguntas, mas também colocar sua experiência em diálogo com a de outra viajante inglesa do século XIX: Marianne North.

A originalidade desta tese reside, sobretudo, na proposta de uma análise conjunta e comparativa entre as trajetórias de Maria Graham e Marianne North. Ao colocar estas duas experiências em diálogo, o estudo oferece um novo olhar para a história das mulheres e das relações de gênero no século XIX. Neste contexto, a análise conjunta permite compreender

como estas viajantes negociaram sua presença em espaços tradicionalmente masculinos, como os navios e os círculos científicos, e como administraram seus próprios recursos, percorreram o mundo e construíram redes de sociabilidade capazes de garantir sua sobrevivência e legitimação social.

Também se busca, neste trabalho, romper com a perspectiva romantizada que muitos autores adotaram ao tratar das trajetórias das viajantes do século XIX, que tende a enaltecê-las como mulheres “fortes”, “corajosas” ou “destemidas” de forma descontextualizada, como se suas ações fossem apenas frutos de exceção ou heroísmo individual. Esta abordagem, muitas vezes, não considera as condições materiais, os projetos políticos, as estratégias sociais e os contextos históricos que tornaram suas experiências possíveis. Assim, esta tese propõe compreender suas viagens e inserções públicas como parte de dinâmicas sociais mais amplas, nas quais as decisões dessas mulheres envolviam planejamento, adaptação, redes de apoio e agência dentro dos limites e das possibilidades de seu tempo.

Somente a análise conjunta das trajetórias de Maria Graham e Marianne North permite construir este olhar crítico e aprofundado sobre as experiências das mulheres viajantes no século XIX que esta tese se propõe a desenvolver. A comparação entre suas vivências apresenta não apenas semelhanças estruturais, como a circulação em espaços predominantemente masculinos, a administração de recursos próprios e a construção de redes de sociabilidade, mas também diferenças significativas que ajudam a entender as transformações históricas no papel das mulheres no mundo imperial britânico. Por este motivo, optou-se por focar exclusivamente nessas duas figuras, deixando de lado outras viajantes contemporâneas<sup>9</sup>. A escolha metodológica não se dá por acaso, mas sim por reconhecer que, juntas, Maria Graham e Marianne North oferecem uma chave de leitura potente, capaz de escapar das abordagens romantizadas e apresentar a complexidade das negociações, estratégias e contradições que atravessaram suas trajetórias.

\*\*\*

Ao investigar as trajetórias de Maria Graham e Marianne North, é fundamental reconhecer que escrever sobre mulheres é um ato político. A história das mulheres, desde sua emergência como campo de estudos, carrega em si uma dimensão de ruptura com os

---

<sup>9</sup> Nomes de viajantes inglesas oitocentistas: Isabella Bird, Mary Kingsley, Lady Hester Stanhope e Gertrude Bell.

silenciamentos historiográficos tradicionais e exige um posicionamento diante das estruturas de poder que moldaram, e ainda moldam, as formas de produzir conhecimento histórico.

Perrot (2005) destaca um conjunto de fatores políticos, sociais e científicos que influenciaram no desenvolvimento do campo de estudos “história das mulheres”: a criação da Escola dos Annales e sua receptividade positiva às pesquisas sobre mulheres na história; a aproximação com as disciplinas da sociologia e antropologia e o interesse por outras temáticas de estudos, como, por exemplo, as famílias e o cotidiano; o movimento feminista de 1970, que reivindicou uma identidade e memória para as mulheres; a feminização das universidades e a criação de cursos e pesquisas sobre o “feminino”; o movimento negro nos Estados Unidos e o Maio de 1968 na França; a crise dos paradigmas das décadas de 1960 e 1970, que levou a uma reflexão sobre a escrita da história e o papel do historiador; e o desenvolvimento dos campos da história cultural e das mentalidades, com ênfase no aspecto subjetivo.

À medida que os estudos sobre a história das mulheres avançavam e se consolidavam, emergiram críticas internas e revisões conceituais por parte das próprias pesquisadoras envolvidas. A categoria “mulher”, que inicialmente trazia a ideia de “irmandade” fundada no sexo biológico, passou a ser problematizada. Nos debates feministas da década de 1980, destacou-se a heterogeneidade deste grupo, sinalizada pelas diferenças de classe, raça, etnia, sexualidade etc. (Pedro; Soihet, 2007).

As críticas sinalizavam que não se tratava apenas de incorporar as mulheres no interior de uma narrativa pronta, quer mostrando que elas atuaram e atuam tanto quanto os homens, quer destacando as diferenças de uma “cultura feminina”, perdendo-se, assim, a multiplicidade do ser feminino e podendo cair numa perspectiva essencialista. Enfrentando a preocupação em desfazer noções abstratas de “mulher” enquanto identidades únicas (a-histórica e essencialista), buscou-se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que mulheres não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, raça/etnia, nacionalidade, geração, crença religiosa e ocupação devem ser ponderados e entrecruzados num desafio de desvendamento que evitem tendências a generalizações (Matos, 2013, p. 7-8).

A discussão acerca das “diferenças dentro das diferenças” (Scott, 1995) trouxe a necessidade de se pensar em uma perspectiva ampla de análise histórica para compreender outros aspectos e problemas no campo da história das mulheres. Era preciso, de acordo com Soihet (1997, p. 404), “teorizar a questão da diferença sexual”. Neste sentido, o conceito de gênero apresentou-se como importante para os debates suscitados na historiografia, na tentativa de resolver os impasses das desigualdades entre homens e mulheres, analisar a

heterogeneidade “feminina” e, assim, ter uma categoria de análise eficiente para as relações sociais (Scott, 1995).

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. O “gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir mediante um estudo que os considere totalmente em separado (Soihet, 1997, p. 404).

Joan Scott, em 1986, publicou um importante texto que marcou a historiografia, *Gender: a useful category of historical analysis*, no qual estabeleceu o gênero como uma ferramenta para analisar as relações entre homens e mulheres. Visando romper com a naturalização das hierarquias entre os sexos, o conceito discute como os papéis atribuídos ao “feminino” e “masculino” são convenções sociais e não dados biologicamente (Scott, 1995; Scott, 2012). Como afirma a filósofa francesa Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Desta maneira, a designação das mulheres ao doméstico e dos homens à ordem pública são construções da sociedade, baseadas em discursos que relegam o “feminino” ao chamado “sexo frágil”.

Na perspectiva de Joan Scott, o conceito de gênero está atrelado ao campo do pós-estruturalismo e da política, já que estes são domínios essenciais para usá-lo como ferramenta de análise histórica e são importantes para o feminismo. Em contrapartida, Louise Tilly, em *Genre, histoire des femmes et histoire sociale*, defende o uso do “gênero” dentro do campo da história social e critica aqueles que adotam o pós-estruturalismo<sup>10</sup>. Ela afirma que

---

<sup>10</sup> Depois da publicação do famoso artigo, Scott (2012) percebeu a necessidade de trazer uma nova discussão sobre o conceito. No texto “Usos e abusos do gênero”, ela apresenta a ideia de que o elemento biológico também deve ser considerado e pensado no aspecto social. Conforme diz a autora, atualmente, o termo “gênero” vem sendo usado e modificado segundo os interesses de grupos religiosos e políticos. Um dos exemplos citados é a lei francesa que proíbe as mulheres muçulmanas de vestirem o *hijab* nas escolas públicas, utilizando o discurso da igualdade entre homens e mulheres “embasado” na teoria de gênero. Obviamente, este discurso foi distorcido para encobrir preconceitos contra os muçulmanos. Por outro lado, temos o caso da teoria da filósofa Judith Butler, que é alvo de críticas e manifestações em diversos países. Também podemos citar o caso do Brasil nas eleições presidenciais de 2018, em que alguns grupos políticos distorceram o conceito de gênero, produzindo inúmeras *fake news* de acordo com seus próprios interesses.

os(as) historiadores(as) das mulheres devem problematizar suas questões. Por exemplo: em que condições as mulheres construíram e modelaram os movimentos sociais; em que medida tal ou tal grupo de mulheres lutou pelos seus direitos; quais mulheres gozaram de estatutos sociais mais elevados (como defini-los?) e quais eram os fatores que contribuíram para esta situação; de que atividades as mulheres eram excluídas, e em que circunstâncias pode-se observar uma maior ou menor exclusão? A resposta se encontra na utilização do gênero enquanto categoria de análise histórica (Tilly, 1994, p. 41-42).

As discordâncias entre Joan Scott e Louise Tilly dividem as opiniões entre os historiadores. De acordo com Rago (1995, p. 86), o uso da história social apresenta o termo “mulher” como uma categoria fixa e essencialista, fazendo com que, dentro deste campo de estudos, as mulheres percam suas multiplicidades enquanto sujeitos. Por outro lado, há pesquisadoras que, assim como Tilly, discordam das proposições de Scott, afirmando que, na perspectiva pós-estruturalista, “o ‘gênero’ torna-se um conceito ‘vago’ e ‘generalizante’, onde as identidades nunca se consubstanciam, devido a um relativismo extremo, que caracteriza a análise” (Motta, 2015, p. 19).

A problemática que envolve o gênero está longe de ser uma questão resolvida. Já em 1998, Cláudia de Lima Costa alertava, no texto “O tráfico do gênero”, para a utilização do termo “gênero”. Em meio às discussões feministas, a autora critica o esvaziamento da palavra mulher, advertindo que o movimento feminista estava sendo realizado sem mulheres, já que os termos “mulher” e “gênero” tinham inúmeros significados e estavam sendo substituídos por outras palavras nas pesquisas acadêmicas. Deste modo, Costa (1998, p. 132-133) reivindica um “retorno à noção de mulher como uma categoria política, heterogênea, construída historicamente por discursos e práticas variados, existindo em relação a outras categorias igualmente instáveis”.

Outro nome destacado no debate sobre o gênero é June Purvis, fundadora da *Women's History Review*. Ela critica Joan Scott e argumenta que as feministas podem desenvolver o conceito de gênero fora dos estudos pós-estruturalistas (Hall *apud* Purvis, 2006).

Não se pode negar, eu afirmaria, a importância de estudar diferentes significados do termo “mulheres” em diferentes períodos históricos. Contudo, feministas pós-estruturalistas tendem a ignorar o fato que as diferenças entre mulheres, especialmente de classe social e estado conjugal/marital, foram pesquisadas por historiadores/as por vários anos (como é evidente na maioria dos capítulos deste volume). Estudar mulheres *enquanto* mulheres não é alegar, como as pós-estruturalistas assumem, que todas as experiências compartilhadas das mulheres foram experienciadas da mesma forma; como Liz Stanley, dentre outras, apontou, a categoria “mulheres” possui múltiplas rupturas baseadas na diferenciação por “raça”,

etnia, classe social, estado conjugal, orientação sexual, cultura, religião, capacidade física e idade) (Stanley *apud* Purvis, 2006, p. 12, tradução minha).<sup>11</sup>

Quando comecei meus estudos sobre mulheres viajantes, as discussões epistemológicas que permearam a escrita da minha dissertação de mestrado refletiam as indagações de uma jovem estudante que estava começando a compreender o porquê o conceito de gênero era tão diverso e reinterpretado de várias maneiras pelas historiadoras dos campos sociais, políticos, culturais, econômicos, pós-coloniais e decoloniais. Hoje, como pesquisadora mais madura academicamente, sinto-me confiante para revisitar estas discussões sobre os conceitos, reconhecendo a importância de conciliar diferentes pensamentos e abordagens teóricas.

Esta tese concorda com a relevância das autoras mencionadas (Scott, 1995; Rago, 1995; Costa, 1998), pois suas diferentes visões teóricas e metodológicas oferecem contribuições para a compreensão das relações de poder, das identidades e das subjetividades. Mesmo que não tenha sido adotado como categoria analítica central deste trabalho, o conceito de gênero permanece como base para um olhar mais atento nas discussões sobre os limites da noção de “mulher” e as interseccionalidades de classe, raça, etnia, estado civil, nacionalidade e cultura nas trajetórias de Maria Graham e Marianne North.

Neste sentido, as ideias elencadas por Varikas (1994) e Tilly (1994) parecem se encaixar melhor na presente pesquisa, por afirmarem que é no domínio da história social que as experiências históricas “femininas” encontram espaços para serem analisadas. “A vontade política de conceder às mulheres o estatuto de sujeitos da história contribuiu para o encontro das historiadoras feministas com as experiências históricas das mulheres. E, para muitas, este encontro teve lugar na história social” (Varikas, 1994, p. 72).

Muitas produções do campo da história das mulheres tiveram início com pesquisas no mundo do trabalho, principalmente no contexto da industrialização. Por isso, é necessário considerar as experiências destas mulheres no aspecto social, mas é igualmente importante lembrar que a categoria “mulher”, assim como todos os conceitos, deve ser compreendida de

---

<sup>11</sup> Ver citação original: “Neither can one deny, I would claim, the importance of studying different meanings of the term ‘women’ in different historical epochs. However, poststructuralist feminists tend to ignore the fact that differences between women, especially of social class and marital status, have been researched by feminist historians for some years (as is evident in most of the chapters in this volume). To study women *as* women is not to claim, as poststructuralists assume, that all women’s shared experiences have been experienced equally; as Liz Stanley, among others, has pointed out, the category ‘women’ has a number of multiple fractures based on differentiation by ‘race’, ethnicity, social class, marital status, sexual orientation, culture, religion, able bodiedness and age” (Purvis, 2006, p. 12).

acordo com o contexto histórico analisado. Os conceitos não são estáticos e fixos; eles podem sofrer mudanças e ter diferentes significados conforme o tempo e a sociedade pesquisada (Costa, 1998)<sup>12</sup>.

Dentro desta perspectiva, é fundamental trazer as discussões da história social da política. Segundo Barbosa (2020), a história social da política é definida como um campo híbrido que dialoga tanto com a história política quanto com a história social. Sua definição é ampla e não está fechada em uma única proposição.

A marca essencial desta história social da política seria, portanto, um olhar ampliado que dialoga com múltiplas vertentes, que não se encerra numa única linhagem, ou método. No cerne, estão as pessoas e suas ações. Pensa-se a política como parte da ação de indivíduos, de como estão inseridos e produzem, eles mesmos, redes de alianças e projetos coletivos, as estratégias que adotam para sobreviver e as explicações que oferecem para seu mundo e suas escolhas (Barbosa, 2020, p. 15).

Ao utilizar os métodos da história social da política, a presente tese insere Maria Graham e Marianne North no centro da pesquisa. A proposta se preocupa em trazer as redes de sociabilidade das viajantes, as formas como elas conseguiram viajar e realizar os trabalhos de botânica e arte em diferentes países e suas conexões com diferentes e renomados indivíduos, partindo do questionamento apresentado por Barbosa (2020, p. 18): “O que definiria melhor um sujeito histórico, as suas ideias e posições políticas ou a forma como paga sua comida?”

Depois da morte do pai, Marianne North, por exemplo, não tinha uma condição financeira avantajada, ao contrário do que muitas pessoas pensavam. Ao longo das suas cartas com Amelia Edwards, identificam-se momentos em que a personagem precisou economizar e criar estratégias para que seu dinheiro não acabasse. Da mesma maneira, Maria Graham, após perder o marido na viagem para o Chile, fez movimentações para permanecer no Império do Brasil, buscando ajuda junto a José Bonifácio e à Imperatriz Leopoldina.

Diante disso, a presente tese insere-se na intersecção entre a história social da política e a história das mulheres, reconhecendo que as experiências “femininas” são compreendidas quando articuladas com suas condições materiais, redes de sociabilidade e estratégias de

---

<sup>12</sup> É importante ressaltar que, dentro do movimento feminista, surgiu uma discussão sobre a importância de estudos que trouxessem pesquisas a partir das “margens”, em contraste com as produções que até então se dedicavam a olhar o “centro”, ou seja, a Europa e os Estados Unidos. O movimento decolonial tem sido fundamental para analisar questões políticas, sociais e culturais, partindo de regiões do Cone Sul e de outros lugares que foram historicamente marginalizados nos discursos acadêmicos e nas narrativas históricas dominantes (Pedro, 2011).

sobrevivência. Analisar as vozes de mulheres como Maria Graham e Marianne North contribui não apenas para ampliar o escopo da historiografia, mas também para refletir criticamente sobre os mecanismos que ainda hoje restringem a visibilidade e a legitimidade de experiências “femininas” em diversas esferas da vida pública.

\*\*\*

Maria Graham e Marianne North estavam inseridas em um contexto no qual o ideal “feminino”, conforme descrito por Bárbara Welter como *the cult of true womanhood*, era definido por quatro pilares: “Piedade, pureza, submissão e domesticidade. Coloque-se tudo isso junto e se soletra mãe, filha, irmã, esposa – mulher” (Gazzola, 2008, p. 13). No entanto, como se sabe, apesar de não serem incentivadas a participar dos processos políticos e historiográficos, estas mulheres escreveram cartas, diários, autobiografias e livros de lugar-comum. Na Grã-Bretanha, por exemplo, as imagens das rainhas estavam presentes no processo educacional de meninas, disseminando, assim, discursos sobre heroísmo e nacionalismo (Vallone *apud* Peeling, 2019).

O texto de Peeling (2019), “Reimagining Elizabeth I and Mary queen of Scots: women’s historiography and domestic identities, c. 1750–1800”, analisou manuscritos digitalizados de mulheres britânicas que retratavam e reimaginavam as rainhas Elizabeth I e Mary da Escócia. Estas narrativas foram apresentadas como fontes carregadas de fortes sentimentos patrióticos e noções relacionadas à feminilidade e virtude do século XVIII. Em um contexto no qual as mulheres muitas vezes são invisibilizadas, tanto na sociedade quanto na história, estes manuscritos podem ser compreendidos como fontes e atividades historiográficas “femininas”, já que elas refletiam sobre a própria identidade e expressão individual e criavam suas próprias “estórias”. Deste modo, a partir das figuras das rainhas, as mulheres da elite e da classe média atuaram na historiografia e introduziram novos métodos de escrita e imaginação do passado.

Ao trabalhar com as trajetórias de Maria Graham e Marianne North, entende-se que se trata de mulheres pertencentes à classe média inglesa. Portanto, o ideal de feminilidade predominante refere-se às mulheres deste estrato social. Para uma melhor compreensão das fontes analisadas, este referencial teórico incorpora estudos sobre mulheres viajantes, intelectuais e artistas de pesquisadores que investigaram as relações de gênero e os discursos sobre feminilidade e masculinidade, bem como as expectativas relacionadas aos sexos,

incluindo os papéis, os percursos e as negociações “femininas” para serem aceitas e respeitadas no mundo das viagens, das letras, da botânica e das artes.

O estudo de Viven Jones, *Women in the eighteenth century: constructions of femininity*, através de uma análise comparativa de discursos presentes em manuais de instrução, literatura médica, crítica literária e outros textos que abordam o “feminino”, visou entender até que ponto as mulheres desafiaram os limites da feminilidade. A obra tem como recorte temporal o século XVIII e destaca que a ideologia dominante da feminilidade nesse período é a “associação natural entre as mulheres e a esfera privada, a domesticidade e o lazer, e a identificação das mulheres com sentimento e sensibilidade em vez da razão” (Jones, 2001, p. 5-6).

Influenciados pelo aumento da alfabetização “feminina”, pela ascensão da classe média e pelas mudanças econômicas, os discursos da época restringiram as mulheres desse estrato social ao papel de consumidoras domésticas, já que o ócio recomendado a elas significava o alto *status* da família e da figura do homem como provedor do lar. Consequentemente, as mulheres trabalhadoras receberam uma dupla repressão, já que se viram obrigadas a trabalhar para contribuir com o sustento doméstico. Portanto, as características mencionadas acima foram reproduzidas e construídas cultural e socialmente, tornando as mulheres uma categoria não fixa (Jones, 2001).

A historiografia inglesa apresenta estudos sobre mulheres que iniciaram suas atividades em áreas predominantemente ocupadas por homens, como as viagens e a arte. Jordan (1999), na obra *The women's movement and women's employment in nineteenth century Britain*, tentou responder a questões sobre o trabalho remunerado das mulheres na Grã-Bretanha Oitocentista e as mudanças no cenário do mercado de trabalho que possibilitaram a entrada e a atuação “feminina” em diversas áreas. Estes trabalhos não podiam comprometer a delicadeza, a virtude e a pureza das mulheres. Por esta razão, o ensino e a costura eram vistos como “aceitáveis” para as britânicas de classes médias, já que estavam ligados à ideia de feminilidade. No entanto, as pesquisas indicam que as condições e os salários destes ofícios eram precários.

Para entender os trabalhos realizados pelas mulheres, a autora apresenta elementos que contribuíram para a ampliação das profissões, já que inicialmente suas atuações estavam limitadas ao ensino e à costura. Após a década de 1850, aumentou-se o número de jovens nas áreas administrativas, na enfermagem, nas bibliotecas e nos salões de beleza. Além disso, o estudo busca respostas sobre o motivo pelo qual, no final do século XIX, as mulheres da

classe média começaram a trabalhar antes do casamento, uma prática que anteriormente era vista como prejudicial para sua reputação e pureza (Jordan, 1999).

Em suma, Jordan (1999) discorre sobre as transformações trazidas pelo industrialismo, que geraram novas oportunidades de empregos e modificaram as estruturas econômicas da sociedade. Além disso, surgiram novos discursos sobre os ideais de feminilidade e masculinidade, que contribuíram para a alteração das relações de gênero. Neste sentido, ao longo da segunda metade do século XIX, as mulheres começaram a ingressar em setores que até então eram predominantemente masculinos. Estas mudanças foram resultados tanto das alterações econômicas e das novas formas de trabalho na sociedade quanto dos novos discursos de gênero que estavam sendo moldados.

Vale a pena lembrar que os trabalhos mencionados eram exercidos, em sua maioria, por mulheres das classes médias e altas, enquanto as mulheres pobres sempre precisaram trabalhar para contribuir com o sustento de suas famílias. Bessie Parkes, escritora e jornalista inglesa citada por Jordan (1999), discursou as seguintes palavras durante um Congresso de Ciências Sociais em 1859, na Inglaterra:

Todos aqui presentes vão admitir, de uma vez por todas, que a teoria da vida civilizada neste e em outros países, não excluindo o democrático Estados Unidos da América, é de que as mulheres das classes altas e médias são sustentadas: filhas pelos pais, esposas pelos maridos. Se uma moça tem que trabalhar para o seu sustento, isso é universalmente considerado um infortúnio/desgraça, uma exceção à regra ordinária. Todos os bons pais desejam prover para suas filhas; todos os bons maridos pensam que é seu dever sagrado manter suas esposas. Todas as nossas leis são estruturadas estritamente de acordo com essa hipótese; e todos os nossos costumes sociais ainda aderem a ela estritamente. Não criamos espaço em nossa estrutura social para nenhuma outra ideia, e em nenhuma esfera moral ou prática as exceções mais lamentável e minuciosamente provam a regra. As mulheres das classes baixas podem trabalhar, devem trabalhar, na casa, se não fora dela – com muita frequência fora! Mas, entre nós, é julgado como melhor treinar cuidadosamente a mulher como a moralizadora, a refinadora, o elemento espiritual (Parkes *apud* Jordan, 1999, p. 23, tradução minha).<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Texto original: “Everybody here present will at once admit that the theory of civilised life in this and all other countries, not excluding the democratic States of America, is that women of the upper and middle classes are supported by their male relatives: daughters by their fathers, wives by their husbands. If a lady has to work for her livelihood, it is universally considered to be a misfortune, an exception to the ordinary rule. All good fathers wish to provide for their daughters; all good husbands think it their bounden duty to keep their wives. All our laws are framed strictly in accordance with this hypothesis; and all our social customs adhere to it more strictly still. We make no room in our social framework for any other idea, and in no moral or practical sphere do the exceptions more lamentably and thoroughly prove the rule. Women of the lower class may work, must work, in the house if not out of it – too often out of it! But among us, it is judged best to carefully train the woman as the moraliser, the refiner, the spiritual element” (Parkes *apud* Jordan, 1999, p. 23).

A fala de Bessie Parkes evidencia o elemento central da diferença entre as mulheres das classes baixas e médias: a questão do trabalho. Enquanto as mulheres das classes médias e altas eram educadas para assumirem a responsabilidade pela moralidade e espiritualidade da casa, as mulheres pobres podiam e deveriam trabalhar, tanto dentro quanto fora de casa (Jordan, 1999). Quando faleceram, os pais de Maria Graham e Marianne North deixaram uma quantia de pensão que permitiu a elas viverem de forma “independente”. No caso de Marianne North, que nunca se casou, esse dinheiro foi essencial para financiar suas viagens e atividades artísticas. Portanto, esse momento marca um ponto importante nas suas trajetórias: a possibilidade de exercerem certa autonomia dentro de um sistema que continuava fechado para as mulheres. Esta liberdade foi possibilitada pelo capital financeiro, mas também adquirida através das atuações das viajantes nas suas redes de sociabilidade.

A educação inglesa na década de 1850 introduziu os elementos intelectuais e artísticos nos currículos das jovens da classe média, tornando aceitável que elas seguissem profissões como escritoras e artistas (Jordan, 1999). Johanna Holmes, em *To use our talents and improve them: women’s careers in the London art world, 1820-1860*, discutiu a experiência de mulheres que atuavam nas artes visuais na primeira metade do século XIX. Ela apresentou o acesso, as oportunidades e a gestão de carreiras de figuras como Eliza Sharpe, Margaret Gillies, Elizabeth Rigby e Mary Byfield, entre os anos de 1820 e 1860. O ponto de partida da sua tese concentra-se no marco temporal do quadro “Nameless and friendless”, de Emily Mary Osborn, exibido em Londres em 1857. Segundo a autora, a obra retrata “[...] uma jovem mulher recatada/reservada, claramente vulnerável e insegura no mundo comercial, tentando sem sucesso receber alguma renda muito necessária por suas pinturas” (Holmes, 2020, p. 3, tradução minha).<sup>14</sup>

A partir do uso de catálogos de exposições, resenhas, registros de sociedades expositoras, documentos que indicavam vencedores de prêmios e registros de empresas que encomendaram trabalhos “femininos”, Holmes (2020) discutiu como as mulheres oitocentistas gerenciavam suas carreiras e buscavam o reconhecimento e a identidade profissional. Apesar de participarem de órgãos e instituições veiculadas à arte, elas eram excluídas dos benefícios destes espaços.

Muitas mulheres trabalhavam para ganhar seu próprio pão (Holmes, 2020). Além de atuarem no campo das artes e das letras, é possível encontrá-las nas viagens marítimas. Nas

---

<sup>14</sup> Texto original: “[...] a demure young woman, clearly vulnerable and insecure in the commercial world, attempting unsuccessfully to earn some much-needed income from her paintings” (Holmes, 2020, p. 3).

últimas décadas, a historiografia tem destacado a importância destas personagens que se aventuraram no mar durante os séculos XVIII e XIX (Leite, 1984; Mills, 1993; Franco, 2008; Thompson, 2011; Rodenas, 2014; Maia, 2016).

A figura da viajante está situada em diferentes campos da sociedade, conforme o território em que ela atuava, influenciada por relações de gênero, etnia e classe social. Embora seu gênero as colocasse em uma posição de inferioridade, sua etnia e sua classe social alteravam o *status quo*, já que eram europeias e pertencentes às classes médias e alta (Gazzola, 2008).

Figura ambígua, liminar, é ao mesmo tempo centro e periferia, constituindo simultaneamente identidade e alteridade. Superior como raça, inferior como gênero, a mulher-viajante se situa em uma rede complexa de relações de dominação e subordinação, assumindo posições de sujeito contraditórias em lugares de poder (ou falta de poder) que se encontram em processo constante de deslocamento e mutação. Essa instabilidade na posição da mulher – de descentralização/recentramento – resulta na acentuada bitextualidade dos textos de viagem de autoria feminina (Gazzola, 2008, p. 1.003-1.004).

As viajantes assumiam tanto uma posição masculina, ao se deslocarem no mar, como “feminina”, ao terem a necessidade de estabelecimento de aceitação social nos locais visitados (Gazzola, 2008).

No Brasil, destacam-se os estudos de Stella Maris Scatena Franco. Com uma perspectiva de gênero e utilizando relatos de viagem e cartas, ela investigou as trajetórias e produções intelectuais de Nísia Floresta, Eduarda Mansilla e Gertrudis Gómez de Avellaneda. Sua tese é importante por reconfigurar a visão tradicional do viajante europeu que visita a América, para pensar as movimentações de mulheres latino-americanas na Europa e nos Estados Unidos. Além disso, Franco (2008) analisou temas recorrentes nas narrativas destas figuras, como família, casamento, luto e divórcio.

A tese de Ludmila de Souza Maia também é um referencial importante para a presente pesquisa. Através das concepções de gênero, Maia (2016) analisou as trajetórias de Nísia Floresta e Adèle Toussaint-Samson, destacando as negociações destas viajantes na produção literária, nas viagens e nas suas atuações como mulheres na sociedade. Ambas usaram a escrita para expressar suas insatisfações, exclusões e dificuldades, tanto no ambiente doméstico quanto no trabalho (Maia, 2016).

Na Espanha, Adriana Méndez Rodenas, em *Transatlantic travels in nineteenth-century Latin America: european women pilgrims*, apresentou os percursos de cinco viajantes na América Latina no século XIX: Frances Erskine Inglis (1806–1882), Maria Graham (1785–

1842), Flora Tristan (1803–1844), Fredrika Bremer (1801–1865) e Adela Breton (1849–1923). Seu estudo trouxe para a historiografia discussões acerca do poder autotransformador das viagens para as mulheres, uma vez que elas rompiam com os limites de gênero e, ao mesmo tempo, traçavam individualmente seus caminhos. Ao desafiarem a ideologia do “anjo da casa”, essas jornadas funcionavam como uma “válvula de escape” para muitas destas personagens, que experimentavam a “liberdade” fora das paredes de casa (Rodenas, 2014).

As viagens tinham significados diferentes para as mulheres, envolvendo a busca por reconhecimento público e consolidação das suas carreiras como escritoras. Seus diários de viagem funcionavam como esboços etnográficos que mostravam não apenas a observação do outro nos locais visitados, mas também serviam como um espelho para a voz narrativa “feminina”. Portanto, os documentos analisados por Rodenas (2014, p. 143) mostram tensões entre a “domesticidade e estranheza, apego e distanciamento, pertencimento e alienação”.

Miriam Moreira Leite, nos seus trabalhos sobre a literatura de viagem “feminina”, também abordou ideias semelhantes às elencadas por Rodenas (2014), ao afirmar que os relatos das viajantes apresentam uma “dupla documentação do feminino”, pois, ao escreverem sobre outras mulheres, elas refletem sobre sua própria “condição”. O diário de viagem, portanto, carrega a característica de oferecer uma visão íntima do autor, pois, além de registrar o “outro desconhecido”, descreve angústias, dificuldades, pensamentos e o cotidiano do viajante (Leite, 1984; 1997). No caso das mulheres, esta tipologia documental é fundamental para o campo da história das mulheres, já que há inúmeras informações sobre o espaço privado e encontros com outras figuras “femininas”.

É importante ressaltar que, ao apresentar os relatos de viagem das mulheres, a tese não adota uma perspectiva essencialista que defina a escrita com base no gênero. No entanto, a historiografia aponta elementos que diferenciam a documentação de homens e mulheres. No campo da linguística, Sara Mills, em *Discourses of difference: an analysis of women’s travel writing and colonialism*, analisou os registros de três viajantes “femininas” – Alexandra David-Neel, Mary Kingsley e Nina Mazuchelli – para compreender a maneira pela qual o colonialismo britânico e os discursos da feminilidade foram negociados e interpretados nos seus relatos de viagem. A estudiosa argumenta que, embora apontassem críticas ao governo colonial, estas mulheres atuaram como guardiãs dos valores e da moral da metrópole britânica. Em comparação aos escritos masculinos e devido às pressões de gênero, elas não conseguiram adotar com a mesma facilidade e intensidade a voz imperialista, mas seus livros são marcados por estruturas que corroboram com os preceitos do Império Britânico (Mills, 1993).

Portanto, os espaços sociais das viagens, ainda que sejam predominadas pelos homens, são também ocupadas por mulheres. Embora este número seja inferior ao masculino, elas são encontradas em peregrinações religiosas e comitivas diplomáticas. Muitas mulheres viajaram nos séculos XVIII e XIX acompanhando pais, irmãos e maridos, e um pequeno número registrou estas experiências em cartas e diários de viagem. Estas jornadas, segundo Thompson (2011), proporcionavam também uma exploração da própria identidade e subjetividade da viajante<sup>15</sup>.

As proposições apresentadas por Carl Thompson (2011; 2017) em *Travel writing e “Sentiment and scholarship: hybrid historiography and historical authority in Maria Graham’s South American Journals”* são semelhantes às ideias elencadas por Rodenas (2014), pois ambos concordam que as viagens possibilitaram que as mulheres obtivessem conhecimento, reflexão sobre o “eu” e autonomia. Da mesma maneira, Thompson (2011) concorda com Mills (1993) ao afirmar que os escritos das viajantes estavam sujeitos a uma narrativa que exigia o cumprimento das normas de feminilidade para serem publicados.

Ao propor a análise das trajetórias de duas mulheres viajantes, surge a seguinte questão: qual é a relevância da história destas mulheres? Afinal, por que estudar Maria Graham e Marianne North? Para responder a estas perguntas, pode-se recorrer às palavras de Priore (2018, p. 235):

Para que serve a história das mulheres? Para fazê-las existir, viver e ser. Sua função maior deve ser a de enfocá-las através da submissão, da negociação, das tensões e das contradições que se estabeleceram, em diferentes épocas, entre elas e seu tempo; entre elas e a sociedade nas quais estavam inseridas. Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, a sociedade e o fato, mostrando como o ser social que ela é articula-se com o fato social que ela mesma fabrica e do qual faz parte integrante.

---

<sup>15</sup> “Ou seja, a escrita de viagens frequentemente serviu como um meio para que os autores realizassem um projeto autobiográfico, explorando questões de identidade e subjetividade, ao mesmo tempo em que apresentam aos outros um relato autêntico e, por assim dizer, ‘autorizado’ de si mesmos. Além disso, a exigência do gênero de incluir elementos pessoais garante que os relatos de viagem frequentemente ofereçam *insights* interessantes sobre o que, às vezes, é chamado de posição subjetiva do indivíduo, mesmo quando os escritores não têm a intenção deliberada de adotar um tom autorreflexivo” (Thompson, 2011, p. 99, tradução minha). Texto original: “That is to say, travel writing has frequently provided a medium in which writers can conduct an autobiographical project, exploring questions of identity and selfhood whilst simultaneously presenting to others a self-authored and as it were ‘authorised’ account of themselves. Moreover, the generic requirement to include an element of personal detail ensures that travelogues will often offer interesting insights into what is sometimes termed an individual’s subject position, even when travel writers have not deliberately set out to write in such a self-reflective fashion” (Thompson, 2011, p. 99).

Neste sentido, fazer história das mulheres e das relações de gênero é um caminho para colocar as experiências de Maria Graham e Marianne North nos acontecimentos sociais, políticos, históricos e culturais das diferentes épocas da Inglaterra. A partir das suas trajetórias, é possível estudar elementos do imperialismo britânico, assim como as semelhanças e distinções das eras georgiana e vitoriana.

Ao trazer um estudo das relações de gênero, é necessário considerar elementos como classe social, etnia, cor, religião, sexualidade e nacionalidade. Para auxiliar na compreensão da “interação entre os dois ou mais eixos da subordinação”, Crenshaw (2002, p. 177) desenvolveu o conceito de interseccionalidade. Isso porque, além das desigualdades de gênero, as mulheres enfrentam as “diferenças dentro das diferenças” (Scott, 1995), que devem ser consideradas, pois estes eixos fazem com que as experiências “femininas” sejam vivenciadas de formas diferentes. Por esta razão, conforme mencionado, ao visualizar as trajetórias de Maria Graham e Marianne North, deve-se reconhecer que elas faziam parte da classe média inglesa. Isso significa que, além da rentabilidade financeira, seus comportamentos e modos de vestir estavam alinhados com as características da *middle class* (Holmes, 2020).

O conceito de classe média inglesa tem sido objeto de discussão por vários autores. Amanda Vickery, por exemplo, afirma que o termo era originalmente usado para descrever os homens de negócios no início do século XIX, representando um grupo coeso e homogêneo. Por outro lado, pesquisadores como John Henry Walsh e Dudley Baxter defendem a necessidade de estabelecer uma associação entre renda média anual e características sociais e culturais para uma compreensão mais precisa da formação deste estrato social. Em *Manual of domestic economy* (1857), Walsh subdividiu o conceito, identificando uma classe média baixa com rendas entre 100 e 250 libras anuais e dois grupos de classe média alta com rendimentos entre 500 e 1.000 libras e 500 e 2.000 libras anuais (Holmes, 2020).

Em relação aos rendimentos médios anuais, no caso de Maria Graham, há informações de que, após o falecimento de seu pai, em 1814, a viajante recebeu uma herança de 5.000 libras e uma “pensão” de 100 libras ao ano. Além disso, a profissão de capitão da Marinha Britânica não era particularmente lucrativa (Vale, 2001). Posteriormente, quando ficou viúva de Thomas Graham, ela viveu de “favores” no Chile e no Império do Brasil. Portanto, é possível dizer que Maria Graham não desfrutava de luxos extravagantes, mas vivia conforme sua fortuna lhe permitia.

Marianne North, sendo filha e neta de renomados políticos ingleses, possuía uma condição financeira que lhe permitia viajar e até mesmo construir uma galeria de arte. No

entanto, não era uma mulher que exibia grande riqueza. Conforme será abordado nos próximos capítulos, em suas cartas para amigos próximos, ela demonstrava preocupação com os rendimentos mensais do seu dinheiro, consciente de que não possuía uma quantia infinita. Por esta razão, é fundamental entender Maria Graham e Marianne North como mulheres que viveram a classe média inglesa. Primeiramente, devido à sua condição financeira, mas também aos “estilos de vida”, frequentando bailes e reuniões sociais e estabelecendo redes de sociabilidade com importantes nomes da política, da arte e da ciência do século XIX.

Para mapear os espaços e as redes de sociabilidade das viajantes, as cartas foram documentos importantes. Através delas, encontram-se os registros de muitos nomes e discussões abrangendo temas como política, cotidiano, história natural e literatura. Enquanto os relatos de viagem passam por revisões e edições, voltados a um público leitor específico, as correspondências são documentos de natureza privada. Assim, podem-se observar discursos e informações que não são ditos no espaço público. Ambas as fontes foram usadas na tese, complementando-se mutuamente.

Também se deve considerar que as personagens exerceram funções que possivelmente tiveram um retorno financeiro. Por mais que recebessem convites de hospedagem e favores de amigos e conhecidos da Inglaterra, as viagens tinham custos elevados relacionados ao transporte, à alimentação e a outras necessidades do dia a dia. Por esta razão, investiga-se se havia a possibilidade de remuneração nas atividades exercidas pelas personagens.

Não se pretende realizar um estudo da história do trabalho e da profissionalização “feminina”, mas considera-se necessário buscar caminhos que possibilitem a compreensão dos papéis sociais e a maneira pela qual a classe social, a cor e o nível de escolaridade influenciaram as atividades de botânica, das letras e das artes e como foram a recepção e a repercussão das suas produções entre seus colegas das respectivas áreas citadas.

\*\*\*

Utiliza-se, nesta tese, uma variedade de tipologias documentais para a realização da pesquisa – biografias, autobiografias, relatos de viagem, cartas e jornais ingleses –, sempre respeitando e tomando o cuidado na análise de cada fonte, uma vez que cada documento requer uma metodologia e um referencial teórico específico.

Para apresentar as trajetórias de Maria Graham e Marianne North, este trabalho recorreu a biografias, autobiografias e referências bibliográficas. Foram selecionadas três biografias sobre Maria Graham. A primeira, publicada em 1937, foi escrita por sua sobrinha-

neta, Rosamund Brunel Gotch: *Maria, Lady Callcott: the creator of little Arthur*<sup>16</sup>. Também foram analisadas a biografia literária de Regina Akel, *Maria Graham: a literary biography*; a obra do chileno Tomás Lago, *La viajera ilustrada: vida de María Graham*, disponível no site Memoria Chilena – Biblioteca Nacional do Chile; e a recente crônica historiográfica de Mary del Priore, *A viajante inglesa, o senhor dos mares e o imperador na independência do Brasil*.

Na análise sobre Marianne North, a tese reuniu as principais referências da literatura historiográfica, na tentativa de apresentar as ideias e os debates que envolvem a vida da viajante. Foram consultados os estudos de Suzanne Le-May Sheffield, *Beyond the mask of gender: three victorian scientist-naturalists*; o texto introdutório de Susan Morgan, publicado no livro *Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North*; e o trabalho de Lynne Gladston, *The hybrid work of Marianne North in the context of nineteenth-century visual practice(s)*.

Em paralelo com as biografias e produções historiográficas, foram utilizadas narrativas autobiográficas das personagens: *Reminiscences*, de Maria Graham; e *Early days and home life*, de Marianne North.

Para trazer dados sobre os testemunhos políticos e informações das redes de sociabilidade e das atividades desenvolvidas, os diários de viagem foram importantes fontes. No caso de Maria Graham, os diários de viagem referentes à América do Sul foram divididos em duas obras: *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823* e *Journal of a residence in Chile during the year 1822*. Ambos foram escritos durante o período de estadia de Maria Graham no Brasil e no Chile e publicados em 1824 na editora de John Murray e Albemarle Street e em conjunto com Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown e Green. A editora Murray era uma das mais renomadas da Inglaterra, com publicações de autores como Jane Austen, Lord Byron e Charles Darwin.

Os livros mencionados são fontes que fornecem informações sobre o processo de independência do Brasil e do Chile, com nomes importantes de pessoas ativas na política, como d. Pedro I, Leopoldina, San Martín, Bernardo O’Higgins, Lorde Cochrane e José Bonifácio. Maria Graham estava interessada nos aspectos da natureza, da cultura e das condições dos ingleses residentes nos territórios e nas personagens “femininas” que conheceu. Por esta razão, seus relatos possuem uma visão ampla dos lugares visitados, já que, além do olhar sobre o outro, podem-se verificar narrativas sobre o “eu” da viajante (Leite, 1984).

---

<sup>16</sup> Devido ao seu caráter de obras raras, a biografia de Gotch (1937) não é encontrada para vendas ou acesso ao domínio público. Foi localizada no acervo físico da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, na Universidade de São Paulo (USP).

No Brasil, o diário foi traduzido e publicado integralmente em 1956 por Américo Jacobina Lacombe, através dos *Anais da Biblioteca Nacional*<sup>17</sup>. Em 1990, uma nova edição do diário foi publicada na coleção “Reconquista do Brasil” (v. 157), da Editora Itatiaia. No Chile, a obra foi traduzida por José Valenzuela, com prólogo de Juan Concha, e publicada em 1916 na coleção da Biblioteca Nacional do Chile<sup>18</sup>.

Como mencionado no início deste texto, foram usadas as versões traduzidas dos diários, com o cuidado de retornar aos manuscritos originais para verificar citações e trechos importantes da tese. As fontes traduzidas podem ser acessadas eletronicamente através dos sites da Biblioteca Nacional do Brasil<sup>19</sup> e Memoria Chilena – Biblioteca Nacional de Chile<sup>20</sup>.

Além dos diários de viagem, em 1834, Maria Graham escreveu o texto *Escoço biográfico de d. Pedro I com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo*. O manuscrito não foi publicado na Inglaterra, e, em 1938, a Biblioteca Nacional adquiriu o documento e o publicou nos *Anais*<sup>21</sup>. O escoço foi utilizado como uma fonte de natureza similar ao diário de viagem, já que Maria Graham narrou os dias vividos na Corte e na sua casinha em Laranjeiras, sendo um complemento aos diários publicados em 1824. Além de informações sobre a vida do imperador e da sua terceira estadia no império, o conjunto tinha 31 cartas trocadas entre a viajante e Leopoldina e que também foram utilizadas na pesquisa. Assim como os diários, o escoço foi acessado eletronicamente.

Já em relação a Marianne North, seus relatos de viagem foram publicados em 1894, após a morte da viajante, pela Editora Macmillan, sob o título *Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North* – volumes I, II e III. O documento foi editado por sua irmã, Catherine Symonds, e seu cunhado, John Symonds. Embora tenha sido produzido anos após as viagens de Marianne North, o manuscrito é considerado, nesta pesquisa, sob a perspectiva da literatura de viagem, já que as narrativas remetem aos percursos visitados pela inglesa. Os livros contêm capítulos que abordam as estadias nos seguintes lugares: Canadá, Estados Unidos, Jamaica, Brasil, Tenerife, Japão, Singapura, Bornéu, Java, Ceilão, Chile, Índia, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Ilhas Seychelles e Inglaterra.

---

<sup>17</sup> A primeira tradução foi realizada parcialmente por Alfredo de Carvalho, em 1904, e publicada na *Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*. Posteriormente, na década de 1930, Cândido Firmino de Mello Leitão traduziu alguns fragmentos que fizeram parte dos livros *Visitantes do Primeiro Império* (1934) e *O Brasil visto pelos ingleses* (1937).

<sup>18</sup> Além de Brasil e Chile, os diários tiveram edição nos Estados Unidos, em 1969, realizada por Frederick A. Praeger.

<sup>19</sup> Para saber mais, acessar <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/anais-biblioteca-nacional/402630>.

<sup>20</sup> Para saber mais, acessar <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-7694.html>.

<sup>21</sup> Para saber mais, acessar <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/anais-biblioteca-nacional/402630>.

Durante a pesquisa, foi utilizada a versão publicada em 1980, em colaboração com o Royal Botanic Gardens Kew, e introdução de Anthony Huxley, sob o título *A vision of Eden: the life and work of Marianne North*, disponível eletronicamente em domínio público. Para os capítulos referentes ao Brasil e Chile, recorreu-se à coleção traduzida e editada pela professora Ana Lúcia Almeida Gazzola, com a colaboração do professor Júlio Jeha, *Lembranças de uma vida feliz*, publicada em 2001 pelo Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro.

Na busca por informações sobre as redes de sociabilidade, os percursos, as atividades marítimas e as discussões sobre temas de natureza política e privada, foi utilizado o conjunto de cartas escritas por Marianne North para amigos e familiares. Foram feitos contatos com diferentes acervos e bibliotecas britânicas via e-mail, solicitando o envio dos manuscritos digitalizados. Todas as instituições foram atenciosas e prestativas, e, apesar da distância, a tecnologia facilitou o processo de reunião das fontes.

Na London School of Economics and Political Science, foi encontrado um conjunto de cinco cartas para a feminista Barbara Bodichon. No King's College Cambridge, analisou-se uma carta dirigida à Laura Forster. No acervo do Kew Gardens, foram utilizadas as correspondências para amigos e familiares: Charles, Darwin, Annie, Janet Symonds, Maggie, Dr. Alleman e Arthur Burnell. Vale a pena ressaltar que as cartas para o médico Arthur Burnell já estavam transcritas. Portanto, devido à confiabilidade da instituição, optou-se pela versão transcrita.

Analisou-se um conjunto de 43 cartas para a escritora Amelia Edwards, localizadas na Somerville College – University Oxford. Apesar da dificuldade na leitura do inglês do século XIX, a transcrição dos manuscritos foi um trabalho prazeroso, já que Marianne North era uma mulher divertida e cheia de histórias interessantes para contar.

A documentação de Maria Graham e as cartas para John Murray e William Hooker foram localizadas no Kew Gardens. Além desta instituição, foi possível obter outras fontes na coleção de arquivos e manuscritos da National Library of Scotland<sup>22</sup> e no acervo da Bodleian Libraries – University of Oxford<sup>23</sup>, na coleção de Augustus Callcott, segundo marido da viajante. Já as correspondências para a Imperatriz Leopoldina foram analisadas através do livro organizado pela Biblioteca Nacional, *Escorço biográfico de d. Pedro I com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo*. Deste modo, foram reunidas cerca de 50 cartas para diferentes destinatários, incluindo o imperador d. Pedro I, os marinheiros que

---

<sup>22</sup> Para saber mais, acessar <https://www.nls.uk/>.

<sup>23</sup> Para saber mais, acessar <https://www.bodleian.ox.ac.uk/home>.

acompanhavam Maria Graham nas viagens, John Murray, William Hooker, Leopoldina, Thomas Graham de Baygon, Barão de Mareschal e Charles Stuart.

Além das fontes mencionadas anteriormente, foram consultados trechos de jornais ingleses que fornecem informações sobre as viagens e as atividades de Maria Graham e Marianne North. Estes periódicos, disponíveis no acervo do *British Newspaper Archive*<sup>24</sup>, permitiram localizar diversos anúncios e notícias relacionadas às duas viajantes.

É importante ressaltar que a documentação e as referências bibliográficas foram traduzidas do inglês e do espanhol com o intuito de melhorar a compreensão e a fluidez do texto. Reconhecendo-se que todo processo de tradução envolve possíveis perdas linguísticas, buscou-se manter a máxima fidelidade ao texto original. Por esta razão, mesmo com a utilização de algumas obras já traduzidas por historiadores brasileiros e espanhóis, como os diários de viagem de Maria Graham, optou-se por consultar os documentos originais para verificar as citações selecionadas.

\*\*\*

O capítulo 1, “Narrativas biográficas e autobiográficas de Maria Graham e Marianne North”, tem por objetivo analisar como a historiografia construiu e interpretou as imagens das personagens, baseando-se em fontes como biografias e autobiografias e problematizando os limites e as ilusões próprias destes gêneros, conforme apontam Bourdieu (2006), Dosse (2016) e Lejeune (2014). A análise busca compreender como suas trajetórias foram narradas e interpretadas por diferentes autores: Rosamund Gotch, Regina Akel e Tomás Lago, no caso de Maria Graham; e Sheffield, Gladston e Morgan, no caso de Marianne North; assim como as próprias autobiografias inacabadas (*Reminiscences e Early days and home life*).

No capítulo 2, “Viagens, ciência e imperialismo”, são apresentadas as contribuições de Maria Graham e Marianne North no campo da botânica oitocentista, discutindo as tensões entre amadorismo e profissionalismo que marcaram suas trajetórias. A partir da contextualização da história natural no século XIX e da sua articulação com o imperialismo britânico, o capítulo mapeia as atividades desempenhadas pelas viajantes (coleta de plantas e animais, produção de ilustrações e circulação de espécimes em redes de sociabilidade), destacando como gênero, classe e posição social influenciaram seu reconhecimento ou sua marginalização científica.

---

<sup>24</sup> Para saber mais, acessar <https://www.britishnewspaperarchive.co.uk/>.

O capítulo 3, “Viagens, redes de sociabilidade e relações de gênero”, pretende analisar as experiências marítimas e terrestres de Maria Graham e Marianne North, destacando como seus deslocamentos foram viabilizados por cartas de crédito, cartas de recomendação, redes de sociabilidade, trabalho de criados e empregados e estratégias de gênero. Ao abordar tanto os perigos, os custos e a materialidade das viagens quanto as relações de gênero, classe e poder que estruturaram suas jornadas, o capítulo observa como a condição de solteira, casada e viúva influenciava nas estratégias e dificuldades das personagens. Além disso, analisa como as viagens configuraram-se em práticas de sociabilidade e inserção no projeto imperial britânico.

O capítulo 4, “Mulheres viajantes e redes de sociabilidade: arte e literatura no século XIX”, tem por objetivo examinar as correspondências e as sociabilidades de Maria Graham e Marianne North como espaços de afeto, mediação cultural e construção de vínculos intelectuais. A partir do estudo das suas cartas, em conjunto com os relatos de viagem, busca-se compreender de que modo estas viajantes mobilizaram redes de amizade, solidariedade e colaboração, especialmente no interior de círculos “femininos”, ao mesmo tempo em que dialogaram com ambientes políticos e artísticos. O capítulo analisa casos emblemáticos, como a amizade de Marianne North com Amelia Edwards e a Sra. Skinner, além das relações de Maria Graham com Leopoldina e outras mulheres do Brasil e do Chile. A tese se encerra com uma reflexão sobre os papéis de gênero no século XIX, destacando como estas viajantes ocuparam e ressignificaram os espaços artísticos e literários da Inglaterra Imperial.

## CAPÍTULO 1: NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS DE MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

(Bourdieu, 2006, p. 185)

A epígrafe de Pierre Bourdieu convida a refletir criticamente sobre os limites e as ilusões inerentes à escrita biográfica. Toda narrativa de vida pressupõe escolhas, recortes e interpretações que, muitas vezes, se conformam a modelos literários e expectativas sociais. Este capítulo parte desta perspectiva para examinar como a trajetória de Maria Graham e Marianne North foi construída por diferentes autores ao longo do tempo. Busca-se compreender de que modo suas vidas foram narradas, interpretadas e, por vezes, idealizadas por biógrafos, memorialistas e estudiosos do tema. Neste sentido, além da análise das obras de Gotch (1937), Lago (2000), Akel (2009), Sheffield (1997) e Gladston (2012), observou-se como os textos autobiográficos *Reminiscences*<sup>25</sup> e *Early days and home life* contribuíram para a construção de imagens e discursos sobre as duas viajantes.

### 1.1 BIOGRAFIAS E A CONSTRUÇÃO DAS VIAJANTES

As mulheres viajaram, escreveram livros e realizaram importantes contribuições no campo das artes e da botânica<sup>26</sup>. As produções biográficas geralmente seguem uma ordem cronológica. Seus autores valorizam pequenos acontecimentos e, principalmente, o “herói”, isto é, o biografado, que está sempre no centro do texto. Por mais que seja inexecuível

---

<sup>25</sup> Na dissertação *Uma “viajante de letras” no Império do Brasil: relações de gênero e redes de sociabilidade nos relatos de viagem de Maria Graham (1821-1825)*, iniciei a discussão sobre a narrativa biográfica e autobiográfica da viajante, porém, durante o período do mestrado, não foi possível realizar uma análise acentuada nas relações de biógrafo e biografado (Silva, 2021). Além disso, o artigo *O mundo de Maria Graham: análise sobre a narrativa autobiográfica Reminiscences* apresenta apontamentos iniciais realizados sobre o texto da viajante (Silva, 2023). Neste sentido, percebe-se que havia importantes considerações que demandavam um olhar mais atento, tanto sobre as produções da inglesa quanto sobre o manuscrito autobiográfico. Por esta razão, optou-se por ampliar este debate.

<sup>26</sup> Georges Duby, por exemplo, utilizou, em 1995, a biografia para analisar mulheres do período medieval que, até então, não eram estudadas pela historiografia (Dosse, 2016).

restituir completamente uma vida, “a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado” (Dosse, 2016, p. 13). É difícil para o pesquisador ter a compreensão integral do biografado, pois, além dos estudos, se depararem com lacunas na documentação, e não é possível entender o interior de um indivíduo (Lejeune, 2014; Dosse, 2016).

O biógrafo não pode pretender a nenhuma chave que viria saturar o significado de seu relato de vida. A psicanálise nos ensina que, mesmo por um longo trabalho sobre si, não se chega verdadeiramente a mais acesso à verdade. [...] As hipóteses que se fazem no presente pelo biógrafo são sempre reconsideradas pelas gerações futuras, o que explica, aliás, por que se pode escrever indefinidamente novas biografias sobre as mesmas personagens (Dosse, 2016, p. 375).

Maria Graham e Marianne North tiveram suas trajetórias reconstruídas e pensadas por diferentes pesquisadores. No caso de Maria Graham, a primeira biografia foi organizada por Rosamund Gotch (1937). Um dos motivos para o acesso à documentação disponível sobre a inglesa é o fato de Gotch ser uma pessoa da família. *Reminiscences*, a autobiografia não finalizada, era um documento que até então estava sob os cuidados do arquivo pessoal da esposa de Norman O’Neill (1874–1934), neto de William Hutchins Callcott (1807–1882), compositor e músico inglês e sobrinho de Maria Graham. Portanto, é fundamental ressaltar o tipo de relação entre biógrafo e biografado, pois, como Rosamund Gotch era parente direta da viajante, é comum que suas considerações tenham sido influenciadas por laços afetivos e familiares.

O livro *Maria, Lady Callcott: the creator of little Arthur*, escrito por Gotch, inclui a autobiografia *Reminiscences*, as viagens e as estadias na Índia, na Itália, no Brasil, no Chile e na Escócia, bem como os anos finais da personagem. A obra também explora parte das suas redes de sociabilidade e a atuação sobretudo na literatura. Cabe destacar que a principal preocupação de Gotch é o exercício de Maria Graham nas letras e a apresentação de uma mulher viajante que, mesmo doente, superou as dores e as dificuldades da doença que carregou por toda a sua vida.

Quase sete décadas depois, Regina Akel, doutora em Filosofia de Literatura Inglesa, apresentou uma nova leitura sobre Maria Graham em sua tese *The journals of Maria Graham*. Ao contrário de Gotch, Akel se concentrou nos aspectos linguísticos e estilísticos da narrativa de viagem, adotando um viés mais analítico e crítico. Esta pesquisa abordou os recursos retóricos utilizados por Maria Graham para construir uma autoridade de observadora e escritora, estabelecendo paralelos entre sua trajetória e os contextos das viagens à Índia, à Itália, ao Brasil e ao Chile.

Para contrastar com estas abordagens da historiografia inglesa, optou-se por incluir também uma biografia chilena. A obra *La viajera ilustrada: vida de María Graham* foi escrita por Tomás Lago Pinto, autor chileno nascido em 1903 e atuante no campo da crítica literária e da escrita biográfica. Em 1957, período em que ainda havia poucos estudos sobre Maria Graham, o autor viajou a Londres para pesquisar a vida da inglesa e produzir sua primeira biografia no país. Entretanto *La viajera ilustrada* só foi publicada em 2000, 25 anos após a morte de Lago<sup>27</sup> (Memoria Chilena, 2024). A escolha deste livro permite observar como Maria Graham foi recebida e reinterpretada em diferentes contextos nacionais e chama a atenção por ter sido escrita por um homem, em contraste com as outras duas obras produzidas por mulheres.

Assim, a comparação entre estas três biografias – de Rosamund Gotch, Regina Akel e Tomás Lago – permite pensar sobre os diferentes modos de narrar uma mesma vida. Enquanto Gotch enfatiza o aspecto íntimo e literário, Akel privilegia uma leitura crítica e linguística dos discursos produzidos por Maria Graham e Lago busca inscrevê-la na memória cultural chilena. Estas abordagens, ao mesmo tempo complementares e contrastantes, evidenciam o potencial das biografias como instrumentos de construção histórica e cultural e reforçam o caráter interpretativo e inacabado de qualquer tentativa de reconstituir uma trajetória individual (Dosse, 2016).

No caso de Marianne North, é importante destacar que a discussão se apoia nas considerações bibliográficas de diferentes autores, já que, ao contrário de Maria Graham, ela não possui uma obra biográfica. Os estudos que existem enfatizam seu papel como artista e naturalista. Susan Morgan (1993), na introdução do livro *Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North*, argumenta que a viajante se projetava como uma observadora imparcial, assumindo papéis sociais comumente atribuídos a homens. Lynne Gladston (2012) e Suzanne Le-May Sheffield (1997) exploraram as interseções entre gênero, ciência e arte em sua produção, mostrando como a inglesa construiu uma identidade híbrida de pintora e colecionadora científica. Ana Lúcia Almeida Gazzola (2001), ao reunir e publicar os relatos de viagem da América do Sul, destacou o papel de viajante “feminina”, discutindo sobre as representações culturais construídas sobre a paisagem tropical.

Conforme mencionado por Dosse (2016), compreender o mundo interior e psicológico de uma pessoa apenas por meio de fontes documentais do passado é uma tarefa desafiadora. Ainda assim, é comum que os biógrafos busquem indícios da personalidade dos seus

---

<sup>27</sup> Para saber mais sobre a vida de Tomás Lago, acessar <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-100812.html#presentacion>.

biografados a partir destas fontes. Segundo Lago (2000), em *La viajera ilustrada*, Maria Graham apresentava uma personalidade firme nas suas opiniões, mas, ao mesmo tempo, delicada nos seus sentimentos. Era comunicativa, curiosa e sempre interessada em conhecer pessoas e adquirir novos conhecimentos. Esta visão é corroborada por um trecho das *Reminiscences*, no qual ela declarou: “[...] eu só pensava de manhã ao anoitecer em como obter mais conhecimento sobre o assunto [...]” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 38, tradução minha).<sup>28</sup> Gotch (1937, p. 298, tradução minha)<sup>29</sup>, por sua vez, associa seu temperamento às experiências de infância, ressaltando uma postura anticonvencional, direta e destemida:

Ela era transparentemente honesta, completamente sincera, mas também sensível e simpática. Ela certamente tinha o pavio curto; podia ser extremamente direta às vezes, mas geralmente era em defesa dos seus amigos que seus instintos de luta eram provocados, e o golpe, assim que dado, como ela pensava, e justiça feita, ninguém era mais rápido para perdoar e estender a mão da amizade outra vez. Malícia ou o ato de guardar rancor não pareciam fazer parte da sua constituição.

Segundo a biógrafa, sua sinceridade e sua ternura eram acompanhadas por um temperamento impulsivo, que se manifestava em momentos de defesa ou injustiça. Neste sentido, Maria Graham aparece como uma figura complexa e multifacetada, capaz de grande doçura e forte temperamento. O estudo de Gotch (1937) reforça esta imagem, mostrando que, se por vezes “batia com força”, era por razões justificáveis, principalmente para proteger aqueles que amava.

Contudo, ao analisar a construção desta imagem, é necessário cautela. Como aponta Dosse (2016), os biógrafos frequentemente corroboram com as representações que seus biografados constroem de si mesmos. Akel (2009), por exemplo, adota parte desta autoimagem elaborada por Maria Graham, ao descrevê-la como uma “lutadora”. Em sua leitura, Akel enfatiza que, embora a viajante tenha tido uma infância infeliz, preferiu se destacar por meio da força intelectual:

Maria foi uma guerreira. Sua infância infeliz poderia facilmente tê-la tornado uma criatura lúgubre, mais perto do ideal feminino (não apenas vitoriano) de

---

<sup>28</sup> Texto original: “[...] and how to get more knowledge on the subject, where to find the beginning of the story, filled my thoughts from morning to night [...]” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 38).

<sup>29</sup> Texto original: “She was transparently honest, utterly sincere, and yet sensitive and sympathetic. Quick of temper she certainly was; she could hit very hard and straight from the shoulder on occasion, but it was generally in defense of her friends that her fighting instincts were roused, and the blow once delivered and, as she thought, justice done, no one could be quicker to forgive and to extend the hand of friendship once more. Malice, or the nursing of a grievance did not seem to enter into her make-up [...]” (Gotch, 1937, p. 298).

resistência e sofrimento calados. Ela escolheu, ao invés disso, brilhar acima dos outros pela força de seus aprendizados e de seu intelecto, e, por tudo isso, ela não foi perdoada. É natural supor que ela deve ter buscado ser amada, para compensar pela falta de afeto que ela vivenciou enquanto criança. Todavia ela estava preparada para se contentar com a admiração, e, apesar de não a ter conseguido durante sua vida de maneira completa, ela está começando a gozar dela [admiração] agora (Akel, 2009, s.p., tradução minha).<sup>30</sup>

Para Akel (2009), suas representações variavam conforme o contexto, apresentando várias “Marias”: a heroína, a romântica, a que recorre a códigos masculinos, a intelectual, a sofredora e até mesmo a imperialista.

Esta multiplicidade de representações também é explorada por Lago (2000), sobretudo ao problematizar a visão da própria Maria Graham sobre sua infância. Enquanto a viajante descreve o período da infância como “feliz” (vivido em uma ilha ao lado da mãe), o autor discorda. Para ele, a ausência do pai, sempre envolvido em viagens, somada à saúde frágil da mãe e às responsabilidades assumidas precocemente por Maria Graham, indica uma infância marcada por dificuldades. Ainda assim, a personagem preferiu lembrar esse tempo de maneira idealizada, apagando os aspectos negativos:

Sim, o ofício do pai não havia sido uma regalia. Sempre ocupado em suas atividades profissionais, a mãe, de saúde precária, e ela mesma, ainda tão menina, atarefada em cuidar dos irmãos menores para superar os problemas domésticos. E depois o mar, sempre o mar, como uma presença aterrorizante, cujo rosto amargo, no entanto, lhe era familiar. Mas Maria, em seus últimos dias, ao ditar suas lembranças, não se detém nos aspectos negativos daquele tempo. Para ela, essa foi a época mais feliz da sua vida. E é ela que delinea em grandes traços, como traçava seus desenhos do natural, à mão livre, com uma linha pura e de grande estilo (Lago, 2000, p. 35, tradução minha).<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Texto original: “Maria was a fighter. Her unhappy childhood could easily have turned her into a mournful creature, closer to the feminine ideal (not only Victorian) of quiet endurance of suffering. She chose instead to shine above others by the force of her learning and her intellect, and for that she was not forgiven. It is natural to suppose that she must have sought to be loved, to compensate for the lack of affection she endured as a child. However, she was prepared to settle for admiration, and although she did not fully get it during her lifetime, she is beginning to enjoy it now” (Akel, 2009, s.p.).

<sup>31</sup> Texto original: “Si, el oficio del padre no había sido una regalia. Siempre ocupado en sus actividades profesionales, la madre, de precaria salud y ella misma, tan niña, atareada en atender a sus hermanos menores a fin de superar los problemas hogareños. Y luego el mar, siempre el mar como una presencia terrorífica cuyo amargo rostro le era sin embargo familiar. Pero María en sus últimos días, cuando dicta sus recuerdos no repara en los hechos negativos de ese tiempo. Para ella ésa fue la época más feliz de su vida. Y es que diseña a grandes rasgos, como trazaba sus dibujos del natural, a mano alzada, con una línea pura de gran estilo” (Lago, 2000, p. 35).

Esta idealização talvez se explique pela forma como Maria Graham, ainda criança, misturava realidade e imaginação, como sugere Lago (2000, p. 31-34, tradução minha): “As histórias de marinheiros que se afogavam no mar se misturavam com os contos de fadas ouvidos na cozinha”<sup>32</sup>, criando uma infância povoada por fantasias e mitos.

Se a infância de Maria Graham foi descrita por ela como feliz, sua adolescência foi marcada por traumas e solidão. Enviada a um internato, separada da mãe e submersa nos rígidos códigos sociais da elite escocesa, Maria Graham vivenciou um período de grandes dificuldades emocionais. Lago (2000, p. 42, tradução minha) a descreve como um “cachorrinho selvagem que mordida à menor provocação”<sup>33</sup>, reforçando a imagem de uma jovem rebelde e desamparada. Assim, tanto Lago quanto Akel concordam ao considerar que a trajetória de Maria Graham foi marcada por privações afetivas, das quais emergiu uma mulher determinada a vencer pelos seus estudos.

As biografias de Maria Graham demonstram, portanto, uma figura “multifacetada”: ora frágil, ora firme; ora doce, ora combativa. Sua imagem foi construída a partir de narrativas diversas (autobiográficas e de terceiros), que a apresentam como uma mulher em constante reinvenção. Entre as contradições da sua memória e as interpretações dos biógrafos, surge o retrato de uma mulher que enfrentou os desafios da vida com força intelectual, sensibilidade e uma notável capacidade de “ressignificar” suas experiências (Gotch, 1937; Lago, 2000; Akel, 2009).

Neste processo de construção da sua imagem, o retrato pintado por Sir Thomas Lawrence, em 1819, adquire papel simbólico. A tela, apresentada na Figura 1, mostra Maria Graham com um turbante, utilizado para disfarçar as cicatrizes de um acidente de infância que ela própria rememorou em suas *Reminiscences*. Ao articular a memória pessoal com a representação artística, a obra não apenas registra os traços físicos da viajante, mas também evidencia as marcas da sua trajetória<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Texto original: “Historias reales, de marineros ahogados que se mezclaban en su mente infantil con los cuentos de hadas escuchados en la cocina, alrededor del fuego” (Lago, 2000, p. 31-34).

<sup>33</sup> Texto original: “Cachorro agreste que mordía a la menor provocación” (Lago, 2000, p. 42).

<sup>34</sup> Atualmente, a pintura encontra-se na National Gallery de Londres.

Figura 1 – Retrato de Maria, Lady Callcott pintado por Sir Thomas Lawrence (1819)



Fonte: National Portrait Gallery, Londres.

A natureza caprichosa da memória faz minhas lembranças desse período da minha vida muito irregular. Eu tenho imagens muito claras diante de mim do batismo do meu irmão, das primeiras palavras que ele falou e de muitas pequenas coisas do rei. Contudo um terrível acidente que aconteceu comigo, caindo para trás com a minha cabeça no fogo, e ficando perigosamente queimada, teria sido esquecido se não fosse por ouvir outras pessoas falarem disso e pela existência das marcas que ele [acidente] deixou, à distância de quase 50 anos (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 8, tradução minha).<sup>35</sup>

O retrato de Maria Graham delineia a mulher de rosto oval, cabelos curtos e pele clara. Como observado por Priore (2022, p. 9) “seus olhos eram grandes e sombrios. Empertigada e dona de uma serenidade elegante, era o tipo de mulher que poderia envelhecer bem”. “Uma

---

<sup>35</sup> Texto original: “The capricious nature of memory makes my recollections of this period of my life very irregular. I have very clear images before me of my brother’s christening, of the first words he spoke, and many little things of the kind, yet a dreadful accident that happened to myself, namely falling backwards with my head into the fire, and being dangerously burnt, would have been quite forgotten but for hearing other persons speak of it, and for the existence of the marks it left, at the distance of nearly 50 years” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 8).

mulher linda e cheia de charme, com um olhar meigo e boca insinuante, entre sensual e desdenhosa” (Lago, 2000, p. 26, tradução minha).<sup>36</sup>

A Maria Graham representada em várias pinturas era a filha de George Dundas, mas, no espaço dos mares, era a esposa do capitão Thomas Graham e professora dos guardas-marinha. No Império do Brasil, ela foi amiga de José Bonifácio e Maria Leopoldina, e, na Corte, professora das princesas imperiais. No Chile, foi amiga de Lorde Cochrane e uma inglesa influente nas camadas sociais e políticas do país. Em sua segunda fase na Inglaterra, Maria Graham foi esposa de Augustus Callcott e autora de *Little Arthur's history of England*. Hoje, no Brasil, ela é referência no grupo das mulheres viajantes que escreveram sobre o império. No Chile, sua memória também é evocada pelo Estado, sendo um nome importante na memória da construção da República.

Assim como Maria Graham, os estudiosos que escreveram sobre a vida de Marianne North apresentaram sua trajetória a partir da perspectiva de uma mulher talentosa que, através das suas obras, esteve situada entre os campos da ciência e da arte. Uma vitoriana corajosa e destemida, que enfrentou os perigos das viagens por regiões desconhecidas e manteve-se em pé, apesar da luta contra a má condição de saúde (Morgan, 1993; Sheffield, 1997; Gazzola, 2001; Gladston, 2012).

No Brasil, Júlio Bandeira reuniu, pela primeira vez em um catálogo, as obras referentes à viagem realizada por Marianne North ao Império brasileiro. Ele afirmou que “nenhum dos artistas viajantes do século [...] XIX conseguiu retratar a paisagem e a flora brasileiras com a intensidade e o colorido dos óleos de North” (Bandeira, 2012, p. 7). A artista se encaixa no conceito de “solteironas audaciosas”, uma categoria formulada por Pratt (1999) para descrever as mulheres vitorianas que se aventuraram para fora da Europa em busca das “zonas de contato”, isto é, lugares onde pudessem entrar em contato com o “outro” não europeu. Embora Pratt (1999) não tenha incluído Marianne North em sua classificação, Bandeira (2012) argumenta que a viajante reúne todas as características necessárias para esta categorização. Portanto, além de ser uma “solteirona audaciosa”, ela foi uma *globe-trotter*, já que teve liberdade para cruzar as barreiras sociais (Gazzola, 2001; Bandeira, 2012).

No texto da introdução de *Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North*, Susan Morgan enfatiza o caráter distintivo da trajetória da artista, pois, apesar da existência de outras mulheres viajantes, ela foi a que mais se destacou na área da

---

<sup>36</sup> Texto original: “Una bella mujer llena de encanto, de mirada dulce y boca insinuante, entre sensual y desdenhosa” (Lago, 2000, p. 26).

botânica<sup>37</sup>. Sua imagem na Inglaterra é apresentada como uma “grande dama branca, viajando graciosamente pelo globo, domando as feras tanto de duas quanto de quatro patas” (Morgan, 1993, p. 22, tradução minha).

Marianne North aparecia nas fotografias sem o uso de espartilhos vitorianos, tal como ilustrado na Figura 2. Com a pele queimada de sol, ela registrava a “natureza com liberdade e técnica fora de seu tempo” (Bandeira, 2012, p. 41).

Ela certamente era indiferente à maneira de se vestir e bastante indiferente até mesmo ao conforto físico básico, viajando por dias a cavalo durante a estação das monções, muitas vezes comendo qualquer coisa e dormindo em qualquer lugar, às vezes, sem comer nem dormir (Morgan, 1993, p. 24, tradução minha).<sup>38</sup>

Figura 2 – Fotografia de Marianne North realizada por Julia Margaret Cameron (1877)



Fonte: Kew Gardens.

---

<sup>37</sup> O texto não sinaliza críticas à atuação de Marianne North nas viagens, na literatura ou na história natural.

<sup>38</sup> Texto original: “She was certainly indifferent to dress and fairly indifferent to even basic physical comfort, traveling for days on horseback during monsoon season, often eating anything and sleeping anywhere, sometimes neither eating nor sleeping at all” (Morgan, 1993, p. 24).

A fotografia foi realizada por Julia Margaret Cameron (1815–1879), durante a visita da viajante em sua residência no Ceilão. Vestida com um longo traje da moda vitoriana, suas mãos parecem simular que estão escrevendo no papel. Para fechar o retrato, no plano inferior, encontra-se o elemento que ecoa sua grande paixão, uma planta botânica disposta em um vaso. Os elementos que compõem a fotografia foram cuidadosamente selecionados pela fotógrafa, desde as roupas usadas pela viajante até a planta destacada no fundo da foto. Segundo o relato de Marianne North (1894, p. 315, tradução minha), Cameron “disse para que eu parecesse perfeitamente natural (com um termômetro marcando 96° F!)”<sup>39</sup>. Apesar do leve tom de humor, a viajante se coloca como uma pessoa “desinteressante e comum”<sup>40</sup>.

A representação delineada pela citação de Morgan (1993) sugere que a “andarilha vitoriana” [Marianne North] acreditava na ciência, já que seus livros endossavam os empreendimentos coloniais da Era Vitoriana. No entanto, ela não se comprometeu a olhar além da sua “classe”, ou seja, não tinha consciência dos seus privilégios. Além disso, assim como Maria Graham, é perceptível o desprezo pelo ideal da domesticidade, manifestado por sua indiferença em relação à moda.

Podem-se observar semelhanças nas representações apresentadas por Júlio Bandeira e Susan Morgan. Marianne North foi uma mulher que, na condição de solteira, se mostrou “dona da própria vida”, já que decidia os lugares para os quais viajaria. Uma “solteirona audaciosa”. A viajante inglesa mais importante da história natural. Uma *globe-trotter*. A “andarilha vitoriana” intrépida e cheia de desejos profissionais (Morgan, 1993; Pratt, 1999; Bandeira, 2012).

Observa-se que as biografias e os estudos referentes à Maria Graham e Marianne North analisam a tensão entre a celebração de mulheres excepcionais e a crítica aos limites impostos pelas convenções de gênero. Neste sentido, elas aparecem como um campo de disputa, no qual cada autor ou autora selecionou aspectos a destacar: ora a coragem intrépida, ora a vulnerabilidade, ora a erudição, ora a inserção em contextos nacionais ou científicos, ora

---

<sup>39</sup> Texto original: “Told me to look perfectly natural (with a thermometer standing at 96°!)” (North, 1894, p. 315).

<sup>40</sup> Ver relato: “Então ela me tentou com um fundo/segundo plano de folhas de fruta-pão e frutas, pregadas suavemente contra uma veneziana de janela, e disse a elas para parecerem naturais, mas ambas falharam. E, apesar de ter desperdiçado doze telas, e uma enorme quantidade de trabalho, foi tudo em vão; ela conseguiu apenas uma pessoa perfeitamente desinteressante e lugar comum em seus óculos, que se recusavam a se encantar” (North, 1894, p. 315). Texto original: “Then she tried me with a background of breadfruit leaves and fruit, nailed flat against a window shutter, and told them to look natural, but both failed; and though she wasted twelve plates, and an enormous amount of trouble, it was all in vain, she could only get a perfectly uninteresting and commonplace person on her glasses, which refused to flatter” (North, 1894, p. 315).

o talento artístico. De modo geral, estes estudos apresentam as experiências e as atividades das viajantes como grandes realizações “femininas”, frequentemente romantizadas e associadas a uma ideia de heroísmo e superação.

### 1.1.1 Maria Graham e as narrativas de viagens

Como mencionado, a obra de Rosamund Gotch é a mais antiga e constitui um ponto de partida importante para compreender como a figura de Maria Graham foi construída ao longo do tempo<sup>41</sup>. Neste percurso, suas impressões de viagem são descritas de forma admirável:

[...] evidente e grosseiramente precisa e maravilhosamente boa com relação à perspectiva e proporção, mas principalmente notável pela coragem e impetuosa intrepidez mostrada por ela na escolha dos temas. Nada a amedrontava (exceto a figura [na arte]); litorais inteiros, panoramas de montanhas, closes de templos indianos elaborados, florestas – tudo tentado com maravilhoso sucesso, considerando quão pequenas eram suas alegações de ser uma artista; e, sempre que ela pode incluir um dos seus amados navios de três mastros, é desenhado de forma bela e delicada (Gotch, 1937, p. 167, tradução minha).<sup>42</sup>

Esta descrição reforça a imagem de uma viajante corajosa e determinada, como vem sendo discutido por esta tese. Nada parecia assustar Maria Graham. Não por acaso, o adjetivo “intrépida” é frequentemente empregado pelos historiadores como marca da sua personalidade. Mesmo doente, ela se esforçou para não interromper suas jornadas e continuar seus trabalhos na literatura. Foi descrita por Gotch (1937, p. 299) como “fácil, direta e simples”, marcada por um inglês nítido, correto e “puro”.

No entanto, esta perspectiva contrasta com a de Akel (2009), que, apesar de destacar sua coragem e determinação, adota um olhar mais crítico ao identificar inconstâncias na obra *Journal of a residence in Chile*. Para a autora, o conteúdo deste livro de viagem pode ter sido alterado, evidenciando uma preocupação da inglesa em construir uma imagem pública cuidadosamente elaborada. “É possível que Maria Graham, escrevendo vários meses após

<sup>41</sup> A estrutura adotada pela biógrafa segue uma organização cronológica, com capítulos que correspondem às diferentes fases das suas viagens, estabelecendo os eventos em diferentes países como marcos temporais da narrativa.

<sup>42</sup> Texto original: “[...] evidently crudely accurate, and wonderfully good as to perspective and proportion, but chiefly notable for the courage and dashing intrepidity shown by her choice of subjects. Nothing daunted her (except the figure); whole coastlines, mountain panoramas close-ups of elaborate Indian temples, forest growth-all are attempted with wonderful success, considering how small was her claim to be an artist; and, whenever she can include one of her beloved three-masted ships, it is beautifully and delicately drawn” (Gotch, 1937, p. 167).

esses eventos, decidiu adornar sua descrição ao adicionar elementos coloridos e mesmo exóticos à sua narrativa” (Akel, 2009, p. 132, tradução minha)<sup>43</sup>. Neste sentido, enquanto Gotch (1937) “aceita” os relatos como autênticos, Akel (2009) enfatiza a artificialidade de certas descrições.

Para Akel (2009), a viajante apresentava dois registros: um público e outro privado. Sua preocupação residia na construção de uma imagem específica para seus leitores, resultando na “autorrepresentação de uma meticulosa, precisa e minuciosa mulher das letras” (Akel, 2009, p. 124, tradução minha).<sup>44</sup> Esta duplicidade, muitas vezes originada do método de escrita em notas pouco revisadas, entra em conflito com a imagem de viajante cuidadosa reforçada por Gotch<sup>45</sup>.

Ao incorporar os diários de viagem de Maria Graham em sua análise biográfica, Akel (2009) enfatiza o modo como a viajante desafiou as normas de gênero ao escrever sobre temas relacionados à morte, à dor, a sacrifícios e a rituais funerários, como o *sati*, prática hindu no qual as viúvas se queimavam em uma pira funerária após a morte dos maridos. Maria Graham, portanto, ressignificou discursos tradicionalmente masculinos. Além disso, ela destaca a ambivalência da sua escrita: ora clássica e “recatada”, ora disruptiva e romântica.

Como mulher, a história de vida dela testemunha sua resistência à conformidade. Como escritora, ela se rebelou contra o estereótipo ao invadir espaços reservados a homens, como descrições detalhadas de acidentes, ritos funerários, corpos insepultos (não enterrados), sacrifícios humanos e mesmo a prática do *sati*, se tornando, às vezes, a heroína das suas próprias histórias. Este traço sugere também que ela compartilhava da preocupação Romântica com a tortura, a dor e a morte. Contudo ela poderia também ser ambivalente. Por um lado, ela se conformou aos padrões literários aceitos, visto que ela era clássica em seus gostos, cuidadosa na construção de suas frases, distante em sua atitude com relação ao tema e tradicional em sua ética. Por outro lado, ela foi uma rebelde por obedecer por vezes aos ditados Românticos, que emanavam de um movimento que era, em sua essência, disruptivo (Akel, 2009, p. 34, tradução minha).<sup>46</sup>

<sup>43</sup> Texto original: “It is possible that Maria Graham, writing several months after these events, decided to adorn her description by adding colorful and even exotic elements to her narrative” (Akel, 2009, p. 132).

<sup>44</sup> Texto original: “Self-representation of a meticulous, accurate, and thorough woman of letters” (Akel, 2009, p. 124).

<sup>45</sup> Em contraposição à sua argumentação, Akel (2009) menciona a ideia de outra biógrafa, Elizabeth Marvor, que afirma que Maria Graham narrou verdadeiramente os acontecimentos, e, caso não tivesse presenciado os eventos narrados, a viajante perguntava para outras pessoas e consultava diferentes fontes, como cartas, jornais e documentos oficiais.

<sup>46</sup> Texto original: “As a woman, her life story bears witness to her resistance to conformity. As a writer, she rebelled against the feminine stereotype by breaking into spaces reserved for men, such as detailed descriptions of accidents, funeral rites, unburied bodies, human sacrifices, and even the practice of *sati*, and by becoming at times the heroine in her own stories. This trait suggests as well

A personalidade literária de Maria Graham variava de acordo com o contexto: na Índia, assumia o papel de representante da Grã-Bretanha; no Brasil, chegou a se projetar como viajante masculino (independente, aventureiro e naturalista), reforçando em sua escrita a “missão moral” britânica que legitimava o colonialismo (Akel, 2009). Ao descrever o período em que a viajante morou em Laranjeiras, zona rural do Rio de Janeiro, a autora observa:

Assim que consegue algum dinheiro da venda de seus talheres, ela compra um cavalo e constrói para si própria a imagem do viajante (masculino) europeu independente, aventureiro e naturalista. A imagem é o contrário daquela heroína romântica que ela por vezes tentou esboçar e não se relaciona com o observador sem gênero e desapegado da maioria dos seus diários (Akel, 2009, p. 212, tradução minha).<sup>47</sup>

Desta forma, Maria Graham não apenas descrevia o mundo, mas também narrava a si mesma, ora respeitando as convenções sociais impostas às mulheres de sua época, ora tensionando estas normas com posturas associadas ao masculino (Akel, 2009). Esta construção narrativa é, como sugere Dosse (2016), um campo de disputas interpretativas.

Esta multiplicidade de interpretações é evidenciada nas três biografias analisadas. Gotch (1937) exalta a figura de uma mulher frágil fisicamente, mas de coragem inabalável. Akel (2009), por outro lado, propõe uma leitura crítica que evidencia contradições, ambivalências e estratégias de autorrepresentação. Já o chileno Tomás Lago (2000) adota outra perspectiva: busca inscrevê-la em uma narrativa nacional chilena.

Um dos elementos destacados por Lago (2000) é a alta habilidade de Maria Graham em descrever os eventos políticos e sociais do Chile, bem como os aspectos ligados à história natural e à vida cotidiana. Segundo o autor, ler uma página do seu diário traz a sensação de estar vivendo os acontecimentos políticos do Oitocentos.

Esta valorização do conteúdo político leva Lago (2000) a interpretar a escrita de Maria Graham como uma representação do contexto em que estava inserida, pois seus escritos

---

that she shared the Romantic preoccupation with torture, pain, and death. Yet she could also be ambivalent. On the one hand, she conformed to accepted literary standards as she was classical in her tastes, careful in the construction of her sentences, distant in her attitude to her subject, and traditional in her ethics. On the other hand, she was a rebel by obeying at times the Romantic dictates, which emanated from a movement that was, in its essence, disruptive” (Akel, 2009, p. 34).

<sup>47</sup> Texto original: “As soon as she obtains some money by the sale of her cutlery, she buys a horse and constructs for herself the image of the (masculine) independent European traveler, adventurer, and naturalist. The image is quite the opposite of that of the romantic heroine she at times attempted to sketch, nor does it relate to the genderless detached observer of most of her journals” (Akel, 2009, p. 212).

refletiam os ideais da sua classe e nação, e não o diário de uma mulher inglesa. Deste modo, o biógrafo sugere que não era comum uma senhora se interessar pelos assuntos políticos do país; por esta razão, seu livro se parece mais com um relatório da Marinha, já que entre os homens viajantes era comum este tipo de relato.

Às vezes, suas reflexões e anotações são tão representativas da sua classe e nação que mais parecem um relatório profissional do Almirantado que anotações pessoais do diário de uma dama. Ela vê o mundo exterior como um mapa em branco, o semidesenhado, cheio de imperfeições que a Inglaterra deveria corrigir (Lago, 2000, p. 15, tradução minha).<sup>48</sup>

Partindo desta interpretação, o autor associa Maria Graham à tradição de Samuel Johnson<sup>49</sup>, escritor cuja produção marcou o contexto romântico. Assim como Akel (2009), Lago (2000) reconhece a presença do romantismo em sua obra, mas enfatiza sua erudição e o papel central dos livros e do estudo em sua vida<sup>50</sup>.

É que a Maria era, antes de tudo, um caráter, uma mente, um espírito desenvolvido mediante o amor ao estudo. A vida e os livros, o mar e os livros: ação e fantasia. A história de sua vida, narrada por ela mesma, é a história dos livros que leu, dos estudos que realizou e dos acontecimentos dos quais participou (Lago, 2000, p. 36, tradução minha).<sup>51</sup>

Além do romantismo, a escrita literária de Maria Graham abrangeu o tema da escravidão. Neste ponto, Akel (2009) e Porto (2017) apresentam leituras contrastantes: enquanto Akel (2009, p. 100, tradução minha) entende sua posição como ambivalente e desprovida de compromisso abolicionista, uma vez que a viajante “atuava mais como uma repórter do que como uma participante dos debates”<sup>52</sup>, Porto (2017, p. 106) a reconhece como uma “propagadora da liberdade pelo mundo”, destacando seu diário como um importante

<sup>48</sup> Texto original: “A veces sus reflexiones y apuntes son tan representativos de su clase y nación que más parecen un *report* profesional del Almirantazgo que apuntes personales del diario de una dama. Ella ve el mundo exterior como un mapa en blanco, o semidibujado, lleno de imperfecciones que Inglaterra debería corregir” (Lago, 2000, p. 15).

<sup>49</sup> Samuel Johnson faleceu um ano antes do nascimento de Maria Graham.

<sup>50</sup> Sobre o período romântico, ver os estudos *Nineteenth-century women poets: an Oxford anthology* (1997), de Isobel Armstrong; *The female romantics: nineteenth-century women novelists and byronism* (2013), de Caroline Franklin; e *England in the age of Austen* (2021), de Jeremy Black.

<sup>51</sup> Texto original: “Es que María era ante todo um carácter, una mente, un espíritu desarrollado mediante el amor al estudio. La vida y los libros, el mar y los libros: acción y fantasía. La historia de su vida relatada por ella es la historia de los libros que leyó, de los estudios que hizo y los hechos em que le tocó participar” (Lago, 2000, p. 36).

<sup>52</sup> Texto original: “Acting more as a reporter than as a participant in the clash of ideas” (Akel, 2009, p. 100).

documento que denunciou os maus-tratos infligidos aos escravizados e contribuiu para a discussão deste tema na Inglaterra.

O contraste também se observa nas avaliações sobre suas obras. Lago (2000, p. 74) enaltece o diário chileno, mas critica o *Journal of a residence in India* (1812), considerado por ele um “livro tosco, manchado de água do mar, cuja existência só foi conhecida após sua morte”.<sup>53</sup> Já Akel (2009) questiona a autenticidade do *Diario de su residencia en Chile*. Em ambos os casos, percebe-se que cada biógrafo privilegiou uma obra específica, seja para enaltecê-la ou para relativizar sua importância.

A posição adotada por Lago (2000), portanto, aproxima-se da perspectiva apresentada por Porto (2019), que interpreta Maria Graham como uma observadora atenta aos acontecimentos políticos e sociais no império, desempenhando o papel de uma cronista de guerra. Isso significa que, consciente da realidade política do país, a viajante tinha a intenção de “construir narrativas historiográficas, que pudessem servir de fontes para os historiadores do futuro” (Porto, 2019, p. 15), atribuindo à sua escrita um caráter documental que ultrapassa a literatura de viagem.

## 1.2 ESCRITAS DE SI: *REMINISCENCES* E *EARLY DAYS AND HOME LIFE*

Nos anos finais de suas vidas, Maria Graham e Marianne North se dedicaram à escrita autobiográfica, mas ambas deixaram obras inacabadas. Maria Graham produziu *Reminiscences*<sup>54</sup> entre 1836 e 1846, quando já estava doente, ditando trechos a Caroline Fox. O manuscrito só veio a público em 1937, incluído por Rosamund Gotch na sua biografia. Marianne North, por sua vez, deixou rascunhos e cartas que, após sua morte, foram organizados pela irmã Catherine Symonds e publicados em 1892 sob o título *Recollections of a happy life*. O primeiro capítulo, “Early days and home life”<sup>55</sup>, é o que mais se aproxima de uma autobiografia no sentido “clássico”, ao narrar os primeiros anos de vida da viajante.

---

<sup>53</sup> Texto original: “Un tosco libro, forrado en pergamino, manchado con agua de mar cuya existencia sólo si conoció después de su muerte” (Lago, 2000, p. 74).

<sup>54</sup> *Reminiscences* termina com a nota de William Hutchins Callcott, sobrinho de Augustus Callcott, informando que o leito de doente de Maria Graham havia se tornado um leito de morte. Devido à ruptura inesperada, o texto não inclui menções ao primeiro marido, Thomas Graham, tampouco às viagens e à atuação na literatura. Consequentemente, não é possível identificar seu olhar acerca da própria experiência profissional, com todos os desafios e discussões, e lançar luz na sua trajetória nas letras e na botânica. Tais informações são observadas na série de correspondências trocadas entre suas redes de sociabilidade.

<sup>55</sup> A natureza exata desta produção é complexa de se definir, uma vez que diferentes autores a interpretam de formas diversas. Sheffield (1997), por exemplo, analisa a obra sob uma perspectiva

Ambas as obras evidenciam os limites da memória e o esforço de linearidade que, como lembra Bourdieu (2006), conformam a “ilusão biográfica”. Maria Graham admitiu não ter a intenção de registrar todos os sentimentos ou fatos vividos, mas fez uma seleção de acontecimentos que julgava relevantes para sua narrativa pessoal (Graham *apud* Gotch, 1937). Marianne North, de forma semelhante, reviveu lembranças em cartas e rascunhos, reescrevendo episódios de modo a dar-lhes coerência e sentido (North, 1980).

O exercício da escrita de si é uma atividade que adquire significados específicos com o surgimento do indivíduo moderno ocidental no século XVIII. O processo de construção de identidade, a valorização do “eu” e a consagração do sujeito na sociedade são aspectos que contribuíram para a produção de biografias e autobiografias (Levillain, 1996; Gomes, 2004b).

Uma narrativa autobiográfica é um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua vida individual, em particular a história de sua personalidade” (Lejeune, 2014, p. 16). É a representação de fatos com base na memória do escritor, isto é, um texto autorreferencial (Jozef, 1998). Lejeune (2014) afirma que o leitor pode questionar a veracidade das informações, com exceção da sua identidade, e assim colabora para a existência de um pacto fora do texto, enquanto há uma realidade para além da narrativa.

O indivíduo, ao escrever sobre si, objetiva selecionar fatos com significados, sentidos e conexões. Seu desejo é atribuir uma explicação para a vida, porém não é possível compreender uma trajetória por meio de uma linha linear, repleta de eventos sucessivos e únicos (Bourdieu, 2006; Dosse, 2016). É neste sentido que Bourdieu (2006) aponta para o conceito de “ilusão biográfica”, ou seja, o “eu” não é coerente e contínuo e a vida nem sempre tem uma lógica, tampouco um início, meio e fim. “A ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente traz em si boa dose de engodo e ilusão” (Dosse, 2016, p. 14).

Para compreender uma trajetória, é preciso entender os estados nos quais a vida se desenrolou e as relações sociais construídas. A vida de um indivíduo, além de fazer um

---

autobiográfica. Em seu trabalho *Beyond the mask of gender: three victorian scientist-naturalists*, ela observou o conteúdo a partir das lentes do gênero, da arte e da ciência, interpretando os relatos sobre si de Marianne North e suas produções pictóricas. Deste modo, a pesquisadora posiciona os dois volumes de *Recollections of a happy life* a partir de uma característica autobiográfica. Semelhantemente ao enfoque adotado no trabalho de Maria Graham, a análise busca apresentar os primeiros anos da vida de Marianne North por meio do capítulo “Early days and home life”, que assume diretamente a natureza autobiográfica. Além disso, à medida que os capítulos subsequentes da obra são examinados, serão observados a partir da perspectiva da literatura de viagem, e não de uma autobiografia.

percurso que se altera, contém a decomposição do tempo em diferentes categorias. Não cabe ao historiador examinar sua veracidade, e sim analisar a visão e o modo pelo qual o narrador se expressa e constrói a sua “verdade” (Gomes, 2004b; Bourdieu, 2006). Deste modo, em razão do caráter subjetivo e híbrido deste tipo documental, o pesquisador precisa estar atento para manter uma postura crítica e, especialmente, para problematizar as falas do personagem na tentativa de não as reproduzir, mas entendê-las enquanto escritas com “regras discursivas próprias” (Motta, 2015, p. 104).

Apesar da subjetividade inserida neste tipo de fonte, a autobiografia é um documento relevante para o entendimento da visão de mundo e da identidade de determinado personagem. Por ser considerado um texto de caráter privado, sua escrita era amplamente realizada pelas mulheres alfabetizadas de classes altas, principalmente no século XIX (Araújo, 1997). Embora o número de autobiografias masculinas, sobretudo de reis, príncipes e políticos, seja superior às produções “femininas”, com a ampliação das fontes para o trabalho do historiador e a abertura de novas temáticas de análises, elas se tornaram importantes para os estudos de mulheres viajantes oitocentistas e para entender e construir uma história das mulheres e das relações de gênero<sup>56</sup>.

De acordo com Sheffield (1997), há elementos que caracterizam a escrita autobiográfica “feminina” no século XIX. Os escritos de si carregavam detalhes do cotidiano e das relações familiares e eram fragmentados. Geralmente, não havia um propósito de narrativa, diferentemente dos homens, que centravam sua análise nos aspectos do profissional. Assim como se observa nos relatos de viagem, as mulheres buscavam minimizar suas realizações e conquistas para apresentar uma imagem “modesta”. Deste modo, elas escreviam “lembranças” ou “reminiscências”, pois era o formato incentivado às mulheres<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> A perspectiva crítica também se estende à consideração do viés de gênero, como destacado por Araújo (1997), que observa a importância de reconhecer as trajetórias das mulheres, muitas vezes excluídas da narrativa histórica, e evitar a redução da escrita “feminina” a meras experiências pessoais. A autora ressalta a necessidade de reflexão sobre a construção, a referência e a textualidade de uma escrita de si, apontando três chaves fundamentais para a interpretação de textos autobiográficos.

<sup>57</sup> O ato de ler um relato autobiográfico do seu objeto de pesquisa é um exercício interessante. Nele, o indivíduo narra sua trajetória pessoal, ao mesmo tempo em que seleciona o que considera importante sobre sua vida, isto é, o narrador compartilha o “ele quer que você saiba sobre a vida dele” (Bourdieu, 2006; Dosse, 2016). Mesmo quando lidamos com manuscritos editados de figuras como Maria Graham e Marianne North, é fundamental reconhecer que estas fontes carregam um recorte muito específico das visões das viajantes. Por esta razão, tomou-se o cuidado para não cair em “armadilhas”. Como toda fonte histórica, é necessário que o pesquisador tenha uma postura crítica e atenta na sua leitura.

Marianne North escreveu “lembranças”, e Maria Graham, “reminiscências”. Ambas elaboraram as autobiografias nos anos finais de suas vidas, especificamente quando estavam doentes. Como vem sendo discutido até aqui, elas não conseguiram finalizar seus escritos, o que resultou na impossibilidade de publicação das suas narrativas. Os documentos vieram a público futuramente por ações de pessoas do núcleo familiar: Maria Graham, por meio da sobrinha-neta, e Marianne North, através da sua irmã.

Segundo Gotch (1937, p. 89, tradução minha), o manuscrito original de Maria Graham sofreu omissões de “conversas de interesse duvidoso, comentários e extratos de livros lidos na época e uma pequena passagem muito íntima”.<sup>58</sup> No caso de Marianne North, Sheffield (1997) supõe que sua irmã, Catherine Symonds, tenha acrescentado o termo “lembranças” no título das suas recordações de viagens, oferecendo, deste modo, diferentes significados ao manuscrito. A autobiografia, por sua natureza, é centrada no indivíduo, enquanto as “recordações” podem ser comparadas à literatura de viagem.

Embora persistam incertezas quanto à natureza do manuscrito que deu origem ao documento publicado, os escritos das personagens carregam representações da figura paterna. No caso de Maria Graham, seu pai, Georges Dundas, aparece em passagens da infância e da juventude, sobretudo em função da sua carreira marítima, que o mantinha frequentemente distante. Esta ausência, contudo, não o apagou da narrativa, já que surge como referência mais mencionada do que a própria mãe, Ann Thompson.

Já na autobiografia de Marianne North, o pai, Frederick North, é a figura mais citada. Suas raras menções à mãe estão ligadas ao contexto do relacionamento com o marido. Não por acaso, as primeiras palavras de *Early days and home life* são dedicadas inteiramente a Frederick North.

Ele foi do começo ao fim o maior amigo e ídolo de minha vida, e longe dele eu tinha poucas alegrias e nenhum segredo. Ele me carregava nos ombros pelos morros acima e para longe, descendo até a praia para ver os barcos pesqueiros atracar e os montes de peixes brilhantes e escorregadios serem contados e vendidos em leilão holandês. Lembro-me bem dos velhos pescadores, cobertos com escamas prateadas, gritando: “Deem passagem para o senhor North e sua garotinha!”, me dando tapinhas gentis com enormes mãos salgadas, quando eu passava através da multidão empoleirada no alto dos ombros de meu pai (North, 2001, p. 48).

---

<sup>58</sup> Texto original: “Conversations of doubtful interest, remarks on, and extracts from, books being read at the time, and a short passage too intimate for publication” (Gotch, 1937, p. 89).

Em suma, Frederick North foi o personagem que mais apareceu na narrativa autobiográfica. Na infância de Marianne North, ele era o herói que a protegia durante as travessias de túneis e pontes, bastando um abraço para estar segura dos perigos do mundo. Ele também era gentil e estava sempre disposto a ajudar sua esposa. No âmbito político, Frederick era um liberal e fazia parte do grupo chamado St. Stephen's Club. Em 1865, ele perdeu a eleição geral. Neste momento, pai e filha realizaram uma viagem para o Oriente. Anos mais tarde, Frederick conseguiu se reeleger, mas uma petição resultou na sua destituição do cargo. Na visão de Marianne North, os conflitos políticos colaboraram para o falecimento do pai<sup>59</sup>.

Isso foi muito humilhante para o coitado do meu pai, que lutou a vida toda contra o suborno. É melhor não escrever mais nada sobre o assunto, pois isso iria apenas aborrecer os leitores e prejudicar o meu humor. A própria implicação de práticas corruptas partiu seu coração, embora ele soubesse que seu nome tivesse sido mencionado apenas por sua conexão com o senhor Brassey, que tinha a reputação de ser muito rico, mas que sempre mostrou muita consideração a ele em todo esse assunto (North, 2001, p. 67).

Quando seu pai faleceu, Marianne North deixou os negócios na responsabilidade do antigo amigo, Hunt de Lewes (North, 2001).

A imagem de Frederick North manteve-se ao longo da autobiografia. A perspectiva de Marianne North o retrata como um homem bom, honesto, trabalhador, gentil e companheiro. Na posição de filha, é natural que a viajante o defendesse das acusações de corrupção. Ela sofreu muito com o falecimento do pai. Todavia tal acontecimento a impulsionou a embarcar em uma jornada pelo mundo.

Morgan (1993) acredita que Frederick North foi o grande amor da vida de Marianne North. Corroborando com a ideia apresentada pela viajante, a autora sustenta que a inglesa apreciou a vida que compartilhou com seu pai, pois não há registros de qualquer queixa por parte dela em relação a esse período. Ele foi o responsável por apresentar o mundo da botânica à artista, tendo em vista que caçaram juntos, pintaram e realizaram coletas de espécies naturais. Além disso, Frederick North foi o mediador das relações entre Marianne North e outros intelectuais e naturalistas. Portanto, sua carreira artística só foi viável graças à sua origem naquela família, o que proporcionou as oportunidades de viagem e o envolvimento em atividades botânicas (Sheffield, 1997).

---

<sup>59</sup> Com relação à imagem da mãe, Marianne North recorda os episódios em que Janet North organizou uma aula de catecismo, com o objetivo de chamar mais pessoas para a igreja metodista, e, também, de quando criou um curso de alfabetização noturna para homens (North, 2001).

Frederick North faleceu em 1869. Nos escritos autobiográficos, Marianne North recorda que suas últimas palavras foram “venha me dar um beijo, Pop, eu vou só dormir” (North, 2001, p. 67). E, então, ele nunca mais acordou. “Pop” era o apelido de Marianne North e o nome pelo qual seu pai frequentemente lhe chamava. Significava “pipoca” ou “estalo”, em alusão ao seu comportamento agitado (Bandeira, 2012). Curiosamente, Maria Graham também teve um apelido similar durante a infância, sendo chamada de “tiger” devido às suas maneiras consideradas “não convencionais” para uma menina inglesa (Graham *apud* Gotch, 1937).

É interessante observar a ausência da figura materna nos escritos das viajantes. Pouco se sabe sobre as relações entre mães e filhas, o que sugere a predominância da figura masculina nas suas formações. Quando as viajantes evocam lembranças de suas infâncias, são as imagens paternas que ganham destaque, ocupando lugar central nas suas memórias.

Ainda com relação à figura masculina, Maria Graham e Marianne North vivenciaram uma grande perda. Maria Graham sofreu com a morte do marido durante a viagem para o Chile e Marianne North perdeu o principal companheiro, seu pai.

Marianne North expressava seu sentimento de luto aos amigos Arthur Burnell e Amelia Edwards. Quase dez anos após o falecimento de Frederick North, a viajante se sentia triste sem a presença do pai:

Desde que meu pai deixou de me aconselhar, tenho-me deixado levar com o doce sorriso dele na memória, pintando apenas para me manter tranquila e não incomodar meus vizinhos mais do que o necessário; e, quando encontro um lugar agradável e silencioso como este, tendo a permanecer nele (North, 1878b, tradução minha).<sup>60</sup>

Já Maria Graham lembrava-se do falecido marido nas narrativas de viagem.

Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos se tenham passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de 3 de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. [...] Muitas coisas dolorosas ocorreram. [...] Tive o consolo de sentir que nenhuma mão estranha havia fechado os olhos de meu marido, ou amaciado o travesseiro (Graham, 1956, p. 231-232).

---

<sup>60</sup> Trecho original: “Since my father ceased telling me I have drifted with his sweet smile in my memory, merely painting to keep myself quiet and not to worry my neighbours more than I can help, and when I get into nice quiet quarters like this I am apt to stay” (North, 1878b).

A perda da figura masculina representou um marco nas trajetórias das viajantes, e as fontes evidenciam os sentimentos de luto e tristeza que acompanharam esse momento. O fato de esta centralidade recair sobre a presença masculina reflete a lógica patriarcal da sociedade britânica. Assim, o contexto social e cultural vivido por Maria Graham e Marianne North aproxima-se em vários aspectos.

O relato autobiográfico assemelha-se a uma espécie de síntese da vida, para que o outro tenha conhecimento de tudo o que o autor vivenciou. São escritos que carregam o sentimento de deixar uma ou várias imagens em “caixinhas” de memórias para a posteridade (Bourdieu, 2006; Dosse, 2016). Enquanto Maria Graham demonstrava seu amor pela literatura, Marianne North era apaixonada pela botânica e pela música. Os escritos de Marianne North, imersos no período vitoriano, revelam a imagem de boa filha e obediente ao pai (Sheffield, 1997), diferentemente de Maria Graham, que, em alguns momentos, foi uma “tiger”.

Enquanto Maria Graham destacou sua formação em internatos e o processo de “civilização” pela instrução clássica e pelo convívio com círculos intelectuais, Marianne North apresentou uma educação fragmentada, pouco vinculada à escola, mas marcada pelas experiências de viagem. Maria Graham retratou-se como uma jovem entre a curiosidade “selvagem” da infância e a disciplina dos livros e das bibliotecas, enquanto Marianne North enfatizou a música, a pintura botânica e as leituras literárias como pilares de sua formação. Se, para Maria Graham, a solidão era atenuada pelo estudo, para Marianne North, os momentos luminosos eram aqueles compartilhados com o pai ou dedicados às artes e à natureza (Graham *apud* Gotch, 1937; North, 1980). Ambas, porém, transformaram as limitações da educação “feminina” do século XIX em caminhos de curiosidade e aprendizado.

Os textos autobiográficos, portanto, apresentam como as mulheres viajantes se apropriaram da escrita de si para projetar identidades que buscavam ser coerentes. Maria Graham elabora uma narrativa em que se apresenta como uma intelectual resiliente, capaz de resistir às adversidades da vida pessoal e da sociedade patriarcal (Gotch, 1937; Lago, 2000; Akel, 2009). Marianne North, por sua vez, constrói a imagem de filha dedicada, cuja autonomia foi conquistada a partir da experiência compartilhada com o pai (Sheffield, 1997; Gladston, 2012; Gazzola, 2001).

### 1.2.1 Viajantes oitocentistas: mulheres frágeis, vulneráveis ou solitárias?

Como vem sendo discutido neste capítulo, as representações elaboradas tanto por biógrafos e estudiosos quanto pelas próprias viajantes apontam para mulheres corajosas e intrépidas (Gotch, 1937; Morgan, 1993; Sheffield, 1997; Akel, 2009; Gladston, 2012).

Apesar da tuberculose e da viuvez, Maria Graham permaneceu em sua estadia no Império do Brasil e no Chile e não deixou que a tristeza de perder o marido a impossibilitasse de visitar as terras chilenas, tampouco que as dores em seu corpo fossem um empecilho para continuar sua jornada. Além disso, a solidão e as dificuldades de estar em território desconhecido não foram obstáculos para o retorno ao Império brasileiro. A título de exemplo, em um episódio ocorrido durante sua residência em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, Maria Graham descreveu o momento em que tentaram invadir sua casa.

Como a janela ficava a uma grande distância do terreno, o que era uma grande vantagem para nós, tomei minha machadinha e fiquei junto dela, decidida, se aparecesse um invasor solitário, a golpear-lhe a mão se abrisse a janela, fazendo-o assim perder o seu ponto de apoio e cair. [...] Gritei então, tão alto quanto pude – “Quem está na janela? – Fale! Se for amigo diga o que quiser, se não, saia imediatamente, porque vou atirar!” A ideia deu certo, pois logo ouvimos alguém quebrando os galhos, e saltando na estrada muito abaixo. No dia seguinte as pegadas eram visíveis e os ramos quebrados de baunilha e de café mostravam o caminho pelo qual o intruso havia fugido. Eu sempre pensei que não deveria ter sido mais que um pobre escravo fugido, que estando perseguido, e não sabendo que a minha casa estava ainda habitada, havia tentado abrigar-se ali (Graham, 1997, p. 114-115).

Sem armas, Maria Graham recorreu à encenação de estar armada para dissuadir o invasor. Episódios como este demonstram que, embora os diários de viagem transmitam por vezes a imagem de uma viúva solitária, a própria experiência apresenta sua coragem diante das adversidades. Como já destacado, a inglesa percorreu longas distâncias a pé e a cavalo, contemplou os Andes, enfrentou o terremoto chileno de 1822 e, mais tarde, retornou ao Império do Brasil, onde sobreviveu com poucos recursos até conseguir embarcar de volta à Inglaterra.

De modo semelhante, Marianne North, após a morte de seu pai, encontrou em seus objetivos de vida (viajar, estudar e registrar a flora do mundo) forças para prosseguir. A ausência de companhia não a impediu de embarcar sozinha em navios e se lançar a expedições perigosas. Durante a busca pela *Araucaria imbricata* no Chile, registrou as advertências que recebeu:

Não foi fácil descobrir como chegar até essas florestas. As pessoas falavam de dificuldades e mesmo de perigos. Diziam que eu deveria dormir ao relento, seria comida por pumas ou raptada por índios, uma raça nobre que ainda não havia sido conquistada pelo homem branco [...] (North, 2001, p. 116).

Assim, ainda que doenças, desconfortos físicos e a solidão fossem companhias constantes, as viajantes procuraram demonstrar ao mundo sua independência e bravura (Gotch, 1937; Sheffield, 1997; Lago, 2000; Akel, 2009; Gladston, 2012). No entanto, esta imagem de força não elimina os traços de vulnerabilidade. Em seus relatos e cartas, Maria Graham e Marianne North também se apresentaram como mulheres doentes, solitárias e frágeis. Maria Graham enfrentou a “moléstia” que a acometeu após a morte do marido, Thomas Graham<sup>61</sup>, enquanto Marianne North relatava, de forma recorrente, as “vozes” que atormentavam sua cabeça e a busca por remédios para aliviar as dores:

O que os especialistas chamam de meus “nervos” me seguiam sempre, e o barulho daquele navio era tão perturbador que resolvi ficar uma semana em Lima e consultar com um velho médico alemão que o capitão considerava muito bom. Ele me deu o “brometo” de sempre, que fazia tanto efeito quanto água e torrada, e disse que eu não deveria tentar outra expedição e, sim, ficar em repouso absoluto no hotel (North, 2001, p. 117).

Morgan (1993) observa que a condição de “doente” dialogava com papéis “femininos” socialmente esperados, em que fragilidade e sensibilidade eram características normativas. Ao compartilharem seus males com o público leitor, as viajantes também reforçavam, ainda que involuntariamente, a imagem da mulher frágil.

As cartas de Marianne North para amigas como Amelia Edwards e Barbara Bodichon revelam suas queixas constantes contra o reumatismo, que a impedia de se mover em regiões de clima frio, como descreveu em Coonoor, na Índia:

As nuvens ficaram ao meu redor o dia todo com uma chuva úmida e enevoadada – que mal pode ser chamada de chuva – e meus tornozelos estão ficando rígidos e minha garganta dolorida – não é bom tentar viver no frio – a natureza me destinou para um lugar quente, e para um lugar bem quente eu irei, de acordo com alguns queridos parentes (North, 1878h, tradução minha).<sup>62</sup>

<sup>61</sup> Ver relato: “Minha saúde vai de mal a pior. Diverti-me estes dois dias com alguns jornais ingleses. Se alguma coisa puder reerguer minha saúde serão certamente as notícias da Inglaterra” (Graham, 1956, p. 284.)

<sup>62</sup> Texto original: “Clouds have been round me all day for a damp misty rain – hardly to be called rain – and my ankles are getting stiff and my throat sore – it is no good trying to live in cold – nature

Gotch (1937) também registra os anos finais de Maria Graham como um período de reclusão e doença, após um rompimento vascular que a deixou debilitada por mais de uma década<sup>63</sup>. Ainda assim, mesmo confinada, manteve intensas redes de sociabilidade e participação cultural, aconselhando artistas e escritores.

E agora, infelizmente, não existe muito a se dizer de sua vida que não seja triste – sempre excetuando o sucesso do seu pequeno livro sobre o qual sua fama repousa. Em algum momento de 1831, um rompimento sério de um vaso sanguíneo provocou a condição da doença crônica que duraria pelo resto da vida dela – longos 11 anos de confinamento, sofrimento e fraqueza; e nunca mais pôde aquela figura galante se juntar ao mundo dos homens e das mulheres em conversas ansiosas e trocas de ideias, fora das quatro paredes da sua própria casa. Pode-se apenas pensar nela agora como um tipo de ser *sibilino* (misterioso, enigmático) naquela velha casa em Kensington – às vezes tão doente que, por meses seguidos, ela ficava incapaz de segurar uma caneta, mas, sempre que estava bem o suficiente, estendia amizade e conselhos e simpatia a todos que vinham até ela. Seu ciclo de amigos era vasto – sua vida de curiosidades variadas havia proporcionado isso –, e pintores, jovens e velhos traziam seus trabalhos para a crítica e o conselho dela antes do terrível dia em que as pinturas seriam enviadas para a Royal Academy; terrível, isso é, para aqueles de fora da cerca, mas tanto acadêmicos quanto forasteiros [da área] aproveitavam a ajuda dela. E ela sempre estava pronta para ajudar o aspirante literário sempre que isso estava em seu poder (Gotch, 1937, p. 283, tradução minha).<sup>64</sup>

---

intended me for a hot place, and to a very hot place I shall go, according to some dear relations” (North, 1878h).

<sup>63</sup> Antes de falecer, Maria Graham detalhou as circunstâncias que a forçaram a permanecer acamada e dependente de cuidados alheios devido à precária saúde, apresentando uma profunda experiência de solidão (Gotch, 1937). Ver relato: “Se tornou uma questão de necessidade que eu deveria ser confinada dentro de casa, e, por várias razões que preocupavam a outros e não a mim, grande parte do tempo foi passada em solitude. Mas eu sempre tive acesso à biblioteca do meu tio. Eu sempre fui afeiçoada por leitura e desenho, de forma que, entre um curso de história, fazer extratos e notas, realizar impressões e fazer desenhos de caneta e tinta dos meus esboços escoceses, meu tempo estava bem preenchido” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 86-87, tradução minha). Relato original: “It became a matter of necessity that I should be closely confined indoors, and for various reasons which concerned others and not me, much of the time was passed in solitude. But I had always had the use of my uncle’s library. I was fond of reading and drawing, so what between a course of history, making extracts and notes, copying prints, and making pen and ink drawings from my Scotch sketches, my time was pretty well filled up” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 86-87).

<sup>64</sup> Texto original: “And now, unhappily, there is little more to be said of her life that is not sad- always excepting the success of the little book on which her fame rests. Sometime in 1831, the serious breaking of a blood-vessel brought about the condition of chronic illness which was to last for the rest of her life-eleven long years of close confinement, suffering and weakness; and never again could that active gallant figure join the world of men and women in eager talk and exchange of ideas, outside the four walls of her own home. One can only think of her now as a sort of Sibylline being in that old Kensington house-sometimes so ill that for months at a time she was unable to hold a pen, but, whenever she was well enough, extending friendship and advice and sympathy to everyone who came to her. Her circle of friends was vast-her curiously varied life had seen to that-and painters, young and old, would bring their works to her for criticism and advice before the

Como mencionado, além dos relatos sobre doenças, as mulheres escreveram sobre a solidão. Maria Graham se sentiu sozinha em vários momentos da sua vida, conforme o relato a seguir:

Eu estava agora razoavelmente introduzida na vida civilizada, e minhas relações expressavam a esperança de que eu deveria deixar de ser uma selvagem. Muitas vezes, pensei que eles não seguiram o caminho certo para conseguirem um fim tão desejável. Eles não fizeram nenhuma concessão por eu ter sido removida repentinamente de tudo que eu havia conhecido, amado, ou sido acostumada [...]. Se tivessem refletido por um momento, eles teriam percebido que o calor de um temperamento e paixão como o meu é raramente unido com um coração frio e insensível. Mas era para ser assim. Eu não tinha graças francesas e não podia afetá-los. Eles me trataram como uma insensível até eu quase me tornar uma. Depois disso, anos se passaram antes que eu mostrasse minha disposição natural em qualquer lugar além da escola, e, olhando para trás para essa distância de quarenta anos, fico quase surpresa de que o efeito sobre mim não tenha sido pior (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 32, tradução minha).<sup>65</sup>

Akel (2009) informa que as memórias de Maria Graham apresentam sentimentos de sofrimentos, que surgiram devido à ausência de afeto em sua infância e da não compreensão da aspiração intelectual na juventude, já que as mulheres não eram incentivadas aos ideais da instrução.

O sentimento de solidão presente em *Reminiscences* também é encontrado nos seus livros de viagem. É válido lembrar que a inglesa ressaltou um período de difícil vivência na América. Após perder o marido durante o trajeto para o Chile, a autora apresenta a imagem da mulher viúva, triste e desamparada nos livros que seriam publicados posteriormente na Inglaterra. No dia 15 de março de 1823, ela escreveu:

---

dread day when pictures were to be sent into the Royal Academy; dread, that is to say, for those outside the pale, but Academicians and outsiders alike availed themselves of her help. And always she was ready to give a hand to the struggling literary aspirant whenever it was in her power” (Gotch, 1937, p. 283).

<sup>65</sup> Texto original: “I was now fairly launched into civilized life, and my relations expressed a hope that I should cease to be a savage. I have often thought they did not take the right way to gain so desirable an end. They made no allowance for my having been suddenly removed from everything I had known, loved, or been accustomed to, [...] Had they reflected a moment, they would have perceived that a warmth of temper and passion like mine, is scarcely ever united with a cold insensible heart. But so it was to be. I had no French graces and could not affect them. They treated me as insensible till I almost became so. After that, years elapsed before I showed my natural disposition anywhere but at school, and on looking back to the distance of forty years ago, I am almost surprised that the effect upon me was not worse” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 32).

Levei Glennie para terra à tarde, e fui bastante tola para me entristecer por ter de abandonar meus companheiros de viagem, e mais tola ainda por me incomodar com a completa indiferença com que me viam partir: ambas as coisas talvez bastante naturais. Estou de novo sem ninguém a quem me arrimar, e sozinha no mundo, com minha carga de melancolia; eles têm diante de si os negócios e o prazer. [...] Nas minhas excursões já aprendi o bastante para não ser dependente; e assim, após algum tempo, consegui da venda próxima um chá aceitável para dar ao doente, e mandei-o deitar-se de ânimo bem levantado. Não tive tempo para sentir-me bastante abatida (Graham, 1956, p. 245).

Quando estava em Valparaíso, Maria Graham informou que seu único acalento era a leitura de jornais ingleses, já que talvez tenha sido a única forma de estar perto da sua terra natal. Separada de seus amigos, ela estava lutando contra a má condição de saúde. Em diversos trechos, a autora mencionou que estava doente, com os nervos irritados e melancólica. Sem a pretensão de fazer anacronismos, mas, ao observar os relatos com uma visão atual, é possível conjecturar que a viajante estava vivenciando sintomas sugestivos de depressão.

Como se pode perceber, as imagens das mulheres viajantes do século XIX oscilavam entre estereótipos de fragilidade e representações de coragem. Os episódios descritos corroboram com a argumentação de Bourdieu (2006) de que a experiência humana não segue uma trajetória linear. A documentação que retrata a vida de Maria Graham evidencia uma série de oscilações e mudanças ao longo da sua jornada. Inicialmente, há o registro de melancolia em sua infância, que depois se transforma em conforto ao imergir na literatura e ao ser inserida na sociedade aristocrática de Richmond. Entretanto esta “estabilidade” é abalada pela tristeza ao perder o marido durante a viagem ao Chile. Nesse momento, sua vida passou por uma reviravolta, já que ela estava distante do seu país de origem e teve de lidar com novas situações, como, por exemplo, o papel de professora da princesa Maria da Glória no Império do Brasil.

Ao se estabelecer no Paço, a princípio em uma posição de permanência, a viajante viu seu destino mudar novamente, quando foi demitida do cargo por d. Pedro I. Anos depois, de volta à Inglaterra, sua vida parece retornar ao “estado de equilíbrio”, quando se casou com Augustus Callcott. Nos últimos meses de vida, Maria Graham voltou a se sentir triste e solitária devido à sua condição de saúde.

De forma semelhante, Marianne North também vivenciou um percurso marcado por contrastes. Após a morte do pai, sua principal companhia, encontrou no projeto de viajar e documentar a flora mundial uma forma de redefinir seu lugar no mundo. Se, por um lado, a ausência de família a tornava vulnerável, por outro, esta solidão lhe ofereceu liberdade para

construir uma vida fora dos padrões sociais da Inglaterra vitoriana. Suas cartas e seus diários apresentam tanto a persistência das dores físicas e do reumatismo, que frequentemente a imobilizavam, quanto o entusiasmo diante da natureza exuberante que buscava registrar nas suas pinturas. A mesma mulher que se queixava da solidão em regiões frias da Índia também foi capaz de enfrentar viagens longas pelos Andes, desafiando alertas de que seria atacada por animais.

Esta sucessão de eventos e sentimentos, conforme apontam Bourdieu (2006) e Dosse (2016), ilustra a natureza fluida da vida, caracterizada pela alternância de sentimentos e pela mudança das percepções sobre si ao longo do tempo. As trajetórias de Maria Graham e Marianne North assemelham-se a uma “montanha-russa”, com momentos de coragem e ousadia intercalados por fases de medo, insegurança, solidão e tristeza.

Ao mesmo tempo em que se destacaram como mulheres intrépidas, capazes de enfrentar viagens perigosas e circunstâncias adversas, também demonstraram fragilidades. Esta ambivalência mostra que suas vidas não podem ser reduzidas a narrativas lineares de heroísmo ou de vulnerabilidade, mas devem ser compreendidas como um entrelaçamento complexo de sentimentos, marcado por tensões, hesitações e superações.

### **1.2.2 Autobiografias e a discussão de gênero**

As narrativas autobiográficas de Maria Graham e Marianne North permitem observar como as viajantes inglesas do século XIX negociaram, cada uma delas a seu modo, as normas de gênero que delimitavam os papéis sociais “femininos”. Embora situadas em contextos históricos distintos, ambas expressaram nos seus escritos indiferença ou até rejeição a códigos de conduta associados à feminilidade, como a moda, a dança e a sociabilidade aristocrática. Ao refletirem sobre educação, literatura, ciência, artes ou vida doméstica, Maria Graham e Marianne North apresentaram experiências que ora reforçavam, ora desafiavam as expectativas sociais.

No caso de Maria Graham, as memórias reunidas em *Reminiscences* apontam sua insatisfação diante de padrões de feminilidade: a indiferença e o incômodo com a moda e a relação social com o sexo masculino. A viajante reclamava das vestimentas e dos códigos de moda da sociedade inglesa e não entendia o motivo pelo qual as pessoas lhe obrigavam a usar

determinadas peças de roupa<sup>66</sup>. Um episódio ilustrativo ocorreu quando ela trocou de escola e sua nova governanta, Lady Throckmorton, lhe amarrava uma faixa mais apertada do que gostaria e dizia: “Você deve sofrer para ser bonita” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 61, tradução minha).<sup>67</sup>

Ao criticar as vestimentas do período, Maria Graham reitera que era uma pessoa simples, e, por não estar no padrão exigido para as mulheres da sua classe, fez com que se tornasse “menos apresentável” à sociedade aristocrática de Richmond. Segundo Akel (2009), a viajante não foi bem recebida pela sociedade porque não estava no comportamento exigido para as mulheres. Deste modo, ela construiu uma “persona” de heroína que se desviava do ideal “feminino”, que cumpria a função de esposa e mãe.

Os primos de Maria Graham ficaram surpresos com sua aparente falta de educação e a incapacidade de falar francês, uma vez que, naquele período, segundo a autora, era comum exaltar tudo o que chegava de Paris. Assim, era essencial adotar alguns aspectos da cultura francesa, como a língua, a moda e a literatura.

No momento do qual eu falo, um grande número da antiga nobreza da França tinha sido forçada para dentro deste país pelos primeiros atos da Revolução. Há muito tempo que a moda considerava tudo que vinha de Paris como perfeito. Não era só com relação aos modos de se vestir, mas a conduta e os sentimentos, e tudo que pode ser chamado de morais menores da vida, eram necessários para ser em certo grau francês, a fim de ser merecedor de boa companhia. As próprias crianças eram afrancesadas, para usar um termo vulgar; e qualquer pessoa tem apenas que ler algumas histórias da Madame de Genlis para jovens, publicadas por volta daquela época, para julgar quanta [quantidade] Arte e quão pouca Natureza era buscada, então, nas garotas, mesmo nas de sete anos de idade (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 18, tradução minha).<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Ver texto: “Os novos vestidos que me falaram em Liverpool eram ‘bem na moda’, meu novo casaco/sobretudo e, principalmente, meu chapéu roxo de castor com uma fivela de aço na frente eram pronunciadamente inadequados, e me apressaram até um armazém, onde, no decorrer de um único dia, fui completamente metamorfoseada [...]. Esse foi meu primeiro, mas, de jeito nenhum, o último sofrimento relacionado à moda criou em mim grande antipatia de vestidos e elegância (exagerada) que foram necessários muitos anos para superar” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 17, tradução minha). Texto original: “The new frocks that I had been told in Liverpool were quite the fashion, my new great coat, and above all my purple beaver hat with a steel buckle in front, were all pronounced unfit to wear, and I was hurried off to a warehouse, where, in the course of a single day, I was completely metamorphosed [...] This was my first, but by no means my last suffering in the cause of fashion, and created in me such a dislike of dress and finery as required years to overcome” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 17).

<sup>67</sup> Texto original: “Il faut souffrir pour être belle” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 61).

<sup>68</sup> Texto original: “At the time I speak of, a number of the old nobility of France had been driven into this country by the first acts of the Revolution. It had long been the fashion to consider all that came from Paris, as perfect. It was not only as to dress, but manners and sentiment, and all that may be called the minor morals of life, were required to be in a certain degree French, in order to be worthy

Desde o século XVII, a França se colocava como modelo de moda na Europa, com Paris como referência (Lipovetsky, 2009). As revistas de moda francesas, ao longo dos anos setecentos, circularam por várias regiões europeias, divulgando as notícias e ilustrações da moda parisiense, pois eram consideradas “técnica e esteticamente superiores” (Goebel, 2018, p. 55). Além disso, os emigrantes franceses que foram para Richmond depois da Revolução influenciaram a cultura e os costumes da região. “Você tinha que ser francês para estar na moda, tinha que se vestir francês, tinha que falar francês” (Lago, 2000, p. 55-56). Neste contexto, a recusa de Maria Graham em se “afrancesar” não era apenas uma questão estética, mas um gesto de resistência aos valores sociais que associavam feminilidade a padrões importados de comportamento e aparência (Akel, 2009).

As tensões de gênero também atravessaram suas experiências sociais. Maria Graham reclamava da segregação entre homens e mulheres e acreditava que esta diferenciação estava intrinsecamente ligada à educação, pois os homens recebiam uma instrução clássica. Apesar de ocuparem esferas semelhantes, as mulheres não eram livres para conversar sobre temas de “interesse em comum”. A viajante também mencionou que sua entrada na sociedade (possivelmente estava se referindo à sociedade aristocrática escocesa) foi solitária, tendo em vista que não teve ninguém para lhe guiar (Graham, 1937).

A perspectiva de Maria Graham era de que, na sociedade patriarcal inglesa do início do século XIX, era incomum que as mulheres conversassem “livremente” com os homens. Ela surpreendeu muitas pessoas com sua facilidade de comunicação com o sexo masculino, já que sempre tinha algum assunto para o diálogo e se interessava em aprender novos conteúdos (Graham, 1937).

Maria Graham apresentou um comentário ao fato de as mulheres não serem incentivadas e, por vezes, não terem oportunidade em relação ao estudo. Ela criticou indiretamente a sociedade inglesa, na qual as atividades eram delineadas com base nas distinções dos papéis sexuais. Em outras palavras, as mulheres eram confinadas às responsabilidades domésticas e os homens ocupavam-se com assuntos políticos (Franco, 2017). Devido às normas de gênero, a autora ouvia que suas habilidades literárias não combinavam com a posição que ocupava, pois suas atividades deveriam se restringir aos deveres domésticos de uma filha de um homem pobre.

---

of good company. The very children were Frenchified, to use a vulgar term; and one has only to read some of Madame de Genlis’s tales for young people, published about that time, to judge how much Art and how little Nature were then looked for in girls, even but seven years old” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 18).

Eu costumava ouvir que era uma pena que eu não fosse um garoto, porque, assim, meus talentos seriam de algum uso, mas nada de bom veio alguma vez a moças instruídas, que elas eram em geral extremamente arrogantes e inadequadas para qualquer coisa útil. Algumas rimas que uma vez eu escrevi foram prontamente condenadas às chamas por mostrarem uma disposição relativa a desejos incompatíveis com as tarefas do lar que deveriam ser seguidas pela filha de um homem tão pobre como meu pai. Tudo isso era muito insensato (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 33, tradução minha).<sup>69</sup>

Embora o número de escolas no interior e de universidades britânicas tenha sido significativo e a alfabetização doméstica fosse uma preocupação da Era Georgiana, a educação inglesa, segundo Hobsbawm (1997, p. 46) “era uma piada de mau gosto”. Não havia um ensino primário até que os anglicanos realizassem uma alfabetização em massa no início do século XIX. No fragmento a seguir, Maria Graham continuou seu discurso, expressando descontentamento com as restrições e as críticas que provavelmente recebeu ao longo da sua vida e enfatizando que a instrução e a literatura não significavam desvantagens para as mulheres.

Não há categoria na vida em que conhecimento literário e bom gosto podem ser uma desvantagem para uma mulher. Eles a tornam independente do que são denominados prazeres do mundo; eles podem animar a casa mais enfadonha. Uma memória guardada por eles [livros] é um recurso certo na doença e um conforto na pobreza quando as mãos devem ser empregadas em assuntos de plebeus (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 33, tradução minha).<sup>70</sup>

A educação, portanto, ocupa lugar central na sua narrativa, tanto pela lista extensa de leituras quanto pelas redes de sociabilidade que a aproximaram de figuras do Iluminismo, como Campbell e Thomas Lawrence. Akel (2009) acredita que estas interações formaram a base do caráter da viajante.

Dr. Moore viveu por alguns dos seus últimos anos de vida em Richmond. Em sua casa, eu vi pela primeira vez o Sr. Rogers, o Sr. Campbell, o Sr.

---

<sup>69</sup> Texto original: “I used to hear that it was a pity I was not a boy, for then my talents might be of some use, but no good ever came to learned ladies, that they were in general extremely conceited and unfit for anything useful. A few rhymes that I once hitched together were at once condemned to the flames as showing a disposition towards pursuits incompatible with the homely duties to be followed by the daughter of so poor a man as my father. This was all very injudicious” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 33).

<sup>70</sup> Texto original: “There is no class of life in which literary knowledge and taste can be a disadvantage to a woman. They render her independent of what are termed the pleasures of the world; they can cheer the dullest home. A memory stored by them is a sure resource in sickness, and a comfort in poverty when the hands must be employed in commoner affairs” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 33).

Thos, Lawrence e outros homens bem conhecidos. E os próprios filhos do Doutor, todos notáveis em suas diferentes profissões, eram pessoas que qualquer um seria grato por conhecer tão intimamente (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 58, tradução minha).<sup>71</sup>

Esta formação erudita, embora fruto de uma infância marcada pela solidão, consolidou a imagem de uma mulher que não se conformava às expectativas de gênero.

Marianne North também demonstrava desconforto em relação às normas de feminilidade. Assim como Maria Graham, mostrava-se indiferente à moda e ao ritual social, preferindo atividades intelectuais e artísticas. Sua autobiografia registra a aversão aos bailes e à sociabilidade aristocrática, que descrevia como um suplício: “Eu detestava sua arrumação e empertigamento, e a conversa perpétua sobre nabos, perdizes, ou corridas de meus companheiros” (North, 2001, p. 60).

Ao contrário de Maria Graham, que passou boa parte de sua juventude estudando em internatos, Marianne North apresentou sua educação de maneira fragmentada. Institucionalmente, a artista frequentou a escola de Madame de Wahl, irmã de Lady Eastlake, onde recebeu um ensino rotineiramente mecânico. Infelizmente, a autora não forneceu muitas informações sobre a natureza exata de sua educação. No entanto, na autobiografia, pode-se observar que Marianne North encontrava inspiração em suas leituras, como as obras de Walter Scott e Shakespeare para a literatura e *Robinson Crusoe* para a geografia. Ela, inclusive, afirmou que não tinha uma afinidade particular com a poesia moderna e que ficava feliz quando chegava a hora de ir embora da escola<sup>72</sup>. “Os únicos dias luminosos eram quando meu pai vinha para as sessões do tribunal ou qualquer outro assunto, e me levava com ele” (North, 2001, p. 53).

A educação de Marianne North ocorreu, principalmente, durante suas curtas temporadas de viagens realizadas na companhia do pai. Por mais que não estivesse vinculada em uma unidade escolar, a inglesa recebeu aulas particulares de professores nas áreas que mais a interessavam, como música e botânica. Durante uma estadia em Dresden, por exemplo, ela teve a oportunidade de estudar canto e música sacra com Cerccarelli, um renomado

---

<sup>71</sup> Texto original: “Dr. Moore lived for some of the latter years of his life at Richmond. In his house I first saw Mr. Rogers, Mr. Campbell, Sir Thos, Lawrence and other well-known men. And the Doctor’s own sons, all so very remarkable in their different professions, were persons anybody would be glad to have known so intimately” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 58).

<sup>72</sup> Ver texto: “Por fim a época feliz chegou e eu saí da escola. Não tinha passado muitos meses lá, mas eles me pareceram muito longos, e logo em seguida decidiu-se sair de Hastings Lodge e ir para o exterior por três anos” (North, 2001, p. 53).

músico da capela do rei. Segundo a autora, foi ele quem identificou que a voz de Marianne North era de contralto, e não de soprano (North, 2001).

Marianne North também teve outros professores, como, por exemplo, Herr Muller, madame Sehr e a senhora Dolby. No relato a seguir, a artista informou que uma das suas professoras de canto não apenas a instruiu sobre as óperas e missas de Mozart e as sonatas de Beethoven, mas também a levava para cantar na galeria do órgão na catedral, onde tinha a oportunidade de ouvir e aprender outras obras famosas (North, 2001).

Eu tinha uma velha e maravilhosa professora de canto que foi famosa na juventude e ficou conhecida em Praga como a “Rainha da Noite” na *Zauberflöte*, e ainda conseguia alcançar meia oitava (até fá) acima da linha melódica, com facilidade. Com ela, passei por todas as óperas e missas de Mozart, cantando e transpondo todos os solos e duetos; e entre cantar e tocar, eu passava, com frequência, oito horas por dia ao piano. Decorei muitas das sonatas de Beethoven. Minha velha professora também me levava para cantar entre suas filhas e alunos na galeria do órgão na catedral, onde ouvi grandes obras, inclusive a *Paixão de Bach* e *As Últimas Palavras de Haydn* (North, 2001, p. 56).

Como atestam as pesquisadoras, o texto de Marianne North é direcionado para destacar sua paixão pela música e pela botânica (Sheffield, 1997; Gladston, 2012). Neste sentido, seu olhar estava concentrado em mulheres que ocupavam posições nas respectivas áreas mencionadas. Quando viajou para Bruxelas, a personagem teve a oportunidade de se encontrar com duas mulheres cantoras, madame Sontag e senhora Norton. Segundo Sheffield (1997), quando viajava, Marianne North buscava apoiar e promover os trabalhos das mulheres com as quais se encontrava.

Jamais me esquecerei de duas pessoas que vi em Bruxelas: a madame Sontag e a senhora Norton. Esta última encontrei um dia conversando com minha mãe em nossa sala de visita, e sem saber nada sobre ela, fiquei muito impressionada com sua beleza imponente e sua voz profunda e sonora como um sino. Era uma verdadeira rainha. Já madame Sontag, ouvi apenas em um concerto, mas tendo ouvido uma vez, convenci meu pai a me levar a todas as suas récitas. Seu canto tinha um modo e uma perfeição característicos, e sua história, segundo ouvi, aumentou meu interesse por ela [...] (North, 2001, p. 60).

A música e a arte botânica tinham grandes valores para Marianne North. Embora tenha manifestado pouco interesse nas obras de poesia moderna, os livros de botânica, especificamente os de fungos britânicos, foram “devorados” pela artista. Sua principal diversão durante um verão foi colecionar e pintar as espécies de fungo encontradas em

Rougham. Além disso, em Londres, ela teve aulas de pintura floral com a senhora van Fowinkle, uma mulher holandesa, e aulas de pintura floral em aquarela com Bartholomew (North, 2001).

Marianne North afirmou que frequentava os jardins de Cheswick e Kew, onde costumava colher espécimes florais para depois pintar em casa. Foi durante uma de suas visitas no Kew Gardens que William Hooker presenteou-a com um cacho de *Amherstia nobilis*, um gesto que despertou ainda mais seu desejo de conhecer as terras nos trópicos. No entanto, as viagens para realizar este sonho só se tornaram viáveis após o falecimento de seu pai, Frederick North, já que exigiam o tempo de um longo período (North, 2001).

Apesar de alguns pontos semelhantes a Maria Graham, Marianne North não se casou e tampouco teve filhos. Os registros não evidenciam diretamente o relacionamento com alguma figura masculina. Ela viveu boa parte da sua vida sendo responsável pelos cuidados do pai, mantendo uma forte relação com a família. Embora Marianne North escrevesse pouco a respeito dos seus irmãos e da mãe, a autora constrói a imagem de “boa filha”, enfatizando a importância da unidade familiar, sobretudo na figura heroica do pai (Sheffield, 1997). Sua vivência é resumida em uma vida pacata e familiar, pois uma das coisas que mais gostava de fazer era andar a cavalo, pintar e cantar “sem medo de ser interrompida” (North, 2001, p. 60).

Na sociedade vitoriana, era comum que as mulheres assumissem o papel de filhas obedientes, pois tudo era regulado conforme as normas sociais.

[...] do discurso médico às leis que excluía mulheres de atividades das quais haviam começado a participar até os livros de conduta e manuais que regulamentavam tudo – educação dos filhos, gerenciamento da casa e da economia doméstica, etiqueta e comportamento, atividades profissionais e até mesmo viagens –, tudo revela a compulsão vitoriana ao controle e à imposição de uma visão reguladora da sociedade (Gazzola, 2001, p. 13).

Diferentemente de Maria Graham, que escreveu de forma crítica sobre as relações entre os sexos, a autobiografia e os relatos de viagem de Marianne North não são caracterizados pela presença do tema de gênero. A versão editada por sua irmã, Catherine Symonds, “apoia os costumes culturais do seu tempo” (Morgan, 1993, p. 22). Morgan (1993) acredita que ela editou as memórias para serem mais curtas e as moldou de acordo com as normas sociais da Era Vitoriana.

O estudo inédito de Moon (1978) comparou o livro publicado pela Editora Macmillan, o manuscrito guardado em Rougham e cartas selecionadas com base nos temas e nas datas dos episódios descritos na obra publicada. A conclusão da autora é que o manuscrito apresenta

diferenças em relação às cartas, dificultando-se determinar até que ponto a fonte da obra se fundamentou nas cartas de Marianne North.

Podemos supor que Marianne escreveu muitas cartas para vários amigos, descrevendo as mesmas cenas em termos apropriados para o destinatário, e, mais tarde, escolheu para seu livro a versão que parecia mais adequada. [...] Onde o manuscrito diverge das cartas sobreviventes, podemos concluir que, ao reler as cartas escritas, em alguns casos há uma década ou mais, Marianne reviveu em memória as experiências que ela havia descrito e decidiu recontá-las em palavras mais adequadas ou em mais detalhe (Moon, 1978, p. 499, tradução minha).<sup>73</sup>

O livro posteriormente publicado pela família de Marianne North é um compêndio que, embora tenha sido inicialmente esboçado pela viajante, possivelmente com base nas suas cartas ou em rascunhos realizados durante suas viagens, passou por um processo de edição, resultando em um conteúdo final de complexa categorização. Por esta razão, é difícil afirmar se o objeto se caracteriza como uma autobiografia ou um diário de viagem.

Na Inglaterra, o conjunto da obra foi publicado em 1892 e dividido em dois volumes<sup>74</sup>. O texto analisado nesta tese, sob a perspectiva de natureza autobiográfica, intitula-se *Early days and home life*. Neste capítulo, Marianne North relatou detalhes da sua infância e juventude, abordando sua relação com o pai, seu processo educacional, sua paixão pela botânica e pelas artes e aspectos da política na Inglaterra. Existe uma divergência quanto ao período em que a narrativa foi escrita, pois Catherine Symonds afirma que a construção ocorreu entre 1886 e 1888, em Alderley, na Inglaterra. No entanto, Moon (1978) argumenta que o processo pode ter se iniciado antes, já que, em uma carta enviada ao Dr. Burnell, datada em 17 de janeiro de 1880, a viajante mencionou que estava reunindo seus diários e suas correspondências para produzir suas *Recollections of a happy life*.

Neste sentido, é importante lembrar que, embora a autobiografia seja um documento inicialmente esboçado por Marianne North, o manuscrito passou por revisões e modificações. No entanto, a partir do estudo de Moon (1978) e em algumas cartas trocadas com Amelia Edwards e Dr. Burnell, é possível supor que Marianne North tenha relatado ou até mesmo

---

<sup>73</sup> Texto original: “We might suppose that Marianne wrote a number of letters to various friends describing the same scenes in terms appropriate to the recipient, and later selected for her book the version which seemed most apt. [...] Where the manuscript diverges from surviving letters, we may rather conclude that on re-reading the letters written in some cases a decade or more ago, Marianne relived in memory the experiences she had described, and decided to re-tell them in more apt words or in more detail” (Moon, 1978, p. 499).

<sup>74</sup> A primeira edição da obra vendeu 4.000 cópias (Sheffield, 1997).

almejado abordar questões de gênero em sua narrativa. Na carta escrita ao Dr. Burnell no dia 20 de janeiro de 1878, a viajante disse:

Não tema, você será vítima de alguma sogra esperta a tempo! E será atada a um jovem de *croquet – badminton* em botas de salto-alto e um sem-fim de gentileza nervosa – é um terrível matrimônio experimental, especialmente para um homem, já que uma mulher é algo como seu gato e se apega à pessoa que a alimenta e a casa em que ela vive –, mas homens, se eles têm cérebro, têm uma ideia romântica da companhia da sua esposa e, então, descobrem que eles não têm nem duas ideias em comum – após a primeira beleza perder seu charme. Tenho pena de você desde já quando essa fase chegar! E tenho pena da pobre esposa também se ela for esnobada e se tornar apenas uma serva mais elevada para ser repreendida se os pickles não estiverem certos – e, então, ela terá que se divertir flertando com o mais sem cérebro dos homens *croquet badminton*s. E, então, você irá se trancar e ficar de mau humor e pensar que não é sua culpa e desejar ser livre de novo (North, 1878c, tradução minha).<sup>75</sup>

Marianne North acreditava que, tanto para os homens quanto para as mulheres, o “matrimônio era uma experiência terrível”. Com relação às esposas, após a primeira fase de encantamento pela beleza, muitas vezes, elas eram esnobadas e tratadas como criadas, resultando em um sentimento de aprisionamento. Sua irmã, Catherine Symonds, era casada com John Symonds, famoso poeta britânico. Se um comentário similar estivesse presente no livro, dificilmente iria ser publicado, já que ia contra aos ideais da Inglaterra vitoriana (Moon, 1978).

A partir dos argumentos apresentados, as representações de Maria Graham e Marianne North demonstram como ambas construíram narrativas atravessadas por tensões de gênero. Em Maria Graham, suas biografias e seus escritos sugerem múltiplas imagens: a viajante intrépida que enfrentava tempestades no mar e cavalgava sozinha pelo interior do Rio de Janeiro; a cronista política que se envolveu em debates sobre a independência do Chile e do Brasil; a mulher frágil, marcada por doenças e por uma infância solitária; e ainda a intelectual que desafiou convenções ao escrever sobre temas tradicionalmente masculinos, como rituais

---

<sup>75</sup> Texto original: “[n]ever fear, you will fall a victim to some clever mother-in-law in time! And be tied to a croquet – badminton young person in high heeled boots and no end of nervous gentility – it is a terrible experiment matrimony for a man especially, as a woman is something like your cat and gets to like the person who feeds her and the house she lives in – but men if they have brains have a romantic idea of companionship in their wife and then discover they have no two ideas in common, – after the first prettiness have lost their charm – I pity you in advance when that stage comes! And I pity the poor wife too when she finds herself snubbed, and only a sort of upper servant to be scolded if the pickles are not right – and then she will have to amuse herself by flirting with the most brainless of the male croquet badminton’s – and then you will lock yourself up and sulk and think it isn’t your fault, and wish yourself free again” (North, 1878c).

funerários, acidentes e práticas como o *sati* na Índia (Gotch, 1937; Lago, 2000; Akel, 2009; Porto, 2019).

Marianne North também construiu para si uma imagem híbrida, oscilando entre adequação e transgressão. Em suas *Recordações*, apresenta-se como filha dedicada e herdeira da sensibilidade paterna, reforçando valores de afeto e domesticidade. Contudo, na prática de suas viagens e em seus escritos, assume papéis pouco usuais para mulheres da sua época: o de coletora científica, pintora de campo e observadora imparcial da natureza (Sheffield, 1997; Gazzola, 2001; Gladston, 2012). Susan Morgan (1993) ressaltou que Marianne North frequentemente escrevia “no papel de um homem”, como diplomata curioso e desapegado, reivindicando para si a autoridade de quem descreve, cataloga e interpreta o mundo.

Em ambas as viajantes, portanto, foram utilizadas negociações e estratégias de gênero. Maria Graham se colocava ora como mulher frágil e romântica, ora como viajante ousada e intelectual; Marianne North se alternava entre filha afetuosa e cientista solitária que desafiava convenções. A tensão entre vulnerabilidade e intrepidez e delicadeza e coragem permeia suas narrativas.

Deste modo, Maria Graham e Marianne North negociaram, cada uma delas a seu modo, espaços de legitimidade em sociedades que restringiam a atuação “feminina”. Suas autobiografias, seus diários e suas biografias demonstram como as imagens destas viajantes foram construídas em diálogo com expectativas sociais, mas também em desafio a elas. Assim, tanto a “guerreira” Maria Graham quanto a “colecionadora imparcial” Marianne North demonstram a complexidade das mulheres viajantes do século XIX: nem submissas às normas de gênero, nem totalmente livres delas, mas em constante negociação entre os papéis disponíveis e as experiências que escolheram viver.

### 1.3 REDES DE SOCIABILIDADE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

As trajetórias de Maria Graham e Marianne North não podem ser compreendidas sem considerar as redes de sociabilidade que sustentaram suas experiências e a posterior preservação das suas memórias. Estas redes se constituíram tanto em vínculos afetivos quanto em colaborações intelectuais e familiares e foram decisivas para a circulação dos seus escritos. No caso de Maria Graham, suas conexões abrangeram figuras como o editor John Murray, a amiga Caroline Fox e o segundo marido, Augustus Callcott.

Tom, apelido carinhosamente dado a Thomas Graham, foi apresentado como um marido presente. Ele lia para Maria Graham nos intervalos das suas atividades esportivas,

enquanto ela bordava. Gotch (1937, p. 299) descreve a cena de forma romântica, como a de uma jovem apaixonada que jurou fidelidade ao marido, “em uma noite tropical a bordo do Cornélia”, permanecendo com ele até a despedida na passagem do Cabo de Horn.

John Murray aparece como um grande amigo. Uma coleção de mais de 150 cartas mostra a “amizade sincera e duradoura” (Gotch, 1937, p. 153) que sobreviveu a “tempestades”, sugerindo que, devido ao temperamento de Maria Graham, a relação de ambos teve altos e baixos. Em uma das cartas, por exemplo, a viajante afirmava ter dificuldade de obter “uma resposta simples para uma pergunta simples” (Graham *apud* Gotch, 1937, p. 153). As correspondências foram marcadas por discussões acerca de projetos literários e pedidos para envio de livros (Gotch, 1937).

Caroline Fox, por sua vez, foi a amiga mais próxima durante os períodos de doença da viajante e responsável por escrever suas memórias autobiográficas. 18 anos mais velha, compartilhava com Maria Graham interesses em educação, religião e política, sobretudo na realização de um trabalho filantrópico voltado à criação de escolas para crianças pobres em Kensington (Gotch, 1937).

Por fim, Augustus Callcott, o segundo marido de Maria Graham, é retratado por Gotch (1937) e Lago (2000) como um companheiro afetuoso e cúmplice, especialmente quando a doença da esposa se agravou. As cartas entre ambos apresentam uma convivência encantadora: “Ela ama/adora que ele jante aqui, ali e em todos os lugares, para ouvir suas fofocas sobre o mundo da arte, das letras e da sociedade” (Gotch, 1937, p. 286, tradução minha)<sup>76</sup>.

Uma releitura contemporânea sobre as redes de sociabilidade aparece em Priore (2022), na crônica historiográfica *A viajante inglesa, o senhor dos mares e o imperador na independência do Brasil*, publicada no ano do bicentenário da independência do Brasil. O livro narra a história de Maria Graham, Lorde Thomas Cochrane e d. Pedro I. Entre todas as descrições e os adjetivos atribuídos pela autora à viajante e, sobretudo, à relação de Maria Graham e Thomas Cochrane, um questionamento chama a atenção:

Para Maria, Thomas foi uma reviravolta do destino que influenciaria sua existência para sempre. Um momento em que ela descobria que algo dele existia nela. Teria se apaixonado por aquele homem dominador que, aos seus olhos, parecia personificar a própria supremacia britânica no mundo? (Priore, 2022, p. 74).

---

<sup>76</sup> Texto original: “She loves him to dine here, there and everywhere, to hear his gossip of the world of art, letters and Society [...]” (Gotch, 1937, p. 286).

A historiadora ainda afirma não ter conhecimento sobre o que de fato ocorreu entre Maria Graham e Thomas Cochrane durante os passeios que realizaram, mas levanta hipóteses: “Ele passara o braço à volta de seu corpo? Riram como crianças? Ela estaria suficientemente envolvida para que, se ele tivesse roçado suas mãos com os lábios, teria se sentido beijada na boca?” (Priore, 2022, p. 74).

Vale ressaltar que nenhum dos biógrafos confirma a existência de um relacionamento amoroso entre Maria Graham e Thomas Cochrane. Embora as interrogações façam parte de uma crônica historiográfica, é possível perceber que, além de ser reconhecida como uma “viajante experimentada” e “aventureira” (Priore, 2022), a imagem de Maria Graham é influenciada pela sua associação com o almirante escocês. Afinal, tratava-se de uma mulher que acabara de perder o marido e estava sozinha em uma terra distante. As interrogações da historiadora suscitam o imaginário de um possível romance, reforçando a importância da figura de Cochrane na trajetória da viajante no Império do Brasil (Priore, 2022).

Em contrapartida, Lago (2000), embora reconheça a relevância de Thomas Cochrane tanto para o Chile quanto para o percurso de Maria Graham, argumenta que não há qualquer evidência concreta na literatura inglesa que comprove um vínculo amoroso entre eles. Segundo o biógrafo, “apenas comentários ocasionais e evasivos foram feitos sobre o assunto” (Lago, 2000, p. 144-145, tradução minha).<sup>77</sup>

As reflexões de Priore (2022), portanto, contrastam não apenas com as de Lago (2000), mas também com as de Gotch (1937), que identificava Thomas Graham e Augustus Callcott como os dois grandes amores da vida de Maria Graham. Em sua narrativa, ambos foram representados como figuras presentes, carinhosas e atenciosas, pilares afetivos que moldaram a trajetória da viajante.

Assim, as diferentes análises, ora romantizadas, ora tensionadas, e mesmo reinventadas, mostram que as redes de sociabilidade de Maria Graham também são constituídas como um campo de disputas entre idealização e crítica histórica, em que são apresentados tanto vínculos de afeto quanto indícios de conflitos.

Marianne North, por outro lado, contou com a mediação da sua irmã, Catherine Symonds, que organizou e publicou *Recollections of a happy life* após sua morte. De acordo com Moon (1978), Janet Ross, filha de uma amiga de infância da viajante, Lucy Duff Gordon, se ofereceu para ajudar Catherine na edição da obra, contribuindo com cartas que haviam sido preservadas. Para realizar a edição dos escritos da irmã, Catherine Symonds utilizou as cartas

---

<sup>77</sup> Texto original: “Sólo se han hecho comentarios ocasionales muy evasivos al respecto” (Lago, 2000, p. 144-145).

e o próprio rascunho deixado pela viajante. Em uma correspondência trocada com Janet Ross, Catherine admitiu as dificuldades enfrentadas ao condensar todo este material no formato de um livro coeso. Atualmente, o manuscrito encontra-se em Rougham Hall, localizado em Suffolk, na Inglaterra.

Tanto em Maria Graham quanto em Marianne North, a escrita de si não foi obra isolada: familiares, amigos e intelectuais foram responsáveis por editar, publicar e dar forma final aos seus testemunhos. Em Maria Graham, as redes enfatizam laços pessoais que ajudaram a sustentar sua produção literária e a memória da sua obra; em Marianne North, a rede familiar e científica assegurou a materialização do seu legado na publicação posterior do seu livro de viagens e na institucionalização da sua galeria de arte no Kew Gardens.

Estas dinâmicas demonstram que a construção da memória das viajantes ultrapassou a esfera individual e dependeu de mediações sociais. A autobiografia ditada no leito de morte por Maria Graham e o manuscrito reelaborado pela irmã de Marianne North são exemplos de como a escrita de si, quando publicada, é também resultado de negociações e escolhas feitas por outros.

A multiplicidade de representações das viajantes, seja de mulheres intrépidas, cronistas de guerra, artistas, heroínas, vulneráveis ou solitárias, não se encerrara em sua trajetória de vida. Ela se prolongou na forma como foi lembrada, esquecida ou celebrada após suas mortes.

Embora a biografia produzida por Tomás Lago tenha sido escrita nos anos 1960 e 1970, é possível perceber que os chilenos ainda hoje expressam gratidão pelas contribuições de Maria Graham ao país. Lago (2000, p. 23) afirma que a visita dela “foi uma sorte para o Chile”, pois Maria Graham se mostrou uma viajante interessada e ativa na descrição de um período crucial para o país: a queda do sistema colonial espanhol e o desenvolvimento de um território independente.

Poderíamos dizer que, em certo momento, esse nome corresponde a um personagem ainda vivo, a uma presença ativa na vida do país. Para interpretar corretamente um fato, se cita a Maria Graham; para reanimar o retrato físico, moral ou subjetivo de alguma autoridade da República, recorre-se a ela, consulta-se sua opinião e seu testemunho; para evocar os costumes do passado, especificar algum entendimento exato da forma, da cor e até do sabor de alguns objetos de uso comum à primeira metade do século XIX, é necessário referir-se a Maria Graham, estudar suas impressões, revisar seus julgamentos e ler o que ela conta em seu livro de memórias

*Diário de uma residência no Chile*, publicado em Londres, em 1824 (Lago, 2000, p. 23, tradução minha).<sup>78</sup>

Estes argumentos corroboram com a ideia de que Maria Graham é uma figura amplamente reconhecida no Chile. Isso não significa que seja desconhecida no Brasil, mas, no contexto chileno, parece haver um interesse especial por sua personalidade. Além da biografia analisada e da importância histórica atribuída pelo Estado à sua memória, Maria Graham tornou-se tema de uma adaptação visual dirigida pela cineasta chilena Valeria Sarmiento, com roteiro de Miriam Heard, que também a interpretou em cena. A minissérie, produzida ao longo de dois anos com financiamento do Conselho Nacional de Televisão, utilizou não apenas o *Diario de su residencia en Chile*, mas também as pinturas da viajante, compondo um enredo que mesclava ficção e realidade<sup>79</sup> (Inostroza, 2011).

Em entrevista concedida a Carla Ulloa Inostroza, doutora em Estudos Latino-Americanos, a atriz Miriam Heard descreveu Maria Graham como uma mulher corajosa e ousada, antimonarquista e defensora do Império Britânico. Apesar de estar na condição de viúva, ela não era uma figura indefesa, mas alguém que desafiava expectativas de gênero<sup>80</sup> (Inostroza, 2011).

O decorrer após a morte do biografado é repleto de significados, “pelos traços que deixa e pelas múltiplas flutuações na consciência coletiva sob todas as suas formas de expressão” (Dosse, 2016, p. 405). Até recentemente, era difícil encontrar a sepultura da viajante no cemitério Kensal Green, em Londres, pois, além de ter sido apagado da sua lápide, o nome estava coberto por musgos. Em 2008, no entanto, a Embaixada do Chile, em parceria com o grupo “The Friends of Kensal Green Cemetery”, promoveu a restauração da lápide (Akel, 2009).

Este gesto não foi apenas uma intervenção material, mas também simbólica. A iniciativa de um país latino-americano em preservar a memória de Maria Graham, e não da

---

<sup>78</sup> Texto original: “Podríamos decir que en cierto modo ese nombre corresponde a un personaje vivo aún, a una presencia activa en la vida del país. Para interpretar correctamente un hecho se cita a María Graham; para reanimar el retrato físico, moral o subjetivo de algún prócer de la República se recurre a ella, se consulta su opinión y su testimonio; para evocar las costumbres del pasado, fijar algún alcance justo acerca de la forma, el color y hasta el sabor de algunos objetos de uso común en la primera mitad del siglo XIX, es necesario referirse a María Graham, estudiar sus impresiones, revisar sus juicios, leer lo que ella cuenta en su libro de memorias *Diario de una residencia en Chile*, publicado en Londres, en 1824” (Lago, 2000, p. 23).

<sup>79</sup> Partindo da ideia de analisar as narrativas biográficas de Maria Graham no Chile, a minissérie é uma fonte interessante para estudos audiovisuais e artísticos.

<sup>80</sup> A exemplo da produção chilena, a trajetória de Maria Graham no Império do Brasil é um tema riquíssimo para o desenvolvimento de filmes e minisséries, sobretudo seu período de estadia na Corte, que é rico em conflitos, discussões e intrigas.

sua própria nação, evidencia as diferentes formas pelas quais ela é lembrada. No Chile, além de ter publicado um diário de viagem, ela deixou registros fundamentais do terremoto de 1822 que consolidaram sua relevância histórica. Já na Inglaterra, como denuncia Hasse (2021), sua produção nem sempre recebeu o mesmo cuidado: seus desenhos encontram-se mal preservados no Museu Britânico, com panoramas recortados, cadernos desmembrados e esboços quase apagados. Para o historiador, este apagamento não é apenas físico, mas também simbólico, indicando o esquecimento de parte da sua obra, em contraste com o acervo resguardado no Kew Gardens.

Assim, embora a Inglaterra tenha produzido estudos sobre sua vida e obra, a precariedade da sua memória material e a negligência em relação ao túmulo levantam questões sobre a forma como o país valoriza figuras que, apesar dos seus legados, são deixadas às margens em algumas áreas da sociedade. Como viajante, escritora e autora de um livro infantil de grande sucesso, Maria Graham não deveria ser relegada ao esquecimento.

Ao mesmo tempo, a restauração da sua sepultura pelo governo chileno e o reconhecimento contínuo da sua importância no Chile e no Brasil mostram que sua memória permanece ativa, disputada e ressignificada. O pós-morte de Maria Graham, portanto, não apenas encerra uma trajetória individual, mas abre caminho para a discussão sobre como as biografias e as memórias coletivas constroem, e reconstróem, as figuras históricas.

Marianne North, por sua vez, teve sua memória institucionalizada no Kew Gardens. Sua galeria, inaugurada ainda em vida e preservada até hoje, consolidou-se como um espaço único dedicado a uma artista viajante. Este espaço não apenas consagrou sua obra, mas também assegurou sua permanência no imaginário britânico, transformando-a em referência de uma prática artística e científica marcada pela experiência individual e pela expansão imperial. A galeria tornou-se, assim, um testemunho material da sua trajetória, permitindo que sua memória fosse preservada de maneira institucional.

Portanto, enquanto Maria Graham foi lembrada por seu papel de cronista política (Porto, 2019), Marianne North foi canonizada como pintora botânica, símbolo de uma ciência amadora vitoriana em diálogo com a expansão imperial. Críticas posteriores, como as de Morgan (1993) e Sheffield (1997), revisitaram esta memória para destacar como sua obra também carrega marcas de gênero e de ideologia imperial. Ainda assim, a galeria e a publicação póstuma de *Recollections of a happy life* garantiram que seu nome permanecesse associado a uma trajetória de independência e de contribuição científica.

As recepções contrastantes de Maria Graham e Marianne North mostram como a memória é construída em diálogo com contextos sociais e políticos. Enquanto Maria Graham

foi apropriada pela memória nacional chilena e resgatada como testemunha privilegiada de um processo de independência, Marianne North foi celebrada institucionalmente pela ciência e pela arte britânica, integrando-se à história de uma instituição de prestígio.

A viajante transformada em cronista nacional no Chile e a artista que se tornou patrimônio científico e cultural no Kew Gardens seguem provocando debates sobre gênero, imperialismo, escrita autobiográfica e a própria forma como se constroem memórias históricas. Deste modo, a partir destas memórias e disputas de representação, abre-se espaço para discutir como a história natural se constituiu em um dos principais campos de atuação e legitimação das experiências de Maria Graham e Marianne North, conforme será discutido no capítulo 2 desta tese.

## CAPÍTULO 2: VIAGENS, CIÊNCIA E IMPERIALISMO

Ao se falar de cientistas do século XIX, é comum que a maioria das pessoas os associe a uma imagem masculina. Há muitos nomes de homens que são biografados, reconhecidos e analisados, como Charles Darwin, Louis Pasteur, John Dalton, Richard Owen, Alexander von Humboldt, Fritz Müller, George Langsdorff, entre outros. No entanto, já é um consenso na historiografia que as mulheres também tiveram um papel ativo no desenvolvimento das ciências naturais. Harriet Anne Thiselton-Dyer, Anna Atkins, Frances Erskine Inglis, Fredrika Bremer, Adela Breton, Maria Graham e Marianne North são apenas alguns exemplos de mulheres que contribuíram significativamente no campo da botânica.

Partindo deste pressuposto, este capítulo apresenta as trajetórias de Maria Graham e Marianne North na história natural e discute as percepções entre amadorismo e profissionalismo com base nas suas experiências. Examina-se como o tema da botânica está presente na historiografia da literatura de viagem e como isso se relaciona com os preceitos do imperialismo britânico. Diante disso, são mapeadas as atividades desenvolvidas pelas personagens, tendo como foco as plantas medicinais, os animais e o “ouro verde”, analisando como estes trabalhos refletem o contexto histórico e a inserção da política imperial nos seus cotidianos.

O capítulo apresenta uma discussão a partir de trabalhos da historiografia que abordaram as redes de sociabilidade de mulheres viajantes e a ligação com as práticas científicas. A título de exemplo, se Marianne North conseguia se locomover em diferentes cidades, é porque muitos indivíduos apareceram em seu caminho, e as cartas escritas por ela tornam evidentes estas relações sociais. Por fim, o texto realiza uma breve reflexão sobre o papel da botânica na vida de Maria Graham e Marianne North, estabelecendo situações e pontos semelhantes em episódios similares nas trajetórias delas.

### 2.1 O EXERCÍCIO DAS CIÊNCIAS NATURAIS NO OITOCENTOS

A história natural recebeu o mundo como um caos a partir do qual o cientista produzia uma ordem.

(Pratt, 1999, p. 65)

O século XIX testemunhou a ascensão das expedições científicas ao redor do globo terrestre. O sistema de classificação de plantas proposto por Lineu, renomado botânico sueco,

tinha como objetivo identificar e regularizar as espécies naturais do planeta, e, com isso, muitos países da Europa organizaram viagens, programas e redes de intercâmbio para que viajantes, naturalistas e artistas pudessem conduzir seus estudos botânicos. Até então, a ciência era desenvolvida principalmente no interior doméstico, em salões, encontros sociais e laboratórios, e, com o aumento das viagens marítimas e a internacionalização do conhecimento, permitiu-se explorar a fauna e a flora de outros territórios, bem como exercer certo controle sobre a natureza (Bewell, 2017; Thompson, 2019).

Em conjunto com a publicação do Sistema da Natureza, de Lineu, em 1735, a expedição “La Condamine”, responsável por estudar o formato exato da Terra, contribuiu para mudar o entendimento das elites europeias sobre suas relações com a natureza. Nesse momento, Pratt (1999) argumenta que ocorreu uma mudança na forma como os cidadãos europeus percebiam seu lugar no mundo, provocando uma “consciência planetária”, um dos elementos constituintes da “construção do moderno eurocentrismo”. Para Thomas (2010), esta mudança está relacionada ao surgimento de uma “consciência ecológica moderna”. Em sua obra *O Homem e o mundo natural*, o autor afirma que houve um reconhecimento de que os seres humanos possuem elementos em comum com os animais, além da responsabilidade de preservar a natureza.

A natureza, portanto, ganha espaço e poder ao longo do Oitocentos. Para o Império Britânico, em particular, o conhecimento científico era sinônimo de poder, uma vez que estava ligado a questões econômicas, como a busca por matérias-primas, o fortalecimento do governo e a incorporação de novas tecnologias. A história natural foi uma das forças motrizes por trás das demandas por melhorias nos transportes, na coleção e preservação de espécimes, nas tipografias, no aumento de cadeiras para cientistas, na construção de jardins botânicos e na criação de redes de patrocínios para viagens (Pratt, 1999; Bewell, 2017).

Muitos viajantes atuavam direta e/ou indiretamente nas atividades de botânica do Império Britânico. Eles observavam, quantificavam e classificavam as espécies nativas. Alguns eram financiados pelo governo, enquanto outros atuavam de forma autônoma. Como mencionado, havia uma rede de intercâmbio de conhecimento que operava desde o século XVI, na qual plantas, sementes, desenhos e outros espécimes naturais eram trocados. Estes “agentes” do império foram os principais responsáveis pela organização e internacionalização da ciência (Zubaran, 2005; Egmond, 2010; Souza, 2020).

No final do século XVIII e início do XIX, a botânica começou a dar seus passos em direção à institucionalização como área de estudo. Embora a Royal Society, uma importante instituição das ciências naturais, tenha sido fundada em 1660, no período romântico (1780–

1840), surgiram novas sociedades científicas que visavam regularizar e promover as práticas de pesquisa, como, por exemplo, a Linnean Society (1788), a Geographical Society (1807), a Zoological Society (1826) e a Chemical Society (1841) (Thompson, 2019).

No entanto, o processo de profissionalização da botânica foi um transcurso marcado pela forte masculinização. Apesar de as mulheres brancas de classe alta e média receberem incentivos para aprender botânica, especialmente técnicas de pintura de flores, eram os homens que carregavam, em geral, o título de cientistas e naturalistas (Dickenson, 2000).

Um artigo publicado na *Gardener's Magazine* (1831) dizia: “Saber desenhar flores botanicamente, e flores horticulturalmente [...] constitui uma das maiores realizações de nossas jovens da sociedade que vivem no interior” (Loudon *apud* Gazzola, 2001, p. 1.040). Este incentivo ao conhecimento botânico é evidente nas trajetórias das personagens desta tese. Desde sua infância, Maria Graham teve contato com o desenho e a botânica. Na juventude, ela foi aluna de Alfred Delamotte, um pintor inglês. Durante sua estadia em Edimburgo, a viajante estabeleceu relações com professores universitários de ciências, como Dugald Stewart, John Playfair e John Leslie. Já Marianne North é considerada por alguns autores uma “autodidata em botânica”, pois, ao contrário de Maria Graham, não estudou por um longo período em colégio interno. No entanto, ela compartilhava conhecimentos por meio das redes de sociabilidade e de encontros sociais (Gotch, 1937; Sheffield, 1997; Gladston, 2012).

Por mais que fossem incentivadas ao estudo da botânica, dificilmente as mulheres recebiam um treinamento formal. E, assim como Marianne North, seus conhecimentos eram desenvolvidos por meio de estudos em casa, interações sociais e prática diária, trabalhando em campo nas coletas e na sistematização de espécimes (Sheffield, 1997).

De acordo com Souza e Oliveira (2021), devido às dificuldades de acesso às instituições científicas, muitas mulheres encontraram oportunidades no ambiente doméstico de pessoas da alta classe britânica. Inseridas em redes de sociabilidade, elas conseguiram se locomover em centros sociais que dispunham de laboratórios, bibliotecas e coleções. Outras mulheres atuavam nos espaços marítimos, coletando, desenhando e trazendo informações sobre a natureza em suas viagens pela América e pela África. Portanto, embora a produção científica tenha sido dominada por muitos homens, as mulheres fizeram uma importante contribuição para a história natural, e seus papéis merecem ser destacados.

No contexto histórico apresentado, Maria Graham e Marianne North atuaram de diferentes formas no campo da ciência. Maria Graham produziu ilustrações botânicas quando realizava suas viagens na Índia, na Itália, no Brasil e no Chile. Aproximadamente 190 desenhos estão no Kew Gardens e outras 462 obras estão armazenadas no British Museum.

Além disso, ela escreveu diários de viagem que retratam a natureza dos lugares visitados, publicou livros infantojuvenis que abordam aspectos da botânica, como *A scripture herbal*, coletou espécies nativas da América do Sul para o envio às instituições inglesas e escreveu um relatório acerca do terremoto presenciado no Chile, que foi publicado na *Transactions of the Geological Society*, tornando-se a primeira mulher a ser publicada na revista (Gotch, 1937).

Marianne North também escreveu diários de viagem que apresentavam informações acerca da natureza dos territórios visitados, produziu centenas de pinturas de flores – a maioria delas em aquarelas a óleo –, construiu a North Gallery – um espaço importante onde suas obras estão em exposição, resultado das suas explorações pelas diversas paisagens naturais do mundo – e, por fim, foi responsável por descobrir um gênero e quatro espécies de plantas que, posteriormente, receberam seu nome em homenagem póstuma (Bandeira, 2012).

No período em que Maria Graham estava situada (Era Romântica), houve uma sensibilização na representação do mundo natural. Segundo Bewell (2017, p. 2), “o romantismo é a escrita da natureza”, e, com isso, os ingleses, gradualmente, começaram a se interessar e a valorizar os estudos da história natural. As plantas circularam pela Inglaterra e eram tratadas como importantes objetos e *commodities* (Kelley, 2012). Além disso, a dupla revolução (Revolução Francesa e Revolução Industrial), através do comércio e da busca de novos territórios, colaborou para o aumento de cientistas e eruditos, expandindo a ciência nas mais diversas áreas (Hobsbawm, 1997).

É importante ressaltar que, ao falar sobre a botânica no início do século XIX, refere-se a atividades que os autores denominam como “amadoras”. O desenvolvimento da pesquisa dependia muito do financiamento aristocrático, pois havia pouco apoio do governo imperial. Por esta razão, muitas atividades eram vistas como “lazer”, já que eram realizadas no cotidiano da vida social. Nas universidades, até então, a ciência natural era inferiorizada em relação às outras disciplinas, como teologia e filosofia. Em detrimento da ausência do envolvimento estatal, as organizações e as sociedades científicas eram formadas por pessoas com influências políticas, religiosas e sociais. Na Royal Society<sup>81</sup>, por exemplo, um naturalista só poderia se tornar membro caso possuísse as conexões “corretas” (Pál, 2014). As redes de sociabilidade, neste sentido, eram importantes para o desenvolvimento e a

---

<sup>81</sup> A Royal Society foi criada em 1660 por filósofos e médicos. Atualmente, é uma Academia Nacional de Ciências do Reino Unido, que disponibiliza cerca de 1.600 bolsas de pesquisa. Para saber mais, acessar <https://royalsociety.org/>.

participação na ciência natural. Era necessário manter relações com agentes cujos papéis traziam oportunidades de ingresso em universidades e sociedades acadêmicas.

Pode-se observar que, no contexto histórico apresentado, a prática científica em aparatos organizacionais era bastante restrita. Este aspecto se manteve ao longo da primeira metade do século XIX, pois, a partir da Era Vitoriana, a ideia de progresso foi primordial para impulsionar mudanças e aberturas nesta área. O progresso tornou-se uma meta social e política que permeava todas as esferas da sociedade durante o governo da Rainha Vitória. Gradualmente, o interesse pelo campo científico começou a fazer parte do discurso imperial (Pál, 2014).

Primeiro, ele foi capaz de atrair o interesse de uma audiência cada vez maior; e, segundo, no sentido de que os cientistas começaram muito mais conscientemente e eficientemente a discutir que a ciência é um assunto de importância, e, mais ainda, é de interesse da sociedade em geral. Uma abordagem utilitarista da ciência que enfatiza que os resultados científicos não são apenas valiosos em si, mas podem ser utilizados especificamente para o benefício da sociedade, só poderia florescer no solo receptivo de uma forma de pensar mais ampla e impregnada pela ideia de progresso. E essa é a característica definidora de modernidade (Pál, 2014, p. 90, tradução minha).<sup>82</sup>

As mudanças na ciência natural abriram espaço para participação de indivíduos cujo capital social não fosse o fator determinante para seu envolvimento. Além disso, as mulheres se tornaram, gradualmente, importantes personagens que se destacavam na área apresentada. Ao empreenderem suas jornadas, as viajantes desempenhavam atividades botânicas em diferentes territórios, levando conhecimento ao seu país de origem. Elas percorriam os mesmos trajetos que os homens viajantes e realizavam as mesmas tarefas, porém estas mulheres não são reconhecidas como profissionais. Quando suas trajetórias são narradas, o termo “amadoras” é frequentemente utilizado para descrevê-las (Rodenas, 2014).

De acordo com Rodenas (2014), as mulheres fazem parte, desde o século XVIII, do grupo de viajantes do período iluminista que exploravam o conhecimento do mundo natural, cumprindo o papel de observadoras sociais, etnógrafas amadoras e escritoras da história natural. Os homens buscavam o conhecimento para estabelecer um discurso de poder e as

---

<sup>82</sup> Texto original: “First, it became able to attract the interest of an ever growing audience; and second in the sense that the scientists started, much more consciously and efficiently, to argue that science is a matter of concern, and what is more, is in the interests of society at large. A utilitarian approach to science which emphasizes that scientific results are not only valuable in themselves but rather can be utilized specifically for the benefit of society could only thrive in the receptive soil of a broader way of thinking impregnated by the idea of progress. And this is a defining characteristic of modernity” (Pál, 2014, p. 90).

mulheres o utilizavam como meio de validação pessoal e reforço da sua capacidade do saber, por meio da escrita. Elas buscavam, nas viagens, o reconhecimento público e a consolidação de “uma carreira de escritora”. A narrativa do “eu”, que procurava unir o mundo externo e interno, possibilitou que as viajantes se familiarizassem com disciplinas que, posteriormente, se tornariam as ciências sociais.

A discussão entre amadorismo e profissionalismo está presente em diversas áreas. Simione (2008), em *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*, abordou o fato de as mulheres serem consideradas amadoras no campo da pintura e escultura, mesmo com trabalhos equivalentes ou superiores ao dos homens, contribuindo para a compreensão das recepções e condições dos seus ofícios. Smith (2003), em *Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica*, estudou as trajetórias de mulheres escritoras do século XIX que, apesar de suas carreiras serem grandiosas e brilhantes no ensino superior, ainda assim eram chamadas de amadoras e não de historiadoras, devido à falta de associações institucionais com os homens. Assim, através da literatura amadora, as mulheres conseguiam sobreviver e se estabelecer no mercado, já que estavam fora das instituições profissionais da história.

A partir da discussão referida, cabe a reflexão sobre a condição “feminina” nas ciências naturais, pois, afinal, as mulheres botânicas e herboristas eram amadoras ou podem ser chamadas de profissionais?

Para Thompson (2019), a distinção entre cientistas amadores e profissionais é inadequada no contexto do período romântico, pois uma educação universitária não era requisito para o desenvolvimento de trabalhos científicos, tendo em vista que, como já foi discutido, muitas atividades eram exercidas em casa. “Ser um ‘amador’ não impedia, necessariamente, conhecimento avançado e um papel importante, até mesmo de liderança em muitos campos” (Thompson, 2019, p. 434, tradução minha).<sup>83</sup>

No século XIX, o termo “amador” significava “conhecedor de alguma coisa”. Já o “profissional” dizia respeito à pessoa com “interesses corporativos e não nacionais, ou uma identidade religiosa e não leiga” (Smith, 2003, p. 25). Com a evolução do termo, o amador tornou-se o escritor para o público, enquanto o profissional não dependia de um público específico. Desta forma, as mulheres amadoras precisavam de um público para obter sustento (Smith, 2003).

---

<sup>83</sup> Texto original: “Being an ‘amateur’ did not necessarily preclude advanced knowledge and an important, even leading, role in many fields” (Thompson, 2019, p. 434).

De acordo com diversos autores, Maria Graham era considerada uma amadora nas áreas das ciências e das artes. Ela não estava associada a nenhuma das expedições científicas do Oitocentos e não possuía vínculo acadêmico com centros universitários. Em algumas cartas trocadas com William Hooker, a viajante demonstrou dificuldades com relação à técnica de secagem de plantas, tratamento de insetos e preservação das espécies nativas coletadas no Império do Brasil (Zubaran, 2005; Hagglund, 2011; Hasse, 2021). Porém, apesar destes obstáculos no exercício da botânica e de sua ausência em instituições acadêmicas, muitos cientistas da época reconheceram suas produções. O Dr. von Martius, por exemplo, a descreveu como “‘uma dama altamente talentosa’, John Sims a chamou de ‘autora engenhosa e sensata’ e David Douglas escreveu sobre seu ‘lápis talentoso’” (Hagglund, 2011, p. 47, tradução minha).

Apesar dos elogios recebidos por suas ilustrações e do legado deixado através das produções, ela enfrentou adversidades durante o percurso. Em 1834, a viajante se envolveu em uma discussão com George Greenough, presidente da Geological Society of London<sup>84</sup>. O motivo do confronto foi a escrita de um relatório sobre o terremoto presenciado durante sua estadia no Chile, em 1822<sup>85</sup>. Este terremoto foi um dos mais devastadores da história do país. Na ocasião, Maria Graham anotou cuidadosamente os horários e as intensidades dos tremores, sendo possível ter acesso aos registros por meio do diário de viagem publicado em 1824. Na época, além das suas anotações na literatura de viagem, ela escreveu um relatório intitulado “An account of some effects of the late earthquakes in Chili”, que foi lido na Sociedade Geológica por um procurador, pois a organização não permitia a entrada de mulheres. O documento foi posteriormente publicado na revista *Transactions of the Geological Society*<sup>86</sup>.

Querido Senhor, eu te envio, a pedido seu, alguns fragmentos do meu diário relacionado aos grandes terremotos que atingiram o Chile, durante minha residência naquele país, em 1822-3. O primeiro choque, pelo qual as cidades de Valparaíso, Melipilla, Quillota e Casablanca foram quase destruídas e Santiago muito danificada, foi sentido às 10:15 na noite de terça-feira, dia 19 de novembro de 1822. Ele durou três minutos. Eu estava na época morando a cerca de uma milha da costa, em Quintero, situada em um promontório, cerca de 30 milhas ao norte de Valparaíso. Era uma noite de luz, da lua muito clara e calma; a *aurora australis* estava visível, e alguns raios foram vistos sobre os Andes. Em poucos minutos após o primeiro choque, houve

<sup>84</sup> Para saber mais sobre a instituição, acessar <https://www.geolsoc.org.uk/about>.

<sup>85</sup> O relatório de Maria Graham apoiava a tese “‘vulcanista’ de que terremotos poderiam causar a elevação de massas de terra” (Thompson, 2019, p. 446, tradução minha).

<sup>86</sup> A revista está vinculada à The Geological Society e teve sua primeira publicação em 1811, com o financiamento de um pequeno grupo de membros da Sociedade. Para saber mais, acessar <https://www.geolsoc.org.uk/Publications/Journals/Transactions-of-the-Geological-Society>.

outro, menos severo; e, a partir desse momento, a noite inteira sucessivos choques longos foram sentidos duas vezes a cada cinco minutos, cada um deles durando de meio minuto a um minuto (Graham, 1824b, p. 236-237, tradução minha).<sup>87</sup>

Thompson (2012, p. 334) analisou o relatório escrito por Maria Graham e citou a historiadora da ciência, Martine Kölbl-Ebert, que descreveu o documento como “um dos primeiros relatos de terremotos detalhados e geologicamente significativos”, estabelecendo “um novo padrão para outros observadores”. Embora Kölbl-Ebert não considere a viajante uma geóloga, mas uma leiga, o reconhecimento de seu trabalho é evidente. Na época, muitos geólogos criticaram os escritos da inglesa, principalmente Greenough, que reiterou o gênero da autora, alegando que, por ser mulher, ela não seria suficientemente capacitada para fazer observações científicas. Além disso, ele argumentou que, durante um terremoto, as mulheres tendem a ficar apavoradas, e, portanto, não seriam observadoras confiáveis.

O geólogo também comparou as informações de Maria Graham com trabalhos masculinos, afirmando que os relatos do viajante e cientista britânico Woodbine Parish, que também escreveu sobre o terremoto, possuíam uma “[...] descrição do que realmente aconteceu, sem a grande coloração [exagero] que a ignorância, e o terror, e o exagero, são capazes de causar” (Graham, 1824b, p. 241, tradução minha).<sup>88</sup> Além disso, Greenough expressou dúvidas em relação às afirmações de Maria Graham, como pode-se observar no trecho a seguir:

Como pode uma faixa de país tão extensa ser pesquisada enquanto o chão ainda estava balançando, e continuou a balançar naquele dia e por vários meses sucessivos? Qual foi o número médio de observações por milha quadrada? Quem as fez, checkou e registrou? (Graham, 1824b, p. 240, tradução minha).<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Trecho original: “Dear Sir, I send you, at your request, some extracts from my journal concerning the great Earthquakes which visited Chile, during my residence in that country, in 1822-3. The first shock, by which the towns of Valparaiso, Melipilla, Quillota, and Casa Blanca, were almost destroyed, and Santiago much damaged, was felt at a quarter past ten o’clock in the evening of Tuesday, the 19th of November, 1822. It lasted three minutes. I was then residing about a mile from the coast at Quintero, situated on a promontory, about thirty miles to the north of Valparaiso. It was a very clear, still, and moon light night; the *aurora australis* had been visible, and some lightning had been seen over the Andes. In a few minutes after the first shock, there was another, less severe; and from that time the whole night long successive shocks were felt twice in every five minutes, each lasting from half to a minute” (Graham, 1824b, p. 236-237).

<sup>88</sup> Texto original: “[...] description of what actually took place, without the high colouring in which ignorance, and terror, and exaggeration, are apt to indulge” (Graham, 1824b, p. 241).

<sup>89</sup> Texto original: “How could a range of country so extensive be surveyed while the ground was still rocking, which it continued to do on that day, and for several successive months? What was the

As afirmações de Greenough desencadearam uma enorme discussão na sociedade britânica da época. Em resposta, Maria Graham escreveu um panfleto publicado na *American Journal of Science and Arts*. Nele, ela incluiu seu relatório de 1824, junto aos comentários de Greenough, e apresentou justificativas fundamentadas sobre as informações extraídas do desastre natural, além de rebater as críticas relacionadas ao gênero<sup>90</sup>. Este documento pode ser acessado através do site da Biodiversity Heritage Library<sup>91</sup>.

Primeiramente, Maria Graham reafirmou a veracidade dos seus escritos, destacando que tinha os instrumentos necessários para as observações do terremoto. Em seguida, a viajante levantou a possibilidade de que, se suas informações não foram confirmadas por nenhum oficial da Marinha, é porque talvez não houvesse um navio de guerra da Inglaterra, dos Estados Unidos ou da França na região costeira onde aconteceu o desastre no Chile. Quanto às críticas direcionadas ao gênero, a viajante reconheceu sua “ignorância” em geologia, mas enfatizou que não cedeu ao medo pessoal, dedicando toda a sua atenção ao ocorrido. “Em nenhum momento perdi a presença de espírito” (Graham, 1824b, p. 345, tradução minha).

A rixa de Graham com o presidente da recém-fundada Sociedade Geológica demonstra o panorama em mudança da ciência britânica e prefigura o estreitamento de oportunidades para a participação feminina à medida que a ciência se tornava mais institucionalizada. No entanto, significativamente, a comunidade científica parece ter considerado Graham como vencedora da discussão com Greenough (Thompson, 2012, p. 345, tradução minha).<sup>92</sup>

Cabe destacar que a geologia era uma área considerada masculina, enquanto a botânica era “recomendada” às mulheres (Pál, 2014). Estas observações ressaltam como

---

average number of observations per square mile? Who made, checked, and registered them?” (Graham, 1824b, p. 240).

<sup>90</sup> Apesar de não ter uma comprovação histórica, John Callcott Horsley, sobrinho de Augustus Callcott, segundo marido de Maria Graham, informou que o marido e o irmão da viajante queriam desafiar Greenough para um duelo, pois ficaram furiosos com as declarações do geólogo. Mas a autora do relatório descartou a ideia dizendo: “Fiquem quietos, vocês dois! Sou perfeitamente capaz de travar minhas próprias batalhas, e pretendo fazê-lo” (Horsley *apud* Thompson, 2012, p. 336, tradução minha). Texto original: “Be quiet, both of you! I am quite capable of fighting my own battles, and intend to do it!” (Horsley *apud* Thompson, 2012, p. 336).

<sup>91</sup> Para saber mais, acessar <https://www.biodiversitylibrary.org/>.

<sup>92</sup> Texto original: “Graham’s tussle with the President of the newly founded Geological Society demonstrates the shifting landscape of British science and prefigures the narrowing opportunities for female participation as science became more institutionalized. Yet significantly, the scientific community seems to have regarded Graham as winning her argument with Greenough” (Thompson, 2012, p. 345).

diferentes áreas eram percebidas pelas relações de gênero. A experiência de Maria Graham reflete estas limitações em ambos os campos. Seu confronto mais notável ocorreu com o resultado de seu trabalho na geologia, no qual os homens intitulados “geólogos” demonstraram insatisfação com sua atuação nesta área. Por outro lado, suas atividades na botânica não foram questionadas publicamente, suas ilustrações de flores e plantas nativas não receberam as mesmas críticas e o desenvolvimento do seu trabalho sobre a flora brasileira não foi contestado por William Hooker. Neste sentido, Hagglund (2011) afirma que os trabalhos de Maria Graham não foram interferidos pelo gênero, isto é, eles tiveram os mesmos valores que os botânicos coletores masculinos.

Apesar da dedicação na história natural, Maria Graham tornou-se famosa como uma mulher das letras, enquanto Marianne North ficou conhecida por ser uma mulher das “flores”. Duas personagens que trilharam caminhos semelhantes na história natural. Marianne North também produziu ilustrações da flora dos territórios que visitou, coletou e preservou espécies naturais para enviar à Europa e fez descrições da natureza em seu diário de viagem. Todavia um fato carece de atenção: mesmo em um contexto histórico em que a botânica já era uma área profissionalizada e estruturada, Marianne North era conhecida como uma amadora. Por mais que recebesse elogios, dificilmente seus pares a reconheceriam como uma cientista, já que, assim como Maria Graham, ela não estava vinculada a nenhuma expedição científica, tampouco a um centro universitário.

A criação de uma galeria de arte foi um dos maiores empreendimentos de Marianne North. Ao examinar os documentos da galeria, Ros (2015) afirmou que a viajante não encontrou empecilhos na construção do local, exceto pela proibição do Kew Gardens em oferecer bebidas e comidas na sala, o que era inicialmente planejado para os visitantes. A aparente “facilidade” na idealização de um projeto tão grandioso é um elemento digno de reflexão e pode estar associado às redes de sociabilidade de Marianne North, bem como à posição social e às conexões políticas com a família paterna.

Os autores sentem dificuldades em definir Marianne North nas categorias de artista, escritora e viajante, já que ela estava presente em todos os ramos. Susan Morgan a descreve como uma cientista amadora e cúmplice da ciência imperial. Bárbara Gates acredita que a personagem não recebeu o devido reconhecimento da comunidade científica. Laura Ponsonby a chama de “artista botânica”. E Lynn Merrill se refere à “artista científica” (Hassan, 2017).

Independentemente da categoria, Marianne North produziu um vasto trabalho. Ao contrário de Maria Graham, que enfrentou um embate público com a Sociedade Geológica, Marianne North não recebeu, até o momento da presente pesquisa, qualquer crítica pública.

No entanto, o fato de não ser considerada uma mulher cientista é, por si só, uma maneira de inferiorizar seu gênero. Apesar da imensidão do seu legado, ela foi vista como uma amadora. Neste sentido, entende-se, nas entrelinhas do termo, o destaque brilhante das suas obras, mas até certo ponto, pois é uma amadora: ela é mulher.

É necessário informar que existem estudos que analisam as produções de Maria Graham e Marianne North sob a ótica da arte e do viés estético, embora não sejam abordados nesta pesquisa em particular. A dissertação de Hasse (2021), por exemplo, traz conexões entre as obras de Maria Graham e dos artistas contemporâneos Ana Flávia Baldisserotto e Daniel Caballero, buscando redimensionar a historiografia da arte ao analisar as produções artísticas da viajante, que, segundo o autor, permanecem invisibilizadas.

Ao referir-se às ilustrações das viajantes, apresenta-se uma discussão pautada entre os limites da arte e da ciência. As obras das personagens podem ser analisadas sob ambos os prismas. Segundo Dickenson (2000), Marianne North está entre as margens da arte e da ciência na Inglaterra vitoriana. Vários autores argumentam que seus quadros não estão nos aspectos convencionais da cena inglesa e do movimento europeu, pois a representação botânica “feminina” era realizada através de esboços e aquarelas, em contraposição às pinturas a óleo, como as da personagem (Dickenson, 2000; Gladston, 2012; Hassan, 2017). A tese de Gladston (2012), por exemplo, argumenta que a produção de Marianne North não possuía uma exatidão empírica e, portanto, deveria ser vista como pintura, em vez de ilustração científico-botânica, já que se afastava do caráter direto com a natureza. Neste sentido, é difícil enquadrá-la em uma categoria, já que sua produção estaria em um “limbo visual”. “[...] os botânicos a consideram principalmente uma artista; mas os artistas dificilmente concordariam, pois sua pintura carece quase sempre de sensibilidade” (Blunt, *apud* Dickenson, 2000, p. 149).

A dualidade na trajetória de Marianne North, conforme observado por Oliveira (2020), contribuiu para o pensamento da história natural na transição para o século XX e na compreensão da experiência “feminina” na arte e na ciência. Ela estava no “entre campos” e não foi categorizada por nenhuma das áreas em questão, deixando seu legado restrito ao Kew Gardens.

No campo da arte, existe uma discussão acerca do conceito de artistas-viajantes, que poderia ser intitulado a Maria Graham e Marianne North, uma vez que elas eram, ao mesmo tempo, viajantes, pintoras e botânicas. Mattos (2007) traçou alguns pontos para pensar o conceito. Segundo ela, o termo foi criado a partir do estudo de William Gilpin, do qual advém a ideia de “pitoresco”. Este conceito engloba todo aquele que, ao se deslocar, produziu

imagens sobre as regiões visitadas. Entretanto, para o campo da História da Arte, o termo tem se tornado alvo de críticas, já que a categoria de “artista-viajante” impede a análise sobre o contexto específico de produção de cada imagem (“negociações e intercâmbios”) e as especificidades de cada viagem realizada.

Cabe também ressaltar que a História da Arte, ao ser um campo dominado pelo masculino, marginalizava frequentemente o trabalho de artistas botânicas.

[...] a produção de ambas possui uma natureza ambígua e, portanto, está situada em uma fronteira disciplinar. Enquanto as pinturas a óleo de North possuem um apelo romântico excessivo aos olhos dos cientistas, as aquarelas de Graham parecem não suscitar a curiosidade dos historiadores e críticos de arte por terem sido criadas com um propósito científico (Hasse, 2021, p. 59).

A citação acima conduz novamente à discussão sobre a dicotomia entre amadorismo e profissionalismo, ao perceber que as ilustrações sobre a natureza também são inferiorizadas no campo historiográfico da arte. Corroborando com os demais pesquisadores (Dickenson, 2000; Hasse, 2021), observa-se que a marginalização do trabalho das mulheres viajantes, seja na ciência ou na arte, é interferida pelo gênero. Marianne North descobriu quatro espécies de plantas durante suas pesquisas nas viagens marítimas. Maria Graham realizou um levantamento sobre a flora brasileira para o renomado botânico William Hooker. No entanto, apesar dos estudos e das descobertas científicas, elas são “mulheres”.

Os debates apresentados ajudam a elucidar o contexto em que Maria Graham e Marianne North estavam inseridas e como as relações de gênero perpassam em suas experiências, principalmente na ciência. É importante ressaltar que a presente pesquisa não visa encontrar uma solução para o debate entre amadorismo e profissionalismo no século XIX, mas sim compreender as tensões destas relações nas trajetórias das personagens e como os historiadores se posicionam diante do tema. Maria Graham e Marianne North não tiveram associações em universidades nem seus trabalhos custeados pelo Império Britânico, elementos relacionados à ideia de profissionalização. Por outro lado, suas produções e trajetórias se assemelham às dos homens, e, neste ponto, o gênero é inferiorizado (Rodenas, 2014).

Diante do contexto histórico apresentado e das tensões entre as relações de gênero, retoma-se a posição de Sheffield (1997), ao apontar que definir as viajantes como “amadoras” ou “profissionais” pode ser uma maneira de diminuir os seus trabalhos. A ideia é pensar que independentemente do gênero, da posição social ou do grau de formação educacional, muitos indivíduos praticaram a ciência no século XIX.

Naturalistas, cientistas, negociadores, colecionadores, amadores e profissionais – todos praticavam ciência, ainda que talvez para diferentes propósitos e extensões variáveis. Eles eram todos, além disso, igualmente importantes para o esforço científico, embora de diferentes maneiras (Sheffield, 1997, p. 22-23, tradução minha).<sup>93</sup>

Pode-se observar a prática da ciência de Maria Graham e Marianne North não só nas ilustrações e nas pinturas que envolviam a natureza, mas principalmente nos diários de viagem e nas cartas trocadas com os amigos. Na sequência, o capítulo aborda o tema da botânica na narrativa de viagem e as concepções dos trabalhos existentes na historiografia.

## 2.2 A NARRATIVA DE VIAGEM E A CIÊNCIA NATURAL

No contexto das viagens e expedições científicas, a literatura de viagem se destaca como uma ferramenta essencial na qual a ciência pôde transmitir as informações para o público leigo em geral, contribuindo, assim, para a popularização do conhecimento. A narrativa dos viajantes pode ser tanto científica quanto literária, já que muitos destes aventureiros eram naturalistas e viajavam em missões destinadas à catalogação e coleta de espécimes naturais em diferentes partes do mundo, como América, África e Ásia (Fetz, 2010/2011).

O foco deste capítulo não é discutir as representações da natureza na literatura de viagem de Maria Graham e Marianne North, pois este estudo vem sendo realizado por pesquisadores do campo da História e da Arte<sup>94</sup>. No entanto, antes de analisar as atividades botânicas desempenhadas pelas personagens, é pertinente fazer uma revisão sobre como o tema da narrativa de viagem perpassa pela literatura.

De acordo com Kury (2001), os viajantes buscavam descrever, minuciosamente, os aspectos de cada local visitado. Neste contexto, Maria Graham e Marianne North anotaram informações e revelaram suas impressões sobre as flores, os animais, as florestas, as árvores, as plantas medicinais, as ervas daninhas, os insetos, os pássaros e outros elementos que constituem a flora e a fauna das Américas. Para estes viajantes, parecia emocionante ver pela primeira vez as paisagens do “novo continente”, já que cada região percorrida oferecia algo singular para se deslumbrar. No caso das mulheres, Rodenas (2014) argumenta que elas representavam poeticamente a natureza, atribuindo, para isso, o conceito de “olhar do

---

<sup>93</sup> Texto original: “Naturalists, scientists, dealers, collectors, amateurs and professionals – all practiced science, although perhaps to different purposes and to varying extents. They were all moreover, equally important to the scientific endeavour, albeit in different ways” (Sheffield, 1997, p. 22-23).

<sup>94</sup> Ver estudos de Sheffield (1997), Gladston (2012), Souza (2020) e Hasse (2021).

encantamento”. Marianne North, por exemplo, durante o caminho para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, se encantava com a paisagem das florestas.

[...] e que florestas! Não as matas lanuginosas da Europa, mas variedades intermináveis de forma e cor; desde as árvores-trombeta, de grandes folhas brancas, até as palmeiras delicadas, coral escarlate, e as quaresmeiras lilases. Os jardins dos casarões ao longo da estrada eram cheios de flores e frutas luxuriantes e árvores nobres, num lugar, um tipo de pântano com maciços de bambu-da-índia oferecia um descaso agradável aos olhos após o espalhafato berrante dos jardins (North, 2001, p. 70-71).

Tanto nas iconografias quanto nas anotações de viagem, Maria Graham e Marianne North apresentavam a América, ou o “Novo Mundo”, para o público europeu. É neste sentido que os autores discutem sobre a importância das imagens produzidas pelas viajantes, pois elas transmitiam a ideia de uma natureza tropical e exuberante (Martins, 2001). No caso de Maria Graham, que viveu o início do século XIX e o auge do período romântico, Souza (2020) defende que as ilustrações da artista difundiram a noção de pitoresco<sup>95</sup>, com temas que abordavam o campo e a vida rural. As obras de Maria Graham estudadas pela historiadora

evidenciam uma série de referências ao classicismo, ao romantismo inglês e a elementos da estética pitoresca. A faceta do romantismo identificada na obra de Graham diz respeito à valorização da natureza exótica, que é derivada da oposição entre cidade e meio rural ou entre o conhecido e desconhecido. As paisagens e as ilustrações botânicas de Maria Graham podem ser tratadas a partir da noção difundida no romantismo britânico de culto à vegetação exótica (Souza, 2020, p. 131).

A “ciência romântica” presente no contexto vivenciado por Maria Graham instigava os viajantes a escreverem sobre as sensações diante dos fenômenos da natureza, mantendo os métodos e o rigor científico (Kury, 2001). Este modelo é caracterizado por uma ideia difundida por Alexander von Humboldt, naturalista e geógrafo alemão, que via a literatura de viagem e a arte produzida pelos viajantes como partes integrantes da prática científica e literária. Era uma maneira de apresentar aos europeus, seja por meio da ilustração ou da narrativa, o que o espectador observava na natureza (Kury, 2001; Costa, 2015; Souza, 2020).

Martins (2001), em *O Rio de Janeiro dos viajantes*, fez um amplo estudo sobre a circulação de imagens que representaram o Império brasileiro, mais especificamente o Rio de

---

<sup>95</sup> Embora o conceito de pitoresco seja amplo, Martins (2001) pontua sobre a ideia de “invenção da tropicalidade”, de David Arnold, uma discussão baseada na tese de Edward Said em *Orientalismo*. A definição é pensar que a Europa, por meio de uma visão ocidental, criou uma imagem que englobava toda a natureza da América como “os trópicos” e se desassociava da paisagem da zona temperada europeia.

Janeiro na primeira metade do século XIX. A historiadora utilizou cartas náuticas, pinturas, desenhos e diversas outras imagens produzidas por marinheiros, naturalistas e artistas viajantes britânicos que abordavam a natureza e a paisagem do território. A partir destas fontes, ela trabalhou a noção de “geografia imaginativa”, em que os viajantes britânicos “imaginavam” e buscaram definir materialmente a natureza dos trópicos.

Ao tratar da temática da natureza na narrativa de Maria Graham e Marianne North, torna-se evidente que ambas relatam diversas visitas a jardins privados e hortas. A tendência é que o olhar para o ambiente doméstico esteja mais presente nas produções de mulheres viajantes do que nos diários masculinos, assim como o interesse em explorar o interior das casas nas regiões visitadas (Pratt, 1999).

Maria Graham observou que poucas casas no Império do Brasil possuíam jardins, já que a sua criação e manutenção “era um luxo”, sugerindo que apenas indivíduos com condições financeiras conseguiam ter acesso a estes espaços. Tanto Maria Graham quanto Marianne North tiveram a oportunidade de conhecer jardins particulares, onde também puderam adquirir conhecimento, pois, conforme aponta Bewell (2017), também se desenvolvia, nestes espaços, a prática científica botânica. No exemplo a seguir, Maria Graham, ao visitar um jardim particular no Chile, viu pela primeira vez a árvore lúcuma, uma espécie originária do Peru.

De volta à casa, passamos pelo jardim particular, onde vi pela primeira vez a árvore de lúcuma (*Achraes lúcumo*), fruta rara aqui, mas que é abundante em Coquimbo e floresce muito bem em Quillota. A semente parece uma castanha, está envolta em uma polpa como da nêpera na substância e de um sabor agradável e doce. Há também a chirimóia (uma *anonna*, das coadunadas do método natural do Linneo), tão famosa no Peru, cujas árvores parecem-se exatamente uma à outra (Graham, 1916, p. 203-204, tradução minha).<sup>96</sup>

Por sua vez, durante sua estadia na província de Minas Gerais, Marianne North teve a oportunidade de visitar o jardim particular de Mariano Lages, em Juiz de Fora. Ela descreveu o jardim como um espaço grandioso, com cerca de 50 jardas e adornado com uma variedade de plantas, aves e animais. Destacou a presença de orquídeas raras, uma diversidade de palmeiras e um cacto-candelabro impressionante de 20 pés de altura. Além disso, ambas as

<sup>96</sup> Texto original: “De vuelta á la casa, pasamos por el jardín particular, donde vi por primera vez el lúcumo (*Achraes lúcumo*) fruta rara aquí, pero que abunda bastante en Coquimbo y florece muy bien en Quillota. La simiente parece una castaña, está envuelta en una pulpa como el níspero en la sustancia y de un sabor agradable y dulce. Hay también el chirimoyo (una *anonna*, de las coadunatas del método natural de Linneo), tan famoso en el Perú, cuyos árboles se parecen exactamente uno á otro” (Graham, 1916, p. 203-204).

viajantes informam sobre o cultivo de plantas conhecidas na Inglaterra em jardins no Império do Brasil e no Chile, demonstrando a presença das redes de intercâmbio científico pela Europa e América (Zubaran, 2005; Hagglund, 2011; Souza, 2020). Deste modo, é importante considerar que os relatos que dão detalhes dos jardins privados e das hortas visitadas por Maria Graham e Marianne North fornecem pistas sobre as atividades exercidas por elas, já que as duas inglesas mantiveram relações próximas com William Hooker e Joseph Hooker.

À medida que as inglesas conheciam os jardins e as florestas, seus cadernos iam recebendo inúmeras anotações e rascunhos das plantas e flores encontradas. Através dos seus relatos de viagem, é possível obter informações sobre a agricultura, incluindo o cultivo e a irrigação, e as práticas alimentares da sociedade brasileira e chilena no Oitocentos. Estas informações podem ser divididas em três categorias, conforme sugerido por Carl Thunberg, um funcionário da Companhia Holandesa das Índias Orientais. Tanto os escritos quanto o exercício de recolhimento das plantas são organizados conforme a função da *naturalia*: alimentação, medicina e agricultura (Thunberg *apud* Schiebinger, 2004).

Conforme já mencionado, o processo de identificação dos espécimes seguia as normas estabelecidas por Carl Lineu. Esta nomenclatura representava uma convenção entre os profissionais para trazer organização à área, já que, com as viagens, frequentemente novas plantas eram trazidas para a Europa. Muitos historiadores celebram o *Systema Naturae* como o marco de criação do campo da botânica (Schiebinger, 2004).

Embora as mulheres viajantes não recebessem um treinamento formal e acadêmico para a classificação e o recolhimento dos espécimes, ainda assim, elas tinham contato com a classificação proposta por Lineu. Maria Graham, por exemplo, expressou ter pouco conhecimento na área e criticou o *Systema Naturae*, argumentando que a nomenclatura afastava as pessoas da história natural.

Entristece-me saber tão pouco de botânica, porque sou totalmente aficionada às plantas. Agrada-me ver seu desenvolvimento e conhecer sua procedência e seus usos; mas parece-me que a nomenclatura botânica foi criada para manter afastada às pessoas de todo o conhecimento real de uma das mais lindas classes de objetos da Natureza. O que esses vocábulos toscos têm que fazer com coisas tão agradáveis como as rosas, os jazmins e as violetas? (Graham, 1916, p. 200, tradução minha).<sup>97</sup>

---

<sup>97</sup> Texto original: “Me entristece saber tan poco de botánica, porque soy realmente aficionada á las plantas. Me agrada ver su desarrollo y conocer su procedencia y sus usos; pero me parece que la nomenclatura botánica ha sido creada para mantener alejada á la gente de todo conocimiento real de una de las más hermosas clases de objetos de la Naturaleza. ¿Qué es lo que esos rudos vocablos tienen que hacer con cosas tan agradables como las rosas, los jazmines y las violetas?” (Graham, 1916, p. 200).

O exercício de afirmar que tinha pouco conhecimento sobre uma área era prática comum das mulheres no século XIX, pois elas precisavam “pedir licença” e serem modestas ao escrever sobre determinados assuntos (Sheffield, 1997; Franco, 2017). Assim como Maria Graham, Marianne North também manifestou uma autodesqualificação em botânica, como no relato a seguir:

Nas clareiras frescas vi muitas flores novas e lindas, assim como alguns velhos amigos, incluindo a planta graciosa do norte da Itália, com a qual se colore o vinho de Pádua e Verona. Como é que ela chegou a dois lugares tão distantes? Cada vez mais eu sentia falta de alguém conhecedor de botânica para responder a minhas várias perguntas (North, 2001, p. 91).

Entretanto, apesar do desconforto e do “pouco conhecimento” sobre a botânica e sua nomenclatura, Maria Graham, segundo Thompson (2019), foi influenciada pelos propósitos de Lineu. Por outro lado, de acordo com Ryall (2008), Marianne North não deve ser caracterizada como uma seguidora estrita de Lineu, pois ela não recebeu instrução formal sobre o Sistema e não mencionou o naturalista sueco nos seus escritos. Isto ressalta a diversidade de abordagens e influências entre as mulheres viajantes em relação à botânica e à sua classificação durante o século XIX.

Ainda que as personagens não estivessem próximas ao estudo proposto por Lineu, seja pela crítica formulada por Maria Graham ou pela afirmação de Ryall (2008), é consenso na historiografia a influência deste Sistema no processo de identificação, catalogação e recolhimento dos espécimes. Porém é interessante observar o papel do gênero, pois ambas as viajantes mantiveram uma postura distante a este estudo. Além disso, de acordo com Hagglund (2011), ao mesmo tempo em que consultou a terminologia lineana, Maria Graham se informou com a população local sobre as plantas, relacionando métodos acadêmicos com saberes tradicionais.

O imperialismo britânico, como vem sendo discutido na tese, buscava formas de aumentar seu capital financeiro, e, com isso, encontrou na história natural uma ferramenta de investimento. Por esta razão, Lineu defendia a relação de troca entre o Estado e os naturalistas, já que a área da botânica prestava serviço à nação, ao mesmo tempo em que recebia investimento para o seu funcionamento (Schiebinger, 2004). Neste sentido, é interessante observar a prática de nomeação de plantas pelos viajantes, assim como a ascensão do sistema formulado por Carl Lineu, e sua conexão intrínseca com o domínio imperial. Schiebinger (2004) aponta que a nomenclatura lineana vem sendo chamada por

alguns autores de “imperialismo linguístico”, pois era uma ferramenta que estabelecia vínculos simbólicos entre as regiões colonizadas e a metrópole, reforçando a dinâmica de dominação e exploração. “A nomeação, o modo que as culturas se referem a objetos animados ou inanimados, é um profundo processo social. Ele é também altamente político, e a nomenclatura botânica deveria ser considerada em um contexto maior na história da nomeação” (Schiebinger, 2004, p. 195, tradução minha).<sup>98</sup>

Além do exercício de nomear territórios e, assim, obter o controle e o domínio imperial sobre determinada região, o processo de nomeação dos espécimes naturais era outro meio de domesticação. A Europa exerceu uma violência epistêmica ao “conferir nomes europeus às plantas do Leste”, impondo sua própria narrativa e interpretação sobre estes elementos. Isto resultava em uma transformação das paisagens da América segundo os olhos ocidentais (Ashcroft; Griffiths; Tiffin *apud* Agnew, 2011).

Na teoria psicanalítica e histórica, Anne McClintock (2010) afirma que a busca pela origem e o desejo de controle se manifestam significativamente no processo de nomeação territorial. Um exemplo citado pela autora é a prática imperialista de nomear as terras conquistadas, estabelecendo, assim, uma relação de poder. Em outras análises, pode-se lembrar a nomeação da planta vitória-régia, originária da região amazônica, e que recebeu este nome em homenagem à Rainha Vitória. Além disto, indivíduos influentes deixam sua marca na natureza através da nomeação de espécies, como, por exemplo, Marianne North. Ela teve cinco plantas nomeadas em sua homenagem: *Northea seychellana*, das Ilhas Seychelles; *Nepenthes northiana* e *Areca northiana*, de Bornéu, na Ásia; e *Crinum northianum* e *Kniphofia northiana*, na África.

Era comum os naturalistas atribuírem nomes de identificação na *naturalia*. Ao entrar nesta discussão, é importante chamar a atenção para a existência de micropoderes, tanto nas relações entre os viajantes e naturalistas do século XIX quanto das atividades exercidas por eles. O imperialismo se manifestava em diversas esferas, inclusive na linguística. As ciências naturais encontravam-se em processo de desenvolvimento e as atividades dos naturalistas estavam, muitas vezes, alinhadas aos interesses dos Estados, objetivando um caráter financeiro e lucrativo à nação. No caso do imperialismo britânico, o investimento na botânica se expandiu na virada para o século XIX (Schiebinger, 2004).

---

<sup>98</sup> Texto original: “Naming, the way cultures come to refer to objects whether animate or inanimate, is a deeply social process. It is also highly political, and botanical nomenclature should be considered in a larger context of the history of naming” (Schiebinger, 2004, p. 195).

O “imperialismo ecológico” e o “imperialismo linguístico” representaram políticas abrangentes que englobaram não apenas a nomeação e a identificação de espécimes naturais, mas também o recolhimento e a importação de plantas e animais para a Europa. Este exercício reforçava o centro metropolitano (Schiebinger, 2004; Agnew, 2011). Ao catalogar e nomear as espécies, o império formalizava o controle sobre estas *naturalias* e, por extensão, sobre as regiões de onde elas eram originárias. Neste sentido, destaca-se a afirmação de Morgan (1993), ao informar que não há nada de inocente em uma mulher viajando e pintando flores, assim como não há nada de simples na relação política do Império.

Apesar de Maria Graham e Marianne North estarem na posição que corrobora com o imperialismo, é preciso lembrar que ambas teceram críticas quanto aos males que a natureza já estava sofrendo anos atrás. Ao estarem imersas nas atividades e no contato próximo à botânica, as viajantes possuíam um olhar sensível na preservação do meio ambiente, e, de certa forma, suas narrativas apresentam “denúncias” no que se refere às queimadas, às derrubadas de árvores, às enchentes e ao deslocamento de espécies nativas entre um continente e outro. As mudanças ambientais, que já estavam sendo percebidas pelas personagens no Oitocentos, podem ser compreendidas como consequências diretas do processo de colonização e do desenvolvimento industrial que almejava a modernização (Morgan, 1993; Ponsonby, 2010; Gladston, 2012; Hasse, 2021)<sup>99</sup>.

A maioria dos viajantes britânicos que visitaram a América do Sul se preocupou com a botânica e a política dos territórios. Além de conferirem seus testemunhos sobre os processos de independência e construção nacional dos Estados, eles estavam familiarizados com o tema da história natural. As *exploratrices sociales*, categoria formulada por Pratt (1999) a partir do trabalho de Marie-Claire Hoock-Demarle, apresenta a ideia de que as mulheres viajantes, em contraposição aos homens, estavam mais dispostas em conquistar uma independência pessoal e explorar seu próprio “eu”. Por esta razão, o “reformismo social” foi “uma forma de intervenção imperial feminina na zona de contato” (Pratt, 1999, p. 276).

Tanto Pratt (1999) quanto Mills (1993) afirmam que as mulheres colaboraram e agiram de maneiras diferentes dos homens no imperialismo britânico devido ao fator do gênero, já que “o interior da casa é o lugar de seus ‘eus’” (Pratt, 1999, p. 274). O grande número de visitas a jardins e hortas particulares, como mencionado, é um indício da ligação “feminina” ao doméstico, e, ao mesmo tempo, este fato não as impediu de contribuírem com a história natural e o reforço da política imperial.

---

<sup>99</sup> Ainda sobre o tema, Diego Rafael Hasse (2021) discorreu, na sua dissertação de mestrado, sobre o diálogo entre arte e viés ecológico-político em artistas oitocentistas e contemporâneos.

Neste sentido, grande parte do conhecimento botânico era praticado pelas mulheres (Bewell, 2017). Maria Graham afirmou que “[...] poucas são as famílias que não têm uma mulher entendida nas propriedades das plantas, sejam medicinais ou para tingir” (Graham, 1916, p. 167, tradução minha)<sup>100</sup>. A partir do conceito de *angel in the house*, traduzido por “anjo da casa”, isto é, a idealização “das mulheres vitorianas, que amavam, apoiavam e se submetiam na botânica colonial”, Hong (2020, p. 415) traz a classificação de mulheres que participaram da história natural, no ambiente doméstico, com figuras que nunca viajaram, até personagens itinerantes que se dedicavam inteiramente à área. Os *angels in the house* comunicavam-se com botânicos da elite, uma vez que estes passavam instruções sobre as atividades, e, ao mesmo tempo, elas endossavam o discurso imperialista, inclusive as mulheres que permaneciam no interior dos seus lares (Hong, 2020).

Apesar de os historiadores mencionarem trajetórias de mulheres que foram para o mar para conhecer a natureza do planeta, é válido ressaltar que apenas os homens levavam o título de “aventureiros” ao realçarem a imagem de uma natureza selvagem e ameaçadora e, com isso, se tornavam os heróis, já que, através das suas narrativas, o ambiente havia sido “dominado”. A masculinidade heroica do viajante e do cientista colaboraram para o discurso da bipolarização do gênero na ciência e para a exclusão das mulheres na área, já que o doméstico estava feminizado. Muito dificilmente, as viajantes seriam consideradas aventureiras, por mais que os perigos e as dificuldades dos percursos fossem os mesmos (Sheffield, 1997; Terrall *apud* Schiebinger, 2004; Rodenas, 2014).

De acordo com Schiebinger (2004, p. 23, tradução minha), os homens da ciência enfrentavam “[...] árvores espinhosas, cobras peçonhentas, chuvas torrenciais, carrapatos, mosquitos, escravos fugidos e o calor sufocante para procurar por plantas úteis e lucrativas”<sup>101</sup>. Similarmente, Maria Graham e Marianne North registravam os mesmos desafios e dificuldades de homens como Jean-Baptiste-Christophe Fusée-Aublet, Saint-Hilaire e Cabinet, entre outros (Rodenas, 2014).

Durante suas incursões na mata no Rio de Janeiro, Maria Graham afirmou que foi picada três vezes na testa por uma vespa. Além delas, as formigas e os carrapatos eram insetos difíceis de controlar.

<sup>100</sup> Texto original: “[...] pocas son las familias que no tengan una mujer entendida en las propiedades de las plantas, sean medicinales ó para teñir” (Graham, 1916, p. 167).

<sup>101</sup> Texto original: “[...] thorny trees, venomous snakes, drenching rains, ticks, mosquitoes, runaway slaves, and suffocating heat to search for useful and profitable plants” (Schiebinger, 2004, p. 23).

Depois do incômodo da picada da vespa vem o das formigas, especialmente da formiga grande e vermelha, não porque mordam, piquem ou furem, tanto quanto pude observar, mas por efeito do ácido fórmico que derramavam na pele e que era ainda mais grave que segurar urtigas ardentes. Finalmente, o carrapato ordinário, que na Inglaterra só ataca carneiros e cães, é tão comum aqui, que só despindo-se completamente, e lavando-se após um passeio na floresta, pode alguém escapar de encontrar meia dúzia deles com a cabeça enterrada na pele (Callcott, 2010, p. 202-203).

Marianne North também narrou um ataque de vespas, afirmando que, durante certa manhã, ao observar uma massa preta no topo da espécie de capim-escova, verificou que era um enxame de vespas e teve seu dedo ferroadado (North, 2001)<sup>102</sup>.

As descrições das viajantes ampliam a sensação de perigo e desconforto nos percursos botânicos, aproximando-as do ideal de resistência e coragem que, como mencionado anteriormente, era atribuído aos homens (Schiebinger, 2004). O próprio relato de Maria Graham, ao afirmar ter sido picada três vezes na testa por uma vespa, levanta questões: seria possível que o inseto tivesse repetido o ataque de forma tão precisa, ou trata-se de uma estratégia narrativa para reforçar a dramaticidade da experiência?

Além das narrativas no seu livro de viagem, Marianne North discorreu sobre as dificuldades do processo de pintura em suas correspondências para Arthur Burnell, personagem importante que será analisado posteriormente na tese. Na carta de 21 de março de 1878, a viajante afirmou que, em Jubblepore, cidade da Índia, as formigas atrapalhavam seu trabalho. “As formigas de lá são as primeiras que eu conheci que têm gosto por pinturas a óleo! E elas nitidamente tornaram a vida insuportável e me conciliaram a ir embora no dia seguinte – apenas com três miseráveis esboços, os quais eu terminei em Jubblepore” (North, 1878a, tradução minha).<sup>103</sup>

As dificuldades para desenvolver seus desenhos impossibilitaram uma estadia longa na cidade, fato este que fez Marianne North desabafar na carta para seu amigo.

Diante deste cenário, se a historiografia possui a figura do viajante masculino aventureiro e heroico, quais atividades materiais Maria Graham e Marianne North desenvolveram? Quais estudos as personagens realizaram? Quais foram as principais dificuldades durante o processo de coleta e pintura das espécies? A partir de algumas

<sup>102</sup> Ver texto: “Certa manhã parei para olhar uma massa preta no topo de um talo de capim-escova e estava quase pondo a mão quando descobri que era um enxame de vespas. [...] ao tentar, tolamente, verificar se se tratava mesmo de vespas, fiquei com o dedo bem ferroadado. Ver esse pequeno drama de insetos valia, por si só, um pouco de desconforto” (North, 2001, p. 95-96).

<sup>103</sup> Texto original: “The ants there are the first I have met who have a taste for oil paints! and they positively made life unbearable and reconciled me to going away the next day – with only three miserable sketches, which I finished at Jubblepore” (North, 1878a).

discussões da historiografia e da análise de variadas fontes, foi realizado o mapeamento das atividades desenvolvidas pelas viajantes, tendo como foco as plantas medicinais, os animais e o “ouro verde”.

### 2.3 PLANTAS MEDICINAIS, ANIMAIS E O “OURO VERDE”: AS ATIVIDADES DE MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH

Além de ciência, a botânica era um grande negócio. O Império Britânico se esforçava na identificação e no cultivo de novas plantas. As espécies medicinais eram de grande valia, pois auxiliavam no tratamento de doenças e no fortalecimento dos colonos. A planta medicinal *Cinchona*, por exemplo, era muito cobiçada, já que era utilizada no tratamento contra a malária e, conseqüentemente, fundamental no processo de colonização europeia nos trópicos. A busca por medicamentos era importante na cura de velhas e novas doenças, uma vez que crescia o número de viajantes e, principalmente, de colonos que faleciam em regiões colonizadas. Portanto, era preciso ampliar a farmacopeia do governo (Schiebinger, 2004).

Em seus percursos no Império do Brasil e no Chile, Maria Graham encontrou diversas espécies medicinais, como, por exemplo, o *quillo quilloi* e a *tornatilla*. Em outro relato, a viajante descreveu ter tomado conhecimento da presença de uma planta medicinal notável e valiosa, o *Cullen*. Apesar de um médico local afirmar que tal planta não era encontrada na região, ela registrou em seu diário tê-la identificada em um barranco próximo à sua residência. O conhecimento a respeito da espécie do *Cullen* se deu quando Maria Graham realizava uma refeição com vizinhos no Chile.

Durante o almoço, um médico mencionava as qualidades medicinais do *Cullen* (*Cytisus arboreus*), acrescentando que valia a pena introduzi-lo no Chile e fazer, pelo menos, algumas plantações no entorno de Valparaíso, a fim de cultivá-lo para a exportação. Como recém-chegada, tive certo temor de adiantar que as pessoas do povoado tinham me mostrado uma planta que se chamava *Cullen*; e, quando me aventurei a dizê-lo, este senhor respondeu-me que não podia ser, porque nunca havia ouvido falar aqui de tal planta. Quando voltei para casa, me dirigi ao desfiladeiro, onde encontrei as rochas de ambos os lados cobertas do melhor *Cullen*, não sendo escassa a espécie inferior que cresce a mais alturas (Graham, 1916, p. 182, tradução minha).<sup>104</sup>

<sup>104</sup> Texto original: “Durante la comida un médico mencionaba las cualidades medicinales del *Cullen* (*Cytisus arboreus*), agregando que valía la pena introducirlo en Chile y hacer, por lo menos, algunas plantaciones en las vecindades de Valparaíso, á fin de cultivarlo para la exportación. Como recién llegada, tuve cierto temor de adelantar que la gente del pueblo me había mostrado una planta que llamaba *Cullen*; y cuando me aventuré á decírselo, este señor me contestó que no podía ser, porque nunca había oído hablar aquí de tal planta. Cuando volví á casa, me dirigí á la quebrada,

Ainda que coincidentemente Maria Graham tenha encontrado esta espécie no caminho de volta para a casa, o relato fornecido pela autora transmite ao leitor a ideia de que ela possuía profundo conhecimento na área e estava bem-informada sobre o assunto abordado, ao contrário do médico citado no livro.

A botânica era um tema que frequentemente estava nos encontros sociais e nas conversas cotidianas das pessoas no século XIX. Antes da propagação das teorias racistas e eugenistas do Oitocentos, muitos europeus, segundo Schiebinger (2004), reconheciam os saberes dos povos originários na América, África e Índia. Maria Graham, por exemplo, apesar do discurso imperial e colonial, “transculturou-se” durante a estadia na América do Sul, isto é, ao estar em contato com uma cultura diferente da qual estava inserida, reconheceu o saber de nativos no Império do Brasil através da dinâmica de interação na sociedade, conforme atestam seus relatos de viagem (Pratt, 1999; Zubaran, 2005; Hagglund, 2011).

Além da busca por plantas medicinais, era comum os viajantes capturarem animais, sobretudo aqueles considerados exóticos, como beija-flores, tucanos, araras e canários. Além do recolhimento de sementes e flores, Maria Graham, com a ajuda dos marinheiros da fragata “Doris”, buscaram algumas espécies de pássaros. Eles a ajudavam a retirar as peles dos animais e a dissecar as aves, assim como a acompanhavam nos percursos em florestas e matas. Logo no início de sua viagem ao Reino do Brasil, a inglesa escreveu, no dia 9 de outubro de 1821:

Os mais moços ficaram comigo para colher flores, reunir plantas e, com ajuda dos marinheiros dos barcos, dirigir os preparos para o jantar. Às 4 horas os caçadores voltaram trazendo picaços de crista vermelha, fringilídeos de várias cores, beija-flores, pega pretas e amarelas, e outras de plumagem alegre e formas delicadas, de todo novas para nós todos (Graham, 1956, p. 135).

A fragata, portanto, recebia muitos pássaros, mas também outros animais que, pode-se supor, eram utilizados na alimentação, como, por exemplo, galinhas e cabras<sup>105</sup>. Estes animais se tornavam importantes para os viajantes, já que serviam de alimento para o dia a dia da tripulação.

---

donde encontré las rocas de ambos lados cubiertas del mejor *Cullen*, no siendo escasa la especie inferior que crece á más altura” (Graham, 1916, p. 182).

<sup>105</sup> Ver texto: “Nossos rapazes apanharam certo número de aves, especialmente procelárias; a *P. Pelagica*, ou galinha de *Motlier Cary’s*, é a menor; a *P. Pintada* é a mais alegre na água; mas a *P. Glacialis*, ou *fulmer*, é a mais bela quando trazida para bordo” (Graham, 1956, p. 235).

Já Marianne North dispunha da ajuda de indivíduos, incluindo desde o camaroteiro, responsável pela organização e limpeza dos navios, até governadores e políticos. Durante sua partida do Império do Brasil, já a bordo de uma embarcação rumo à Inglaterra, ao conseguir nove pássaros canários através do camaroteiro, a inglesa os abrigou em um beliche vago na sua cabine no navio<sup>106</sup> (North, 2001).

A compra de animais era uma atividade frequentemente mencionada por Marianne North. No seu livro de viagens, ela sugere que, no Império do Brasil, os estrangeiros poderiam gastar seu dinheiro com pássaros, borboletas e insetos, pois estes eram similares às pedras preciosas. Os relatos e as cartas trocadas com amigos e familiares indicam que a inglesa buscava encontrar lojas e pessoas que vendiam estas “mercadorias naturais”<sup>107</sup>. Se não era possível comprar, ela recolhia os animais por meio de suas buscas em áreas florestais e jardins, ou as pessoas das suas redes de sociabilidade a presenteavam. O relato a seguir apresenta o episódio em que, durante um passeio em uma floresta em Ouro Preto, capital da província de Minas Gerais na época, Marianne North levou para casa um sapo preto.

Dei um passeio monumental na floresta vizinha com o Sr. W. e trouxe para casa um grande tesouro – um sapo preto. Sua face e partes inferiores, incluindo as palmas das mãos e dos pés, eram da cor de carne; [...] Mantive esse animal de estimação por três meses e então confiei-o a um amigo para que o levasse ao Jardim Zoológico de Londres; mas infelizmente ele morreu após três dias de ar marinho [...] (North, 2001, p. 96).

Era comum a viajante acompanhar algumas pessoas nos comércios locais para a compra de objetos de seu interesse. Em Agra, na Índia, ela foi a uma expedição de compras nos Bazares com o Sr. Rivett Carnac, pois ele era um homem de boa oratória e persuasão e conseguia fazer com que as pessoas lhe mostrassem os artefatos mais valiosos (North, 1878a).

Marianne North também utilizava a flora para presentear as pessoas próximas a ela na Inglaterra, principalmente seus sobrinhos e amigos. Em uma carta para Annie, a inglesa afirmou que nada havia de interessante para comprar no município de La Orotava, a não ser canários, mas esta espécie de pássaro era muito encontrada na Inglaterra.

---

<sup>106</sup> Ver texto: “Em três dias mais eu estava a bordo de um vapor rumo à Inglaterra. Dei ao camaroteiro a incumbência de me comprar passarinhos canoros na Bahia, e ele comprou nove; eles ficaram no beliche vago em minha cabine, que ficou conhecida como o Caminho da Gaiola entre os serviçais e as crianças [...] Dei a maioria dos pássaros para minhas sobrinhas em Clifton” (North, 2001, p. 113-114).

<sup>107</sup> Ver relato: “Era domingo, e as lojas estavam tão rigorosamente fechadas como em Glasgow. Vi pouca coisa para comprar além de papagaios, laranjas e bananas” (North, 2001, p. 68).

Não há nada que valha a pena comprar aqui, exceto canários, e há muitos deles na Inglaterra. Você gastará o dinheiro num presente de casamento para si que será mais útil do que um canário? E aceite os meus melhores votos para a sua felicidade futura. Penso que o seu marido será um homem muito forte, e espero conhecê-lo um dia. Devo estar de volta em abril, provavelmente, e sentirei muito a sua falta no meio das planícies (North, [s.d.b], tradução minha).<sup>108</sup>

La Orotava era localizada na província de Tenerife, nas Ilhas Canárias, pertencente à Espanha. Pode ser que a referência jocosa aos canários como *souvenirs* de La Orotava tenha sido realizada devido à enorme quantidade desta espécie na ilha. Annie estava para se casar, e Marianne North buscava um presente para sua amiga. Segundo a viajante, não valeria a pena comprar os pássaros, já que havia uma abundância deles na Inglaterra.

De acordo com Burton e Mawani (2020, p. 1-2), os animais estavam atrelados ao Império Britânico, uma vez que eles impulsionavam a “economia simbólica e política do imperialismo moderno”. O livro *Animalia: an anti-imperial bestiary for our times* traz uma discussão acerca da importância dos animais e da organização do conhecimento na expansão imperial britânica. Apesar de os autores abordarem a relação entre os colonos e os animais em regiões da África do Sul, do Canadá e da Austrália, este estudo ajuda a entender a maneira pela qual a importação de animais fez parte de um “*ethos* imperial britânico”, assim como da acumulação da riqueza, das fontes de alimento e dos motores do capital. Deste modo, os britânicos levavam os animais “tanto enquanto companheiros/as, alimentos, ou marcadores de propriedade e *status*” (Burton; Mawani, 2020, p. 6-7, tradução minha).<sup>109</sup>

Durante uma viagem para a Austrália, em 1881, na cidade de Melbourne, Marianne North relatou a compra de uma família de pequenos gambás em uma carta escrita para Amelia Edwards. A viagem com os animais seria longa, pois teria como destino a Nova Zelândia e as Ilhas Sandwich. Portanto, era importante que eles sobrevivessem. Provavelmente, o objetivo era chegar com os animais vivos na Inglaterra.

Eu acabei de comprar uma família de pequenos gambás – mãe, pai e filha, que eu vou tentar e trazer para casa vivos. Eles são bolinhas perfeitas de fofura – com caudas preênsais e bolsas marsupiais – e as orelhinhas e os olhos mais inteligentes – [...] eles só comem e se movem à noite – e talvez

<sup>108</sup> Texto original: “There is nothing worth buying here except canary birds. & there are enough of them in England. Will you spend the enclosed on a wedding present for yourself which will be more useful than a canary bird? & accept my very best wishes for your future happiness. I think your husband will be a very hunky man – & I hope to Know him, some day. I shall be back in April probably & shall miss you much amongst the flats” (North, [s.d.b]).

<sup>109</sup> Texto original: “[...] whether as domestic companions, foodstuff, or markers of property and status” (Burton; Mawani, 2020, p. 6-7).

manuseados em segurança durante o dia – quando eles estão sonolentos e bobos – é mais um experimento levá-los até a Nova Zelândia e para as Ilhas Sandwich no caminho, mas eu espero que eles possam sobreviver (North, 1881b, tradução minha).<sup>110</sup>

Ao observar a imagem de Marianne North, a exemplo da fotografia apresentada no capítulo 1, percebe-se a indumentária de uma típica mulher vitoriana, que viajava com longos vestidos e se protegia com lenços na cabeça. Uma inglesa solteira e que realizava suas jornadas sozinha para pintar flores. No entanto, como vem sendo discutido na tese, a imagem apresentada nas fotografias e na trajetória deixada por Marianne North é complexa e, ao que tudo indica, não é ingênua, conforme assinalado por Morgan (1993). Segundo os relatos da própria viajante, a personagem sabia manusear uma arma de fogo, já que ela relatou que atirou por acidente em um urso-preguiça durante uma das suas inúmeras idas às florestas para realizar as atividades de botânica. “Um pobre pequeno urso-preguiça foi baleado por mim antes que eu pudesse dizer ‘não’, tão macio e inofensivo, todo de pelos e nada de corpo ou ossos. Eu me senti mal pelo assassinato inútil” (North, 1980, p. 160, tradução minha).<sup>111</sup>

Por mais que a ciência fosse considerada um trabalho muito rigoroso para as mulheres, pois elas eram “delicadas” (Schiebinger, 2004), o relato acima apresenta um contraponto ao ideal do “feminino” vitoriano. Ainda que o documento de Marianne North não apresente muitas informações sobre as atividades de caça, compra e venda de animais, é possível capturar detalhes que dão pistas interessantes a esta faceta da personagem, assim como nas correspondências analisadas. Além da imagem da mulher das flores, pode-se sugerir que ela tenha sido uma pessoa que pegou em armas e entrou nas florestas para caçar animais do seu interesse. Neste caso, Marianne North fazia um contraponto às normativas do gênero no contexto vitoriano, uma vez que o “feminino” deveria se limitar ao doméstico. Entretanto, apesar do gênero, ela estava imersa no mundo imperialista, e a importação de animais para a Inglaterra fazia parte do “*ethos* imperial” (Burton; Mawani, 2020).

Até o momento da presente pesquisa, e conforme as fontes analisadas, não é possível saber se Marianne North comercializava os animais adquiridos durante seus percursos pelos

---

<sup>110</sup> Texto original: “I have just bought a family of small opossum mise – mother father & daughter, which I am going to try & bring home alive – they are perfect littler balls of fluff – with prehensile tails & marsupial pouches – & most intelligent little ears & eyes – [...] they only eat & move at night – & maybe handled safely by day – when they are sleepy & stupid – it is rather an experiment taking them over New Zealand & to the Sandwich Islands on their way but I hope they may survive it” (North, 1881b).

<sup>111</sup> Texto original: “A poor little sloth-bear, was shot for me before I could say ‘don’t’ so soft and harmless, all wool and no body or bones. I felt so sorry for the useless murder” (North, 1980, p. 160).

continentes, isto é, se ela fazia parte de uma rede internacional de compra/caça e revenda de animais na Inglaterra. Pode-se somente afirmar que uma parte da fauna era utilizada para presentear seus familiares e amigos, e a outra integrava sua coleção pessoal de insetos, aves etc. Entretanto é válido pensar se os animais ofereciam um retorno financeiro para a viajante. Aliás, o tráfico de animais no século XIX é um tema que carece de estudos na historiografia.

Maria Graham e Marianne North atuaram brilhantemente na botânica, por meio do recolhimento de espécimes naturais. As personagens se aventuravam nas florestas e nos jardins em busca de espécies naturais que lhe chamavam a atenção, como, por exemplo, *naturalias* de uso medicinal, flores nativas, exóticas e/ou desconhecidas na Inglaterra e plantas sagradas<sup>112</sup>. Apesar de apresentar muitas informações técnicas sobre as flores, as viajantes costumavam afirmar que não possuíam conhecimento o suficiente e, por este motivo, perguntavam outras pessoas (no caso, os homens) sobre a *naturalia* que estava sendo estudada (Sheffield, 1997; Souza, 2020). Maria Graham, por exemplo, ao ter o saber limitado sobre determinada espécie de folhas e flores recolhidas no Chile, pediu ajuda a um vizinho, conforme o relato a seguir: “Logo me encontrei com meu conhecimento sobre plantas esgotado, e, então, peguei um grande punhado de todo tipo de folhas e de flores para levá-las onde um vizinho que tem reputação de ser muito bom conhecedor” (Graham, 1916, p. 198, tradução minha).<sup>113</sup>

Assim como em outras áreas das ciências, as mulheres consultavam frequentemente os homens a respeito de informações sobre a botânica, além de reafirmarem o seu não conhecimento sobre determinado assunto<sup>114</sup>. Conforme apresentado na historiografia, era preciso ser modesta e se autodesqualificar, já que eram mulheres (Sheffield, 1997; Franco, 2017).

Enquanto coletavam, as viajantes produziam pinturas e desenhos da flora. Não se trata, como mencionado anteriormente, de desenvolver um estudo sobre a arte botânica destas personagens, mas cabe destacar alguns elementos interessantes sobre o processo de produção e atuação destas mulheres nestes campos.

---

<sup>112</sup> Ver texto: “Passei a primeira metade no jardim e a outra metade vagando pelos barrancos em busca de flores silvestres. [...] Uma das plantas desconhecidas que primeiro me chamou a atenção foi o belo *quintral* vermelho, que alguns chamam de madressilva chilena por sua caprichosa semelhança com aquela videira, embora seja uma planta parasita e sem cheiro” (Graham, 1916, p. 198).

<sup>113</sup> Texto original: “Pronto me encontré con mi conocimiento de las plantas agotado, y entonces cogi un gran puñado de toda clase de hojas y de flores para llevarlas donde un vecino que tiene reputación de ser muy buen conocedor” (Graham, 1916, p. 198).

<sup>114</sup> Ver estudos de Sheffield (1997), Franco (2017) e Souza (2020).

Marianne North costumava relatar as dificuldades da produção de arte em suas anotações de viagem. Ela afirmou que a coleta das espécies se diferenciava do processo de preservação, pois o clima era um fator que dificultava seu trabalho, sobretudo se a região era muito quente e úmida. Além disso, os insetos eram elementos que muitas das vezes comiam as espécies coletadas (North, 1980).

A viajante sofria muito com o calor, já que, às vezes, trabalhava em ambientes fechados. Ao mesmo tempo, se estava muito frio, iniciavam as dores advindas do reumatismo. Ela também sofria quando havia tempestades, pois a chuva atrapalhava suas saídas nas florestas. Durante uma estadia em Darjeeling, cidade da Índia, famosa por suas montanhas grandiosas, Marianne North trabalhava em uma das suas pinturas até que se iniciou uma forte chuva que obrigou a artista a retornar para sua hospedagem. O episódio é narrado de forma irônica e bem-humorada, característica recorrente na linguagem da autora. As senhoras que estavam na casa lhe perguntaram:

“Você só esboça no local e pinta dentro de casa?”, uma moça bonita disse, apontando para a pobre coisa que estava tão coberta de gotas de chuva que parecia que tinha varíola. “Sim”, eu disse, “é assim que eu faço”. Depois eu levo para fora para tomar chuva, o que faz as cores “correrem” mais rápido. E é por isso que eu pinto, como você diz, tão rápido. Aquelas moças jovens *croqueting-badminton* não pensantes sempre me irritavam profundamente, e eu mal conseguia ser civil com elas (North, 1980, p. 138, tradução minha).<sup>115</sup>

O tom sarcástico e jocoso da autora traz momentos de comicidade. O processo de produção das pinturas de Marianne North, segundo Gladston (2012, p. 200-201), pode ter sido realizado de forma cruzada, isto é, as obras podem ter “sido iniciadas em um local e finalizadas em outro”, já que, na restauração dos quadros, foram encontrados fragmentos de folhagens e rascunhos. Além disso, existe uma possibilidade de a artista ter se baseado em fotografias e imagens para a produção de algumas pinturas durante o processo final de criação da galeria em Kew Gardens, pois, em alguns trechos das cartas trocadas com o diretor do jardim, Marianne North solicitou o empréstimo de pinturas e gravuras guardadas na instituição (Gladston, 2012). Em contraposição ao levantamento de Gladston (2012), Sheffield (1997) afirma que a inglesa não usou fotografias, já que recusou o envio delas em uma das cartas endereçadas a J. D. Duthie, botânico britânico. Contudo Gladston (2012)

<sup>115</sup> Texto original: ““You only sketch it on the spot and paint it indoors?” one beauty said, pointing to the poor thing which was so covered with raindrops that it looked as if it had the smallpox. ‘Yes,’ I said, ‘that’s what I do’. Then I take it out to be rained on, which makes the colours run faster. And that’s why I paint, as you say, so quickly. Those unthinking, *croqueting-badminton* young ladies always aggravated me, and I could hardly be civil to them” (North, 1980, p. 138).

acredita que a personagem pode ter ocultado tal informação para preservar a imagem de objetividade em seu trabalho.

As flores foram os principais objetos naturais de estudos das viajantes. Assim como Marianne North, Maria Graham realizou um longo trabalho sobre as espécies botânicas em sua terceira estadia no Império do Brasil. O material produzido sobre a flora brasileira foi enviado para William Hooker, já que o botânico estava desenvolvendo a obra *Exotic flora*, que seria editada em três volumes durante o período de 1823 e 1827, e, possivelmente, a documentação o ajudou na produção do projeto (Souza, 2020).

Durante uma expedição com o Sr. e a Sra. Lisboa, Maria Graham atravessou a baía do Rio de Janeiro e deixou a vila de Nossa Senhora da Luz para entrar na capitania de Campos. Possivelmente, a viajante se referia a Campo dos Goytacazes. A pequena viagem foi importante para o estudo de árvores e arbustos que seriam enviados a William Hooker, conforme o relato a seguir: “[...] os cumes fantásticos da Serra dos Órgãos, já brilhavam com muitas cores ao sol e as ricas e escuras matas entre eles prometiam muitas árvores e arbustos novos para meu álbum de desenhos, se não para a coleção do Dr. Hooker” (Callcott, 2010, p. 198).

Este conjunto de ilustrações está localizado no Kew Gardens, tendo sido doado à instituição em 1933, já com o nome de Lady Callcott. O restante da produção visual de Maria Graham está no acervo do British Museum<sup>116</sup>. Parte das suas ilustrações foi estudada por Maria de Fátima Medeiros de Souza na tese de doutorado *Viajar, observar e registrar: coleção e circulação da produção visual de Maria Graham*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). A historiadora analisou as relações entre os registros visuais de viajantes oitocentistas, tendo como foco Maria Graham, com a circulação, a edição de livros, a demanda de público e o “contexto editorial da literatura de viagem”. Deste modo, ela conclui que as ilustrações realizadas pela viajante fazem parte de um material utilizado pela inglesa para inserir-se no meio artístico e científico, já que as obras estavam presentes em muitas correspondências com grandes nomes da botânica do período (Souza, 2020).

O material do acervo do Kew Gardens contém 181 ilustrações, incluindo desenhos de árvores, como, por exemplo, a *Árvore do Dragão*, flores, plantas, insetos, animais do mar e alguns materiais da coleção de Charles Curtis, botânico inglês, datados em 1835 e 1836 (não

---

<sup>116</sup> Para saber mais, acessar o acervo: <https://www.britishmuseum.org/>.

se sabe o motivo pelo qual estes documentos estão no acervo da viajante, uma vez que não foram produzidos por ela).

Como mencionado no início deste capítulo, Hasse (2021) anunciou que o material produzido por Maria Graham está se apagando, já que os manuscritos foram ilustrados com lápis e sua preservação não está sendo devidamente realizada. Embora não se possa examinar diretamente o acervo físico, como é feito pelo historiador, é evidente que a qualidade visual de algumas ilustrações está comprometida. Futuramente, é provável que ocorra o desaparecimento do conteúdo de alguns destes documentos.

Muitas ilustrações ainda são desconhecidas e estão em processo de investigação para o conhecimento da espécie ilustrada. Na Tabela 1, são apresentadas as plantas identificadas pela viajante durante o processo de estudo entre os anos de 1824 e 1825, no Rio de Janeiro. Indicam-se a família e o número de ilustrações produzidas de cada espécie.

Tabela 1 – Espécies da flora brasileira – Maria Graham

| <b>Família</b>   | <b>Nº de ilustrações</b> |
|------------------|--------------------------|
| Acanthaceae      | 4                        |
| Alismatacea      | 2                        |
| Alstroemeriaceae | 2                        |
| Amaryllidaceae   | 1                        |
| Apocynaceae      | 3                        |
| Aristolochiaceae | 3                        |
| Asparagaceae     | 2                        |
| Bignoniaceae     | 5                        |
| Bombacaceae      | 2                        |
| Bromeliaceae     | 10                       |
| Cactaceae        | 2                        |
| Capparaceae      | 3                        |
| Chrysobalanaceae | 2                        |
| Clusiaceae       | 1                        |
| Commelinaceae    | 1                        |
| Cucurbitaceae    | 1                        |
| Dioscoreaceae    | 1                        |
| Euphorbiaceae    | 2                        |
| Ferraria         | 1                        |
| Gesneriaceae     | 4                        |
| Heliconiaceae    | 1                        |
| Iridaceae        | 1                        |
| Lamiaceae        | 1                        |
| Lecythidaceae    | 5                        |
| Leguminosae      | 14                       |
| Liliaceae        | 2                        |
| Lythraceae       | 1                        |
| Malpighiaceae    | 3                        |
| Malvaceae        | 7                        |
| Marantaceae      | 1                        |

|                 |    |
|-----------------|----|
| Melastomataceae | 1  |
| Meliaceae       | 1  |
| Moringaceae     | 1  |
| Myrtaceae       | 2  |
| Ochnaceae       | 1  |
| Orchidacea      | 10 |
| Passifloraceae  | 1  |
| Rubiaceae       | 2  |
| Rutaceae        | 1  |
| Sapindaceae     | 1  |
| Turneraceae     | 1  |
| Velloziaceae    | 1  |
| Verbenaceae     | 1  |

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Segundo Thompson (2019), uma parte das sementes recolhidas por Maria Graham era enviada para Robert Graham, botânico na Universidade de Edimburgo, e os bulbos (partes preservadas para o armazenamento posterior da espécie) eram repassados para o viveiro Lee and Kennedy's Vineyard, em Hammersmith. Os viveiros eram “empresas especializadas em plantas ou árvores exóticas” (Alcorn, 2020, p. 717), ou seja, eram importantes estabelecimentos que adquiriam plantas e patrocinavam as expedições com este fim. Durante a primeira metade do século XIX, eles obtiveram grandes lucros com a introdução de plantas na Inglaterra, seja por meio das sementes ou do fornecimento para ilustrações, nomenclatura e classificação (Alcorn, 2020).

No seu diário de viagem, Maria Graham forneceu informações sobre a existência de um viveiro de plantas raras no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Por exemplo, no Jardim Botânico há sempre um viveiro das plantas mais raras e úteis que são oferecidas, tanto a nativos quanto a estrangeiros, de modo que não somente os jardins do Brasil são abastecidos com os mais raros produtos do Oriente, mas eles são levados para diversos países da Europa, preparados por este país mais frio para uma ulterior transplantação (Graham, 1956, p. 335).

As descobertas e as coletas de plantas no exterior faziam parte de um complexo comércio mundial, no qual as plantas tiveram o *status* de mercadorias e bens de uma elite que estava em ascensão. Como consequência do crescimento das classes média e operária, do aumento dos salários e do interesse deste grupo na criação de jardins e hortas, as plantas são mercadorias de uma complexa cultura de luxo da Inglaterra (Camerini *apud* Martins, 2001; Alcorn, 2020; Souza, 2020). Neste sentido, é importante enfatizar que o interesse das personagens pelos estudos e trabalhos sobre as plantas e flores não está apenas relacionado às questões de gênero. Conforme observado por Souza (2020), as mulheres da classe média disseminavam uma cultura que estava relacionada a um mercado editorial imerso na produção, comercialização e circulação, tanto das sementes e flores quanto de livros, diários, manuais, revistas e ilustrações sobre a botânica.

No contexto das buscas por materiais botânicos, os naturalistas europeus procuravam o “ouro verde”, isto é, organismos vegetais que, de alguma maneira, forneciam lucratividade para seus respectivos países (Schiebinger, 2004). É neste sentido que os estudiosos denominam os botânicos como “agentes do império”, uma vez que eles foram os responsáveis pelos inventários, pelas classificações e pelo transporte destes materiais (Mackay *apud* Schiebinger, 2004).

Ao viajarem para diferentes regiões, os europeus inseriam-se em “zonas de biocontacto”, conceito formulado por Schiebinger (2004, p. 84), para indicar o contato estabelecido entre “naturalistas europeus, ameríndios e africanos num contexto que destaca o intercâmbio de plantas e seus usos culturais”. A autora faz uma crítica ao termo “zona de contato” de Pratt (1999), uma vez que a concepção de “europeus e não europeus” constrói uma ideia rígida dos não europeus como “outros”. As “zonas de biocontacto”, por sua vez, trazem a noção de que esta relação não estava restrita a um espaço delimitado, pois os viajantes relacionaram-se de diferentes formas e com múltiplas pessoas durante os percursos na Europa. Deste modo, é inviável denominar apenas ameríndios e africanos no lugar de “outro”, já que o intercâmbio botânico era vasto e complexo (Schiebinger, 2004).

Esta complexidade é evidenciada nas trajetórias das personagens, tendo em vista a pluralidade das suas relações sociais nos trajetos realizados. Nas redes de sociabilidade de Marianne North, havia muitas pessoas que foram responsáveis pelo recolhimento de plantas e pela busca por espécies nativas. Na Índia, por exemplo, a viajante mencionava a ajuda de um indivíduo conhecido como Dr. Houston, cuja identificação permanece um mistério até o momento desta pesquisa. Este personagem presenteava Marianne North com samambaias, limbos e outras plantas, contribuindo para o seu conhecimento sobre a aparência das folhas

das espécies. Em uma carta endereçada a Arthur Burnell, datada de 8 de fevereiro de 1878, a viajante expressou sua gratidão a Houston, descrevendo-o como um homem “ótimo para ela”, embora ele estivesse assustado com a “invasão feminina”. Provavelmente, Houston não estava habituado a ter a presença de mulheres em sua residência, tampouco em ajudá-las nas atividades botânicas.

Ele se livrou de seu homem doente e me deu um magnífico conjunto de cômodos – o andar de cima inteiro e parte da casa. Ele é muito divertido, e seus modos quietos e depressivos deixam suas histórias ainda mais engraçadas. Ele me mandava sair de manhã e à tarde em uma carruagem de pôneis para ver os leões e passou por muitas dores para pegar aquelas plantas para mim, que eu gostaria que estivessem em um estado mais pitoresco, mas é muito bom poder reconhecê-las quando as vejo (North, 1878f, tradução minha).<sup>117</sup>

Segundo os relatos de Marianne North, Houston era um homem divertido, porém quieto, e fez tudo o que podia para ajudar a “inusitada” hóspede. Como mencionado, ele ajudou a conseguir algumas plantas desejadas pela inglesa e navegou por mais de 12 horas em uma longa canoa para mostrar lindas flores que estavam em crescimento e que poderiam ser úteis para a viajante.

E não foi apenas na cidade de Cochin que Marianne North encontrou personagens “generosos”. Em Calcutá, durante o mês de setembro do mesmo ano, o Sr. Riedmann apareceu citado nas cartas aconselhando a viajante sobre quais plantas ela deveria pintar. Riedmann não é chamado pelo título de “doutor”, mas sim como “baboo”, palavra de origem hindu frequentemente utilizada para se referir a pessoas que possuem um grau de respeito (North, 1878j).

Esse Baboo é um hindu muito rígido. Ele diz que nunca passa pela árvore “Ball” sem reverenciar e pega uma folha toda manhã para manter perto de seu coração o dia todo. E então nenhum mal pode acontecer a ele, já que Shiva ama a folha e tudo perto dela. Ele era tão genuíno nessa sua crença, que era encantador de ver, e nos tornamos grandes amigos (North, 1878j, tradução minha).<sup>118</sup>

---

<sup>117</sup> Texto original: “He had got rid of his sick man and gave me a magnificent suite of rooms – the whole upper floor of part of the house. He is very amusing and his quiet depressed manner makes his stories all the funnier. He sent me out morning and evening in a pony carriage to see the Lions and took great pains to get those plants for me which I wish had been in a more picturesque state but it is something to be able to know them when I see them” (North, 1878f).

<sup>118</sup> Texto original: “This Baboo is a most strict Hindu he says he never passes the Ball tree without bowing and picks a leaf every morning to keep next his heart all day, and then no evil can happen to him as Siva loves it and all near it. He was so genuine in his belief of this, it was delightful to see and we became great friends” (North, 1878j).

É importante ressaltar que o trabalho de Marianne North não se resume à arte da pintura botânica, pois ela também realizava pesquisas e estudos sobre a *naturalia*. Geralmente, a viajante possuía uma lista com os nomes de espécies que seriam interessantes para a reprodução, e, portanto, ela priorizava seguir este documento. Além de Arthur Burnell, outros homens das suas redes de sociabilidade entregaram sugestões botânicas para a atividade de Marianne North, como, por exemplo, Sr. Forbes, que, segundo a inglesa, foi muito prestativo. “[...] Ele era um personagem muito prestativo e me deu uma lista de plantas de Bombaim de Dalzell e Gibson que talvez possa me ajudar a encontrar alguma coisa de sua lista aqui” (North, 1878d, tradução minha).<sup>119</sup>

A busca pelas flores era um trabalho intenso. Além de contar com a ajuda de indivíduos residentes na região, Marianne North precisava ter força física para suportar as intempéries climáticas e os longos percursos por terra e mar. Embora a maioria das suas experiências tenha sido registrada em *Lembranças de uma vida feliz*, detalhes interessantes podem ser encontrados em suas correspondências com Arthur Burnell e Amelia Edwards, como, por exemplo, informações técnicas sobre as espécies estudadas, com descrições semelhantes àsquelas realizadas por Maria Graham. “Ontem nós encontramos um tipo de musgo rasteiro com um broto verde espiral a cada duas polegadas acima do solo, com a haste em si indo até 20 jardas, às vezes sob a luz por mofo” (North, [s.a.b], tradução minha).<sup>120</sup>

O exercício de pintura das flores era uma tarefa complicada, já que era preciso, primeiramente, encontrá-las, e nem sempre Marianne North conseguia. Desta vez na cidade de Haridwar, na Índia, ela pontuou as espécies que ainda não foram identificadas.

Eu fiz a *Acacia Leb* ontem – a *Asama* eu ainda não encontrei. A *Messae Ferria* é a madeira ferro do Ceilão, não é? Se for, eu já a fiz – tudo menos a flor. A grama “*Poa Cynosuroides*” ainda não fiz – suas montanhas de estimação são muito mais florais que estas, por todo o ano são verdes. Estas ainda são montes de poeira, por muitos mil pés (North, 1878l, tradução minha).<sup>121</sup>

<sup>119</sup> Texto original: “[...] He was a most obliging character and has given me a list of Bombay plants by Dalzell and Gibson which may perhaps help me to find some of your list here” (North, 1878d).

<sup>120</sup> Texto original: “Yesterday we found a sort of creeping moss with a spiral green shoot every two inches above ground, the stem itself going for 20 yards sometimes under the light for mould” (North, [s.a.b]).

<sup>121</sup> Texto original: “I did the *Acacia Leb* Yesterday – the *Asama* I have not yet found – the *Messae Ferria* is the iron wood of Ceylon, is it not? if so I have already done it – all but its flower – the grass ‘*Poa Cynosuroides*’ I have not made out yet – your pet mountains are much more floral than these all the year round they are green, – these are still dust heaps, for many thousand feet” (North, 1878l).

Maria Graham e Marianne North tinham contato com indivíduos em diversos países, uma vez que os impérios são formados por redes (Morgan, 1993; Sheffield, 1997; Hall; Hose, 2006; Gladston, 2012; Ros, 2015; Souza, 2020). Para entender a dinâmica entre os percursos de pessoas, bens e lucros, Hall e Hose (2006, p. 6) atribuem o conceito de redes informais imperiais, no qual os “discursos coloniais são feitos e refeitos ao invés de simplesmente transferidos ou impostos”. Embora seja originado na metrópole, o império é construído fora destes muros, com conexões, poderes, redes e dinâmicas em diferentes localidades do planeta. Havia uma interconectividade de indivíduos do centro do poder britânico com personagens pelas mais variadas regiões do mundo, ou seja, uma “história interligada”, já que ações e medidas que beneficiavam a metrópole eram realizadas das mais diversas formas e por diferentes pessoas (Hall; Hose, 2006). Neste sentido, o conceito é importante para a presente pesquisa.

No caminho para entender a dinâmica imperialista, também se considera necessário apresentar a reinterpretação do conceito de centro e periferia, ao corroborar com os apontamentos de Bruno Latour, sociólogo citado por Batsaki, Cahalan e Tchikine (2017). Partindo da ideia de “agir a distância”, Latour acredita que estas redes imperiais estão num ciclo de acumulação, no qual o conhecimento é transportado da periferia para o centro, e não o contrário. Em outras palavras, o Jardim Botânico, por exemplo, é o local onde são acumuladas “coleta, troca, comunicação e experimentação” das práticas botânicas. Deste modo, “quanto mais cresce o ciclo de acumulação, maior é a dimensão das redes que podem ser mobilizadas para promover as ambições imperialistas do centro e maior é a assimetria de poder entre a periferia e o centro” (Latour *apud* Batsaki; Cahalan; Tchikine, 2017, p. 9, tradução minha).<sup>122</sup>

Esta ideia de transferência de espécies botânicas e, conseqüentemente, de conhecimento da periferia para o centro, ainda que descreva a dinâmica da história natural do século XVIII, pode ser ampliada para o século XIX, pois a coleta de plantas e informações continuava a ser realizada nas colônias com destino à metrópole (Latour *apud* Batsaki; Cahalan; Tchikine, 2017). Os “agentes da metrópole” (Mackay *apud* Schiebinger, 2004), ainda que não tenham um registro oficializado, praticavam atividades informais que beneficiavam o centro.

---

<sup>122</sup> Texto original: “The more the cycle of accumulation grows, the greater the size of the networks that can be mobilized to further the center’s imperialist ambitions and the greater the power asymmetry between the periphery and the center” (Latour *apud* Batsaki; Cahalan; Tchikine, 2017, p. 9).

Partindo deste pressuposto, é importante informar que esta nova historiografia contesta a afirmação de que a ciência moderna é ocidental. Ao trazer as relações entre europeus e outros povos, os autores acreditam ser necessário olhar para as articulações híbridas, já que a ciência tinha um caráter “global” (Chakrabarti; Worboys, 2020). O conhecimento, portanto, era produzido por muitas pessoas, e a constituição dessas “redes informais” trouxe benefícios para as mulheres que viajavam, e o campo da ciência natural se moldou conforme os viajantes se relacionavam com os povos da “periferia”.

Os historiadores apresentam Maria Graham e Marianne North circulando em uma rede intelectual de grande renome na Grã-Bretanha. No caso de Marianne North, um dos personagens que possui mais destaque é o inglês Arthur Coke Burnell (1840–1882), especialista em estudos orientais e indivíduo bastante citado nesta tese. Alguns autores, como Sheffield (1997) e Gladston (2012), apontaram para uma relação de afeto entre Marianne North e o inglês, porém não se pretende analisar um “possível” relacionamento entre os dois, seja de amor ou amizade. Burnell foi o principal comunicador de Marianne North durante as viagens dela para a Índia. Entre as inúmeras correspondências enviadas pela inglesa, estão as trocas de livros e outros materiais de estudos botânicos, que, possivelmente, ajudaram a viajante em seu exercício na história natural. Além disso, Marianne North e Arthur Burnell tinham um projeto de criarem em conjunto um livro sobre as plantas sagradas hindus, já que era um tema comum entre ambos. Entretanto a obra não foi concretizada (Sheffield, 1997; Gladston, 2012).

Outro nome bastante conhecido da ciência do século XIX é Charles Darwin (1809–1882), com quem Marianne North teve uma breve relação de contato. O famoso naturalista britânico pediu para que a inglesa o visitasse em sua residência, já que, por empecilho da idade, ele não conseguiria se deslocar. O encontro dos dois foi registrado por Marianne North em seu livro de viagens. A autora o descreveu como o “maior homem vivo, o mais verdadeiro, altruísta e modesto” (North, 1980, p. 151, grifos da autora). Na conversa, Darwin sugeriu que a viajante fosse visitar e pintar a vegetação australiana, pois era “diferente de qualquer outro país” (North, 1980, p. 151). E, assim, ela o fez imediatamente.

Marianne North não poupou elogios ao naturalista, conforme se pode averiguar no trecho abaixo. Ela levou algumas das suas pinturas para ele conhecer, afirmando que Darwin “conhecia mais sobre os assuntos do que qualquer outra pessoa”, inclusive sobre temas que ela presenciou, e ele, não, atestando, neste caso, uma modéstia com relação aos seus próprios conhecimentos, diminuindo seu saber em comparação aos saberes do naturalista.

Darwin parecia não ser mais velho que seus filhos, tão cheio de diversão e frescor. Ele se sentou na grama debaixo da sombra de uma árvore e falou deliciosamente sobre cada assunto para nós por horas, ou virava de novo e de novo a coleção de pinturas australianas que eu trouxe para ele ver, mostrando, em poucas palavras, o quanto mais ele sabia sobre os assuntos que qualquer um, incluindo eu, apesar de eu tê-las visto, e ele, não. Quando eu saí, ele insistiu em empacotar meus esboços e colocá-los na carruagem com suas próprias mãos. Ele tinha 74 anos: idoso o bastante para ser cortês também. Menos de oito meses depois disso, ele morreu, trabalhando até o fim junto de sua família, vivendo sempre a mesma vida pacífica naquela casa tranquila, longe de todas as invejas triviais e disputas de homens menos científicos (North, 1980, p. 197, tradução minha).<sup>123</sup>

Charles Darwin enviou uma carta para Marianne North agradecendo pela visita e pelas pinturas trazidas pela viajante. A correspondência foi anexada ao livro de viagens da personagem, mas também pode ser lida no *Darwin Correspondence Project*<sup>124</sup>, criado com o intuito de reunir, transcrever e tornar públicas as cartas trocadas por Charles Darwin ao longo da sua trajetória. No site, há uma série de nomes importantes de personagens que se relacionaram com o naturalista, incluindo a inglesa Marianne North.

São muitos os nomes de personagens que passaram pela vida da inglesa, e, graças às cartas que sobreviveram aos tempos de hoje, os pesquisadores podem ter acesso às histórias que marcaram seu passado e conhecer indivíduos surpreendentes por meio da sua perspectiva.

Com relação à Maria Graham, o principal nome que marcou seu trabalho na história natural foi William Hooker. Vale a pena ressaltar que a documentação existente é datada no período em que a inglesa realizava suas viagens, especificamente no Império do Brasil e no Chile (1821 e 1825). Hooker foi nomeado diretor oficial do Kew Gardens em 1841, um ano antes da morte de Maria Graham. Deste modo, durante o intervalo de tempo em que ambos tiveram contato, William trabalhava como professor em Glasgow.

Neste sentido, Maria Graham não trabalhou para o Kew Gardens. Seu contato manteve-se exclusivamente com William Hooker no período em que ele lecionava na Escócia. No entanto, ainda que a escritora não tenha frequentado a universidade, as correspondências e

---

<sup>123</sup> Texto original: “Darwin seemed no older than his children, so full of fun and freshness. He sat on the grass under a shady tree, and talked deliciously on every subject to us all for hours together, or turned over and over again the collection of Australian paintings I brought down for him to see, showing in a few words how much more he knew about the subjects than any one else, myself included, though I had seen them and he had not. When I left he insisted on packing my sketches and putting them even into the carriage with his own hands. He was seventy-four: old enough to be courteous too. Less than eight months after that he died, working till the last among his family, living always the same peaceful life in that quiet house, away from all the petty jealousies and disputes of lesser scientific men” (North, 1980, p. 197).

<sup>124</sup> Para saber mais, acessar <https://www.darwinproject.ac.uk/>.

o material de pesquisa produzido por ela indicam indiretamente sua presença no centro acadêmico (Hagglund, 2011).

O relacionamento de Maria Graham e William Hooker funcionava num regime de colaboração, uma vez que a inglesa, no papel de “aprendiz”, enviava informações sobre a natureza dos países visitados, e Hooker, do outro lado do mundo, lhe fornecia o amparo desejado para o registro e a preparação das *naturalias* (Hagglund, 2011; Souza, 2020).

William Hooker atuava na Escócia e Maria Graham comparecia rotineiramente nos salões aristocráticos do período, muito por influência do tio paterno. No caso de Marianne North, o encontro com o Kew Gardens foi intermediado pelo pai, Frederick North. O político inglês visitava o jardim e levava sua filha. A viajante conheceu William, porém a relação mais estreita foi com o filho, Joseph Hooker; durante a gestão deste na instituição, foi criada a Galeria North. Deste modo, tanto Maria Graham quanto Marianne North estavam acompanhadas por parceiros masculinos em seus estudos sobre a natureza, e a família Hooker teve um importante papel, constituindo “um elo” entre as personagens da tese.

Além das cartas de William Hooker, o acervo do Kew Gardens guarda o conjunto de cartas trocadas entre o botânico William Turner Dyer e Joseph Hooker. Em muitos trechos das correspondências, é possível identificar conversas sobre o projeto de construção da Galeria de Marianne North, como, por exemplo, o custo para os quadros e o processo de desenvolvimento do espaço. Além disso, evidencia-se a importância destes personagens na hospitalidade da inglesa, já que Joseph pediu para Dyer hospedar a viajante, conforme o trecho a seguir: “Eu oferecerei à Senhorita North para estar em Kew na sexta-feira, dia 29, partindo no trem da noite de quinta-feira e retornando no trem da noite de sexta-feira ou no trem do dia de sábado, e ficarei muito feliz pela sua hospitalidade” (Hooker, 1879, tradução minha).<sup>125</sup>

A família Hooker é um dos grandes nomes da botânica na Grã-Bretanha. William Hooker (1784-1865) era Professor *Regius* de Botânica na Universidade de Glasgow, na Escócia. Em 1841, ele aceitou o convite para ser diretor do Kew Gardens. Embora tenha tido seu salário reduzido ao aceitar o cargo de diretor do jardim, a troca de emprego foi fundamental para a progressão da sua carreira. A gestão de William foi pautada no trabalho de pesquisa sobre as plantas intrinsecamente ligadas aos projetos agrícolas do império (Drayton, 2005; Endersby, 2019). De acordo com Endersby (2019, p. 5, tradução minha), as plantas

---

<sup>125</sup> Texto original: “I shall offer to Miss North to be at Kew on Friday 29th leaving this by the night train of Thursday, & returning by the night train of Friday or day train of Saturday, & shall be right glad of your hospitality” (Hooker, 1879).

eram o capital financeiro do governo britânico, “[...] da madeira e do linho dos quais a sua marinha foi construída até o anil, especiarias, ópio, chá, algodão e milhares de outros produtos derivados de plantas que os navios transportavam”.<sup>126</sup> Deste modo, foi criado o Museu de Botânica Econômica para ser uma base de dados de espécies que poderiam ter algum valor para o império.

Em virtude do bom trabalho realizado por William Hooker, seu filho, Joseph Dalton Hooker (1814–1879), que ocupava o cargo de vice-diretor do jardim, assumiu a direção após a morte do pai, em 1865. Sua gestão continuou com o objetivo de expandir as redes de trocas e pesquisas botânicas, e a borracha foi o principal produto do período (Endersby, 2019).

Toda a documentação de William Hooker e Joseph Hooker encontram-se no Kew Gardens, já que a instituição era o centro da ciência imperial do século XIX. A extensa rede de botânicos, naturalistas, artistas, viajantes e pesquisadores de Kew atuava (ainda que não fosse o objetivo principal) na economia da expansão colonial, sobretudo na busca de matéria-prima para a Revolução Industrial, e na ampliação da agricultura. Até o final do Oitocentos, o jardim tinha 700 botânicos e jardineiros treinados. O trabalho envolvia o processo de coleta de plantas (desenhos, identificações e amostras), em conjunto com o transporte e a distribuição deste material (Morgan, 1993; Endersby, 2019).

Kew era, efetivamente, o depósito no qual se afunilavam números enormes de espécies de plantas do século XIX para serem classificadas, terem seus usos determinados e descritos, e, frequentemente, eram enviadas para jardins-satélites ao redor do mundo todo, mas particularmente nos trópicos e subtropicais (Morgan, 1993, p. 29-30, tradução minha).<sup>127</sup>

As mulheres estavam envolvidas nas atividades do jardim, participando tanto como colaboradoras no recolhimento e na identificação de espécies quanto como ilustradoras talentosas (Morgan, 1993; Endersby, 2019). Entre os nomes “femininos” que se destacam na história do Kew Gardens, pode-se considerar Marianne North como uma das figuras mais proeminentes. Em 1882, a viajante construiu uma galeria de arte que abrigava sua extensa coleção de pinturas, retratando a diversidade da flora mundial e totalizando mais de 800 quadros adornando as paredes da instituição. O espaço permanece aberto para visitaçã

<sup>126</sup> Texto original: “[...] from the timber and hemp from which her navy was built, to the indigo, spices, opium, tea, cotton, and thousands of other plant-based products that the ships carried” (Endersby, 2019, p. 5).

<sup>127</sup> Texto original: “Kew was, effectively, the depot through which were funnelled enormous numbers of species of plants in the nineteenth century, to be classified, to have their uses determined and described, and often then to be sent on to satellite gardens all over the world, but particularly in the tropics and subtropics” (Morgan, 1993, p. 29-30).

público e é um legado importante tanto na história das mulheres como no campo da arte botânica do século XIX<sup>128</sup>.

#### 2.4 MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH E SEUS CAMINHOS NA BOTÂNICA: ALGUMAS REFLEXÕES

Ao apresentar as ações de Maria Graham e Marianne North no campo da botânica, propõe-se uma breve reflexão dialógica acerca do trabalho destas viajantes. Além de pintar paisagens e flores, Maria Graham retratava cenas do cotidiano das ruas do império, deixando uma série de reproduções que mostravam os escravos trabalhando nas ruas do Rio de Janeiro. Por outro lado, Marianne North concentrou-se, principalmente, nas espécies da *naturalia* nos lugares por onde viajou.

Pode-se considerar que o elo entre Maria Graham e Marianne North foi sua relação com a família Hooker. Tanto o pai quanto o filho tiveram impactos importantes nas trajetórias das viajantes, e suas atividades foram influenciadas pelo relacionamento entre William e Joseph Hooker. Além disso, ambas as viajantes registraram as mesmas dificuldades na produção dos quadros de arte, bem como na identificação e no recolhimento dos espécimes, conforme demonstrado na tese.

Maria Graham já possuía experiência no campo da pintura antes de sua viagem ao Império do Brasil. Durante sua primeira estadia, por influência do marido, Thomas Graham, a inglesa não se dedicou intensamente ao estudo da botânica, pois seu interesse estava mais voltado para questões políticas, como a defesa dos interesses da Inglaterra e a proteção dos ingleses residentes no território. No entanto, após retornar ao país como viúva, depois de uma breve estadia no Chile e ao sair do Paço de São Cristóvão, onde lecionava para as princesas imperiais, Maria Graham precisava ocupar seu tempo livre enquanto aguardava por um navio para retornar à sua terra natal. Foi nesse período especificamente que ela se aproximou do estudo da flora botânica no Rio de Janeiro.

Não há informações sobre como se iniciou a parceria com William Hooker, isto é, se este trabalho já estava previamente planejado entre ambos. Da mesma forma, não está evidente se ela foi remunerada para tal atividade, visto que Maria Graham estava passando por dificuldades financeiras e precisou vender alguns objetos de valor para quitar suas contas.

---

<sup>128</sup> Alguns quadros podem ser visualizados por meio do site <https://www.kew.org/kew-gardens/whats-in-the-gardens/marianne-north-gallery>

[...] encontrei para mim mesma uma ocupação, para as muitas horas de solidão que previ me aguardarem. Sempre apreciava muito as flores, e o esplendor da floresta virgem atrás da minha casa, naturalmente, me atraiu. Tomei emprestado do Ministro da Marinha um exemplar do Aublet e fiquei desapontada verificando que suas gravuras eram muitas vezes imperfeitas e que, em alguns casos, ele tinha sido obrigado a estampar folhas, frutos e mesmo cálices secos, de muitas árvores das florestas, não as tendo encontrado na estação das flores nos seus lugares nativos. [...] Em obediência a este plano, era meu costume deixar a preta Ana representando seu papel de lavadeira e o mulato, comprando e cozinhando meu jantar, enquanto eu ia para o mato, à procura de espécimes de arbustos floridos e árvores para meus empreendimentos botânicos (Callcott, 2010, p. 161-162).

No trecho acima, a autora expressou seu fascínio pelas flores e pela exuberante floresta próxima à sua casinha, e a solidão parece ter desempenhado um papel importante no início destes estudos. Maria Graham tinha a companhia de Ana, sua criada, que a acompanhava em todas as suas viagens, e José, um homem negro que também ajudava nos afazeres domésticos. Assim, a inglesa dedicava seus dias inteiramente às expedições pelas matas em busca de *naturalias* valiosas aos seus empreendimentos botânicos.

Marianne North, por outro lado, dedicou-se, de maneira mais planejada, à pintura de flores, sobretudo após a morte do pai, que representava seu maior vínculo pessoal e financeiro. O trabalho de pintar flores estava intrinsecamente ligado à construção de uma coleção de insetos, pedras e outros objetos naturais. Por este motivo, ela se empenhava em encontrar lojas e pessoas que vendiam itens que poderiam integrar sua coleção.

Um feliz mortal vivia nessa vizinhança e colecionava calmamente, com todo o seu coração e tempo dedicados ao trabalho, conseguindo assim um bom sustento; ele tinha gavetas cheias dos diferentes espécimes, que valiam a viagem para vê-los. Que pena, quando eu fui, ele tinha vendido toda a coleção para a princesa imperial; então guardei meu dinheiro, assim como uma ocupação das mais fascinantes para horas dispersas, que eu teria perdido caso tivesse, como tencionava, feito minha coleção por procuração (North, 2001, p. 74).

Pode-se supor que o estudo das viajantes na identificação das espécies e no recolhimento e transporte de sementes e bulbos para a Inglaterra, junto à pintura de flores, não era apenas atividade de cunho científico ou realização estética. Ao contrário, deve ser compreendido também como estratégia de sobrevivência e permanência em viagem. Neste ponto, é necessário problematizar leituras como a de Sheffield (1997, p. 225, tradução minha), que descreve Marianne North como uma viajante que sacrificou sua saúde em nome da botânica e do deleite estético de cientistas.

North deu mais do que seu tempo e dinheiro a essa causa da botânica; ela também sacrificou sua saúde em prol dela. Parecia sentir a necessidade de sacrificar-se pelo conhecimento botânico e pela alegria estética que sua pintura de flores traria aos cientistas.<sup>129</sup>

Esta interpretação, ao enfatizar o altruísmo, ignora a materialidade e a complexidade da sua inserção em redes científicas e imperiais. Marianne North não apenas “sacrificou-se” pela ciência, mas fez da botânica uma estratégia para viajar e se sustentar em um período em que se encontrava “sozinha”, sem a companhia do pai. Neste sentido, ainda que o termo “profissionalização” talvez não se aplique diretamente aos casos mencionados na tese, é importante pensar que suas práticas possuíam uma dimensão científica e econômica e não eram apenas um exercício de liberdade individual.

Além de Sheffield (1997), Rodenas (2014, p. 140, tradução minha) traz uma perspectiva subjetiva ao afirmar que, na Era Vitoriana, “as viagens proporcionaram às mulheres uma expansão da mente e do espírito, além de um veículo seguro para o conhecimento do mundo e de si mesmas”.<sup>130</sup> Vale a pena ressaltar que, embora estes elementos possam estar presentes nas narrativas de Maria Graham e Marianne North, é fundamental compreender que a botânica, assim como as viagens, não era apenas um passatempo ou uma “expressão de interioridade” para elas.

No próximo capítulo, será discutido como as viagens exigiam planejamento, redes de sociabilidade, recursos financeiros e estratégias específicas. Mais do que simples aventuras, foram experiências complexas e permeadas por negociações constantes.

---

<sup>129</sup> Texto original: “North gave more than her time and money to this botanical cause, she also sacrificed her health to the cause. She appeared to feel the need to sacrifice herself for the botanical knowledge and the aesthetic joy her flower-painting would bring to scientists” (Sheffield, 1997, p. 225).

<sup>130</sup> Texto original: “Travel afforded women an expansion of mind and spirit as well as a safe vehicle for knowledge of world and of self” (Rodenas, 2014, p. 140).

### CAPÍTULO 3: VIAGENS, REDES DE SOCIABILIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

A vida do homem do mar é essencialmente poética: mudanças, novas situações, perigos, quadros que vão da calma quase da morte até as mais loucas combinações do horror – eis a suma de todo o sentimento romântico e a prática de todo o poder do coração e da inteligência.

(Graham, 1956, p. 89-90)

Embora as viagens marítimas do século XIX tenham sido espaços sociais predominadas pelo masculino, muitas mulheres embarcaram em navios e jornadas ao redor do globo terrestre. Na historiografia, há vários estudos de mulheres que viajaram, mas sabe-se que o número era maior do que o registrado em fontes como diários de viagem e cartas. Infelizmente, nos documentos oficiais, constavam apenas os números e o gênero dos passageiros em vez dos seus nomes (Vale, 2001).

Este capítulo tem como fio condutor o ambiente marítimo e os percursos das viagens de Maria Graham e Marianne North. Ao se deslocarem de um navio para outro ou de cidade para cidade, elas utilizavam cartas de crédito e cartas de recomendação, documentos necessários para pagar suas despesas e se apresentarem aos residentes das regiões visitadas. Assim, a tese examina as dificuldades das travessias em alto-mar e os desafios dos percursos terrestres, considerando que era preciso garantir hospedagem, alimentação, segurança e uma rede de apoio para as atividades de botânica e artísticas que seriam desenvolvidas.

Deste modo, o capítulo tem por objetivo demonstrar, em perspectiva comparativa, como o estado civil (casamento, solteirice e viuvez) operava como instrumento importante das experiências de viagem no século XIX. Analisa-se de que modo tais condições mediaram o acesso a recursos materiais e simbólicos (desde as cartas de recomendação até o acesso a heranças e pensões), a inserção em redes de sociabilidade, a legitimidade social, a mobilidade e a escolha dos itinerários<sup>131</sup>.

---

<sup>131</sup> As redes de sociabilidade foram primordiais para a obtenção do conhecimento científico de homens e mulheres viajantes, já que o Império Britânico promoveu uma rede de intercâmbio em que foi possível trocar informações, livros, sementes, ilustrações, cartas e outros materiais entre a Europa e outros continentes. As redes também foram importantes para a visita de museus, exposições e jardins botânicos e, sobretudo, para o processo de produção das pinturas das viajantes (Sheffield, 1997; Zubaran, 2005; Egmond, 2010; Bewell, 2017; Gladston, 2012; Souza, 2020).

### 3.1 AS VIAGENS MARÍTIMAS BRITÂNICAS NO SÉCULO XIX

O século XIX testemunhou o desenvolvimento de novas tecnologias que dinamizaram as viagens, especialmente as marítimas. A introdução dos navios a vapor, a criação de ferrovias e o avanço do sistema capitalista foram importantes para esta transformação. A Grã-Bretanha, conhecida popularmente por ser a “rainha dos mares”, se consolidou como uma potência global após a vitória sobre a França de Napoleão Bonaparte. No século XIX, o Império já tinha colônias no Canadá, na Australásia e nas ilhas das Índias Ocidentais, além da Companhia das Índias Orientais. Com o fortalecimento do Império Britânico, aumentaram as viagens de mapeamento realizadas pela Marinha Real. No final do século XVIII, James Cook se tornava um importante navegador do império, e suas expedições incentivaram o governo a realizar outras jornadas em busca de informações científicas. Em 1815, o governo organizou a exploração da África Ocidental e, no mesmo período, a Companhia das Índias Orientais incentivou viajantes a explorarem o Oceano Índico (Bridges, 2002; Passetti, 2010; Franco, 2017).

O capitalismo industrial e comercial acelerou estas viagens. O incentivo dado pela busca de mercados e matérias-primas, somado à capacidade tecnológica e militar, levou a Grã-Bretanha a investir no poder naval e a converter a viagem em prática de Estado (Bridges, 2002; Porter, 2004).

A produção fabril moderna aumentou a demanda por materiais para fabricar coisas (algodão, borracha, óleos vegetais...) e a quantidade de mercadorias que as fábricas então tinham que vender naquele tempo. Fatores domésticos e externos – mercados internos limitados em casa, demanda externa – compeliram muitas manufaturas britânicas a exportar (Porter, 2004, p. 16-17, tradução minha).<sup>132</sup>

Deste modo, a Grã-Bretanha tornou-se uma potência comercial mundial, projetando influência econômica nos séculos XVIII e XIX. Assim, as viagens marítimas não devem ser consideradas apenas como deslocamentos físicos, mas como parte de um grande projeto imperial de controle de rotas, coleta de informações e difusão de poder simbólico (Porter, 2004).

---

<sup>132</sup> Texto original: “Modern factory production increased the demand for materials to manufacture things out of (cotton, rubber, vegetable oils...), and the amount of goods the factories then had to sell. Both domestic and foreign factors-limited markets at home, demand abroad-pushed many British manufactures into exports” (Porter, 2004, p. 16-17).

É neste contexto que Maria Graham veio para a América do Sul na fragata “Doris”, designada para defender os interesses britânicos em regiões que estavam em processo de independência. Estas embarcações articulavam mecanismos informais (mediação diplomática, facilitação de portos e inteligência marítima) com a presença formal da Marinha (Gallagher; Robinson *apud* Garner, 2015).

Como as viagens eram longas, os marinheiros realizavam atividades para evitar o ócio. Na fragata “Doris”, os tripulantes organizavam o festival dos homens do mar – *crossing the line*, em inglês –, celebrando a passagem pela Linha do Equador. Este ritual marcava a entrada dos homens no grupo de marinheiros e era composto por festas que duravam dias, repletas de bebidas, fantasias e apresentações teatrais que simbolizavam a cultura naval. Os navegantes também se reuniam com tripulantes de outras embarcações para beber (Graham, 1956; Rodrigues, 2013).<sup>133</sup>

Na fragata “Doris”, havia uma cabine que servia como ponto de encontro para os doentes, enquanto os guardas-marinha entravam e saíam livremente, como em uma sala de estudo. Maria Graham e seu primo Glennie passavam horas esfolando e dissecando os pássaros que capturavam nos territórios visitados, ocupando seu tempo observando e estudando os animais caçados (Graham, 1956).

As viagens marítimas eram marcadas por momentos de temor e tensão. Um dos principais problemas destacados por Maria Graham eram as tempestades. Muitos acidentes aconteciam, objetos se quebravam e as pessoas se machucavam. Também era necessário desviar de *icebergs* e se proteger do frio. Durante a viagem para o Chile, em 30 de março de 1824, a inglesa narrou o episódio em que a temperatura estava a -1 °C. As cordas ficaram cobertas de gelo e os tripulantes passaram dias sem ver o sol.

O termômetro a 30°F esta manhã e a 32°F ao meio-dia. Violento vento de SO, a única vez que tivemos vento rijo desde que deixamos a Inglaterra. Almoçamos deitados no tombadilho da cabine e não foi possível firmar nada na mesa. Clarke, um dos quartéis-mestres, quebrou duas costelas numa queda do tombadilho, e Sinclair, homem fortíssimo, após uma hora ao leme, foi transportado como doente. Fizemos luvas para os homens do leme, de linho grosso, forrado de fazenda grossa. A neve e as refregas de vento com Saraiva são muito severas: forma-se gelo em cada dobra das velas. Isto é duro para os homens, especialmente logo depois de deixar o Rio, no momento mais quente do ano. Ontem de manhã, uma hora antes do nascer do sol, viu-se um brilhante meteoro a sudoeste. Pensou-se primeiro que fossem sinais luminosos de um navio grande e depois o oficial de quarto pensou que fosse uma luz azul, e não tivemos dúvida que fosse Sir T. Hardy

---

<sup>133</sup> Ver relato: “Hoje, alguns de nossos novos amigos, tanto espanhóis como ingleses, vieram a bordo, mas a ressaca estava tão forte que só um escapou do enjoo” (Graham, 1956, p. 96).

na Crede. Ficou muito tempo estacionário, depois perdeu-se por trás das nuvens e reapareceu entre elas cerca de 10° de altura, quando desapareceu (Graham, 1956, p. 228-229).

A vida no mar não era um “conto de fadas”<sup>134</sup>. Na dissertação de mestrado, apresentei uma breve discussão sobre o cotidiano da fragata “Doris”, na qual Maria Graham viajou para a América do Sul (Silva, 2021)<sup>135</sup>. Durante a comissão da “Doris”, entre 1821 e 1824, 52 homens “fugiram” e 30 desertaram após serem recrutados. O isolamento naval dificultava a vida de todos que estavam a bordo, independentemente das suas funções na embarcação, pois poderiam “ficar ausentes por longos períodos e sujeitos a todos os perigos do mar e da ação intermitente” (Vale, 2001, p. 31, tradução minha)<sup>136</sup>.

Em uma carta para Amelia Edwards, escrita durante uma viagem aos Estados Unidos, Marianne North narrou um episódio em que seu navio enfrentou uma forte neblina, obrigando a tripulação, por questões de segurança, a retornar ao invés de continuar avançando no mar. Ignorando as turbulências, alguns tripulantes se embebedaram e brigaram entre si. Segundo a viajante, um passageiro da terceira classe discutiu com sua amiga, a Sra. Skinner. O cenário foi descrito como vergonhoso e desonroso (North, [s.a.a]).

Um homem do navio ficou exageradamente bêbado e declarou (disseram a nós) que não ligava para a Sra. Skinner nem para ninguém! Ela era um inferno, parecia como um dragão assustador para discipliná-lo – era tão

---

<sup>134</sup> Ver texto: “Era um trabalho nervoso para os marinheiros, porque a névoa, às vezes, era tão densa que ninguém podia ver através do nosso longo, escuro e úmido e mofado trabalho também – um dia estava tão frio que eles murmuraram algo sobre a possibilidade de *icebergs* próximos, todavia eu estava desapontada que nenhum apareceu e eu não vi *icebergs*, baleias nem peixes voadores, três avistamentos que eu esperava como meu direito –, e onde eu não vejo nenhum bem em Atlântida, você vê? Parece-me um tipo de impedimento à civilização do mundo, e e eu não tenho dúvida que exista utilidade nessa grande bagunça de água salgada – como existe em toda a Natureza, mas eu não consigo descobrir o que é” (North, [s.a.k], tradução minha). Texto original: “It was nervous work for the sailors for the mist at times was so thick one could not see across our long dark & musty damp work too – one day so cold that they muttered something about the possibility of near icebergs however I was disappointed none came & I have seen neither icebergs, whales nor flying fish three sights I expected as my right – & on the where I see no good in the Atlantis, do you? It seems a sort of impediment to the worlds civilization & I have no doubt there is a use in this great mess of salt water – as there is in all Nature but I cannot discover what it is” (North, [s.a.k]).

<sup>135</sup> O estudo de Vale (2001), *A frigate of King George: life and duty on a british man-of-war*, analisou as documentações do navio de guerra “Doris”, que iniciou suas atividades em Bombaim, na Índia, e foi responsável pelas missões na América do Sul durante os conflitos de independência de países como Brasil, Chile e Peru. Além de informações técnicas, é possível entender as relações hierárquicas e sociais a bordo da embarcação, bem como as ações comerciais e políticas imperiais da Grã-Bretanha.

<sup>136</sup> Texto original: “Which could be absent for long periods and subject to all the hazards of the sea and of intermittent action” (Vale, 2001, p. 31).

barulhento que nenhum de nós gostava de abrir nossas janelas ou portas à noite –, e estávamos meio sufocadas, como consequência, e, antes de irmos para a cama, o comportamento no salão era tal que eu não gostava de ficar lá sozinha como costumava enquanto minha amiga estava se despindo! – havia um grupo desonroso a bordo (North, [s.a.a], tradução minha).<sup>137</sup>

Em outro episódio, desta vez na viagem às Ilhas Maurício, no Oceano Índico, Marianne North enfrentou dificuldades para sair do território devido à quarentena imposta às ilhas e aos navios. Na correspondência número 262, a inglesa relatou que as Ilhas Maurício permaneceram em quarentena por sete meses, após a morte de 80 pessoas devido a uma doença inicialmente desconhecida. Os médicos não chegaram a um consenso, mas tudo indicava que a doença era varíola (North, 1884a).

Outro navio inglês foi colocado em quarentena por 21 dias, e os marinheiros quase morreram de fome. Em contraste, um navio francês que fez a mesma viagem, aproximadamente na mesma época, foi colocado em quarentena por apenas três dias. Apesar dos aborrecimentos, Marianne North afirmou, em tom irônico, que estava feliz por ter conhecido o território, mesmo que “deixasse seus ossos na ilha e nunca mais voltasse para a Inglaterra” (North, 1884a, tradução minha).

Havia diversos tipos de viagens: culturais, de lazer, o *Grand Tour* do século XVIII e missões científicas, políticas e diplomáticas. Assim como a variedade de viagens, os navios também variavam em suas rotinas, alimentações, atividades, construções e comportamentos no mar. A fragata “Doris”, embarcação na qual Maria Graham viajou para a América do Sul, era um navio de guerra britânico de madeira. Sua função inicial era a proteção comercial e supervisão do navio de guerra dos Estados Unidos, o *USS Essex*. Posteriormente, “Doris” foi designada para a missão da América do Sul, que visava defender os interesses do império nas regiões que estavam em processo de independência (Vale, 2001; Franco, 2017).

Para conseguir acesso a estas embarcações, as viajantes precisavam de uma ampla rede de sociabilidade e cartas de recomendação, que eram apresentadas aos capitães e comandantes, responsáveis pelos tripulantes que entravam e saíam dos navios. A trajetória de Maria Graham é um exemplo deste mecanismo. Seus percursos durante a primeira estadia no Império do Brasil não tiveram grandes dificuldades, pois ela era casada com um capitão da

---

<sup>137</sup> Texto original: “Class man got roaring drunk & declared (we are told) that he did not care for Mrs. Skinner nor anybody! She being hell up as a sort of frightful dragon of discipline to him – it really was such a row that we neither liked to open our windows or doors all night – & were half stifled in consequence & before we went to bed the behaviour in the salon was so but that I did not fancy staying there alone as usual while my friend was undressing! – there was a disgraceful set on board” (North, [s.a.a]).

Marinha Britânica. No entanto, ao ficar viúva, precisou do apoio de Lorde Cochrane para realizar o trajeto Chile-Brasil, em 1823. Posteriormente, em 1825, Maria Graham enfrentou empecilhos para conseguir uma vaga em um navio para seu retorno à Inglaterra, já que, além de viúva, havia deixado o importante cargo de professora das princesas imperiais. Em seu diário, ela relatou a ajuda do diplomata britânico Charles Stuart na intermediação com os comandantes dos navios, pois seus compatriotas ingleses, tanto homens quanto mulheres, não foram tão solícitos e não deram a devida atenção à sua situação (Graham, 1956).

Mas o maior benefício que Sir Charles me fez foi oferecer-me a possibilidade de voltar à Inglaterra. Meus contratemplos haviam sido tão frequentes e tão constantes que, se eu pudesse imaginar que havia algum motivo para me deterem no Brasil, acreditaria que eles não poderiam ser todos acidentais. Desta vez, porém, solicitei de Sir Charles Stuart que se interessasse junto ao Almirante inglês por uma passagem em um navio inglês, e também junto aos ministros brasileiros, para que me concedessem os necessários passaportes; de modo que se marcou finalmente minha volta para casa, no *Sibillia*, navio britânico de carga (Graham, 1956, p. 219).

Conforme o relato acima, Maria Graham retornou à Inglaterra no navio de carga *Sibillia*.

Em outra ocasião, Maria Graham desfrutou de privilégios durante sua primeira viagem à Índia, em 1808, já que estava acompanhando seu pai, o Almirante Real George Dundas, em uma missão do governo britânico. No seu livro *Journal of a residence in India*, ela narrou o momento em que decidiu retornar à Inglaterra, desta vez sem a companhia do pai, com quem havia viajado inicialmente para o território. No dia 21 de fevereiro de 1811, após passar três anos na colônia, o Almirante Drury conseguiu uma passagem de retorno em uma fragata. Drury também providenciou para que o navio tivesse conforto e comodidade, já que a viagem era longa, e preparou uma despedida para Maria Graham, reunindo pessoas conhecidas e amigas da viajante.

Eu encontrei reunidos na casa dele os amigos com quem estive morando e todos os capitães navais na estação, a quem ele havia convidado para uma colação [refeição leve] na minha visita de despedida. [...] Ele costumava dizer que nenhuma mulher partia sozinha. Onde tinha o comando, ele devia ter razões para pensar que havia esquecido que era marido e pai e agiu de acordo com seus princípios; porque, além da atenção que ele me deu ao recolher meus amigos ao meu redor para se retirarem, me acompanhou ele próprio até a praia. Eu encontrei a bordo provisões de todo tipo, ovelhas, leite de cabra, vinhos, conservas, pickles, frutas, vegetais: em suma, tudo que poderia ser adicionado para o conforto ou conveniência de uma longa

jornada, e muitas coisas haviam sido embaladas e etiquetadas pelas suas próprias mãos (Graham, 1812, p. 172-173, tradução minha).<sup>138</sup>

Mais uma vez, é fundamental destacar a importância das redes de sociabilidade nas viagens de Maria Graham. Independentemente do período e da posição em que se encontrava, ela recorria a diversas pessoas para se deslocar de um navio a outro. Na cabine organizada por Drury, Maria Graham ocupava um quarto do espaço, que dividia com três capitães da Marinha, além do próprio capitão da fragata, Hodgson. Como a viagem demorava meses, sua rotina incluía estudos e leitura após o café da manhã, desenho e costura até o horário do jantar e caminhadas noturnas (Graham, 1812).

No caso de Marianne North, em um dos seus agenciamentos, ela conseguiu uma vaga em um navio a vapor, em uma cabine no convés, na companhia do capitão. Segundo suas palavras, era “melhor do que estar no convés lotado”. Em outra viagem, desta vez com destino a Bombaim, na Índia, a viajante descobriu que o navio estava lotado e, por esta razão, decidiu permanecer onde estava, na “mesma bela cabine através dos quentes mares vermelho e indiano”. Um dos comissários havia prometido manter a cabine em seu nome, facilitando as viagens da personagem (North, 1878k).

Às vezes, era preciso “contar com a sorte” para que os navios passassem nos dias em que as viajantes precisavam partir. Em sua viagem à África do Sul, Marianne North afirmou que estava muito entediada, pois não conseguia sair do lugar em que estava, provavelmente no porto de St. Johns, na região de Pondoland. O navio a vapor passava apenas uma vez por mês, e ela deixou um deles passar porque um morador da região havia lhe prometido que a levaria ao seu destino por via terrestre, a cavalo. No entanto, isso não foi possível, pois ela percebeu que não era seguro fazer o trajeto por terra e recebeu ordens do magistrado para ficar em casa e esperar o próximo navio a vapor.

Eu estou tão entediada! e não consigo sair deste belíssimo banco de areia – o único jeito viável seria por um pequeno navio a vapor que vem uma vez por mês de Natal. Eu deixei o primeiro ir embora porque o residente disse que me levaria por terra [a cavalo/carruagem] por 20 milhas até a fronteira e

---

<sup>138</sup> Texto original: “I found assembled in his house the friends with whom I had been living, and all the naval captains on the station, whom he had invited to a collation at my farewell visit. [...] He had often said, that no woman left alone, where he had the command, should have reason to think that he had forgotten that he was a husband and a father and he acted up to his professions; for, besides the attention he shewed me in collecting my friends around me to take leave, and accompanying me himself to the beach, I found on board stores of every kind, sheep, milch goats, wine, preserves, pickles, fruit, vegetables, in short, everything that could possibly add to the comfort or convenience of a long voyage, and many of the things packed and directed by his own hand” (Graham, 1812, p. 172-173).

depois me entregaria a outro magistrado que me atravessaria. Uma coisa depois da outra preveniu, e, agora, o país está conturbado demais para atravessar em segurança, e ele foi ordenado a ficar em casa – nos últimos meses, o navio a vapor nunca apareceu, e um é esperado para esta semana, mas eu não acreditarei até vê-lo (North, [s.a.], tradução minha).<sup>139</sup>

Nos navios, havia uma dinâmica para que as mulheres pudessem viajar. Além de considerar a posição social, a viajante precisava se apresentar ao responsável pela embarcação para obter autorização de embarque. Era fundamental que o navio dispusesse de um espaço apropriado para elas, já que, por serem mulheres, não era adequado que dormissem em qualquer espaço. Também, segundo Franco (2017), era preciso que elas justificassem suas viagens.

Maria Graham e Marianne North desfrutaram do privilégio de embarcar em navios britânicos, o que lhes permitiu viajar pelo mundo. Apesar de serem mulheres de alta posição social, como discutido na tese, em certos momentos de suas vidas, elas não ostentaram muitos recursos financeiros. Assim, para viajar, precisavam fazer “agenciamentos” e “negociações”, criando laços sociais para facilitar sua locomoção por diferentes regiões. Quando o navio era de seu país de origem, a intermediação com o comandante se tornava mais fácil. Caso contrário, a autorização de embarque se tornava mais difícil.

Neste sentido, o ato de viajar, seja pelas experiências masculinas ou “femininas”, estava imerso por relações de poder imperial (Porter, 2004). O acesso a navios, portos e rotas, a prioridade em embarques e a hospitalidade em estruturas governamentais e científicas, assim como a circulação de cartas de recomendação e de crédito, foram mediados por hierarquias de nacionalidade, classe e gênero próprias do projeto britânico de expansão. A seguir, a tese discutirá como estes deslocamentos produziam e requisitavam informações estratégicas, documentos oficiais e redes de sociabilidade.

---

<sup>139</sup> Texto original: “I am so bored! & can’t get away from this very beautiful sand bank – the only practicable way being by a small steamer which comes once a month from Natal – I let the first go by as the Resident said he would take me over land (riding) 20 miles to the borders & then hand me over to another magistrate who would pass me on) one thing after another prevention this & now the country is too disturbed to do it safely & he is ordered to keep at home – then last months steamer never came at all & one is promised this week – but I shall not believe in it, till I see it” (North, [s.a.]).

### 3.2 VIAGENS TERRESTRES: OS PERCURSOS DE MARIA GRAHAM E MARIANNE NORTH

Embora fosse comum que os viajantes se hospedassem nas cidades litorâneas, Marianne North explorou o interior de muitos países, sendo uma das poucas inglesas que viajaram pelas cidades de Sabará, Juiz de Fora, Barbacena, Ouro Preto, Mariana, Lagoa Santa, entre várias outras no Império do Brasil.

As viagens por terra, assim como por mar, podiam ser processos muito desconfortáveis. Em muitas das suas correspondências para Amelia Edwards e Arthur Burnell, Marianne North criticou as estradas, o clima e o ambiente natural das regiões. Ela viajava por horas, dormia pouco e em lugares desagradáveis e se alimentava mal<sup>140</sup>. No entanto, apesar das reclamações, Marianne North não deixava de viajar e tinha um interesse particular em conhecer o interior dos países. Para ela, as viagens a cavalo permitiam conhecer muito mais os condados do que embarcando de porto a porto em grandes navios a vapor (North, [s.a.d]).

Em um episódio descrito na correspondência nº 259, na cidade de Katberg, na África do Sul, Marianne North caiu duas vezes durante o trajeto ao Jardim Botânico em uma carroça. Na segunda queda, ela ficou “encharcada até os ossos” (North, 1883, tradução minha). A inglesa estava na companhia do Sr. Cliff, responsável pelo transporte e por conduzi-la ao local. Diante da situação, ela quis desistir, mas Cliff não permitiu, alegando que ela “havia apenas se molhado no rio”. Marianne North cedeu e ficou na hospedagem até o dia seguinte. É possível considerar também que estas descrições tenham sido enfatizadas para reforçar a ideia de que os trajetos eram particularmente desafiadores, conferindo dramaticidade nas cartas para Amelia Edwards. Ainda assim, não se pode negar que as viagens no século XIX implicavam riscos, desconfortos e imprevisibilidades.

Como vem sendo discutido na tese, a personagem frequentemente mencionava pessoas que a ajudaram nas suas viagens. Neste episódio, ela citou uma mulher chamada Fran, que a ajudou oferecendo hospedagem, alimentos e um sofá para dormir na sala.

---

<sup>140</sup> Ver texto: “Viajar não é um processo confortável, neste país repugnante, e meu corpo está cheio de hematomas e meu rosto escarlate. E moscas estão andando constantemente sobre meu nariz e meus óculos, de forma que não é fácil escrever” (North, 1883, tradução minha). Texto original: “Travelling is not a comfortable process, in this horrid country & my body is black & blue & my face scarlet – & flies are walking continually over my nose & spectacles – so that it is no easy matter writing” (North, 1883).

Eu queria desistir e voltar para a carruagem, mas aquele tolo do Sr. C. pareceu ter pensado que seria muito desagradável desistir “porque eu havia me molhado no rio”. Eu também fui uma tola e cedi. Na manhã seguinte, começou a chover muito forte! Então, ele me conduziu até em casa, e aqui estou! E devo permanecer até ter ao menos um dia seco – já que os rios já estão impossíveis e é fácil escorregar se tentar andar pelo jardim. A boa Fran e suas crianças são muito gentis – mas a maior parte é miserável. Eles têm leite de sobra e alguns ovos e pão (se não chover por muito tempo) e me deixam dormir no sofá na sala (North, 1883, tradução minha).<sup>141</sup>

Após o episódio descrito, Marianne North não se deixou abater, pois ainda havia muitas flores e paisagens a serem pintadas. No dia seguinte, ela dormiu no topo de uma colina, próximo à estrada principal, conseguindo apenas três horas de descanso (North, 1883).

Em sua viagem à cidade de Calcutá, na Índia, Marianne North afirmou que o navio a vapor a havia depositado em um “pântano com meia dúzia de cabanas sobre palafitas”, sendo uma delas o bangalô de Dawk, um prédio do governo na Índia Britânica. Neste local, a viajante ficou hospedada em um alpendre reservado apenas para senhoras. “Passei a noite sentada em uma cadeira no único metro de chão seco do quarto – com minhas roupas encharcadas” (North, 1878j, tradução minha).

Para viajar, era importante encontrar anfitriões dispostos a receber os viajantes. Muitos amigos enviavam telegramas a contatos que pudessem hospedar Marianne North durante suas viagens. Por ser inglesa, ela frequentemente era convidada a residir em espaços oficiais dos governos locais e coloniais. Na Índia, por exemplo, ela ficou na Casa do Governo, ao lado dos apartamentos dos governadores. No entanto, Sheffield (1997) afirma que ela preferia se hospedar em locais não oficiais, já que estes eram mais tranquilos para realizar suas atividades de botânica. Além disso, guias locais tiveram um papel essencial na viabilização das suas expedições, como no caso do José Luís Corrêa, em seu trajeto no Império do Brasil. “Ele [José Luís Corrêa] foi o melhor guia que se podia desejar para uma viagem dessas e tinha um conhecimento maior que o comum sobre plantas e outras coisas da região, e eu senti muito não compreender melhor a língua para usufruir suas informações” (North, 2001, p. 113).

Além de serem mulheres, Maria Graham e Marianne North pertenciam a importantes famílias e círculos sociais ingleses. Marianne North, em particular, ocupava a posição de uma

---

<sup>141</sup> Texto original: “I wanted to give it up & return in the cart but that fool Mr. C. seemed to think it so dreadful to give up ‘because I had got wet in the river’ that I was also a fool & gave in – the next morning it had set in steady rain! – so he rode home & here I am! – & am likely to be till it has been at least a day dry – as the rivers are already impossible & one slips down if on tries to walk down the garden – the good Fran & her children are very kind – but all is most miserable – they have plenty of milk & some eggs – & bread – (if it does not rain too long) & let me sleep on the sofa in the parlour” (North, 1883).

senhora inglesa, sendo filha de políticos tradicionais britânicos. Este *status* social era mais um motivo para que ela não ficasse sozinha durante suas atividades e missões artístico-botânicas. Seus compatriotas ingleses também tiveram um importante papel nas viagens descritas. A grande maioria das pessoas que a ajudavam, seja com hospedagem ou cartas de recomendação, era da Inglaterra.

Em sua estadia nos Estados Unidos, Marianne North dedicou longos relatos à família Adams, que, em sua opinião, era antiga e renomada em seu condado. A matriarca da família era uma senhora generosa e atenciosa e uma excelente anfitriã.

Ela recebe ataques por todos os lados, mas geralmente devolve respostas excelentes para todos os insultos que recebe – e gosta disso. Ela me levou para um longo passeio na primeira tarde e, quando voltamos no escuro, subiu ao meu quarto e [me perguntou] o que eu tinha achado do meu banho e da cama e a que horas eu queria ser chamada pela manhã, e dando instruções à criada de tal maneira que fiquei tão confusa que perguntei francamente se ela tinha o hábito de mandar seus hóspedes para a cama às 7 horas e 42 minutos – o que foi uma grande piada (North, [s.a.c], tradução minha).<sup>142</sup>

Os relatos, publicados na obra *Recollections of a happy life*, apresentam os nomes e as histórias de alguns personagens das redes de sociabilidade de Marianne North. No entanto, as correspondências privadas fornecem informações e detalhes adicionais, incluindo outros nomes de indivíduos e famílias que mantiveram relações sociais com a viajante. Independentemente da região que visitava, Marianne North sempre encontrava uma rede de apoio.

O trajeto de Marianne North era traçado de acordo com suas redes de sociabilidade e as oportunidades de embarque em navios. À medida que encontrava as pessoas em suas viagens, ela ajustava seu percurso, principalmente quando lhe ofereciam hospedagem e cartas de recomendação. Em uma correspondência endereçada à Amelia Edwards, Marianne North demonstrou a expectativa de que Lady Ramsay e seu marido, conhecido como Rei de Kumaon, na Índia, repetissem a hospitalidade que lhe haviam oferecido em abril de 1878, mas que ela não pôde aceitar (North, 1878p).

No caso de Maria Graham, logo na chegada ao território chileno, ela foi recebida com acolhimento e assistência por membros da Marinha, tanto da Inglaterra quanto de outros

---

<sup>142</sup> Texto original: “She gets attacked on all sides but generally gives them back capital answers for all their abuses & likes it – she gave me a long drive the first afternoon & then when we came back in the dark. Came up to my room & [ilegível] me as to how I liked my bath & bed & when I would be called in the morning & directed the maid according till I was so puzzled, that I asked her frankly, was she in the habit of sending her guests to bed at 42 past 7 o clock? – which was a great joke” (North, [s.a.c]).

países. O capitão da fragata “Constelação”, dos Estados Unidos, chegou a oferecer-lhe uma vaga de retorno à Inglaterra, mas a viajante recusou (Graham, 1916).

Apesar da sua condição de viúva, Maria Graham não encontrou dificuldades para conseguir uma hospedagem no Chile. Uma mulher espanhola, identificada como Sra. Campbell, casada com um comerciante inglês de cavalos, foi sua primeira anfitriã até que ela conseguisse outro local para residir. Ingleses, espanhóis e chilenos a ajudaram com alimentação, transporte e utensílios do dia a dia<sup>143</sup> (Graham, 1916). No dia 10 de maio de 1822, Maria Graham relatou:

Graças aos meus amigos de terra e da fragata, estou agora muito confortavelmente instalada em minha reduzida *home*. Todos foram muito atenciosos comigo. Um vizinho me empresta o cavalo, outro, tal utensílio de que necessito; nem a nacionalidade nem os costumes fazem diferença. Cheguei aqui tendo carência de bondade e ternura, e as recebi de todos (Graham, 1916, p. 158, tradução minha).<sup>144</sup>

Após um breve período em Valparaíso, Maria Graham mudou-se para Santiago. A mudança de residência foi acompanhada pelo marinheiro Frederico de Roos, sua empregada Ana e um operário que conduzia três mulas para sua bagagem<sup>145</sup>.

Três milhas além de Pudahuel, encontramos o senhor José Antonio de Cotapos, cuja família havia gentilmente me convidado a hospedar-me em sua casa enquanto permanecesse em Santiago. E, embora eu não tivesse aceitado o convite, acreditando que teria mais liberdade em um hotel inglês, não pude realizar tal propósito, pois, algumas milhas adiante, encontrei o senhor Prevost, que me disse que as senhoras ficariam ofendidas se eu não aceitasse sua hospitalidade em preferência a qualquer outra. Mal havia eu dado meu consentimento, chegaram duas carruagens com a senhora de Cotapos e três de suas belíssimas filhas, que tinham vindo ao meu encontro para levar-me à cidade. Recusei tal oferta para não entrar na carruagem coberta de poeira. Segui, portanto, a cavalo, e fui muito amavelmente recebida por dona Merceditas, outra filha da senhora, cujas graça e cortesia igualavam sua beleza (Graham, 1916, p. 250, tradução minha).<sup>146</sup>

---

<sup>143</sup> Maria Graham raramente gastava seu dinheiro com alimentação, pois almoçava e jantava a bordo de diferentes navios e frequentemente era convidada para reuniões sociais.

<sup>144</sup> Texto original: “Gracias á mis amigos de tierra y de la fragata, estoy ahora muy confortablemente instalada en mi reducido home. Todo el mundo se ha portado muy atento conmigo; un vecino me presta caballo, otro, tal utensilio que necesito; ni la nacionalidad ni las costumbres hacen diferencias. He llegado aquí habiendo menester de bondad y de ternura y las he recibido de todos” (Graham, 1916, p. 158).

<sup>145</sup> Ver o estudo publicado no livro *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*, de Gilberto Freyre.

<sup>146</sup> Texto original: “Tres millas más allá de Pudahuel nos encontramos con don José Antonio de Cotapos, cuya familia me había invitado bondadosamente á alojarme en su casa mientras permaneciera en Santiago, y aunque no había aceptado la invitación, creyendo que tendría más

No relato acima, o coronel Don José Antonio de Cotapos, que participou do processo de independência do Chile, ofereceu sua casa a Maria Graham, pois ela precisava de um lugar em Santiago. Apesar do desejo de se hospedar em um hotel inglês, provavelmente para ter maior privacidade e tranquilidade, a viajante aceitou o convite do coronel.

Entre os nomes de pessoas que auxiliaram Maria Graham no período de estadia no Chile, destacou-se Thomas Cochrane. A viajante retornou ao território brasileiro a partir de um convite realizado pelo almirante inglês. Segundo Graham (1916, p. 411, tradução minha), Cochrane não podia “deixar a viúva de um oficial inglês abandonada e sem qualquer proteção, num país cheio de ruínas e devastado pela guerra civil”.<sup>147</sup>

Embora a comunicação e o deslocamento fossem mais lentos no século XIX em comparação com os dias atuais, as viajantes conseguiam fazer com que os territórios parecessem mais próximos, pois sempre havia alguém conhecido, principalmente um amigo que as hospedava. Mesmo sem a tecnologia que hoje em dia aproxima as pessoas, Maria Graham e Marianne North tornaram “as distâncias menos distantes”.

A condição social da viajante e a posição que ocupava indicavam suas dificuldades, suas redes de sociabilidade, seus gastos financeiros e suas atividades. No caso de Maria Graham, em sua primeira visita ao Império do Brasil, ela estava inserida no círculo social da Marinha Britânica. Neste contexto, na grande maioria das vezes, a personagem dormia a bordo do navio, e as refeições eram preparadas pelos marinheiros. Portanto, ela não tinha gastos. Por outro lado, em sua segunda visita ao território, desta vez na posição de uma senhora viúva, Maria Graham enfrentou dificuldades econômicas. As cartas de crédito que esperava receber da Inglaterra estavam atrasadas, e, sem o apoio de uma embarcação inglesa, era difícil permanecer no país. Por esta razão, ela pediu ajuda a José Bonifácio e à Imperatriz Leopoldina (Graham, 1956; Callcott, 2010).

De minha parte fui obrigada a me satisfazer com a leitura dos relatórios, tais como foram publicados no Diário da Assembleia, pois que fiquei confinada

---

libertad en un hotel inglés, no pude realizar tal propósito, pues algunas millas más adelante me encontré con Mr. Prevost, quien me dijo que las señoras se darían por ofendidas si no aceptaba su hospitalidad con preferencia á cualquiera otra. Apenas había dado mi asentimiento, llegaron dos coches con la señora de Cotapos y tres de sus bellísimas hijas, que habían venido á mi encuentro para llevarme á la ciudad. Rehusé este ofrecimiento por no entrar al coche cubierta de polvo. Seguí, pues, á caballo, y fui muy amablemente recibida por doña Merceditas, otra hija de la señora, cuya gracia y cortesanía igualan su hermosura” (Graham, 1916, p. 250).

<sup>147</sup> Texto original: “Con dijo dejar á viuda de un aban inglés así la oficial donada sembrado protección en un de alguna, y sin país ruinas asolado por guerra y la civil” (Graham (1916, p. 441).

em minha casa, durante muitas semanas, com uma grave moléstia. Durante esta doença, recebi mais de uma carta da Imperatriz, dizendo que lhe tinham falado de minha situação de isolamento e de minha doença; que ela desejaria que eu me considerasse sob a sua especial proteção enquanto permanecesse no Brasil e que apelasse para ela se precisasse de qualquer espécie de assistência (Callcott, 2010, p. 86).

As cartas de crédito eram instrumentos utilizados por viajantes “para facilitar transações no mercado ao prover o crédito de um terceiro, geralmente um banco, como uma garantia independente de pagamento para proteger as partes em acordos comerciais” (Leon, 1986, p. 432, tradução minha).<sup>148</sup> Elas eram consideradas seguras no mercado financeiro e ofereciam uma fonte confiável de crédito para viagens internacionais.

Estas cartas eram de natureza aberta, ou seja, o viajante podia negociar a compra de qualquer produto com qualquer vendedor ao longo do trajeto da viagem (Xiang *apud* Resende, 2018). Após a morte de Thomas Graham, estes instrumentos foram fundamentais para que Maria Graham conseguisse permanecer no Império do Brasil. No entanto, conforme os relatos da própria inglesa, apesar de serem ferramentas importantes, o tempo necessário para que chegassem aos destinos indicados poderia ser longo, o que, por sua vez, limitava sua utilidade para a viajante.

Se no início de sua viagem ao Império do Brasil Maria Graham estava em uma posição confortável e respeitável na sociedade imperial brasileira, após ela deixar o cargo de professora das princesas imperiais, os compatriotas ingleses, segundo suas palavras, recusavam-se a ajudá-la com as bagagens e a mudança de volta para a Inglaterra.

Minha resposta, demasiado áspera, foi a seguinte: Prezado senhor, nunca fiquei tão surpreendida como ao receber vossa nota. O Capitão Mends que trouxe o Sr. e a Sra. Hayne e suas bagagens, sem acomodações para uma senhora e sua bagagem para um lugar tão distante quanto a Bahia! Um oficial inglês *temeroso*, relativamente *a qualquer governo*, de proteger uma filha de oficial e viúva de um seu colega – Que vergonha! Se fosse possível imaginar isso em vida de *meu* marido ou de *meu* pai! Não vos preciso lembrar que não sou uma fugitiva, correndo do país – mas uma súdita britânica, retirando-se de um serviço que não lhe convém. Mas nada mais direi para testemunhar à Providência, que até agora me protegeu, que enquanto merecer proteção, esta nunca me faltará (Callcott, 2010, p. 256-257).

---

<sup>148</sup> Texto original: “Letters of credit are used to facilitate marketplace transactions by providing the credit of a third party, generally a bank, as an independent assurance of payment to protect parties to commercial agreements” (Leon, 1986, p. 432).

Provavelmente, a saída da Corte foi vista como desonrosa e inadequada, mas, sendo uma súdita britânica, filha de oficial e viúva de um colega, Maria Graham acreditava que era dever dos ingleses ajudarem-na.

Com base nos elementos apresentados, pode-se concluir que, durante o período em que esteve casada, Maria Graham não registrou dificuldades relacionadas ao transporte, aos percursos ou à alimentação. Os custeios das suas viagens provinham, majoritariamente, da Inglaterra, e, apesar do contexto político conflituoso nas regiões, suas atividades cotidianas pareceram relativamente “fáceis”, dado que ela estava inserida em um grupo oficial britânico.

Marianne North, por sua vez, manteve a posição “feminina” típica da sociedade vitoriana, permanecendo solteira ao longo da sua vida. Por esta razão, não se identificam mudanças estruturais em seus percursos de viagens. Embora não estivesse subordinada a uma autoridade masculina, Marianne North teve de se adaptar às decisões de homens que ocupavam cargos altos na sociedade em certos momentos das suas viagens.

### 3.3 MULHERES VIAJANTES E AS CARTAS DE RECOMENDAÇÃO

As viagens realizadas por mulheres no século XIX, como as de Maria Graham e Marianne North, foram marcadas por uma cuidadosa organização e planejamento. Como mencionado, elas utilizavam suas redes de sociabilidade para viabilizar as viagens. Através dos círculos sociais em que estavam inseridas, elas obtinham cartas de recomendação para serem exibidas nas regiões visitadas. Estes documentos serviam como intermediários, facilitando o acesso aos espaços sociais e ao encontro com as pessoas nos territórios explorados (Franco, 2017). As cartas de recomendação, apesar de serem importantes para os percursos dos viajantes, são fontes que devem ser analisadas cuidadosamente, pois nem sempre se mostravam úteis para todos (Sarmiento; Franco *apud* Franco, 2017).

A tese corrobora com as afirmações de Sarmiento e Franco (*apud* Franco, 2017), mas amplia a discussão sobre como Maria Graham e Marianne North mencionaram o uso destes documentos em diferentes momentos das suas vidas. Estes registros permitem observar em que circunstâncias cada uma delas se preocupava em obter tais cartas e o que isso demonstra sobre a sua posição social.

Maria Graham mencionou alguns exemplos de uso de cartas de recomendação. É válido ressaltar que ela viajou pouco tempo sozinha, pois, em boa parte das suas jornadas, estava acompanhada pelo pai ou pelo marido. No entanto, após a viuvez, a inglesa precisou recorrer a esta ferramenta, já que não estava inserida diretamente em nenhum grupo social.

No *Diario de su residencia en Chile*, Maria Graham informou ter cartas de recomendação para a Sra. Rosa O’Higgins, filha de Bernardo O’Higgins, personagem do processo de independência chilena.

Por volta do meio-dia, o senhor de la Salle, um dos ajudantes de campo do Diretor Supremo, trouxe-me uma atenciosa saudação de boas-vindas de sua excelência. Por intermédio deste cavalheiro, enviei minhas cartas de recomendação à dona Rosa O’Higgins, e ficou combinado que eu a visitaria amanhã à noite, pois, hoje, ela irá ao teatro. Pouco depois do almoço, o senhor de Roos e eu acompanhamos don Antonio de Cotapos e duas de suas irmãs ao campo, situado a Sudoeste da cidade, para ver as *chinganas*, ou diversões do povo mais humilde (Graham, 1916, p. 255, tradução minha).<sup>149</sup>

Além de Rosa O’Higgins, Maria Graham tinha cartas ao general Freire, escritas por Thomas Cochrane.

Percebe-se que as cartas eram especialmente necessárias para mulheres solteiras ou viúvas, pois funcionavam como comprovação de identidade, origem e propósito ao chegar a novos lugares. Quando estava casada e inserida no espaço social da fragata “Doris”, Maria Graham não encontrou dificuldades em participar de festas e reuniões, mas sua condição de viúva impôs novas exigências e cuidados à sua circulação.

No caso de Marianne North, por ser solteira e ter viajado para diversos locais, ela mencionou ter utilizado inúmeras cartas de recomendação. Seu sucesso nas viagens, ou seja, a possibilidade de transitar por muitas cidades e países, pode estar atrelado não apenas à sua extensa rede de sociabilidade, mas também ao conjunto destas cartas adquirido através do seu círculo social, ainda que a eficácia destas fontes tenha de ser ressaltada (Franco, 2017). Tinling *apud* Gladston (2012, p. 47) afirma que “as únicas burocracias das viagens de Marianne North eram os funcionários dos correios e os banqueiros”, já que, por ser inglesa, ela não precisava de passaporte.

Durante um jantar social em julho de 1871, a Sra. Clark, anfitriã do evento, prometeu a Marianne North cartas de recomendação para sua viagem ao Brasil, além de se oferecer para apresentar dois brasileiros a ela.

---

<sup>149</sup> Texto original: “Como á medio día, el señor de la Salle, uno de los ayudantes de campo del Director Supremo, me trajo un atento saludo de bienvenida de su excelencia. Por conducto de este caballero envié mis cartas de introducción á doña Rosa O’Higgins, y se convino en que la visitaría mañana por la noche, porque hoy va al teatro. Poco después de comer, el señor de Roos y yo acompañamos á don Antonio de Cotapos y dos de sus hermanas al llano, situado al Sur-Oeste de la ciudad, á ver las chinganas, ó entretenimientos del bajo pueblo” (Graham, 1916, p. 255).

A Sra. Clark trouxe dois brasileiros para me encontrar, e eu me senti como se não tivesse uma palavra sequer para dizer a eles. No entanto, eles me prometeram cartas [de recomendação], e um homenzinho disse: “Lembre-se, no Brasil ninguém que tenha cartas se hospeda em hotel” – o que soa bastante hospitaleiro! Preciso convidar esses Clarks para jantar com os Knox enquanto você estiver aqui, pois a Sra. Clark tem sido muito boa comigo (North, 1871e, tradução minha).<sup>150</sup>

Embora estas cartas não fossem absolutamente necessárias, já que viajantes ingleses eram geralmente recebidos com hospitalidade (Silva, 2015), elas garantiam acomodação e economias financeiras, evitando despesas com hotéis.

Infelizmente, não foi possível encontrar os manuscritos destas cartas. A discussão se baseia em trechos dos relatos de viagem e correspondências variadas. Em uma carta para o Dr. Allman, Marianne North descreveu que o capitão de um navio com destino a Valparaíso, no Chile, se manifestou da seguinte forma ao ser solicitado a fornecer uma carta de recomendação para ela: “[...] Ao invés de mandar para a Senhorita N. a costumeira carta de recomendação, nós a apresentaremos pessoalmente e a recomendaremos aos seus cuidados durante a viagem” (North, 1884b, tradução minha)<sup>151</sup>. Este episódio mostra que, no ambiente marítimo, a apresentação pessoal podia substituir a carta formal.

As cartas de recomendação não apenas circulavam entre os viajantes, mas também eram mencionadas publicamente na imprensa britânica, o que mostra, mais uma vez, seu papel social e simbólico nas viagens. Durante uma pesquisa em periódicos no The British Newspaper Archive, foi localizada uma notícia em que o *Daily News* (Londres) republicou um artigo do jornal australiano *Sydney Morning Herald*, destacando as viagens e a atividade de pintura de Marianne North.

Na reportagem, que descreve a passagem da inglesa pela Austrália, o jornal observa que a viajante chegou à Nova Gales do Sul com uma carta de recomendação assinada por Michael E. Hicks-Beach, então Secretário de Estado para as Colônias, dirigida ao governador local. Embora não tenha conseguido uma audiência pessoal, o governo colonial reconheceu suas credenciais e ofereceu o apoio à Marianne North. O texto ainda menciona uma segunda carta, enviada por Joseph Hbooker.

<sup>150</sup> Texto original: “Mrs. Clark had two Brazilians to meet me, & I felt as if I had not a word to throw at them – however they have promised me letters – & one little man said – remember, in Brazil no one with letters ever stays in hotel – which sounds hospitable! I must ask these Clarks to dinner with the Knox’s while you are here – for Mrs. Clark is so very good to me” (North, 1871e).

<sup>151</sup> Relato original: “[...] Instead of sending Miss. N. the usual letter of introduction, we will personally introduce her & recommend her to his care during the Voyage” (North, 1884b).

Ela chegou a Nova Gales do Sul com uma carta de recomendação de Sir M. E. Hicks-Beach, Secretário de Estado para as Colônias, dirigida ao governador. Contudo, devido à ausência de Sua Excelência, não teve oportunidade de se encontrar com ele. O governo, entretanto, honrou as credenciais dela e concedeu toda a assistência que estava a seu alcance. A carta de recomendação estava acompanhada de outra, enviada por Sir Joseph D. Hooker, diretor dos Jardins Botânicos de Kew, que falou muito favoravelmente dos talentos artísticos da dama e dos valiosos serviços que ela prestava à ciência botânica (*Daily News*, 30 dez. 1880, tradução minha).<sup>152</sup>

Embora não fossem obrigatórias, as cartas de recomendação faziam parte da cultura naval que reforçava vínculos de confiança entre os agentes do império. Em um trecho direcionado à Barbara Bodichon, Marianne North demonstrava preocupação em conseguir uma carta para sua viagem à China, pois, segundo suas palavras, “isso nos poupa de várias explicações”.

Você acha que poderia me ajudar a conseguir uma carta da Senhora Wade para o marido dela? Eu escrevi para a Senhorita Hershall, mas a conheço tão pouco que ela pode pensar que é mera impertinência. Eu devo passar pela China no meu caminho até Java, e o Senhor Wade pode, talvez, me dar uma carta de recomendação que seria de grande utilidade. Eu gostaria que a qualquer carta que eu possuo dissesse eu vou com o propósito de pintar, o que me economiza um mundo de explicações (North, 1875, tradução minha).<sup>153</sup>

No episódio apresentado, Marianne North viajava com Thomas Eustace Smith e sua esposa, Martha Mary Eustace Smith, para o Canadá e, posteriormente, para o Japão. Thomas era membro do Parlamento do Reino Unido, enquanto Mary era colecionadora e patrona das artes. A preocupação da artista em conseguir uma carta para sua jornada na China pode estar relacionada ao fato de ela não conhecer muitas pessoas no país e, principalmente, de não estar em um território onde a Grã-Bretanha exercia grande influência, como na Índia. Marianne

---

<sup>152</sup> Texto original: “She came to New South Wales with an introduction from Sir M. E. Hicks-Beach, the Secretary of State for the Colonies, to the Governor, but in consequence of his Excellency being absent she had no opportunities for an interview with him. The Government, however, honoured her credentials, and gave all the assistance which lay in their power. The introduction was accompanied by a letter from Sir Joseph D. Hooker, the Director of the Botanical Gardens at Kew, who spoke most favourably of the lady’s artistic powers and the valuable assistance she was rendering to botanical science” (*Daily News*, 30 dez. 1880).

<sup>153</sup> Texto original: “Do you think you could help to get me a letter from Mrs Wade to her husband? I have written to Miss Hershall but know her so little she may perhaps think it mere impertinence – I must pass China on my way to Java & Mr. Wade might perhaps give me a letter on which would be of the greatest use I wish any letter I have, to say I go for the purpose of painting & as it saves a world of explanations” (North, 1875).

North pediu que a carta indicasse que ela viajava com a intenção de pintar, facilitando, assim, seu trânsito durante a estadia no país.

Além das cartas de recomendação, as próprias redes de sociabilidade muitas vezes cumpriam a mesma função. Antes da viagem de Marianne North à Índia, Edward Lear (1812–1888), poeta e pintor britânico conhecido por suas viagens e produção artística, escreveu a Arthur Burnell solicitando que este oferecesse apoio à viajante durante sua estadia, especialmente no que se referia a visitas e acomodações. Ele destacava as qualidades artísticas e botânicas da viajante, mas admitia não ter entregado a ela uma carta de recomendação para o Sr. Pennington, de Trichinopoli, por não saber se ele se encontrava na cidade. O pedido, portanto, era fazer com que Arthur Burnell garantisse a Marianne North o acesso aos espaços, sobretudo a Srirangam, cidade na Índia.

Se esta [carta] for entregue pela Srta. North, por favor, faça tudo o que puder por ela em relação às visitas – especialmente flores etc. –, pois ela é uma grande desenhista e botânica, sendo inteiramente talentosa e encantadora. Há três dias estive com a Sra. Burnell, em Stratton, como ela certamente já lhe terá contado muito antes que esta carta chegue às suas mãos. Também tive o prazer de conhecer seu irmão. Não dei à Srta. North uma carta para o Sr. Pennington, de Trichinopoli, por não saber se ele lá se encontra, mas peço-lhe a gentileza de assegurar que ela conheça bem Srirangam (Lear, 1877, tradução minha).<sup>154</sup>

A partir das fontes apresentadas, entende-se que as cartas de recomendação foram importantes nas trajetórias de Maria Graham, viúva, e Marianne North, solteira, pois demonstravam a atenção e o cuidado dedicados à sua obtenção. Ainda assim, quando estas cartas não estavam disponíveis, as viajantes podiam contar com a hospitalidade garantida por sua nacionalidade e, sobretudo, com o apoio das redes de sociabilidade.

Durante uma viagem para Hobart, na Ilha da Tasmânia, na Austrália, Marianne North esteve hospedada na casa de John Henry Leffroy e sua esposa, Lady Charlotte Leffroy. John era um oficial militar britânico que atuava como administrador da Tasmânia.

Estive em duas expedições por aquela estrada maravilhosa e subi até as encostas do Monte Wellington – já pintei algumas de suas flores, frutos e árvores mais notáveis. E a Casa do Governo é meu lar aqui, com uma família

---

<sup>154</sup> Texto original: “If this is given to you by Miss North, please do all you can for her as to sights – particularly flowers, etc., etc., as she is a great draughtswoman and botanist, and is altogether graciously clever and delightful. 3 days ago I called on Mrs. Burnell at Stratton, as she will have told you long before this reaches you. Also I made your brother’s acquaintance. I have not given Miss North a letter to Mr. Pennington of Trichinopoli, not knowing if he be there, but you will kindly ensure her seeing Srirangam well” (Lear, 1877).

realmente impressionante, que são os governantes temporários: Sir Henry e Lady Leffoy e sua simpática filha. Lady L. tenta pintar os peixes extraordinários e outras coisas belas, como eu – e ele se interessa por tudo. Eu não tinha nenhuma carta de recomendação para eles, mas me receberam como velhos amigos e me fizeram ficar acordada até as duas da manhã, há algumas noites, para ver uma reunião [de pessoas], que era um belo espetáculo – e os oficiais de um navio italiano e de outro francês sabiam como animar o ambiente com sua vivacidade, que parecia até contagiar os ingleses. Os salões são muito bonitos – e a casa é a melhor que já vi (North, 1881b, tradução minha).<sup>155</sup>

Embora ela não tivesse nenhuma carta de recomendação, Henry e Lady Leffroy a receberam muito bem. Como argumentam Sarmiento e Franco (*apud* Franco, 2017), estes documentos eram frequentemente utilizados pelas viajantes, mas, na ausência de cartas, ainda era possível transitar pelos espaços. Esta facilidade, contudo, advinha das redes de sociabilidade. Em maio de 1871, Marianne North afirmou que o Sr. Fagan a ajudaria com os preparativos para a viagem ao Império do Brasil, providenciando um hotel e várias regalias.

[...] ele diz que também escreverá com antecedência para avisar seus amigos para me esperarem. O hotel é administrado por uma inglesa, e a família inglesa de quem ele fala providenciaria para que eu tivesse acomodações em outro lugar – perto deles, se eu preferisse –, e eu poderia mandar o criado (eles também conseguiriam um) ao hotel para buscar meu jantar, o que eu acharia muito melhor. Há um ministro inglês lá, que acredito conhecer e que já foi a um em nossa casa em Hastings – e há médicos e todos os outros confortos europeus, e suponho que seria bastante do meu agrado em muitos aspectos (North, 1871c, tradução minha).<sup>156</sup>

Ao observar estes relatos, percebe-se que as cartas de recomendação não serviam apenas como apoio para as viagens, mas também como ferramentas de respeitabilidade social. Nota-se a preocupação das viajantes em obtê-las como forma de segurança e proteção, já que

<sup>155</sup> Texto original: “I have been two expeditions on that wonderful road & up into the cronies of Mount Wellington – & have already painted some of its most remarkable flowers & berries & trees – & Government House is my home here – with a really alarming family who are the temporary rulers were Sir Henry & Lady Leffoy & their nice daughter – Lady L. tries to paint the wonderful fish & other beautiful things like myself – & he is interested in everything – I had no letter to them but they received me like an old friends & made me sit up till 2 o’clock at the ball a few nights ago to see a collection which was a pretty sight – & the officers of an Italian & a French ship – knew how to make at living, by their vivacity, which even seemed to infect the English through them – the rooms, are very pretty – & the house is the best I have ever seen” (North, 1881b).

<sup>156</sup> Texto original: “[...] he says he will write also beforehand to tell his friends to expect me. The Hotel is kept by an Englishwoman & the English family he talks of women get me rooms elsewhere – near themselves if I liked it better & I could send the servant (they would also get one) in to the Hotel, for my dinner wish I should like much better – there is an English minister there who I believe I know, & who has after dined in our house at Hastings – & there are doctors and all other European comforts & I should fancy it would be quite to my mind in many ways” (North, 1871c).

estariam longe de casa. Ao mesmo tempo, suas redes de sociabilidade podiam substituir ou complementar esta função, demonstrando como gênero, nacionalidade e império influenciavam os caminhos que elas percorriam.

### 3.4 MULHERES CASADAS, SOLTEIRAS E VIÚVAS

Até o momento, a tese apresentou como as mulheres mobilizaram diferentes meios e estratégias para viabilizar suas viagens, recorrendo a redes de sociabilidade e ao uso de cartas de recomendação e de crédito. Para além destes elementos, é fundamental compreender que a disponibilidade de recursos financeiros também se mostrava indispensável, pois era preciso custear alimentação e transporte e, ocasionalmente, pagar por um quarto de hotel. O peso destas despesas variava de acordo com a posição social de cada viajante. Neste aspecto, observa-se uma diferença entre Maria Graham, descendente de uma família de marinheiros, e Marianne North, cujas conexões estavam mais relacionadas ao meio político do que à Marinha Britânica.

Ao analisar as estratégias e os agenciamentos de Marianne North, verifica-se que, em alguns casos, ela não precisava se preocupar com os custos da hospedagem e alimentação ou mesmo com a remuneração de homens que a auxiliavam em viagens e atividades. No entanto, em outras situações, a inglesa enfrentava despesas significativas, especialmente por não integrar missões oficiais de caráter científico ou artístico que pudessem garantir subsídios. Em suas cartas para Amelia Edwards, Marianne North forneceu detalhes sobre gastos relacionados a hotéis, alimentação e transporte. No Hofman House, em New York, por exemplo, ela mencionou que pagava uma libra por dia para armazenar seus baús, já que passava boa parte do tempo fora do quarto, e considerou este valor um bom negócio, pois ajudava a reduzir suas despesas. Apesar do bom preço, o quarto em que dormia não era um espaço agradável. “Quanto a mim, eu me sinto envergonhada de mim mesma por permanecer tanto tempo neste lugar perverso, mas a verdade é que eu estava quase o tempo todo do lado de fora, pagando a enorme soma de uma libra por dia por esse confortável quarto para guardar minhas malas” (North, [s.a.h], tradução minha).<sup>157</sup>

Em outro episódio, na Tasmânia, Marianne North relatou que o governador conseguiu para ela o aluguel de uma carruagem por 7 xelins por dia, o que indica que nem sempre os

---

<sup>157</sup> Texto original: “As for me I feel ashamed of myself for lingering so long in this wicked place – but the truth is I have been nearly the whole time on the outside of it – paying the enormous sum of a pound a day for this comfortable room to keep my trunks in” (North, [s.a.h]).

governantes ofereciam todos os serviços gratuitamente (North, 1881b). Além disso, havia hospedagens públicas, geralmente localizadas às margens das estradas. Na Nova Zelândia, por exemplo, a viajante se hospedou em uma destas acomodações. Contudo, em Christchurch, a diária de um quarto de hotel custava 1 libra e, segundo ela, tratava-se do melhor hotel da cidade (North, 1881a)<sup>158</sup>.

As mulheres viajantes articularam diferentes estratégias nas regiões que visitaram. Elas se adaptaram em territórios até então desconhecidos, apoiadas por recursos sociais e financeiros. Importa destacar que não eram mulheres desafortunadas: nasceram em famílias com certa condição econômica. No caso de Marianne North, Sheffield (1997) afirma que ela recebeu uma herança paterna que lhe permitiu viajar. No entanto, as correspondências da própria viajante contestam tal afirmação. Em carta a Amelia Edwards, a inglesa desabafou:

Porque a grande casa que ele me deixou servia apenas para ser transformada em dinheiro; viver nela teria sido impossível sem uma fortuna própria. Então, parti para a Sicília no primeiro inverno e me coloquei a trabalhar de verdade, decidindo fazer do meu pincel o mestre do restante da minha vida (North, 1882, tradução minha).<sup>159</sup>

Embora as mulheres de classe média como Maria Graham e Marianne North dispusessem de certos recursos, as condições econômicas deste estrato social nem sempre eram tão elevadas. A grande maioria destas mulheres dependia economicamente de seus maridos, pais ou irmãos, e, com a morte da figura masculina, muitas enfrentavam dificuldades financeiras (Jordan, 1999). Após a morte do pai, Marianne North registrou, em várias cartas, o gerenciamento do dinheiro que recebia mensalmente. Em uma delas, ela confidenciou ter gastado todo o dinheiro disponível na compra de um vestido para uma ocasião especial, o que a levou a solicitar empréstimo de 100 libras a *Coutts*:

Meu vestido é um peso em minha mente também, e eu gastei todo o meu dinheiro! E, na verdade, escrevi para perguntar aos *Coutts* que me emprestassem cem libras para evitar que eu estourasse os limites até os

---

<sup>158</sup> As despesas de Marianne North incluíam também a alimentação cotidiana, como café, chá, almoço e jantar. No Canadá, enquanto esteve hospedada no Hotel Rosli Clifton, ela narrou um episódio em que, após um longo trajeto de trem, não conseguiu se alimentar e, ao chegar, buscou uma padaria para completar a refeição com mais café e pão.

<sup>159</sup> Texto original: “For the big house he left me was, only to be turned into money, to live in it would have been impossible with out a separate fortune so I went off to Sicily the first winter & set myself to work in earnest, resolving to make my brush the master of the rest of my life” (North 1882).

pagamentos de julho entrarem, já que preciso pagar à pensão seis meses de ordenado adiantados (North, 1871f, tradução minha).<sup>160</sup>

A carta foi escrita dois anos após o falecimento de Frederick North e um ano após o início das viagens de Marianne North pelo mundo. É interessante notar a menção ao pagamento de salários ao Conselho de Pensões. A hipótese é de que este dinheiro se referisse à pensão que seu pai lhe deixou.

Em outra fonte, desta vez um relato de viagem, Marianne voltou a mencionar o nome *Coutts*, ao narrar sua experiência de quarentena nas Ilhas Seychelles. No diário, ela recordou que recebeu 200 libras enviadas por Coutts, costuradas em suas roupas, como forma de evitar o roubo por parte dos prisioneiros da ilha:

Os médicos dizem que meus nervos se arrebetaram por causa da pouca comida e do excesso de trabalho num clima daqueles. Como não existiam bancos, *Coutts* me mandou 200 libras em notas, que foram costuradas nas minhas roupas. Por dois dias e duas noites eu amarrei minha porta, montei uma barricada na minha janela e temi pela minha vida, pois ouvi coisas faladas através das divisões baixas que eles me dizem que nunca falaram. O navio veio por fim, e chegamos em casa, mas os mesmos problemas me acompanharam até chegar à Inglaterra, quando me encontrei de novo entre amigos e fui capaz de me divertir pescando e arrumando minhas pinturas na nova sala em Kew e tentar esquecer todo aquele período horrível (North, 2001, p. 115).

Embora a narrativa apresente o olhar colonialista da viajante ao descrever os prisioneiros locais, o trecho chama a atenção pelo uso do dinheiro e pelo papel das instituições financeiras em sua trajetória. Pesquisas permitem supor que *Coutts* não se referia a uma pessoa, mas sim ao renomado banco britânico Coutts & Co., fundado por Thomas Coutts no século XVIII. Após sua morte, em 1822, a herança passou para Angela Burdett-Coutts, figura de destaque da filantropia vitoriana<sup>161</sup>. Deste modo, é provável que Marianne North estivesse se referindo à instituição bancária, evidenciando que mantinha relações próximas com mecanismos formais de crédito e circulação financeira no período.

Apesar de contar com uma quantia herdada, diversos trechos das suas correspondências indicam que Marianne North não ostentava grandes luxos e precisava administrar o dinheiro para evitar sua escassez. Em uma carta a Laura Forster, a viajante

<sup>160</sup> Texto original: “My dress is a weight on my mind too & I have spent all my Money! – & actually written to ask Coutts to lend me a hundred Pounds to keep me from overdrawing till the July payments come in – as I must pay pensions board Wages six months in advance” (North, 1871f).

<sup>161</sup> Para saber mais, acessar <https://www.coutts.com/about/history.html>.

afirmou não ter recursos para comprar orquídeas (North, [s.a.m]).<sup>162</sup> Em outra carta a Amelia Edwards, ela disse: “Mas, Amy, meu dinheiro está acabando, e eu não vou dar nenhuma festa. Então, temo que você me ache horrivelmente chata – eu devo ter cuidado – ou vou estourar o limite da minha conta” (North, [s.d.], tradução minha).<sup>163</sup>

Estes trechos indicam tanto sua preocupação com as finanças quanto a importância social das festas, pois, nestas ocasiões, a viajante fortalecia as amizades, ampliava seu capital social e recebia favores como hospedagem, cartas de recomendação ou empréstimos de livros.

A partir dos argumentos apresentados, algumas hipóteses podem ser levantadas. Depois da morte do pai, Marianne North pode ter usado a pintura não apenas como passatempo, mas também como forma de obter recursos adicionais. Os relatos sugerem, inclusive, a possibilidade de produção e venda de quadros na Inglaterra, aspecto pouco explorado pela historiografia.

Um episódio ocorrido em Teresópolis, no Império do Brasil, ilustra este ponto. Hospedada em casa de conhecidos, a artista foi questionada pelo anfitrião (chefe da polícia da província) sobre como conseguia viajar sozinha. Diante da desconfiança de que o Estado custeasse suas despesas, Marianne North respondeu:

Ele ficou extremamente curioso em saber por que eu estava viajando sozinha e pintando. O governo estava pagando minhas despesas? Com certeza eu não poderia pagá-las eu mesma, eu estava muito malvestida para tanto! Eu lhe disse que quando voltasse para casa, esperava pintar um quadro da serra dos Órgãos e vendê-lo por tanto dinheiro que pagaria todas as minhas despesas; então ele por fim entendeu por que eu estava viajando, pois não é o dinheiro o fim de todas as coisas? (North, 2001, p. 113).

<sup>162</sup> Ver texto: “Tenho inveja de você ir ver Lady Laurence e suas orquídeas. Tenho ido tantas vezes, e, uma vez, ela me pediu para ir e ficar lá, mas esta terrível doença impediu tudo, e, agora, só posso apreciar as flores que são trazidas para o quarto. Construí uma pequena estufa aquecida e uma estufa temperada – eu mesma tenho algumas –, mas não tenho dinheiro para comprar muitas orquídeas. Agora, tenho violetas napolitanas, rosas, cravos, mignonette, lavanda e flores de parede do lado de fora, perfumando o quarto, e uma flor de *Eucharis Amazônica* e crisântemos rosa que ficam lindos juntos com a verônica azul em um vaso mais alto” (North, [s.a.m]). Texto original: “I envy you going to see Lady Laurence & their orchids – I have been so often, & she asked me once to come & stay there – but this terrible illness stopped everything – & now I can only enjoy the flowers which are brought in to the room – I built a small hot house & greenhouse – & have a few myself – but cannot afford to buy many orchids – I have now *Neapolitan* violets, roses, carnations mignonette lavender & wall flowers from outside – scenting the room & a bloom of *Eucharis Amazonian* & pink *Chrysanthemums* which are lovely together with blue Veronica in a taller vase” (North, [s.a.m]).

<sup>163</sup> Texto original: “But Amy my money is running rather short & I shall give no parties of any sort so I fear you will find me horribly dull – I must take care – or I shall be over drawing my account” (North, [s.d.]).

Embora esteja carregado de ironia, traço característico da viajante, o relato sugere que a pintura poderia ter desempenhado um papel remunerativo em sua trajetória. Gladston (2012) afirma que Marianne North evitava pintar de graça e frequentemente recusava pedidos de anfitriões para esboços e pinturas, considerando seu tempo precioso demais para ser desperdiçado. Por outro lado, a análise de Sheffield (1997) reforça uma interpretação mais subjetiva da trajetória de Marianne North, associando suas viagens e pinturas ao desejo de liberdade e autoconhecimento. Esta tese, contudo, propõe uma ampliação desta perspectiva, uma vez que o trabalho artístico da viajante não se reduzia apenas à esfera pessoal ou à participação no empreendimento imperial e científico, mas também a uma ferramenta de adaptação, estabelecimento e reconhecimento nos espaços sociais.

No caso de Maria Graham, observa-se que, em determinados momentos de sua trajetória, ela precisou mobilizar estratégias financeiras para sustentar suas viagens e seus trabalhos. Durante sua estadia no Chile, atuou como professora de desenhos. Embora não haja muitas informações sobre a dinâmica das aulas ou uma eventual remuneração, esta atividade sugere uma fonte alternativa de renda, especialmente se forem consideradas as circunstâncias da sua recente viuvez, da solidão e do desamparo em um país desconhecido.

A tese parte, neste sentido, do contexto histórico no qual Maria Graham estava inserida, pois ela precisava de recursos para se manter no território. Além disso, a função de professora de desenhos não era uma atividade comum para a inglesa, o que permite supor que este elemento tenha desempenhado um papel importante em sua “sobrevivência” durante o difícil período de adaptação.

Meu aluno é agradável e perseverante, se bem que um pouco indolente; possui muito bom senso e um vivo sentimento poético. Se eu estivesse na Europa, onde pudesse fazê-lo ver boas pinturas e, sobretudo, bons desenhos, não duvido de que se tornaria um bom pintor. Mas aqui, onde não tem nada que seja melhor do que o que ele próprio faz, há poucas probabilidades de que progrida muito (Graham, 1916, p. 226, tradução minha).<sup>164</sup>

Como mencionado anteriormente, a função de professora foi desempenhada por Maria Graham também durante sua estadia no Império do Brasil, quando assumiu o cargo de governanta das princesas imperiais, em um contexto no qual ela também necessitava de

---

<sup>164</sup> Texto original: “Mi alumno es agradable y perseverante, si bien algo indolente; está dotado de muy buen sentido y de un vivo sentimiento poético. Si yo lo tuviera en Europa, donde pudiera hacerlo ver buenas pinturas, y sobre todo buenos dibujos, no dudo de que llegaría á ser un buen pintor; pero aquí, donde no tiene nada que ver que sea mejor que lo suyo, hay pocas probabilidades de que progrese gran cosa” (Graham, 1916, p. 226).

dinheiro e apoio para se estabelecer no país. As restrições de gênero dificultavam o cumprimento de determinados papéis, atividades e funções na sociedade oitocentista. No entanto, algumas profissões eram “recomendadas” para as mulheres, como o ensino e a costura. Os dois trabalhos eram mal remunerados, porém muitas mulheres conseguiam ajudar nas despesas domésticas e na própria sobrevivência e independência financeira (Jordan, 1999).

A morte de Thomas Graham durante a viagem para o Chile, em 1822, causou grandes mudanças no trajeto de Maria Graham<sup>165</sup>. Viúva e sem filhos, ela precisou negociar recursos escassos e gerir pequenas somas. Na carta de 20 de agosto de 1825, escrita do bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, Maria Graham relatou seu desejo de retornar à Inglaterra: “Eu queria estar em casa. Você não imagina como anseio por estar de novo na Inglaterra. Oh, será que um dia vou deixá-la novamente? Creio que não” (Graham, 1825b, tradução minha)<sup>166</sup>.

Este anseio, porém, não podia ser concretizado de forma imediata: voltar à terra natal significava obter uma autorização de embarque ou uma vaga disponível em um navio. Vale ressaltar, mais uma vez, que a permanência de Maria Graham no continente americano, após a morte do marido, foi motivo de críticas, o que evidencia a delicada posição de uma viúva estrangeira em território colonial, dependente da sua própria rede de apoio e de recursos. Deste modo, a posição de viúva era diferente de quando ela chegou à América, sendo esposa do capitão da fragata britânica. Não só o relato abaixo, mas outras descrições indicam que muitas pessoas reprovaram a decisão de Maria Graham em permanecer no Chile e no Império do Brasil após a morte do marido.

E embora, na sua primeira chegada, alguns dos meus amigos aqui tenham convencido de que eu era uma espécie de monstro e, acreditarem até que eu comia criancinhas, ainda assim, ao me conhecer, descobri que tenho apenas dez dedos e o mesmo número de mãos e cabeças que qualquer outra pessoa. Somos muito bons amigos (Graham, 1825b, tradução minha).<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> Ver texto: “Falecimentos: Em Valparaíso, o capitão Thomas Graham, do navio ‘Doris’, esposo da Sra. Maria Graham, bem conhecida como autora de várias obras agradáveis” (*Shrewsbury Chronicle*, 20 set. 1822, tradução minha). Texto original: “Die: At Valparaiso, Captain Thos. Graham, of the Doris frigate, husband of Mrs. Maria Graham, well known as the authoress of several pleasing works” (*Shrewsbury Chronicle*, 20 set. 1822).

<sup>166</sup> Texto original: “I wish I were at home – You cannot imagine how I long to be once more in England. Oh shall I ever leave it again? I think not” (Graham, 1825b).

<sup>167</sup> Texto original: “And though on his first arrival some of my friends here had persuaded him that I was a sort of monster, & I believe even that I eat little children. Yet on acquaintance having found that I have only ten some numbers of hands & heads that others have – we are very good friends” (Graham, 1825b).

A condição de viúva de Maria Graham também trouxe à tona preocupações relacionadas ao gerenciamento de recursos financeiros e à preservação da memória do primeiro marido. Em correspondência a Lorde Lynedoch, possivelmente escrita entre 1827 e 1828, quando já se encontrava em vias de se casar com o pintor Augustus Callcott, Maria Graham manifestou o desejo de elaborar um documento de doação que garantisse às crianças da família a posse das “poucas centenas de libras” que lhe restaram após o falecimento de Thomas Graham.

A carta de Hannah me é útil em um aspecto: eu não sabia os nomes dos seus dois filhos mais novos, e, como vou fazer o mesmo que ela fez, era necessário conhecer todos os nomes, pois as poucas centenas de libras que me restaram após a morte do Capitão Graham serão, naturalmente, das crianças quando eu falecer. E, portanto, escrevi à Escócia para pedir seus nomes a fim de elaborar corretamente o documento de doação (Graham, 1825a, tradução minha).<sup>168</sup>

Neste gesto, Maria Graham procurou assegurar a realização dos desejos do primeiro marido, ao mesmo tempo em que se defendeu das críticas de familiares, sobretudo das irmãs, que a acusavam de não ter feito mais pelas crianças. O tom defensivo da sua carta – “tenho plena certeza de que o senhor me julga com justiça” (Graham, 1825a, tradução minha)<sup>169</sup> – mostra como a viuvez expunha as mulheres não apenas à vulnerabilidade econômica, mas também ao julgamento moral da família e da sociedade. Além disso, não é coincidência o fato de Maria Graham ter iniciado o processo de doação da herança do falecido marido no período em que começou a se relacionar com Augustus Callcott.

A maior preocupação dele era, naturalmente, com os filhos de seu irmão, e eu me empenho em assegurar, tanto quanto esteja ao meu alcance, o cumprimento de seus afetuosos desejos a respeito deles – apenas lamentando não ter podido fazer mais, mas sentindo que não mereço ser censurada por ter incentivado que fossem enviados de volta para casa, deixando a outros o cuidado com eles, quando o pobre Tom e eu desejávamos abrigá-los. Isso foi

---

<sup>168</sup> Texto original: “Hannah’s letter is of use to me in one respect. I did not know the names of her two youngest children & as I am going to do as she has done, it was necessary to know all their names, because the few hundred pounds that I had remaining at Capt. Graham’s death is of course to be the children’s whenever I shall die: & therefore I had written to Scotland to ask their names in order to make out the settlement properly” (Graham, 1825a).

<sup>169</sup> Ver texto completo: “Mas não direi mais nada – tenho plena certeza de que o senhor me faz justiça nesses assuntos e posso compreender prontamente a petulância das irmãs, que já conheceram tanta dor” (Graham, 1825a, tradução minha). Texto original: “But I will say no more – I am quite sure you do me justice in these matters & I can readily allow for the petulance of the sisters who have known so much sorrow” (Graham, 1825a).

quando as circunstâncias se apresentavam sob um aspecto muito diferente (Graham, 1825a, tradução minha).<sup>170</sup>

Os trechos citados acima referem-se a uma carta escrita para Thomas Graham de Balgowan, primo de Thomas Graham, primeiro marido da viajante. Vale ressaltar que os dois têm o mesmo nome e sobrenome, mas são pessoas diferentes. Balgowan futuramente iria se tornar Lorde Lynedoch. Ambos foram militares e serviram ao Império Britânico.

Em outro documento, escrito em período próximo à fonte anexada acima, Maria Graham mencionou seu contato com Johanna, identificada como esposa de John Graham, irmão de Thomas Graham e, portanto, cunhado da viajante. John Graham faleceu em 1821. A hipótese é que os sobrinhos citados por Maria Graham nas cartas dirigidas a Lynedoch fossem justamente os filhos deste cunhado falecido um pouco antes do irmão.

Este conjunto de relações familiares demonstra como mulheres da classe média, como Maria Graham, tinham acesso aos recursos deixados por pais e maridos. Ainda que de forma restrita ou sob dificuldades, elas eram responsáveis por administrar heranças e pequenas somas, desempenhando um papel ativo na gestão do patrimônio familiar.

No decorrer da pesquisa, buscou-se ampliar o *corpus* documental para além das correspondências, a fim de identificar outras fontes que permitissem compreender as condições financeiras das viajantes. Entre os documentos localizados, encontram-se registros de natureza testamentária, que oferecem descrições iniciais sobre o tratamento jurídico dos seus bens. Após solicitação de digitalização junto ao *The National Archives*, obteve-se o testamento de Maria Graham, no qual ela deixou registrada uma autorização para que seu marido, Augustus Callcott, usufruísse das “propriedades e ofertas e bens pessoais”, além de conferir-lhe o direito de dispor dos “direitos autorais sobre as obras escritas e publicadas”. O documento foi redigido em 8 de outubro de 1842 e homologado em 10 de julho de 1843, na presença das testemunhas Francis Bacon Robinson e John Mezzumana.

Este é o meu último testamento, Maria Callcott, esposa de Sir Augustus Wall Callcott, atualmente residindo em Kensington Gravel Pits. Eu dou e lego ao meu querido esposo, o referido Sir Augustus Wall Callcott, para seu próprio uso e benefício, todos e quaisquer bens, haveres e patrimônio pessoal de toda espécie de que eu seja possuidora ou de que eu, de qualquer modo, esteja

---

<sup>170</sup> Texto original: “His greatest anxiety was of course about his brother’s children & I am anxious to secure all as far as lies in my power the fulfilment of his affectionate wishes concerning them – only grieving that I have not been able to do more, but feeling that I did not quite deserve to be reproached for having encouraged their being sent home, & leaving it to others to take care of them, when poor Tom & I wished to home them, it was when circumstances wore a very different aspect” (Graham, 1825a).

autorizada ou habilitada a dispor e, mais particularmente, todos e quaisquer dos meus direitos autorais e todo e qualquer outro interesse que eu possa ter, ao momento do meu falecimento, nas diversas obras que tenham sido escritas e publicadas por mim. E solicito que esta minha Vontade seja considerada como feita por mim no exercício de todo e qualquer poder e autoridade que me habilitem para tanto. E, por fim, nomeio e constituo meu referido esposo como único testamenteiro deste meu testamento (Callcott, 1842, tradução minha).<sup>171</sup>

A referência aos direitos autorais é relevante diante da aprovação do *Copyright Act* de 1842, ocorrida no mesmo ano. Conforme analisa Catherine Seville (1999), a nova lei ampliava significativamente os prazos de proteção: a antiga legislação, de 1814, estipulava 28 anos ou a vida do autor, enquanto a lei de 1842 estabelecia que “o *copyright* passaria a durar por toda a vida do autor mais sete anos, ou por um mínimo de 42 anos a partir da data de publicação” (Seville, 1999, p. 6, tradução minha).<sup>172</sup> A conquista deste dispositivo legal não foi imediata, mas fruto de uma intensa campanha de petições coletivas, mecanismo típico da política britânica oitocentista.

Assim, a decisão de Maria Graham de destacar os direitos autorais em seu testamento deve ser lida como expressão da sua preocupação em garantir segurança material ao marido, e também como evidência de que, mesmo antes de consolidar-se juridicamente, a ideia de “profissão de autor” já circulava entre escritores e escritoras. Neste ponto, a reflexão de Seville (1999, p. 29, tradução minha) é importante:

A “profissão” de autor ainda estava se formando, e, mesmo o quanto já havia se consolidado, era mais conceitual e social do que prática. Mesmo dentro do mundo literário, havia divisões: por exemplo, podia-se distinguir entre escritores puramente imaginativos, escritores históricos ou científicos, escritores de periódicos, resenhistas, jornalistas, escritores de romances populares ou de livros infantis ou aqueles que escreviam obras voltadas para a autoajuda e a educação.<sup>173</sup>

<sup>171</sup> Documento original: “This is the last Will of me Maria Callcott wife of Sir Augustus Wall Callcott now residing at Kensington Gravel Pits I give and bequeath to my dear Husband the said Sir Augustus Wall Callcott for his own use and benefit all and singular the property and effects and Personal Estate of every kind of what I am possessed of or want I am in any way authorized or empowered to dispose of and more particularly all and singular my copyrights and all other her interest that I may have at the time of my decease in the several works that I may have written and published by me and I request that this my Will may be considered as made by me in exercise of all and every power and authority enabling me in this behalf and lastly I do hereby nominate and appoint my said Husband sole Executor of this my Will” (Callcott, 1842).

<sup>172</sup> Texto original: “It resulted in an extension of term: copyright was to last for the author’s lifetime plus seven years, or for a minimum of forty-two years from the date of publication” (Seville, 1999, p. 6).

<sup>173</sup> Texto original: “The ‘profession’ of authorship was still forming, and even the extent to which it had already done so was conceptual and social rather than practical. Even within the literary world

Pensando em Maria Graham, esta reflexão demonstra como as mulheres se situavam num espaço de fronteira: por um lado, a atividade de escrita lhes possibilitava algum reconhecimento intelectual e social; por outro, a tutela jurídica dos seus direitos permanecia condicionada ao enquadramento familiar e conjugal (Seville, 1999).

No caso de Marianne North, a fonte consultada provém do *National Probate Calendar*, seção referente aos processos de sucessão (*probate*), que tratam da legalização de testamentos e da concessão de administração de bens após a morte. O registro informa que o testamento, acrescido de dois codicilos, de Marianne North, anteriormente residente em 3 Victoria Street, Westminster, Middlesex, e, posteriormente, em Mount House, Alderley, Gloucestershire, foi homologado após seu falecimento, ocorrido em 30 de agosto de 1890, em Mount House. O processo foi conduzido no Registro Principal, tendo como executores seu sobrinho Frederick Keppel North, de 3 Middle Temple Lane, Londres, e James Hubert Senior, de Lewes, Sussex, ambos identificados como *Esquires*<sup>174</sup>.

Em uma carta para Arthur Burnell, Marianne North afirmou que escreveu seu testamento e deixou o documento aos cuidados do Museu K. Provavelmente se referia ao South Kensington Museum, uma vez que, em 1878, a viajante manteve estreitas relações profissionais com a instituição. Apenas alguns anos depois é que a viajante estabeleceria vínculos próximos com o Museu de Kew.

Eu fiz o meu testamento antes de sair de casa, em caso de acidentes, e deixei-o para o pessoal do Museu K. “para fazerem deles o que quisessem, para o bem dos outros”, e não posso fazer mais do que isso – se realmente tiverem algum valor –, o que deve permanecer sempre uma questão de gosto (North, 1878g, tradução minha).<sup>175</sup>

---

there were divisions: for instance, one might distinguish between the purely imaginative writers, historical or scientific writers, periodical writers, reviewers, journalists, writers of popular novels or of children’s books, or those writing works intended for self-help and education” (Seville, 1999, p. 29).

<sup>174</sup> Texto original completo: “Personal estate – 28 October. The Will with two Codicils of Marianne North formerly of 3 Victoria – street Westminster in the County of Middlesex but late of Mount House Alderley in the County of Gloucester Spinster who died 30 August 1890 at Mount House was proved at the Principal Registry by Frederick Keppel North of 3 Middle-Temple-lane in the City of London the Nephew and James Hubert Senior of Lewes in the County of Sussex Esquires the Executors” (North, 1890).

<sup>175</sup> Texto original: “I made my will before leaving home in case of accidents and left them to the K. Museum people ‘to do with them as they liked, for the good of others’ and can do no more than that – if they are really worth anything – which must always remain a question of taste” (North, 1878g).

O inventário associado ao processo indica o valor de £39,329 1s. 3d. (39.329 libras, 1 xelim e 3 pence), correspondente ao patrimônio pessoal de Marianne North. É difícil avaliar a dimensão deste número, porém a leitura de alguns estudos da história econômica permite trazer uma prospecção deste contexto. Como citado na introdução da tese, Holmes (2020) aponta que a renda média anual de uma pessoa da classe média baixa girava em torno de 100 a 250 libras. Ao comparar estes valores ao montante do inventário, observa-se que o patrimônio da viajante equivaleria a mais de 150 anos de renda anual desta camada social. Já em comparação com o grupo da classe média alta, que, por sua vez, tinha uma renda anual entre 500 e 2.000 libras, o número ainda representava uma fortuna expressiva, correspondente a cerca de 20 a 70 anos de rendimentos.

Quando Frederick North faleceu, os jornais britânicos publicaram um aviso sobre o testamento e a herança do político, em conformidade com o Ato do Parlamento que regulava a administração de propriedades e a responsabilidade dos *trustees* (administradores fiduciários)<sup>176</sup>. Pode-se observar que este tipo de referência legal era uma fórmula jurídica obrigatória: demonstrava que a publicação da convocação aos credores não era uma escolha pessoal dos testamenteiros, mas sim uma exigência prevista em lei. O objetivo era garantir que, caso nenhum credor se manifestasse dentro do prazo estabelecido, os executores pudessem proceder à distribuição dos bens sem se tornarem responsáveis por dívidas desconhecidas (McDonnell, 2018).

Um dos anúncios publicados dizia:

FICA AQUI NOTIFICADO que os credores e todas as pessoas que tenham qualquer reivindicação sobre os bens de FREDERICK NORTH, falecido, anteriormente residente em Hastings Lodge, Hastings, no Condado de Sussex, Esq., M.P., (que faleceu no dia 29 de outubro de 1869, e cujo Testamento, com um Codicilo [aditamento ao testamento], foi provado no Registro Principal do Tribunal de Sucessões de Sua Majestade no dia 29 de novembro de 1869, por Marianne North, solteira, e pelo Honorável Thomas Emerson Headlam, M.P., dois dos testamenteiros ali nomeados), ficam desde já obrigados a enviar os detalhes das suas respectivas dívidas ou reivindicações a nós, os abaixo-assinados, solicitadores [advogados] dos referidos testamenteiros, até o dia 25 de março próximo. Após este prazo, os referidos testamenteiros procederão à distribuição dos bens de FREDERICK NORTH, falecido, entre as pessoas com direito a eles, levando em consideração apenas as dívidas e reivindicações das quais estes testamenteiros tenham então recebido notificação. Declara-se que, após esta data, os testamenteiros não mais serão responsáveis pelos bens assim

---

<sup>176</sup> Para saber mais, acessar <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/Vict/22-23/35>.

distribuídos a qualquer pessoa cuja dívida ou reivindicação não tenha sido notificada até então (*Norfolk Chronicle*, 22 jan. 1870, tradução minha).<sup>177</sup>

Conforme mencionado acima, o anúncio determina que todos os credores de Frederick North deveriam apresentar suas reivindicações até março de 1870, sob pena de perderem o direito de reclamar futuramente. Neste contexto, Marianne North surge como herdeira e executora legal dos bens paternos, ao lado de Thomas Emerson Headlam, deputado liberal e advogado. Este papel evidencia sua inserção no universo jurídico-administrativo britânico, um espaço em que mulheres raramente apareciam de forma tão visível.

A partir das reflexões apresentadas acima, ao aproximar as trajetórias de Maria Graham e Marianne North, é possível perceber semelhanças. Ambas não eram desafortunadas: nasceram em famílias com uma base econômica sólida, o que lhes garantiu certa autonomia inicial. No entanto, a perda da figura paterna ou do marido as colocou diante de situações em que a administração do dinheiro e a busca por recursos adicionais se tornassem centrais para a continuidade das suas experiências fora da Europa. Enquanto Maria Graham recorreu ao ensino como forma de inserção e possível sustento, através das aulas de desenho no Chile ou do cargo de professora na Corte, Marianne North utilizou a pintura como uma prática que se aproximava muito do trabalho profissional. Assim, embora inseridas em contextos distintos, ambas demonstram como o exercício de atividades culturalmente associadas ao universo “feminino”, como afirma Jordan (1999), pôde ser convertido em estratégia de “sobrevivência” e adaptação, apresentando a complexa relação entre gênero, trabalho e viagens no século XIX.

Neste ponto, torna-se necessário considerar outro aspecto importante na trajetória de mulheres viajantes: o estado civil. O casamento, a solteirice e a viuvez não apenas definiam a posição social das mulheres, mas também condicionavam suas possibilidades de inserção e deslocamento. Levantam-se, então, algumas questões centrais: em que medida o casamento

---

<sup>177</sup> Texto original: “NOTICE IS HEREBY GIVEN that the Creditors and all persons having any claim on the Estate of FREDERICK NORTH, late of Hastings Lodge, Hastings, in the County of Sussex, Esq., M.P., deceased (who died on the 29th day of October, 1869, and whose Will, with a Codicil thereto, was proved in the Principal Registry of Her Majesty’s Court of Probate, on the 29th day of November, 1869, by Marianne North, Spinster, and the Right Honourable Thomas Emerson Headlam, M.P., two of the Executors therein named), are hereby required to send in the particulars of their respective debts or claims to us, the undersigned, Solicitors for the said Executors, on or before the 25th day of March next, after which time the said Executors will proceed to distribute the Assets of the said FREDERICK NORTH deceased, among the persons entitled thereto having regard only to the debts and claims of which such Executors shall then have had Notice, and that the said Executors will not after that time be liable for the Assets so distributed to any Person of whose debt or claim such Executors shall not then have had notice” (*Norfolk Chronicle*, 22 jan. 1870).

oferecia às mulheres de classe média respeitabilidade e segurança material? Viajar “sozinha” ampliava sua autonomia ou, ao contrário, criava obstáculos diante das normas sociais? E, por fim, como a condição de viúva poderia tanto fragilizar quanto reorganizar a trajetória destas viajantes?

O casamento, entendido como união romântica, é um ideal que se consolidou no final do século XVIII, durante o Iluminismo, substituindo gradualmente os casamentos “arranjados” (McDonnell, 2018). Maria Graham, em seus escritos, expressou grande afeto aos dois maridos.

No entanto, apesar da demonstração de amor e carinho, não se pode ignorar que o matrimônio também conferia benefícios sociais e materiais para a viajante, essenciais para uma mulher que circulava entre diferentes países e espaços intelectuais. Enquanto esposa de um capitão da Marinha britânica, ela desfrutava de certa segurança financeira e tinha acesso a ambientes oficiais e contatos que facilitaram suas redes de sociabilidade e a própria legitimidade da sua escrita. Ao lado de Thomas Graham, a viajante não se limitava a observar, mas frequentemente atuava como parte da vida naval, assumindo responsabilidades que ultrapassavam as atribuições domésticas de uma esposa, conforme o exemplo a seguir:

Estive em terra o dia inteiro ocupada com preparativos de nossa partida para Valparaíso. Como o capitão Graham não estava bem para se aventurar fora do navio, assumi o encargo de servir de enfermeiro em meu lugar. Voltei tarde. Encontrei B. gravemente doente e o capitão Graham muito incomodado. Recebi muitas pessoas a bordo e despedi-me de muitas outras (Graham, 1956, p. 225).

A consolidação da domesticidade reforçou ainda mais a centralidade do casamento. A Rainha Vitória<sup>178</sup> encarnava o ideal da esposa e mãe de classe média, símbolo de felicidade conjugal e maternidade exemplar. Cabia à mulher “incutir valores morais nos filhos e manter a integridade moral” do lar (McDonnell, 2018, p. 11). Este modelo, fortalecido pelo progresso

---

<sup>178</sup> “A era vitoriana começou em 1837. Este período trouxe novas ideias sobre o casamento, que haviam surgido no final do século XVIII, mas que só ganharam plena força na era vitoriana. O período recebeu este nome em homenagem à Rainha Vitória, que assumiu o trono aos 18 anos, em 1837. O casamento da Rainha Vitória com o Príncipe Albert de Saxe-Coburg e Gotha passou a representar, para as pessoas daquela época, o ideal de matrimônio vitoriano” (McDonnell, 2018, p. 7, tradução minha). Texto original: “The Victorian era began in 1837. This period brought about new ideas about marriage, ideas that had started at the end of the eighteenth century but did not truly come into play until the Victorian age. The Victorian era was named after Queen Victoria who came into power in this period at the young age of eighteen in 1837 and Queen Victoria’s marriage to Prince Albert of Saxe-Coburg and Gotha came to represent to people in this time period the ideal of a Victorian marriage” (McDonnell, 2018, p. 7).

da Revolução Industrial, restringia a esfera “feminina” ao ambiente doméstico e reafirmava a importância do matrimônio como horizonte de vida (Perrot, 2005; McDonnell, 2018).

O casamento adquiria significados diferentes para as mulheres de acordo com sua classe social. As esposas de classe média eram justamente as mais vulneráveis em caso de ruptura do casamento. Enquanto as mulheres da elite dispunham de fundos privados e as trabalhadoras da classe baixa contavam com uma relação mais flexível com a lei e o mercado de trabalho, as mulheres de classe média dependiam fortemente do sustento do marido. Se ficavam viúvas, sua posição social e econômica declinava de forma acentuada, ficando em situação de maior fragilidade (Perkin, 1989; McDonnell, 2018).

Já a solteirice podia oferecer mais margem de autonomia. Mulheres não casadas tinham a possibilidade de receber fundos fiduciários, administrar propriedades, atuar como agentes legais e até executar testamentos<sup>179</sup>. Como aponta McDonnell (2018, p. 17, tradução minha), muitas experimentavam maior liberdade antes de se casarem do que após o matrimônio:

Mulheres solteiras podiam receber um fundo fiduciário e ter autoridade para “atuar como agente de outra pessoa e, como agente, executar autoridade delegada” e podiam atuar como executoras de testamentos e herdar propriedades que podiam administrar. Por isso, muitas mulheres solteiras experimentavam mais liberdade antes de se casarem do que após o matrimônio.<sup>180</sup>

É neste contexto que se compreende a trajetória de Marianne North: solteira, ela conseguiu viajar de forma ampla, mas não sem dificuldades. Sua posição exigia constante negociação com as normas sociais, o que explica sua preocupação em colecionar cartas de recomendação e cultivar redes de sociabilidade que lhe garantissem segurança e respeitabilidade.

A viuvez, por sua vez, colocava mulheres diante de alguns dilemas. Sem o sustento do marido, precisavam buscar alternativas. Algumas recorriam ao recasamento, opção mais

---

<sup>179</sup> É importante citar que o documento *Fines and recoveries act* (1833) reformou os mecanismos de transmissão de propriedades na Inglaterra, exigindo que as esposas declarassem pessoalmente seu consentimento em atos de alienação de bens, ou seja, “um homem não podia incluir em seu testamento a propriedade da sua esposa para legá-la a outros após sua morte” (McDonnell, 2018, p. 32, tradução minha). Texto original: “A man could not put his wife’s property in his will in order be left to others after his death” (McDonnell, 2018, p. 32).

<sup>180</sup> Texto original: “Unmarried women could receive a trust, could have the authority to ‘act as agent for another person, and as an agent, execute delegated authority,’ could act as executor of a will, and could inherit property that she could act as administrator to. Because of this, many single women experienced more freedom before they got married than after” (McDonnell, 2018, p. 17).

acessível para as mais jovens, enquanto outras ingressavam no mercado de trabalho. As viúvas mais velhas, contudo, enfrentavam o estigma da sociedade, que condenavam aquelas que em idade avançada buscavam se casar novamente (McDonnell, 2018).

Estes diferentes estados civis ajudam a compreender melhor as trajetórias de Maria Graham e Marianne North. A primeira viveu as experiências de esposa e viúva: casada, encontrou respeitabilidade e segurança; viúva, precisou recorrer a diferentes estratégias de gênero como meio de inserção e sobrevivência. Já Marianne North, solteira, administrou sua herança e encontrou na pintura uma prática que se aproximava de um trabalho profissional. Assim, o estado civil não era apenas uma condição biográfica, mas um elemento estruturante das possibilidades de inserção, mobilidade e sobrevivência das viajantes.

Portanto, é importante compreender que, ao mesmo tempo em que oferecia respeitabilidade e segurança material, o matrimônio também restringia a autonomia; a solteirice, por sua vez, podia ampliar margens de liberdade, mas exigia negociações permanentes com as normas sociais; e a viuvez expunha tanto à vulnerabilidade quanto à possibilidade de reorganização da vida (McDonnell, 2018). Neste cenário, a afirmação de Perkin (1989, p. 3), de que “a liberdade é um conceito relativo”, ganha centralidade, pois evidencia que a autonomia “feminina” no século XIX não pode ser entendida de forma absoluta, mas como resultado de circunstâncias históricas, econômicas e familiares que delimitavam os caminhos possíveis para cada viajante.

### 3.5 AS VIAJANTES E OS EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Para além das cartas de recomendação e das redes de sociabilidade, o cotidiano das viagens de Maria Graham e Marianne North também se estruturava a partir de apoios específicos, como o trabalho de criados e empregados domésticos, cuja presença assegurava a manutenção da casa e o andamento das viagens.

Estes/as trabalhadores/as aparecem nos relatos de viagens e nas correspondências, quase sempre sem voz ou identidade própria, sendo designados por termos como “servos”, “peões”, “empregados” ou “criados”. No caso de Marianne North, suas experiências na Índia demonstram a importância deste suporte. Em Simla, por exemplo, uma mulher identificada como Sra. Lyall lhe “emprestou” um servo, enquanto o capitão Nisbet a acompanhou em uma expedição pelas montanhas. A própria viajante reconhecia a impossibilidade de aventurar-se sozinha em estradas perigosas e trajetos de difícil acesso. Em uma carta a Arthur Burnell, durante sua estadia no Adelphi Hotel, ela escreveu:

[...] você se sentirá confortado ao saber que serei novamente posta sob os cuidados de um criado; a Senhora Rivett Carnac encontrou um para mim – e suponho que terei meu caminho bem varrido e facilitado se eu partir da Casa do Governo – para onde? Eu não sei! (North, 1878d, tradução minha).<sup>181</sup>

Além de guiar deslocamentos, os criados, as cozinheiras, as copeiras e os jardineiros eram necessários para assegurar a logística das casas temporárias durante as viagens, criando condições para que Marianne North se dedicasse à pintura. Entretanto esta convivência próxima não eliminava as hierarquias étnicas e sociais. Em suas cartas, a artista ora elogiou, ora criticou o desempenho dos empregados, mas raramente os apresentou como sujeitos autônomos, mantendo-os como personagens secundários<sup>182</sup>.

As hierarquias mencionadas aparecem em episódios envolvendo seus criados Alex e John. Alex, inicialmente descrito como um “macaco muito mole” e de “pouca utilidade”, chegou a desempenhar, segundo suas palavras, algumas tarefas com eficiência, mas logo apresentou comportamentos estranhos. Durante uma noite, ele gritou e correu para fora da embarcação em que estavam hospedados e destruiu parte do teto, obrigando Marianne North a se proteger em uma barricada atrás de baús (North, 1878c).<sup>183</sup>

<sup>181</sup> Texto original: “[...] you will be comforted to know I am again to be put in the charge of a servant, Mrs. Rivett Carnac has found one for me – and I suppose I shall have my path well swept and easy if I start from Government House – where? I know not”! (North, 1878d).

<sup>182</sup> Ver texto: “Fiz uma excursão para ver alguns antigos criados em Illinois e, então, voltei para Nova York e Washington, de onde o frio me levou à Jamaica – aonde cheguei numa terça-feira de 1871. As maravilhas da primeira visão dos trópicos quase me enlouqueceram, e aluguei uma casa solitária chamada *Garden House*, a uma milha de qualquer pessoa branca – mobiliei com dois quartos e contratei uma velha mulher negra para cozinhar para mim. Comprei duas libras de carne de vaca por semana dos soldados no posto de guarda mais abaixo no vale, e ela cozinhava junto a legumes cada vez mais até que não fosse mais apropriado para comer. Então, eu comia os legumes sem carne e achava bom. Desde então, comecei a fazer minha coleção de pinturas a óleo, agora em Kew” (North, 1882, tradução minha). Texto original: “I made an excursion to see some old servants in Illinois & then back again to N. York & Washington whence the cold drove me to Jamaica – which I reached on Tuesday 1871 – the wonders of the first sight of the tropics nearly drove me wild & I took a lonely house called Garden house a mile from any white person – furnished two rooms & hired an old black woman to cook for me – 2 pounds of beef I brought weekly from the soldiers at the guard house lower in the Valley, & she stewed it up with vegetables more & more every day – till it was not fit to eat, when I eat the vegetables without it & thought it nice – from this time I began making me collection of oil paintings now at Kew” (North, 1882).

<sup>183</sup> Ver texto: “O criado ‘Alex’ está de cama com febre desde que cheguei aqui, e não me parece que será de muita utilidade – ele é um ‘macaco’ muito mole, mas eu diria que não morde, podendo até se tornar uma espécie de conforto negativa. Caso contrário, posso deixá-lo em Cochin – quando eu voltar” (North, 1878C, tradução minha). Texto original: “The servant ‘Alex’ has been on his back with fever ever since I got here, and I do not fancy will be much use – he is a very limp ‘monkey’ but I should say he did not bite, and my turn out a sort of negative comfort – if not, I can leave him at Cochin – on my return” (North, 1878c).

O vocabulário utilizado para descrever Alex apresenta um olhar desumanizador típico do discurso imperialista, que animalizava trabalhadores coloniais e os associava à falta de disciplina ou racionalidade (McClintock, 2010). Deste modo, a narrativa epistolar de Marianne North apresenta Alex como um fardo e um risco, já que, segundo ela, ele era “louco, perigoso e indisciplinado”, mas, ao mesmo tempo, um auxiliar útil (North, 1878e).

Mas pode imaginar que tratei de me manter acordada a noite inteira, com minha caixa de velas bem junto de mim, repreendendo Alex de uma distância segura e dizendo que ele estava bêbado ou louco. Ele resmungava, quando não estava em fúria, e se ofendia por eu pensar que ele fosse louco – quando, na verdade, só estava rezando pela sua alma imortal –, e estas crises se repetiram várias vezes, cada vez mais violentas, até que, já perto da manhã, ele ficou calmo. Ajudou-me a desembarcar minhas coisas ao nascer do sol e, desde então, não o vi mais. A governanta da casa disse que o conhece bem – que ele é louco – e já perdeu vários empregos pelo mesmo motivo (North, 1878e, tradução minha).<sup>184</sup>

Posteriormente, Marianne North relatou que Alex era conhecido por perder empregos devido à instabilidade mental, sendo substituído por outro criado, descrito como “manso”, mas pouco eficaz. Estas descrições, portanto, são apresentadas nas fontes através de uma narrativa construída para reforçar estereótipos sobre trabalhadores coloniais.

Em outro episódio, a viajante mencionou o trabalho de um criado chamado John, que a acompanhou em sua estadia nos hotéis e bangalôs ao norte da Índia. Inicialmente, Marianne North o descreveu como um trabalhador dedicado e atento, sempre identificado por seu “turbante vermelho” e sua vontade de agradar. No entanto, pouco tempo depois, ela relatou sua dispensa em Derrah, ao confirmar que ele estava “quase sempre bêbado”, suspeita que já nutria havia tempos (North, 1878m)<sup>185</sup>. A oscilação entre confiança inicial e posterior desconfiança demonstra como a permanência de um criado estava sempre sujeita a avaliações rigorosas por parte da autora.

---

<sup>184</sup> Texto original: “But you can fancy I took good care to keep awake all night with my candle box close to me and scolded him well at that safe distance and told him he was either drunk or mad – and he muttered when not raving that it displeased him that I thought him mad – When it was only his immortal soul which he was praying for – and these fits came on over and over again, more and more violent only towards morning he became quiet. I helped to land my things at sunrise here since which time I have not seen him the house keeper says he knows him well – he is mad – and has lost several situations from the same cause” (North, 1878e).

<sup>185</sup> Ver texto: “Tive de dispensar meu ‘John’ em Derrah, pois ele estava quase sempre bêbado! Eu já suspeitava disso havia algum tempo, e o proprietário da hospedaria me disse isso sem rodeios” (North, 1878m, tradução minha). Texto original: “I had to send off my ‘John’ at Derrah as he was nearly always drunk! I had long suspected it and the landlord there told me point-blank” (North, 1878m).

Outros relatos também reforçam esta lógica de dependência e crítica. Durante sua estadia nos Estados Unidos, Marianne North relatou a contratação de uma “velha mulher negra” como cozinheira em sua casa na Jamaica, enquanto em outro momento se queixou de um jardineiro que, segundo ela, “se fazia de cavalheiro elegante” e descuidava das plantas (North, 1889a, tradução minha).

Assim, os episódios com Alex e John, somados a outros casos, confirmam que as pinturas e as viagens de Marianne North estavam intrinsecamente ligadas a uma rede de suporte composta por empregados e criados. Esta rede, ao mesmo tempo indispensável e constantemente julgada, apresentava-se frágil, instável e permeada por hierarquias sociais, étnicas e raciais.

No caso de Maria Graham, os diários de viagem apontam que a presença destes/as trabalhadores/as era fundamental para a realização das suas expedições e a manutenção da sua vida cotidiana em contextos estrangeiros. Os criados assumiam funções variadas, desde a condução de mulas e o transporte de bagagens até cuidados domésticos, a preparação de refeições e a assistência em situações de doença. Estes serviços não se limitavam ao trabalho físico: envolviam também mediação cultural, já que, em diversas ocasiões, os empregados dominavam o idioma local, conheciam rotas e adaptavam-se a condições regionais (Graham, 1916; Graham, 1956, Callcott, 2010).

Maria Graham tinha uma relação muito próxima com sua criada Ana. Durante a viagem ao Chile, no episódio da travessia da Cordilheira dos Andes, a inglesa lamentou tê-la levado, observando que, apesar de jovem, Ana não resistira ao cansaço da jornada:

Minha criada era, como antes, a mais cansada de todas, o que prova que a juventude e a saúde nem sempre são os mais resistentes companheiros de viagem. Ela se deitou enquanto eu me ocupava em escrever e fazer os preparativos para a manhã seguinte. Às sete, nos colocamos de novo em marcha, acompanhados do peão Felipe, e, cerca de uma milha antes de Bustamante, outro peão uniu-se a nós de modo simples e sem cerimônias (Graham, 1916, p. 247, tradução minha).<sup>186</sup>

A primeira menção à Ana foi realizada no *Diário de uma viagem ao Brasil*, indicando que Maria Graham trouxe uma empregada a bordo da embarcação da “Doris”. Após a morte de seu marido, Ana a acompanhou na estadia chilena e no retorno ao Império brasileiro em

---

<sup>186</sup> Texto original: “Mi criada era, como antes, la más cansada de todas, lo que prueba que la juventud y la salud no siempre son los más resistentes compañeros de viaje. Acostó se ella mientras yo me ocupaba en escribir y hacer los preparativos para la mañana siguiente. A las siete nos pusimos de nuevo en marcha, acompañados del peón Felipe, y como á una milla de Bustamante se nos agregó sencillamente y sin ceremonias otro peón” (Graham, 1916, p. 247).

1823 e 1824. No *Escorço biográfico de d. Pedro I*, a viajante inglesa, agora viúva e após deixar o cargo de professora das princesas imperiais, passou a morar em uma zona rural do Rio de Janeiro. Embora a viajante não afirme se Ana era escravizada ou liberta, ela assumia tarefas domésticas e atuava como mediadora entre a casa e a comunidade negra local, provavelmente um quilombo. Além de Ana, havia José, um homem inicialmente identificado como “guardião” da casa e que ajudava a viajante nas atividades de botânica no interior da floresta e mantinha a segurança da sua propriedade (Graham, 1956; Callcott, 2010).

Neste sentido, por mais que demonstrasse um ato de coragem ao ir morar em Laranjeiras e explorar as florestas, Maria Graham nunca realizava estas atividades sozinha. Em certa ocasião, após um roubo em uma casa vizinha, Ana retirou-se para um ponto de lavagem de roupas frequentado por outras mulheres negras, enquanto José manteve sua rotina de ir ao mercado. Maria Graham descobriu, posteriormente, que produtos como ovos, aves e frutas lhes eram vendidos por escravizados fugidos, que, “por meio da Ana, sabiam que eu [Maria Graham] era amiga dos pretos e que nunca delataria a existência de um núcleo de negros fugidos” (Callcott, 2010, p. 162-163). Pouco tempo depois, José deixou o serviço, alegando temer ser morto em um possível ataque, e foi substituído por outro empregado, também chamado José, um ex-escravizado africano descrito como “filho de um rei da África” (Callcott, 2010, p. 168).

O episódio acima demonstra que, mesmo afastada dos circuitos formais da Corte e da elite, a vida doméstica de viajantes como Maria Graham dependia do trabalho de escravizados e libertos, articulando-se em redes que uniam controle, negociação e mediação. Ana e os dois Josés, em suas diferenças de condição jurídica e origem, são exemplos de como o espaço privado era sustentado por relações sociais complexas. Os criados surgem como personagens secundários, mas essenciais para a sustentação da vida cotidiana e do trabalho artístico, garantindo a manutenção das casas temporárias nas viagens, o preparo das refeições e, em alguns casos, o cuidado com o jardim e as coleções botânicas das personagens. Assim, ao considerar o cotidiano das viagens de Maria Graham e Marianne North, percebe-se que o espaço doméstico<sup>187</sup> não deve ser lido apenas como símbolo de confinamento, mas como território ambíguo e dinâmico, onde se negociavam limites, se preservavam vínculos e se produziam saberes (Hall; Davidoff, 1994; Thompson, 2012).

---

<sup>187</sup> Esta dinâmica reforça o que Gazzola (2008) observa ao analisar as viajantes do período: por mais que elas estivessem em constante deslocamento, o *locus* de observação mantinha-se ligado a casa, espaço que, nos textos, rearticula a conexão com o país de origem.

Estas viajantes dependiam de uma estrutura doméstica que envolvia serventes, geralmente mulheres de classes mais baixas, que garantiam o funcionamento cotidiano da casa, desde a alimentação e limpeza até o cuidado com jardins e estufas (Steinbach, 2004). Estes/as trabalhadores/as permanecem muitas vezes invisíveis nas fontes, mas foram figuras essenciais para que o ambiente doméstico funcionasse como este espaço de conforto e estabilidade (Hall; Davidoff, 1994) e para que as mulheres pudessem realizar suas viagens marítimas e seus trabalhos artísticos<sup>188</sup>.

A geração de jovens mulheres que cresceu nas décadas de 1820 e 1830 tinha menos experiência em tarefas domésticas do que suas mães e avós. Daí a sua inépcia na hora de constituir a própria casa, o que os tornava mais dependentes das empregadas e os privava do respeito delas. Por outro lado, as jovens empregadas também costumavam aprender tudo com as mais velhas. No entanto, as mulheres de classe média tinham a vantagem da educação, e muitas consideravam seu dever ensinar suas empregadas a ler e escrever, em parte por ordem religiosa e em parte porque isso as tornava mais úteis. [...] Organizar os criados se tornou a parte mais importante do trabalho das mulheres da classe média e era considerado equivalente ao trabalho dos homens no mundo dos negócios (Hall; Davidoff, 1994, p. 304, tradução minha).<sup>189</sup>

Deste modo, o espaço privado também reproduzia relações de classe e poder (Steinbach, 2004). A vida doméstica, portanto, não era igual para todas: enquanto algumas mulheres conseguiam exercer sua influência intelectual, como, por exemplo, Maria Graham e Marianne North em suas produções literárias, botânicas e artísticas, outras garantiam, com seu trabalho, as condições para que isso fosse possível.

Neste sentido, o convívio próximo, forçado por alojamentos improvisados ou longos deslocamentos, não eliminava a distância simbólica. Ao contrário, reforçava o lugar do criado

---

<sup>188</sup> Estudos recentes indicam que, em meados do século XIX, “três quartos dos lares de classe média possuíam pelo menos um criado residente” (Hall; Davidoff, 1994, p. 389, tradução minha). Contudo, como observa Prochaska *apud* Higgs (1983, p. 201, tradução minha), “o emprego de trabalhadores domésticos não indica, necessariamente, *status* de classe média”, já que a contratação, em alguns casos, podia significar apenas mão de obra barata. Texto original: “The employment of servants did not necessarily indicate middle-class status” (Prochaska *apud* Higgs, 1983, p. 201).

<sup>189</sup> Texto original: “La generación de las jóvenes crecidas en las décadas de 1820 y 1830 tuvo menos experiencia en las tareas domésticas que sus madres y abuelas. De ahí su ineptitud cuando establecían su propia casa, que las hacía más dependientes de sus criadas y las privaba de su respeto. Por otro lado, también las criadas jóvenes solían aprenderlo todo de las mayores. No obstante, las mujeres de la clase media tenían la ventaja de la educación, y eran muchas las que consideraban un deber enseñar a sus criadas a leer y escribir, en parte, por mandato religioso y, en parte, porque las hacía más útiles. [...] Organizar a los criados se convirtió en la parte más importante del trabajo de las mujeres de clase media y la que se consideraba equivalente a la tarea de los hombres en el mundo de los negocios” (Hall; Davidoff, 1994, p. 304).

como elemento funcional da viagem, parte da logística e da paisagem social, mas raramente como sujeito pleno de experiência. Tal invisibilidade, somada à ausência de registros diretos produzidos por estes trabalhadores, exige do historiador um esforço de leitura atenta, capaz de perceber, nos pequenos e simples relatos, a presença silenciosa de quem garantiu a materialidade da “aventura” e, paradoxalmente, permaneceu à margem da história.

### 3.6 AS VIAGENS E O IMPERIALISMO BRITÂNICO

Como vem sendo discutido na tese, embora situadas em momentos distintos da expansão britânica, Maria Graham e Marianne North tiveram experiências que dialogam com os discursos e as práticas do império<sup>190</sup>. Ao longo da pesquisa, a análise buscou identificar se suas narrativas e atividades evidenciavam diferenças marcadas pelo tempo em que viveram ou se predominavam continuidades. Os resultados apontam mais semelhanças do que contrastes. De início, é possível observar que os percursos escolhidos por elas corresponderam a fases distintas do imperialismo. Maria Graham viajou num momento em que a Grã-Bretanha se consolidava como potência global após as guerras napoleônicas e acompanhava de perto os processos de independência latino-americanos, buscando assegurar o livre-comércio. Esta fase da expansão britânica, caracterizada por estratégias de influência e alianças com elites locais, corresponde ao que Gallagher e Robinson (*apud* Garner, 2015) denominaram de “imperialismo informal”. Deste modo, o apoio de Maria Graham à causa das independências sul-americanas está relacionado a estes interesses econômicos (Cabbalero *apud* Thompson, 2017).<sup>191</sup>

---

<sup>190</sup> Midgley (1998) defende uma análise para além da visão literária e cultural do império, pois é importante também considerar as especificidades regionais. Há sociedades de colonos brancos em que os indivíduos eram ao mesmo tempo colonizadores e colonizados.

<sup>191</sup> Ver relato: “Desejo muito que o nosso governo reconheça a independência dos Estados sul-americanos e envie cônsules ou agentes que amparem o nosso comércio e o redimam do opróbrio de ser uma espécie de contrabando em grande escala. Nada teria sido mais fácil do que estabelecer, por exemplo, que os minerais do país fossem retornos legais dos artigos manufaturados da Europa, Índia e China, em vez de expô-los, como agora acontece, aos riscos e às perdas do comércio de contrabando, pois, sendo os minerais os únicos artigos que este país pode dar à Europa, necessariamente se abririam caminhos para os seus mercados” (Graham, 1916, p. 344, tradução minha). Texto original: “Mucho deseo que nuestro gobierno reconozca la independencia de los Estados suramericanos y envíe cónsules ó agentes que amparen nuestro comercio y lo rediman del oprobio de ser una especie de contrabando en gran escala. Nada habría sido más fácil que establecer, por ejemplo, que los minerales del país fueran retornos legales de los artículos manufacturados de Europa, India y China, en vez de exponerlos, como ahora sucede, á los riesgos pérdidas del comercio de contrabando; pues siendo los minerales los únicos artículos que este país puede dar á Europa, se abrirán necesariamente caminos á sus mercados” (Graham, 1916, p. 344).

Já Marianne North deslocou-se no “auge” do imperialismo (1870-1890), quando o domínio britânico na Índia se fortalecia e a botânica se institucionalizava como ciência (Cannadine, 1997). Neste mesmo período, o capitalismo industrial e comercial já estava crescendo, moldando instituições como, por exemplo, aquelas ligadas às viagens (Bridges, 2002), e a expansão imperial assumia um caráter mais “clássico” e militar diante da competição internacional<sup>192</sup>.

Neste sentido, os espaços visitados por Maria Graham e Marianne North apresentam diferentes significados para cada uma delas. Em seus percursos na Índia, no Império do Brasil e no Chile, Maria Graham concentrou-se em cidades localizadas na costa: Bombaim, Calcutá, Salvador, Recife, Rio de Janeiro, Valparaíso e Santiago<sup>193</sup>. Nestes locais, havia uma grande e importante rede de sociabilidade, principalmente comerciantes ingleses, e, portanto, reforçavam a ligação da viajante com os acontecimentos políticos e diplomáticos do período. Já Marianne North direcionou suas experiências para cidades do interior, como Sabará, Mariana e Ouro Preto, no Império do Brasil, e Katberg e Kumaon, na Índia, distantes das rotas “oficiais” do império. Para ela, cada espaço funcionava como um “laboratório” natural e artístico, integrado ao seu projeto pessoal de documentação visual botânica. Enquanto Maria Graham esteve em regiões onde a Inglaterra buscava consolidar sua influência diplomática e comercial no pós-independência latino-americano, Marianne North percorreu locais já integrados ao projeto científico-imperial vitoriano.

Contudo é importante ressaltar que a própria noção de “imperialismo” não é consensual na historiografia. É válido retornar a discussão que se iniciou na introdução desta tese. Autores como Potter (2007) questionam a ideia de que o império teria impregnado profundamente a sociedade britânica. Para ele, é mais importante observar a recepção do público do que a propaganda em si, além de reconhecer a variabilidade histórica do conceito. Como o autor observa, no início do século XIX, o termo esteve associado ao bonapartismo francês e, só mais tarde, foi relacionado a políticas de conquista ultramarina. O império,

---

<sup>192</sup> Nesse mesmo período, como demonstra Cannadine (1997), a Coroa britânica investiu em cerimônias públicas suntuosas e populares (a partir de 1877), que substituíam fragilidades políticas por uma legitimação simbólica, mobilizando tradições e reinventando práticas culturais para reforçar a popularidade da monarquia.

<sup>193</sup> É importante mencionar que Maria Graham viajou ao longo da costa da Índia, sem adentrar o interior do território, como fez posteriormente Marianne North. Suas visitas incluíram cidades como Bombaim, Negombo, Madras e Calcutá. Em seu diário de viagem à Índia, segundo Gonçalves (2011), a inglesa fez descrições de grutas, montanhas, templos, escavações e manifestações religiosas e culturais. Tais relatos apresentam um Oriente construído pelo olhar ocidental anglo-saxônico.

assim, não teria sido uma experiência comum para todos, apresentando múltiplas formas (formal, informal, cultural).

Neste debate historiográfico, as experiências de Maria Graham e Marianne North podem ser interpretadas de diferentes formas. De um lado, apresentam práticas que reiteram a posição de superioridade britânica; de outro, há visões que identificam processos de contato e assimilação cultural que Pratt (1999) denominou de “transculturação”<sup>194</sup>. Apesar de corroborar com a afirmação de Mary Pratt ao entender que as viajantes se aproximaram de saberes e práticas locais, é importante lembrar que, por mais que não falassem em nome do império o tempo todo, Maria Graham e Marianne North se posicionam mais numa perspectiva de superioridade britânica, isto é, mais próximas da Inglaterra do que dos nativos. Além disso, ainda que alguns autores argumentem que o império não marcou fortemente a sociedade britânica (Porter, 2004), na perspectiva desta tese, Maria Graham e Marianne North reafirmavam constantemente, tanto em relatos públicos quanto privados, as hierarquias sociais e visões de mundo marcadas pelo sentimento de pertencimento ao centro imperial<sup>195</sup> (Morgan, 1993; Cabbalero *apud* Thompson, 2017).

O imperialismo, portanto, aparece com grande influência nas duas trajetórias, mas de formas distintas: em Maria Graham, como projeto em formação, dependente de agentes individuais (diplomatas, marinheiros, professores, escritores); em Marianne North, já como uma rede consolidada, sustentada por instituições científicas, museológicas e artísticas que canalizavam saberes para a Inglaterra (Morgan, 1993; Cannadine, 1997; Potter, 2007; Cabbalero *apud* Thompson, 2017). Além disso, apesar de estarem inseridas nestes centros imperiais e em projetos literários, botânicos e artísticos, as viajantes precisaram negociar e adotar estratégias para garantir sua manutenção e legitimação nos países que visitaram. Ou seja, como observado neste capítulo, apesar de serem inglesas da classe média, eram necessários planejamento, organização, cartas de recomendação, recursos financeiros e redes de apoio e sociabilidade.

---

<sup>194</sup> Pratt (1999) utiliza o conceito de *exploratrices sociales*, cunhado por Marie-Claire Hoock-Demarle, para se referir às viajantes que usaram práticas novelísticas nos textos de viagem. Estes trabalhos “femininos” fizeram parte do reformismo social dentro da missão civilizatória europeia.

<sup>195</sup> No Chile, por exemplo, as descrições de Marianne North demonstram o contraste cultural: “[...], mas aqui são pessoas estranhas – já me deparei com muita bondade como de costume, mas prefiro o povo do meu próprio país – e a mistura das duas raças, como sempre, não está melhorando” (North, 1884c, tradução minha). Texto original: “But they are odd people here – I have met with much kindness as usual, but prefer my own country people – & the mixture of the two races as usual is not improving” (North, 1884c). Da mesma forma, Graham (1916) descreveu o Chile como um país “atrasado”, estabelecendo um contraste com padrões britânicos e exaltando o passado espanhol.

Portanto, as diferenças entre Maria Graham e Marianne North não se explicam apenas pelas escolhas pessoais dos caminhos trilhados ou pelo projeto imperial britânico, mas também pelas condições sociais e de gênero em que estavam inseridas. Maria Graham viveu o casamento e a viuvez; esta última fase abriu-lhe margens de autonomia, permitindo-lhe permanecer no Império do Brasil e circular em redes diplomáticas e intelectuais, mas também lhe trouxe críticas de compatriotas contrários a esta decisão. Já Marianne North, solteira por toda a vida, escolheu seus destinos em função das redes científicas e artísticas de que participava, articulando um projeto pessoal e imperial ao mesmo tempo. Neste sentido, o estado civil funcionava como fator determinante de deslocamentos, dificuldades e alternativas de inserção social ao longo das viagens.

## CAPÍTULO 4: MULHERES VIAJANTES E REDES DE SOCIABILIDADE: ARTE E LITERATURA NO SÉCULO XIX

Estou visitando velhos amigos e desfrutando da bela paisagem do campo. Na segunda-feira, sigo para Esgair, Machynlleth, no norte do País de Gales; depois, para Tintern Abbey, onde minha amiga Mary Ewart vai me encontrar para dois dias de esboços. Em seguida, farei mais duas visitas e retornarei a Londres no dia 22 para receber meus “filhos” da Conduit Street no fim do mês. Por volta da segunda semana do mês que vem, irei ver minha irmã em Davos e, depois, seguirei para a época da vindima com a Sra. Ross – filha de Lucie Duff Gordon<sup>196</sup>

(North, 1878q, tradução minha).

O trecho acima foi extraído da carta de Marianne North ao médico Arthur Burnell, na qual é possível observar as redes de sociabilidade da viajante. Sua rotina aparece marcada por compromissos, encontros e viagens que articulavam afetividade, cultura, arte e troca de conhecimentos. Assim como ela, Maria Graham também mobilizou suas redes para facilitar deslocamentos e acesso aos espaços políticos. Em ambos os casos, as redes funcionaram como instrumentos de agenciamento “feminino” num contexto em que as mulheres encontravam restrições à participação científica e artística.

Partindo deste pressuposto, neste último capítulo, analisa-se como Maria Graham e Marianne North construíram redes de sociabilidade. Através das correspondências, dos relatos de viagem e dos registros da imprensa britânica, busca-se compreender como estas mulheres transformaram relações pessoais em capital simbólico e institucional, abrindo caminhos para a presença “feminina” nos espaços imperiais de arte, ciência e escrita.

### 4.1 MULHERES VIAJANTES, CARTAS E REDES DE SOCIABILIDADE

No século XIX, a prática de escrever cartas era um papel comum na vida cotidiana das pessoas das classes médias e altas, especialmente entre os intelectuais, que utilizavam este

<sup>196</sup> Texto original: “I am paying visits to old friends and enjoying the pretty country – on Monday I go on to Esgair, Machynlleth, North Wales – and then to Tintern Abbey where my friend Mary Ewart is to meet me for two days sketching – then two more visits and return to London on the 22nd to receive my children from Conduit Street the end of the month – and about the second week of next month I am going to see my sister at Davos – and then on for the vintage with Mrs. Ross – the daughter of Lucie Duff Gordon” (North, 1878q).

meio de comunicação para trocar ideias, compartilhar sentimentos e debater projetos. As cartas permitiam, além de comunicar, expressar uma variedade de emoções e intenções, como “informar, pedir, agradecer e desabafar” (Gomes, 2004a, p. 51-52).

No caso das mulheres viajantes, a correspondência adquiria características ainda mais significativas. Além de manter laços com amigos e familiares, as cartas funcionavam como espaços de elaboração e registro das suas jornadas, tornando-se instrumentos através dos quais elas descreviam paisagens e refletiam sobre aspectos políticos, científicos e culturais dos locais visitados. Neste processo, as cartas também desempenhavam um papel importante na construção de redes de sociabilidade, tanto com mulheres quanto com homens do mundo letrado. Relatos de viagem e correspondências foram, assim, dois modelos discursivos usados pelas viajantes durante suas jornadas. Em muitos casos, os livros publicados por elas derivavam de compilações de cartas organizadas postumamente por familiares ou editadas pela própria autora (Leite, 1997).

Uma característica destes documentos é o fato de serem fragmentadas<sup>197</sup> e dispersas, isto é, muitas correspondências perdem-se no tempo e no espaço. Por esta razão, na tese, foi comum encontrar apenas uma carta isolada de Maria Graham e Marianne North endereçada a determinados destinatários, embora seja provável que elas tenham escrito muitas outras. No entanto, mesmo diante do esforço em localizar estas fontes nos mais diversos acervos, a ausência de parte do material dificulta a reconstituição de uma sequência histórica contínua. Por isso, o estudo destes documentos é chamado de “história em migalhas”, uma vez que a compreensão é apenas uma parte do todo (Gomes, 2004a).

Além disso, como ressalta Gomes (2004a, p. 53), o trabalho com cartas exige atenção nas condições materiais do objeto: “papel, letra, protocolos de leitura da carta –, os códigos que definem o gênero epistolar – saudações, despedidas e assinatura –, até observações sobre suas formas de circulação e guarda, reveladoras da identidade de seu destinatário”. Estes elementos estruturam a forma das correspondências e são informações para a compreensão dos modos de sociabilidade das autoras.

---

<sup>197</sup> Além do fato de serem fragmentadas, as cartas exigem conhecimento técnico em leitura paleográfica, pois, sendo manuscritas, a caligrafia pode ser de difícil leitura. Conforme mencionado na introdução, a leitura desta documentação foi demorada, já que muitos documentos apresentavam dificuldades de compreensão textual e estavam escritos na língua inglesa do século XIX. Por isso, foi necessário ter cuidado no processo de leitura, transcrição e tradução.

Neste sentido, o estudo das cartas de Maria Graham e Marianne North permite observar como estas mulheres intelectuais<sup>198</sup> se comunicavam com artistas, médicos, cientistas, políticos, botânicos e escritores, frequentando espaços marcados pela circulação de ideias, pela produção de conhecimentos e pela troca de favores. As correspondências tornaram-se, assim, ferramentas essenciais não apenas para a manutenção de vínculos pessoais, mas também para a negociação de projetos literários e artísticos e o debate de temas como política, arte, ciências e relações sociais, além da construção de redes de sociabilidade intelectual (Nunes, 2019).

A grandiosidade desta sociabilidade pode ser observada no levantamento documental realizado para esta tese. No caso de Maria Graham, foram analisadas aproximadamente 50 cartas que a conectavam com figuras como John Murray, William Hooker, Thomas Graham Baygowan, Imperatriz Leopoldina, d. Pedro I, Barão de Mareschal, Charles Stuart, Robert Gordon, Conde de Palmela e C. Markwell. Quanto a Marianne North, foram localizadas 32 cartas endereçadas ao médico Arthur Coke Burnell<sup>199</sup>, durante sua viagem à Ásia, especificamente à Índia, e 43 cartas para a escritora Amelia Edwards<sup>200</sup>. Além disso, foram mapeadas cinco correspondências para a feminista Barbara Bodichon, duas para Margaret Brooke, duas para Alfred Russel Wallace e duas para sua esposa, Annie Wallace, bem como uma carta para Laura Forster, uma para Janet Kay-Shuttleworth e uma para o Dr. Allman.

Para localizar estas correspondências, foram realizadas pesquisas no site *The National Archives*<sup>201</sup>, no qual foi possível encontrar as instituições que preservam estes documentos. Após identificar os acervos, foi realizado o contato por e-mail solicitando a digitalização das

---

<sup>198</sup> “Os intelectuais são homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e/ou escrita” (Gomes, 2004a, p. 51).

<sup>199</sup> As correspondências entre Marianne North e Dr. Arthur Burnell carregam informações sobre as viagens e o trabalho da inglesa como pintora botânica. Os primeiros registros datam de 1878, com cartas enviadas de locais como Coonoor e Begpore. Ao longo do ano, ela viajou para as cidades de Bombaim, Cochim, Agra e Simla, situadas na Índia. Em outubro de 1878, ela escreveu uma carta de Sundukju, região atual da China. O ritmo acelerado era uma característica das jornadas da inglesa, que em um curto período visitava diferentes e distantes localidades. Mesmo após retornar à Inglaterra, Marianne North continuou a se corresponder com o Dr. Arthur Burnell. O ano de 1880 foi marcado por várias cartas em que ela o convidava a visitá-la e a conhecer as pessoas das suas redes de sociabilidade.

<sup>200</sup> As correspondências enviadas a Amelia Edwards são de 1871 e 1884, com muitos documentos sem registro de data. O ano de 1871 se destaca por diversas cartas enviadas das cidades de Londres e Bristol. A distância entre as duas cidades é de 190 km, e a hipótese é de que Bristol foi usada como ponto de partida para as viagens transoceânicas de Marianne North, estabelecendo uma conexão mais próxima com o continente americano, uma vez que Londres está localizada no Sudoeste da Inglaterra.

<sup>201</sup> Para saber mais, acessar <https://www.nationalarchives.gov.uk/>.

fontes. O levantamento deste banco de dados permite compreender as dinâmicas entre os âmbitos público e privado, bem como os modos de funcionamento da cultura literária e a construção de espaços de poder nos quais as mulheres viajantes também atuavam como agentes. Entre estes vínculos, destacam-se a relação de Marianne North com o médico Arthur Burnell, que apresenta uma troca de informações e gestos de hospitalidade durante sua estadia na Índia e um vínculo afetivo diferente daquele que a artista manteve com outros homens de seu círculo social (Sheffield, 1997).

E não se esqueça de que você deve manter-se bem, tanto por seus amigos quanto por si mesmo. Não sou a única para quem será uma alegria vê-lo novamente – devem existir muitos outros, pois, se você se tornou tão importante para mim em tão pouco tempo, deve ser infinitamente mais para aqueles que o conhecem há mais tempo (North, 1878i, tradução minha).<sup>202</sup>

Mesmo após a viagem à Índia, Marianne North manteve o contato com o médico, convidando-o para jantares e reuniões quando ele esteve na Inglaterra. “Bem-vindo à Inglaterra! Quero que você jante aqui na segunda-feira, dia 26, às 19h30, para conhecer o P.R.S. e a Sra. Spottiswode, bem como os Huxleys e outras pessoas agradáveis. Por favor, diga sim e acredite em mim” (North, 1878o, tradução minha).<sup>203</sup>

Estas e outras correspondências evidenciam, como observa Sheffield (1997), a coexistência de dois registros na escrita de Marianne North: um “eu social”, que ela projetava como mulher vitoriana respeitável, e um “eu íntimo”, revelado apenas a amigos próximos. Nas cartas destinadas a cientistas e outros acadêmicos, ela assumia uma posição de botânica amadora, isto é, desqualificando seu conhecimento. Contudo, em escritos mais pessoais, deixava transparecer sua impaciência com os homens intelectuais e o desejo de romper com as limitações impostas à atuação “feminina” na ciência e na arte.

Nesta rede de sociabilidade, além de Arthur Burnell, Marianne North tinha contato com Francis Galton. Em carta a Amelia Edwards, ela comentou: “Jantei com os Galtons ontem à noite e gostei muito – jantarei lá de novo no dia 27” (North, [s.d.], tradução minha).<sup>204</sup> Esta inserção a colocava em contato direto com debates sobre temas como

---

<sup>202</sup> Texto original: “[...] and do not forget that you must keep yourself well for the sake of your friends as well as yourself. I am not the only one to whom it will be a joy to see you again, – there must be very many, if you are so much to me in so short a time, you must be infinitely more to those who have known you longer” (North, 1878i).

<sup>203</sup> Texto original: “Welcome to England! I want you to dine here on Monday 26th at 7.30 to meet the P.R.S. and Mrs. Spottiswode as well as the Huxleys and other nice people. Please say yes and believe me” (North, 1878o).

<sup>204</sup> Texto original: “I dined with the Galtons last night & enjoyed it – much – I dine there on The 27th – you won’t mind?” (North, [s.d.]).

eugenismo e frenologia, muito presentes na elite científica do período. A viajante faz referência direta aos experimentos de Galton publicados na revista *Nature*<sup>205</sup> (1869):

Você viu uma carta de Frank [Francis] Galton sobre visualização publicada na *Nature*? Ele tem enviado cartas perguntando sobre o que as pessoas conseguem ver com o olho da mente – quanto, quão claro etc. –, também sobre suas ideias associadas a números etc., e reuniu fatos curiosíssimos, teorizando de forma muito divertida sobre eles. A famosa família de calculistas “Bidder” tem todo tipo de mapas de números na cabeça e vê os algarismos neles, por meio dos quais realizam seus cálculos longos (North, 1880, tradução minha).<sup>206</sup>

O diálogo com Francis Galton demonstra que Marianne North não apenas frequentava os círculos científicos, mas também estava atenta aos debates intelectuais em voga. Deste modo, a observação destas e outras correspondências, principalmente ao conjunto destinado a Amelia Edwards e Arthur Burnell, permite compreender que Marianne North não se limitava a participar passivamente das redes de sociabilidade: ela assumiu um papel ativo, promovendo encontros, festas e jantares que não apenas reforçavam laços pessoais, mas também conectavam diferentes círculos sociais, intelectuais e científicos. No trecho a seguir, ela relatou a composição de um dos seus jantares:

Tenho alguns convidados agradáveis para o jantar de segunda-feira – uma mistura curiosa: os Holman Hunt, os Busk (antropólogos), os Eustace Smith (viajantes pelo mundo), James Ferguson, Herbert Spencer, os Theodore Martin, além de uma senhora inglesa muito discreta, parente minha, como contrapeso – de estupidez. Gostaria que o senhor pudesse vir também [...] não tenha receio de me enviar novos amigos – os do seu tipo não me entediam (North, 1878n, tradução minha).<sup>207</sup>

<sup>205</sup> Para saber mais, acessar <https://www.nature.com/nature/history-of-nature>.

<sup>206</sup> Texto original: “Have you seen a letter from Frank Galton about visualizing in *Nature*? he has been sending about papers of questions, as to what people can see in their minds eye – how much, how clear, etc., etc., also their ideas connected with numerals, etc., etc., and has collected the most curious facts and is most amusing theorising over them – the famous calculating family ‘Bidder’ have all kind of maps of numbers in their heads, and see the figures on them, by which they do their long sums” (North, 1880).

<sup>207</sup> Texto original: “I have some nice people to dinner on Monday – a queer mixture: the Holman Hunts, Busks (anthropological), Eustace Smiths (Globe trotters), James Furgusson, Herbert Spencer, and Theodore Martins, and a very discreet old English lady, a relation, as a balance – of stupidity. I wish you could have come too [...]. Don’t be afraid of sending me fresh friends – your sort will not bore me” (North, 1878n).

Mais do que uma anfitriã, Marianne North atuava como mediadora de pessoas e ideias. Suas cartas mostram o empenho em aproximar diferentes interlocutores<sup>208</sup>. Em uma delas, expressou o desejo de que seu cunhado, Johnnie Symonds, e Arthur Burnell se tornassem amigos: “[...] Quero que vocês dois sejam amigos, pois são muito parecidos em muitas coisas e se apreciariam” (North, 1878c, tradução minha).<sup>209</sup> Da mesma forma, mediou o contato entre Arthur Burnell e Amelia Edwards: “Amy Edwards diz que aceita com gratidão o seu gentil convite para visitá-lo em Tanjore, mas ainda não sabe quando. Ela espera que o senhor não seja velho, pois quer que viva até que ela possa ir” (North, 1878a, tradução minha).<sup>210</sup>

Estes exemplos reforçam a ideia de que Marianne North não apenas se beneficiava das redes das quais pertencia, mas contribuía para a sua construção. Neste sentido, a viajante não ocupava uma posição periférica (nas margens), mas situava-se no centro destas sociabilidades (Monicat *apud* Franco, 2017). Como discutido no capítulo anterior, tal postura gerava custos financeiros: a manutenção da hospitalidade e dos vínculos sociais exigia dinheiro, o que a levava a manifestar, de forma recorrente em suas cartas, preocupação com as finanças ao final de cada mês.

Assim como para Marianne North, as cartas de Maria Graham<sup>211</sup> foram instrumentos fundamentais para a circulação de ideias e consolidação de laços profissionais e afetivos. Das

---

<sup>208</sup> É importante destacar que, embora as redes de sociabilidade fossem fundamentais para as viajantes do século XIX, elas também podiam representar entraves para Marianne North em sua rotina. Em uma das suas cartas, ela expressou a ambiguidade entre a hospitalidade recebida e o desejo de autonomia, afirmando não saber se preferia hospedar-se “na casa de um homem ocupado, que só vejo nas refeições, do que na de uma dama da alta sociedade, com muito tempo livre” (North, 1878r, tradução minha). Texto original: “[...] in the house of a busy man who I only see at meals to that of a fashionable lady! With plenty of spare time” (North, 1878r). Esta percepção apresenta as tensões entre a vida social e o anseio por independência. Em outro momento, a viajante assumiu explicitamente a valorização da sua liberdade: “Sou uma velha andarilha, e confesso que estou encantada por estar completamente livre novamente – sem me hospedar na casa de ninguém, sem datas fixas para ir a lugar algum e nem mesmo um criado para seguir meus passos. Sentei-me no banco no alto da colina e esperei que as nuvens subissem, pensando com alegria: não há razão, exceto a fome, que me obrigue a descer até o lago novamente” (North, 1878p, tradução minha). Trecho original: “I am such an old vagabond that I own to being delighted to be perfectly free again – staying with no one, having no fixed dates for going anywhere, and not even a servant to dog my footsteps – I sat on the bench at the top of the hill and waited for the clouds to roll their way upwards and thought with glee – there is no reason except hunger which need drive me down to the lake again” (North, 1878p).

<sup>209</sup> Texto original: “[...] I want you two to be friends as you are much alike in many things and would appreciate one another” (North, 1878c).

<sup>210</sup> Texto original: “Amy Edwards says she accepts gratefully your kind invitation to pay you a visit at Tanjore – but does not quite see When – she hopes you are not old, as she wants you to live till she can come” (North, 1878a).

<sup>211</sup> Diferentemente de Marianne North, as cartas de Maria Graham já receberam maior atenção da historiografia. Assim, são mencionadas, aqui, as contribuições dos principais estudiosos sobre o tema.

fontes disponíveis, destacam-se a relação entre o editor John Murray e o botânico William Hooker. John Murray era o responsável pela publicação das obras de Maria Graham. Portanto, as cartas eram importantes espaços de negociação profissional (Hagglund, 2011; Souza, 2020). Em 1823, ao escrever do Rio de Janeiro, ela comunicou seu interesse em publicar os diários e desenhos produzidos durante a viagem: “Tenho uma grande quantidade de anotações de diário, que espero que você ou algum dos seus colegas não deixem de ter interesse em publicar [...]” (Graham, 1823, tradução minha).<sup>212</sup> Da mesma forma, a correspondência com William Hooker também evidencia uma discussão profissional, ainda que situada no campo científico, de forma menos ativa. Maria Graham se apresentava, sobretudo, como uma amadora, enfatizando sua ausência de conhecimento botânico<sup>213</sup> (Zubaran, 2005; Hagglund, 2011; Souza, 2020).

Estes exemplos, brevemente elencados aqui, ilustram o papel das cartas na construção de trajetórias “femininas” vinculadas ao saber e à experiência de viagem. No interior desta sociabilidade epistolar, foi possível identificar redes “femininas”, nas quais surgem nomes, trajetórias e episódios do cotidiano que evidenciam laços de amizade, alianças intelectuais e formas de apoio mútuo.

Estas conexões aparecem nas trajetórias de Maria Graham e Marianne North, que, mesmo inseridas em contextos marcadamente masculinos, articulavam saberes, afetos e práticas culturais entre si e com outras mulheres. Pensar nestas redes “femininas” é fundamental para compreender como as mulheres atuaram na construção de círculos intelectuais e afetivos próprios, distintos em relação às esferas reservadas aos homens. Neste sentido, Marcus (2007, p. 25, tradução minha) observa que “a amizade feminina é uma excelente prova para os argumentos de que as relações entre mulheres eram centrais na sociedade vitoriana, que as mulheres não eram definidas apenas em relação aos homens e que elas formavam vínculos legíveis e legítimos entre si”<sup>214</sup>.

#### 4.2 REDES DE SOCIABILIDADE “FEMININA”

<sup>212</sup> Texto original: “I have a great quantity of Journal which I hope either you or some of your brethren will not be sorry to print [...]” (Graham, 1823).

<sup>213</sup> Como discutido no capítulo 2, em sua estadia no Império do Brasil, Maria Graham se compromete a enviar sementes e observações botânicas ao naturalista, pedindo instruções sobre a melhor forma de preservá-las: “Se o senhor puder indicar algum método para proteger as plantas, ao menos tentarei aplicá-lo” (Graham, 1824a, tradução minha). Texto original: “Could you point out any method of protecting the plants from them I would at least attempt to do it” (Graham, 1824a).

<sup>214</sup> Texto original: “Female friendship is an excellent test of the arguments that women’s relationships were central to Victorian society, that women were not defined only in relation to men, and that they formed legible and legitimate bonds with one another” (Marcus, 2007, p. 25).

Sirinelli (2003, p. 248) afirma que

todo grupo de intelectuais se organiza em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar.

Tais estruturas são centrais para a análise histórica dos intelectuais e, no caso da presente tese, para a atuação das mulheres viajantes.

O termo sociabilidade, portanto, compreende um conjunto de práticas sociais que estruturam a convivência entre indivíduos, mediada por laços afetivos, interesses comuns e formas de reconhecimento mútuo, sejam elas positivas (amizade) ou negativas (rivalidade). Já o conceito de rede, conforme explica Quirós (2009), remete aos circuitos de interação social, mesmo quando nem todos os envolvidos compartilham diretamente os mesmos espaços físicos ou relacionais. Estas redes e estes espaços de sociabilidade podem se formar a partir de afinidades, trajetórias familiares, escolares ou profissionais compartilhadas, vínculos etários, sentimentos de amizade ou inimizade, disputas e alianças (Sirinelli, 2003; Quirós, 2009).

Ao viajar, mulheres como Maria Graham e Marianne North estabeleceram redes de sociabilidade fundamentais para a permanência nos locais visitados e para o desenvolvimento dos seus trabalhos na literatura, nas artes e na botânica. Embora os escritos de Maria Graham tenham sido majoritariamente endereçados a homens influentes – John Murray, Thomas Graham, Augustus Callcott e Thomas Cochrane –, há registros da sua comunicação com mulheres, especialmente com Maria Leopoldina. Já no caso de Marianne North, grande parte das cartas foi destinada às amigas “femininas”, como Amelia Edwards, Barbara Bodichon, Laura Forster, Annie Wallace e a Sra. Skinner.

As cartas, neste contexto, funcionavam como espaços seguros nos quais as mulheres compartilhavam medos, desejos, angústias, desabafos e dificuldades<sup>215</sup>. Na Inglaterra

---

<sup>215</sup> Vale a pena ressaltar que, apesar de ser considerado um espaço “seguro”, muitas mulheres temiam que suas cartas fossem lidas por outras pessoas. Diante das confissões presentes nestes documentos, é comum encontrar inúmeros pedidos para que fossem destruídos após a leitura. No caso de Marianne North, por exemplo, ela pediu diversas vezes que Amelia Edwards queimasse suas cartas depois de lê-las. “Quando eu lhe escrevo, por favor, seja cuidadosa ao mostrar minhas cartas – o mais sensato é queimá-las. Assim, não poderão causar nenhum mal – mas algumas pessoas são muito sensíveis, e as menores coisas as incomodam profundamente” (North, 1871c, tradução minha). Texto original: “When I write to you, you must be carefull please in showing my letters – it is wisest to burn them – & then they can do no harm – but some people are very thin skinned & the slightest things rubs them the wrong way” (North, 1871c).

vitoriana, a epistolografia “feminina” constituiu um meio expressivo de construção de redes afetivas e intelectuais, além de suporte emocional em meio às dificuldades da vida cotidiana. “Dentro deste mundo seguro e empático, as mulheres podiam compartilhar tristezas, ansiedades e alegrias, confiantes de que outras mulheres haviam vivenciado emoções semelhantes” (Smith-Rosenberg, 1975, p. 14, tradução minha).<sup>216</sup>

Nas redes de sociabilidade “feminina” de Marianne North, destacam-se os nomes de escritoras, pintoras, cantoras, cientistas e outras viajantes da classe média vitoriana. Estas conexões funcionavam como espaços de troca intelectual, elaboração política e cuidado cotidiano. Em uma das cartas endereçadas a Amelia Edwards, a viajante narrou um dia particularmente movimentado e que apresenta o dinamismo destas redes:

Amanhã, vou primeiro me encontrar com a Srta. Durante e mover *Roma* [escultura], se possível, para Cuncheon. Depois, almoçar na casa de Madame Bodichon. Em seguida, ouvir um pouco de música na casa de Madame Sainton. E, então, descer de carruagem até a casa dos Fowlers para passar o domingo. Um bom dia de trabalho! (North, [s.a.e], tradução minha).<sup>217</sup>

Diferentemente de Marianne North, que mantinha uma rede “feminina” extensa, Maria Graham se comunicava frequentemente com homens. Existem poucas cartas e evidências de amizades com mulheres nos arquivos pesquisados. A maior parte das fontes remete a redes de sociabilidade com homens que ocupavam posições de prestígio social e que atuavam diretamente em seus círculos profissionais e editoriais. Surge, então, a pergunta: por que Maria Graham não cultivava redes “femininas” tão amplas como Marianne North? Uma possível resposta está nas limitações impostas pelo casamento, como discutido por autoras da epistolografia (Smith-Rosenberg, 1975). Nos dois casamentos, Maria Graham esteve mais diretamente ligada à figura dos maridos e, conseqüentemente, ao círculo masculino das suas redes de sociabilidade. Neste sentido, diante da escassez de cartas “femininas”, torna-se necessário recorrer também aos relatos de viagem de Maria Graham para tentar mapear suas sociabilidades com outras mulheres.

As fontes disponíveis destacam a relação construída entre Maria Graham e Leopoldina. As cartas apresentam não só o afeto mútuo, mas também apoio emocional em um

<sup>216</sup> Texto original: “Within this secure and empathetic world women could share sorrows, anxieties, and joys, confident that other women had experienced similar emoticons” (Smith-Rosenberg, 1975, p. 14).

<sup>217</sup> Texto original: “Tomorrow – I go first to meet Miss Durante & move *Roma* if possible – then to Cuncheon at Madame Bodichon’s – then to some music at Madame Sainton’s & then to drive down to the Fowlers to spend Sunday – a good day’s work” (North, [s.a.e]).

período difícil da vida da imperatriz<sup>218</sup>. A esposa de d. Pedro I lamentava a ausência de Maria Graham, referindo-se à amiga como seu único consolo. Em meio a desentendimentos com funcionários da Corte e à crescente influência da marquesa de Santos, Domitila de Castro, a amizade com a inglesa tornava-se um refúgio. Como escreveu Leopoldina: “Meu único recreio e verdadeiro consolo nas horas de melancolia” (Leopoldina, 1824a). Em 6 de novembro de 1824, a imperatriz chegou a escrever que cantaria “um louvor ao Onipotente, quando estiver se livrado de certa ‘canalha’”, referência explícita à marquesa (Leopoldina, 1824b).

Mesmo após seu retorno à Inglaterra, Maria Graham manteve a amizade por meio das cartas. Em uma das últimas endereçadas à imperatriz, que infelizmente não chegou a ser lida por ela em vida, a viajante reafirmou o afeto inabalável que mantinha, conforme o trecho a seguir:

Acabo de receber neste momento a amável carta que V. M. teve a bondade de me remeter a 16 de agosto. A distância que me separa de V. M. não poderá jamais alterar a viva amizade que me inspirou vossa condescendente bondade e doçura. E é um verdadeiro alívio para meu coração sentir que eu conservo vossa estima e vossa afeição – Deixei de escrever pelo último pacote, por ter estado, na ocasião de sua partida, perigosamente doente – Foi um ataque nos pulmões e a febre foi tal, e por tantos dias, que nem as copiosas sangrias, nem os mais eficazes medicamentos de costume, puderam reduzir o pulso a menos de 140 (Graham, 1826).

Embora Maria Graham não tenha deixado um volume extenso de correspondência com mulheres, a relação com a imperatriz permite reconhecer que, mesmo quando escassas, estas amizades existiam e eram, por vezes, refúgios e “âncoras” diante das dificuldades da vida.

Se Maria Graham teve Leopoldina como sua principal confidente, Marianne North encontrou em Amelia Edwards uma amiga com quem compartilhou momentos íntimos, opiniões irônicas e conselhos. A linguagem emocional e íntima empregada, expressões como “Bless you! What love letters you do write”, pedidos de fotografia e outras palavras românticas reforçam vínculos que, embora possam parecer ambíguos aos olhos contemporâneos, precisam ser compreendidos à luz das categorias de gênero do século XIX.

Nestas relações, era comum que as mulheres utilizassem termos associados à “atração física para descrever seus sentimentos por outras mulheres”. No entanto, como observa

---

<sup>218</sup> Logo após a saída da Corte, Leopoldina ofereceu uma pequena quantia em dinheiro para Maria Graham, gesto que expressava não apenas afeição, mas também solidariedade material.

Marcus (2007), isso não significa que fossem amantes no sentido sexualizado moderno, mas sim amigas íntimas. Assim, ainda que alguns trechos possam sugerir um vínculo amoroso, o conteúdo destas cartas deve ser lido como reflexo das formas de expressão características da amizade “feminina” no contexto vitoriano.

A tendência do século XX de ver o amor humano e a sexualidade dentro de uma visão dicotômica entre desvio e normalidade, entre genitalidade e atração platônica é estranha às emoções e atitudes do século XIX e, de maneira fundamental, distorce a natureza das interações emocionais dessas mulheres. Essas cartas são significativas porque nos forçam a situar tal amor feminino dentro de um contexto histórico particular (Smith-Rosenberg, 1975, p. 8, tradução minha).<sup>219</sup>

Dentro deste contexto histórico, as cartas entre Marianne North e Amelia Edwards apresentam um mundo afetivo compartilhado, no qual o amor entre mulheres teve papel central. Mais do que registros de amizade, estes escritos são experiências de intimidade, solidariedade e colaboração intelectual. Na Inglaterra vitoriana, a amizade entre mulheres da classe média era fundamental tanto para o cotidiano quanto para a construção de trajetórias individuais. Ao mesmo tempo em que reforçavam os papéis de gênero esperados, estas relações também abriram espaço para que as mulheres agissem com mais liberdade e autonomia, uma vez que isso era mais difícil de ocorrer em relações masculinas. Pode-se perceber, portanto, que estas amizades eram canais de poder e agência, dentro dos limites de uma sociedade patriarcal (Marcus, 2007).

Uma das práticas recorrentes nestas redes era a troca de presentes. O presente podia “representar o corpo do doador (uma mecha de cabelo), fundir-se ao corpo de quem o recebia (um anel) ou ser um corpo (um homem dado por um amigo a outro<sup>220</sup>)” (Marcus, 2007, p. 4, tradução minha). Quando Maria Graham retornou à Inglaterra, Leopoldina a presenteou com uma medalha confeccionada com os cabelos das suas filhas. No caso de Marianne North, um episódio recorrente nas cartas é o da sua recusa a um presente de Amelia Edwards: um anel de ouro. A viajante dizia que não usava anéis de ouro, nem na Inglaterra nem fora dela, onde,

---

<sup>219</sup> Texto original: “The essential question is not whether these women had genital contact and can therefore be defined as heterosexual or homosexual. The twentieth-century tendency to view human love and sexuality within a dichotomized universe of deviance and normality, genitality and platonic love, is alien to the emotions and attitudes of the nineteenth century and fundamentally distorts the nature of these women’s emotional interaction. These letters are significant because they force us to place such female love in a particular historical context” (Smith-Rosenberg, 1975, p. 8).

<sup>220</sup> Texto original: “The object that epitomized friendship was the gift, which could represent the giver’s body (a lock of hair), merge with the recipient’s body (a ring), or be a body (a man bestowed by one friend on another)” (Marcus, 2007, p. 4).

segundo ela, correria o risco de ter os dedos decepados por “selvagens” interessados no metal precioso:

Querida Amy,  
Que Deus te abençoe! Que cartas de amor você escreve – que pena você desperdiçá-las com uma mulher! Não gaste seu dinheiro com “anéis de liga dourados maciços” – eu nunca uso nenhum na Inglaterra –, e, se você realmente quiser me amarrar desse jeito, me dê um de prata. Assim, quando eu acabar entre selvagens, eles não vão cortar meus dedos para pegar o ouro. [...] E eu não vou me esquecer de você tão cedo, mesmo que eu não saiba escrever com sentimentalismo (North, 1871b, tradução minha).<sup>221</sup>

Na tentativa de agradar a amiga, Marianne North propõe um presente alternativo: anéis de prata<sup>222</sup>. No entanto, alguns dias depois, já impaciente com a insistência de Amelia Edwards, ela escreveu:

Aí está toda a minha opinião, com franqueza – qual é a utilidade de me dar anéis? Você acha que não tenho memória dos amigos e preciso de brinquedinhos para me lembrar deles? Além disso, não tenho a menor intenção de me casar com você ou com qualquer outra pessoa – qualquer dia desses você vai me processar por “quebra de promessa” –, e eu não quero perder meu dinheiro com ações judiciais – se você estiver entediada aí [...], venha para cá. E eu não exagero ao dizer que você me faria muito feliz. Você sabe que é verdade. Suas cartas são o melhor autógrafo. Gosto especialmente das ilustrações (num estilo que lembra os escritos de Sua Alteza Real!). Adoro seus palhaços, a cena do tigre – uma carta sua vale mais que 500.000 anéis. Então, não se preocupe com isso (North, 1871d, tradução minha).<sup>223</sup>

<sup>221</sup> Texto original: “Dear Amy: Bless you! What love letters you do write, what a pity you waste them on a Woman! Don’t waste your money on ‘massive gold garter rings’ I never wear any one of England – & if you really require to tie me up in that way give me a silver one, so that when I do fall amongst savages I shall not have my finger chopped off to get the gold. [...] I shall not forget & me in a hurry though I can’t write sentiment” (North, 1871b).

<sup>222</sup> Ver texto: “[...] realmente seria pouco gentil da minha parte não responder sua longa carta. Você é boa demais comigo, e os anéis de prata que você me der, usarei por toda a vida, mas, por favor, não faça com saliências! Prefiro não pensar em você como uma penitência” (North, 1871c, tradução minha). Texto original: “[...] indeed it would be unjolly of me not to answer you long letter – you are too good to me & any silver ring you give me shall be worn all my life, but please don’t make it knobby! As I had rather not think of you as a penance” (North, 1871c).

<sup>223</sup> Texto original: “There you have my whole opinion of frankly – what’s the use of giving me rings – do you think I have no memory for friends? & want playthings to remind me of them? & besides I have not the smallest intention of marrying you or anybody else – I shall have you bringing me up for a ‘breach of promise’ case next – I don’t wish to lose my money in paying lawsuits – if you are dull I bored [...] come up here – & I will not flatter you, when I say you will make me very happy. You know it is true. Your letters is the best of autograph. I like especially the etchings (rather in the style of H.R.H. writings that!) I delight in your clowns & the tiger scene & one letter is worth 500000 rings-! So don’t fash your head about them” (North, 1871d, tradução minha).

Os vitorianos aceitavam e incentivavam a amizade “porque acreditavam que ela cultivava as virtudes femininas da simpatia e do altruísmo, que faziam das mulheres boas ajudantes do lar” (Marcus, 2007, p. 26-56). Em outras palavras, estas relações reforçavam os papéis de gênero esperados na sociedade oitocentista. Neste exemplo, Marianne North relatou um encontro exclusivamente “feminino” na casa de Lady Goldsmid: “Ontem à noite, jantei com Lady Goldsmid, uma reunião só de mulheres, muito animada – Constance Herschell e outra professora de Cambridge e Agnes Zimmermann, que tocou melhor do que eu jamais a tinha ouvido” (North, 1878n, tradução minha).<sup>224</sup>

Esta dimensão afetiva pode ser observada em outras correspondências de Marianne North, nas quais o carinho é frequentemente mediado por objetos e lembranças materiais. Em uma carta ao Dr. Allman, por exemplo, ela comentou o presente recebido de Miss Sulivan:

Diga à Sra. Aleman que Miss Sulivan me enviou um maravilhoso novelo de lã (vai na caixa da sela) que praticamente se movimenta sozinho nas minhas agulhas! É exatamente o que eu queria. Além disso, é uma lembrança dela – vou pensar na minha professora, na lã e em todos vocês juntos, misturados com flores lindas e orquídeas (North, 1884b, tradução minha).<sup>225</sup>

Estes objetos, aparentemente simples, apresentam práticas cotidianas associadas ao universo “feminino”, como costura e bordado, e reforçam a dimensão sensível e afetiva destas redes de sociabilidade (Marcus, 2007). Em outro exemplo, em uma carta endereçada a Annie, esposa de Alfred Russel Wallace, Marianne North agradeceu pelas flores recebidas e expressou o desejo de reencontrar o casal<sup>226</sup>.

<sup>224</sup> Texto original: “Last night I dined with Lady Goldsmid, a feminine party, and most jolly – Constance Herschell and another Cambridge and Agnes Zimmermann who played better than I ever heard her before” (North, 1878n).

<sup>225</sup> Texto original: “[...] tell Mrs. Allman Miss Sulivan has sent me grand lump of wool (it goes in the saddle box) which goes of itself almost on my needles It is just what I wanted & is more over a keepsake from her – I shall think of my teacher wool given together as will as you all mixed up with beautiful flowers & orchid houses” (North, 1884b).

<sup>226</sup> Ver texto: “Que gentil da sua parte me enviar essas adoráveis campânulas! São muito mais bonitos do que os dobrados. Cada flor que recebo me faz desejar ainda mais estar de volta ao meu jardim em Gloucestershire – ele é tão encantador. Gostaria tanto que você e o Sr. Wallace viessem me visitar algum dia, quando ele retornar. Você poderia vir e encontrá-lo lá! Fica só um pouco fora do caminho. Se estiverem saindo de Godalming, talvez encontrem uma nova casa agradável ali por perto, com algumas centenas anos de idade e absolutamente barata – como a minha” (North, 1889b, tradução minha). Texto original: “How very kind of you to send me those lovely snowdrops! They are so much more beautiful than the double ones, every flower I get makes me long more & more to be back in my garden in Gloucestershire it is so lovely I wish you & Mr Wallace would come and pay me a visit someday when he comes back. you might come & meet him there! it is only a little out of the way. If you are leaving Godalming you might find a nice new home close by, some hundred years old & and absolutely cheap-like mine” (North, 1889b).

Assim, enquanto Maria Graham se apoiava sobretudo em círculos masculinos e em uma amizade singular com Leopoldina, Marianne North consolidou uma rede marcadamente “feminina”, caracterizada pela troca de cartas, objetos e afetos. Deste modo, havia diferentes formas de sociabilidades entre as mulheres viajantes, que mobilizavam alianças, garantiam apoio e criavam espaços de ação, tanto nos lugares visitados quanto nos países de origem.

#### 4.2.1 As redes “femininas” e as práticas de cuidado

A dimensão afetiva que permeia as redes de sociabilidade entre as mulheres também se expressava por meio de práticas cotidianas de cuidado, especialmente em momentos de fragilidade física e emocional. O zelo pela saúde de outras mulheres é um tema que aparece com frequência nas cartas das mulheres viajantes (Sheffield, 1997). É também um gesto de atenção importante para compreender como estas redes se manifestavam de maneira concreta.

Apesar das constantes críticas dirigidas à irmã Catherine Symonds, Marianne North demonstrou, em alguns momentos das suas cartas, afeto e preocupação. Quando Catherine Symonds adoeceu de sarampo, foi a própria Marianne North quem permaneceu em casa para cuidar dela, ou ao menos para fazer companhia. Na carta a Amelia Edwards, datada de 30 de maio de 1871, a viajante relatou: “Catherine está indo bem, mas está cansada e febril [...]. Embora eu não possa fazer muito por Catherine, acho que ela gosta de me ver sentada ali, com ela”. A cena que descreve, costurando um vestido ao lado da irmã, enquanto lê um romance de Wilkie Collins, apresenta uma forma de cuidado silenciosa, baseada na presença, e evidencia como o acompanhamento da doença era também um gesto de reconexão entre mulheres que, apesar de tensões, mantinham laços de intimidade e responsabilidade mútua.

Esta mesma atenção aparece de modo ainda mais expressivo no relato sobre a saúde da Sra. Skinner, durante uma viagem pelos Estados Unidos. Em uma carta de agosto de 1871, a viajante mencionou a Sra. Skinner:

Ultimamente, ela tem tido crises de depressão e choro constante – e parece ficar cada vez mais pálida e magra –, além de estar constantemente mudando seus planos e de opinião sobre as menores coisas. Tudo isso vem de uma saúde frágil e deixa qualquer um muito preocupado. Os cirurgiões se espantaram com a mudança e acham que será uma tarefa difícil para mim viajar com uma inválida assim. Mas, a menos que ela esteja mais forte, não faremos muito – apenas ficaremos em repouso. Contudo “repouso” é algo cansativo para ela, que não pode ser persuadida a permanecer quieta nem por um momento – agora fala em ir ao Quebec, aos lagos Champlain e George e a Berkshire na próxima semana, e, depois voltar para cá – arrumar as coisas

e, então, alugar quartos em Boston por uma semana, para depois seguir para Niágara! (North, [s.a.b], tradução minha).<sup>227</sup>

Marianne North alterna entre o cansaço diante das atitudes imprevisíveis da amiga que, apesar da exaustão evidente, recusa-se a descansar e mantém uma rotina intensa e uma sensível admiração por sua generosidade e persistência. A expressão final – “tudo isso é irritante, mas adorável – coitadinha” – resume este afeto contraditório.

Além disso, a carta apresenta o peso afetivo que recaía sobre as mulheres, frequentemente colocadas na posição de cuidadoras, mesmo enquanto viajavam e enfrentavam seus próprios limites físicos e emocionais. Há uma tensão entre o desejo de autonomia e o dever de cuidado com a amiga. Portanto, adoecer ou presenciar o adoecimento de outras mulheres ativava formas de cuidado e solidariedade que, de certa forma, contribuíam para sustentar estas redes “femininas”<sup>228</sup>.

Entre Marianne North e suas amigas, o zelo pelo cuidado se manifestava como presença afetiva, apoio diante da doença e solidariedade cotidiana. Já em Maria Graham, este tema se estendia também aos homens do seu entorno, demonstrando que este gesto extrapolava a esfera do “feminino” e se tornava parte das suas responsabilidades enquanto viajante e mediadora cultural, conforme o relato a seguir: “Partimos do Rio, ao raiar do dia com plena esperança de que o tempo fresco que encontraremos ao contornar o cabo Horn e o bom clima do Chile nos farão bem a todos. Não durmo há três noites; meus doentes estão em tal estado que a vigilância durante a noite lhes é necessária” (Graham, 1956, p. 225).

#### 4.2.2 As mulheres como mediadoras culturais e políticas

Apesar de encontrar poucos registros, Maria Graham construiu redes de sociabilidade marcadas pela presença de mulheres que atuaram como mediadoras culturais, anfitriãs e, em

---

<sup>227</sup> Texto original: “Then lately she has taken to such fits of depression & constant crying – & she seems to grow more & more transparent & thin & is constantly changing her plans, & mind about the smallest things – all this comes from weak health & makes one very anxious – the surgeons were very much struck with the change & think I have a different task to travel with such in invalid – but unless she is stronger we shall not do much – but stay quiet though ‘quiet’ is a thing she cannot be persuaded to take for a moment – she talks now of going to Quebec & Lakes Champlain & George & Berkshire next week & then back here – packing up & then taking rooms in Boston for a week & then to Niagara!” (North, s.a.b)].

<sup>228</sup> Além do cuidado e afeto, estas sociabilidades “femininas” envolviam troca de saberes e práticas: jardinagem, literatura, ciência, arte e política. Mesmo nos anos finais da sua vida, quando já se encontrava reclusa em casa, Marianne North manteve ativamente estes laços por meio da escrita de cartas.

alguns casos, participantes ativas das disputas políticas de seu tempo. Estas relações garantiram sua inserção social e lhe proporcionaram experiências culturais e intelectuais que marcaram suas observações de viagem.

Os primeiros elementos que se destacam nestas redes são a hospitalidade e o acolhimento “feminino”. No Império do Brasil, Maria Graham foi recebida por mulheres de diferentes origens e posições sociais. Entre elas, estava Madame do Rêgo, esposa de Luís do Rêgo Barreto, militar e administrador português. Em um gesto de hospitalidade e troca de presentes, Madame do Rêgo enviou para Maria Graham “várias amostras de ametistas” e um “belo exemplar de minério de ouro da província” (Graham, 1956, p. 142)<sup>229</sup>. A viajante também passou períodos na companhia de Miss Stewart, “a única inglesa da cidade” (Graham, 1956, p. 114), que a hospedou e a integrou ao círculo britânico local.

Nestas redes de sociabilidade, as mulheres desempenhavam o papel de mediação cultural. No Império do Brasil, por exemplo, Maria Graham foi apresentada aos costumes locais através de Miss Pennell<sup>230</sup>, filha do cônsul britânico William Pennell, que a levou para conhecer a igreja de Nossa Senhora da Graça e a visitar famílias portuguesas, explicando normas de etiqueta como o hábito de não receber visitas pela manhã. No Chile, a senhora Campbell<sup>231</sup> desempenhou papel semelhante, orientando-a a usar a mantilha na missa de Corpus Christi e inserindo-a nos rituais católicos locais (Graham, 1916; Graham, 1956). Em ambos os países, a mediação cultural “feminina” permitiu que Maria Graham participasse de práticas sociais sem transgredir códigos locais, ao mesmo tempo em que enriquecia suas descrições etnográficas (Pratt, 1999).

Além dos aspectos já mencionados, estas redes de sociabilidade se articulavam com o campo político. No Império do Brasil, o convívio com Madame do Rêgo, D. Carlota de Carvalho e Melo, filha de Luís José de Carvalho e Mello, então ministro dos Negócios

---

<sup>229</sup> Ver texto: “Despeço-me de meus amáveis amigos no palácio. Madame do Rêgo deu-me várias amostras de ametistas e a pedra chamada *minha nova* [sic] (semelhante à água marinha), além de um belo exemplar de minério de ouro da província. Disse-me que Luís do Rêgo havia remetido para o reino muitos e belos minerais da capitania, bem como alguns fósseis” (Graham, 1956, p. 142).

<sup>230</sup> Ver texto: “Acompanhei Miss Pennell numa série de visitas a seus amigos portugueses. Como não é costume deles visitar ou serem visitados na parte da manhã, não era lá muito elegante levar uma estrangeira a vê-los” (Graham, 1956, p. 148).

<sup>231</sup> Ver texto: “Às quatro da tarde, trouxeram-me a notícia de que a senhora Campbell, uma dama espanhola casada com um comerciante inglês, me receberia em sua casa até que eu pudesse encontrar um quarto, e momentos depois desembarquei. Mal consigo me dar conta de como deixei o navio, nem de como atravessei a ponte onde, apenas um ano antes, havia sido tão bem-vinda, com sentimentos e esperanças bem diferentes. Já faz duas horas que estou em terra. A senhora Campbell teve a gentileza de me deixar à vontade para ficar sozinha, gesto que considero a demonstração mais delicada que poderia me oferecer” (Graham, 1956, p. 155).

Estrangeiros, e a própria Imperatriz Leopoldina mostra a inserção de Maria Graham em famílias de destaque político e militar.

No Chile, as relações estabelecidas com Rosa O'Higgins<sup>232</sup> colocaram Maria Graham no centro das rivalidades entre diferentes grupos políticos. Ao planejar uma visita a Rosa O'Higgins, a viajante recebeu instruções sobre o comportamento adequado: ainda que a casa fosse vizinha, não deveria ir a pé, pois tal conduta contrariava as normas de etiqueta da elite de Santiago. A recomendação era ir de carruagem e, mais especificamente, utilizar a carruagem da família Cotapos (Graham, 1916).

Esta orientação, porém, tinha uma complexidade política. Um dos membros da família Cotapos, Ana María Cotapos, foi casada com Juan José Carrera, irmão de José Miguel Carrera, importante líder militar e político do processo de independência chilena. Os irmãos Carrera mantiveram uma acirrada rivalidade com Bernardo O'Higgins e José de San Martín, o que tornava sensível qualquer aproximação entre seus respectivos círculos<sup>233</sup>. Assim, a visita de Maria Graham, embora de caráter social, ganhava grande significado político, pois envolvia, indiretamente, famílias que haviam estado em campos opostos durante a luta pela independência.

Consciente desta tensão, Maria Graham registrou em seu diário a percepção de que sua presença poderia ser interpretada como um gesto diplomático, isto é, um possível elo de reconciliação entre adversários políticos:

O juiz Prevost veio pouco depois do almoço e me deu algumas orientações sobre minha visita, esta noite, à dona Rosa O'Higgins. Parece que, a pé, uma visita de etiqueta, ainda que seja à casa vizinha, é algo tão contrário ao bom-tom que não devo nem pensar nisso. Portanto, devo ir em uma carruagem da família Cotapos, acompanhada por duas das senhoras. Confesso que este último ponto me alarmou. Esta família é uma das mais respeitáveis de Santiago, porém uma das filhas foi casada com um Carrera, toda a família foi partidária dos Carrera, e mais de um de seus membros participou de conspirações contra o governo atual. Mais ainda, contra a vida do Diretor, segundo dizem. E sei perfeitamente que, apesar dos generosos desejos do senhor Prevost, não se deu ainda nenhum passo em direção a uma reconciliação amistosa entre o palácio do Diretor e a casa dos Cotapos. Se eu houver de ser um instrumento de reconciliação e paz, que assim seja, em boa

---

<sup>232</sup> Rosa O'Higgins era irmã de Bernardo O'Higgins, um dos líderes da independência chilena e Diretor Supremo do Chile entre 1817 e 1823.

<sup>233</sup> Para saber mais, consultar: PRUDANT, Elisabet; LÓPEZ RICO, Natalia. Demarcações da cidadania nos gêneros menores: Chile no processo das independências americanas (1810-1829). **Revista USP**, São Paulo, n. 130, p. 47-64, jul./ago./set. 2021.

hora, mas eu preferiria que me dissessem claramente o que esperam de mim (Graham, 1916, p. 257, tradução minha).<sup>234</sup>

Neste sentido, é interessante notar como as redes de sociabilidade “feminina” podiam ultrapassar o espaço doméstico e se articular no cenário político, transformando encontros sociais em gestos diplomáticos.

Embora mantivesse relações com importantes mulheres da política brasileira e chilena, Maria Graham não teve contato direto com figuras proeminentes do feminismo inglês, sobretudo porque viveu o início do século XIX, período em que os debates sobre o sufrágio ainda não estavam plenamente articulados. Ainda assim, seus escritos evidenciam uma forte crítica diante das restrições impostas às mulheres no espaço público.

Durante sua estada no Império do Brasil, Maria Graham expressou indignação ao saber que as mulheres não podiam assistir às sessões da Assembleia Constituinte, ainda que não houvesse proibição formal:

Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir às reuniões da Assembleia. Sei que não há qualquer proibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissível que não posso ir. Há uma galeria, para os estranhos, pouco maior em proporção que a da Câmara dos Comuns na Inglaterra, e os debates são publicados. Os deputados falam das próprias bancadas; são um pouco mais cerimoniais no vestuário do que os comuns na Inglaterra, mas não têm nenhum uniforme particular (Graham, 1956, p. 300).

Situação semelhante ocorreu no Chile, onde, também na condição de viúva, Maria Graham expressou desejo de assistir a uma reunião do Consulado. O diretor afirmou que “sua mãe e irmã haviam assistido à sessão inaugural e que os estrangeiros tinham entrada livre” (Graham, 1916, p. 279, tradução minha)<sup>235</sup>, mas advertiu que a presença de uma senhora

<sup>234</sup> Texto original: “El juez Prevost vino poco después del almuerzo y me hizo algunas indicaciones acerca de mi vista de esta noche a doña Rosa O’Higgins. Parece que ir a pie a una visita de etiqueta, aunque sea a la casa vecina, es algo tan contrario al buen tono que no debo ni pensar en tal cosa. Debo ir, por lo tanto, en un coche de la familia Cotapos, acompañada por dos de las señoras. Confieso que este último punto me alarmó. Esta familia es una de las más respetables de Santiago; pero una de las hijas fue casada con un Carrera; toda la familia fue partidaria de Carrera, y más de uno de sus miembros ha tomado parte en conspiraciones contra el gobierno actual, más aún, contra la vida del Director, según se dice, y yo sé perfectamente que, a pesar de los generosos deseos del señor Prevost, no se ha dado aún ningún paso hacia una reconciliación amistosa entre el palacio directoral y la casa de Cotapos. Si yo he de ser un instrumento de reconciliación y paz, en buena hora, pero me agradecería más que se me dijera francamente qué se espera de mí” (Graham, 1916, p. 257).

<sup>235</sup> Texto original: “Su madre y su hermana habían asistido á la sesión inaugural, y que los extranjerios tenían entrada libre (Graham, 1916, p. 280).

causaria surpresa. E, diferentemente do que ocorrera no Império do Brasil, a viajante conseguiu entrar e acompanhar a reunião.

Considerava que a presença de uma senhora inglesa e de um marinheiro inglês nas deliberações de uma assembleia nacional no Chile é, afinal, um caso bastante curioso. Mas o que no tempo de Addison teria parecido coisa de conto, hoje se realiza todos os dias, sem que ninguém se surpreenda. Eu me encontrei na capital Mahratta enquanto era defendida por forças inglesas; assisti a um templo protestante na praça Trajano, em Roma; participei de sessões de um tribunal inglês de justiça em Malta; o que haveria, então, de estranho em agora escutar as deliberações de um congresso nacional representativo de uma colônia espanhola? (Graham, 1916, p. 279, tradução minha).<sup>236</sup>

Estes episódios demonstram o interesse de Maria Graham pela vida política, já que acompanhava de perto os processos de independência, e sua inquietação diante da exclusão das mulheres destes espaços. Na dissertação de mestrado, fiz uma breve discussão sobre os ideais de feminilidade presentes no *Diário de uma viagem ao Brasil* (Silva, 2021). Na presente tese, amplio o diálogo através de Marianne North para compreender como diferentes viajantes britânicas refletiram sobre as relações de gênero no século XIX.

Durante uma viagem aos Estados Unidos, Marianne North conheceu figuras centrais do movimento feminista e abolicionista, como Elizabeth Blackwell, primeira mulher a obter o título de médica nos Estados Unidos, e Julia Ward Howe, abolicionista e sufragista. Em carta a Amelia Edwards, ela relatou: “Conheci a ‘Dra. Elizabeth Blackwell’ no almoço – uma mulher de ideias firmes (...). Ela me ofereceu uma recomendação [carta de recomendação] para visitar o hospital onde ela e outras mulheres foram treinadas em Nova York!!” (North, [s.a.e], tradução minha).<sup>237</sup>

Apesar da proximidade com estas mulheres, Marianne North mantinha uma postura crítica em relação ao feminismo vitoriano. Em uma das suas cartas, ela descreveu o Congresso de Direitos das Mulheres em Washington com ironia:

---

<sup>236</sup> Texto original: “Pensaba que la asistencia de una señora inglesa y de un marino inglés a las deliberaciones de una asamblea nacional en Chile es, después de todo, un caso bastante curioso. Pero lo que en tiempo de Addison habría parecido cosa de cuento, en el actual se realiza todos los días, sin que nadie se sorprenda. Y yo me encontré en la capital Mahratta, mientras la defendían fuerzas inglesas; he asistido á un templo protestante en la plaza Trajano en Roma; he concurrido a las sesiones de un tribunal inglés de justicia en Malta. ¿Qué tiene, pues, de extraño que ahora escuchara las deliberaciones de un congreso nacional representativo de una colonia española?” (Graham, 1916, p. 280).

<sup>237</sup> Texto original: “I met Dr. Elizabeth Blackwell at luncheon – a strong-minded female (...) – she has offered to give me an introduction – to see the hospital where she & those women were trained in New York!!” (North, [s.a.e]).

Esqueci de te contar que fomos a um congresso sobre os direitos das mulheres em Washington e ouvimos Julia Ward Howe ler um ensaio longo, elaborado e muito chato – e bastante amargo, como se todo o mal existente no mundo, incluindo varíola e escarlatina incluídas, decorresse do fato de as mulheres não terem direito ao voto. [...] Quanta confusão por nada! (North, 1871a, tradução minha).<sup>238</sup>

A citação acima apresenta tanto o tom irônico característico das cartas de Marianne North quanto seu distanciamento em relação ao movimento feminista. Sua observação sarcástica – “quanta agitação por nada” – mostra uma crítica direta aos congressos feministas, que, na sua perspectiva, exageravam na dimensão política da desigualdade de gênero. Segundo Gladston (2012), Marianne North não escreveu panfletos feministas e dificilmente poderia ser considerada uma feminista consciente ou de orientação pós-modernista. Já Sheffield (1997) reconhece que a viajante se protegeu veementemente contra a ideia de que era feminista, ainda que sua vida e sua obra não tenham corroborado com as expectativas da sociedade oitocentista.

Embora não se reconhecessem como feministas, e tampouco sejam enquadradas assim pela maioria dos autores, tanto Marianne North quanto Maria Graham expressaram nas suas trajetórias práticas e reflexões que dialogam com os ideais de emancipação “feminina”. Ambas viajavam sozinhas, ocupavam espaços tradicionalmente masculinos e produziam conhecimento em áreas nas quais a presença das mulheres era exceção. No entanto, rotulá-las como feministas não parece correto, principalmente no caso de Maria Graham, porque o termo e a militância ainda não estavam plenamente desenvolvidos em seu tempo.

Observa-se que, enquanto no campo da política imperial as experiências das personagens apontem semelhanças, como discutido no capítulo 3, no que se refere ao movimento de mulheres e às pautas de gênero, Marianne North estava inserida em um círculo social mais “ativo”. Nas suas redes de sociabilidade, destacavam-se debates sobre o sufrágio “feminino”, a participação das mulheres nas artes e a colaboração entre artistas viajantes. Um exemplo significativo é sua amizade com Barbara Bodichon, uma das principais representantes do feminismo vitoriano. Embora as correspondências delas tratem, sobretudo, da organização de exposições artísticas e organização das viagens, é possível reconhecer que, por conta desta amizade, Marianne se relacionava com as discussões feministas.

---

<sup>238</sup> Texto original: “I have forgotten to tell you we went to a woman’s rights congress at Washington & heard Julia Ward how read a long elaborate & very dull essay – very sour too as if all evil under the sun smallpox & scarlet fever included arose from women having no votes. [...] What a to do about nothing!” (North, 1871a).

#### 4.2.3 A amizade entre Marianne North e a Sra. Skinner

Entre as diversas relações de amizade que Marianne North cultivou ao longo da sua vida, destaca-se aquela mantida com a Sra. Skinner. Como mencionado anteriormente, embora os dados sobre sua identidade permaneçam escassos, não há informações confirmadas sobre sua família ou profissão. A frequência com que apareceu nas cartas de Marianne North indicam uma relação forte, caracterizada por afeto, cuidado e generosidade, mas também por conflitos e tensões.

Após a morte de seu pai, foi justamente a Sra. Skinner quem incentivou Marianne North a realizar a primeira viagem independente. O convite para passar o verão em sua casa de veraneio na costa de Massachusetts, nas proximidades de West Manchester, representou uma espécie de rito de passagem (North, 1882).<sup>239</sup>

As informações sobre a amizade entre Marianne North e a Sra. Skinner são encontradas nas cartas para Amelia Edwards e outras mulheres das suas redes de sociabilidade. Em um dos relatos, Marianne North afirmou que, caso a amiga precisasse dela, abandonaria até mesmo Amelia Edwards: “Claro que, se ela escrever assim que desembarcar dizendo que está doente e sozinha e precisa de mim, eu desistiria até mesmo de você para ir, pois sinto que ela é como uma tia. Tenho um verdadeiro afeto por ela – e a Inglaterra é um país estrangeiro para ela” (North, 1871e, tradução minha).<sup>240</sup> A linguagem emocional reforça a intensidade da ligação e sugere a existência de um vínculo quase familiar.

Contudo esta amizade também era caracterizada por dinâmicas de classe. Marianne North mencionou com frequência os gestos de generosidade da amiga: “Não me deixa pagar um centavo [...] manda-me perdizes, frutas e outras iguarias [...]” (North, [s.a.b]). A Sra. Skinner oferecia não apenas carinho, mas também conforto, bens e favores, elementos que, embora recebidos com gratidão, também parecem ter gerado certo desconforto ou dependência. Este desequilíbrio simbólico se torna mais visível no momento da ruptura.

---

<sup>239</sup> Ver texto: “O agente da Sra. Skinner, Mr. Bowes, de Liverpool, também escreveu dizendo que ele e a irmã colocarão a casa, os cavalos e a carruagem à minha disposição em Liverpool– como se fossem meus [...] Então, a hospitalidade americana já começou antes mesmo de eu sair da Inglaterra” (North, [s.a.j], tradução minha). Texto original: “Mrs. Skinner’s agent Mr. Bowes of Liverpool also writes to say he & his sister hope we both will use his house horses & carriage as our own at Liverpool before starting – they themselves are coming to London next week – so the American hospitality is beginning even before I leave England” (North, [s.a.j]).

<sup>240</sup> Texto original: “Of course if she writes on landing she is ill & alone & wants me I should give up even you! To go, as I feel she is a sort of aunt – I have a real love for her – & England is a foreign country to her” (North, 1871e).

A virada na relação ocorreu no Canadá, durante uma temporada em Clifton. Em tom irônico, Marianne North escreveu à Amelia Edwards afirmando que o “reinado” da Sra. Skinner havia acabado: “Decidi quietamente que não faria mais viagens com uma amiga que tinha acessos histéricos quando ela não conseguia o que queria” (North, [s.a.g], tradução minha). A correspondência daquele período apresenta um crescente desgaste emocional: “As poucas crises que presenciei abalaram minha confiança nas outras doenças da Sra. S. [...] acredito que, de muitas maneiras, ela é tão forte ou mais forte que eu!” (North, [s.a.g], tradução minha).<sup>241</sup>

A ambivalência domina os relatos: compaixão e ressentimento se misturam a um desejo de libertação. Marianne North expressou culpa e antecipou a crítica social que poderia recair sobre ela:

Sinto muito por ofendê-la, e, como ela diz, o mundo vai dizer que eu tirei tudo o que pude dela e depois a abandonei. Vão dizer que eu gostava dela quando era rica e a odiava quando ficou pobre. Mas viver com constantes repreensões não era adequado à minha constituição! E a ideia de passar o inverno com ela em algum lugar distante, longe de Frank e dos luxos, era horrível demais. É tão bom poder estar em paz novamente e ser tratada com gentileza, pois as pessoas da casa me mimam o máximo que podem. E todos fora de casa também são amáveis (North, [s.a.g], tradução minha).<sup>242</sup>

Com o fim da convivência, Marianne North passou a associar a solidão à liberdade. Em novas cartas, o alívio é evidente: “Sim, é bom estar livre novamente, e nunca me arrependi de ter me separado da Sra. S. [...] abençoados sejam os momentos de paz!”. Ainda que aguardasse um reencontro tenso, ela o descreve com resignação: “Esperando uma cena. Mas não presenciei uma há tanto tempo, que não terá entediante, mas uma sensação nova” (North, [s.a.h], tradução minha).<sup>243</sup>

---

<sup>241</sup> Texto original e completo: “*Pop* [Marianne North] don’t like. So she [Marianne North] quietly made up her mind she would go no more journeys with a friend who had fits of hysteria when she did not get what she liked – I have such an aversion to that complaint – & the few attacks. I saw shook my faith in all Mrs. S. other ailments – I believe in many ways she is as strong or stronger than I am!” (North, [s.a.g]).

<sup>242</sup> Texto original: “I am truly sorry to offend her – & as she says the world will say I get all I could from her & then threw her over – I liked her when rich & hated her when poor – but to live in perpetual scolding did not suit my constitution! & the idea of wintering with her in any out of the way peace out of reach of Frank & luxuries was too horrible – it is so nice to be at rest again & kindly treated for the people of the house pet me all they can – & everybody out of doors is also kind” (North, [s.a.g]).

<sup>243</sup> Texto original: “[...] yes – it is nice being free again – & I have never repented parting from Mrs. S though I fear she will never forgive me – she comes to the Westminster Hotel tonight & I go to see her tomorrow – & expect a scene, but I have not had one for so long – that it will not bore me! But be a new sensation – up the blessing of peace!” (North, [s.a.h]).

A amizade com a Sra. Skinner evidencia os limites e as tensões que perpassam as redes de sociabilidade “feminina” no século XIX. Trata-se de uma relação intensa e sustentada por afetos e ajudas materiais, mas também permeada por complexidade, ressentimentos e o cansaço da convivência contínua. As cartas de Marianne North funcionam como um espaço de elaboração emocional, no qual o desabafo pessoal se articula à crítica social e à autojustificação. Em vários momentos, parece que a viajante estava se justificando para Amelia Edwards sobre a sua amizade com a Sra. Skinner. Neste episódio, ao destacar as ambiguidades das relações entre mulheres viajantes, pode-se compreender como a solidariedade “feminina”, ainda que poderosa, também enfrentava limites concretos e subjetivos.

Para além das questões apresentadas acima, as amigadas “femininas” representaram estratégias de colaboração e visibilidade profissional. Em um contexto patriarcal que limitava o acesso das mulheres ao espaço público, estas redes funcionaram como formas de agenciamento (Marcus, 2007). Neste sentido, as redes “femininas” das viajantes mostram como as mulheres se mobilizavam para prestigiar, apoiar e ajudar nos projetos artísticos, científicos e literários umas das outras.

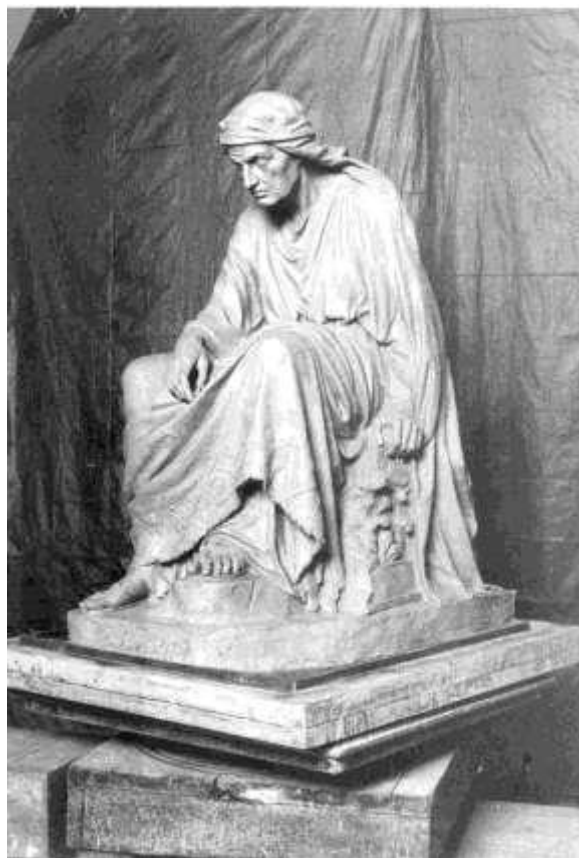
#### 4.2.4 O destino de *Roma*, de Anne Whitney

Além da amizade com a Sra. Skinner, Marianne North se relacionou com a estadunidense Anne Whitney (1821–1915), artista e poetisa que se tornou conhecida por esculpir estátuas e bustos de figuras ligadas às lutas abolicionistas e feministas. Ela e sua companheira, a pintora Addy Manning (1836–1906), viveram na Europa entre 1867-1871 e 1875-1876, principalmente na Itália. Durante sua permanência em Roma, ela produziu a escultura *Roma* (1869) (Figura 3), inspirada na pobreza dos camponeses italianos. A obra foi exibida em Londres e Boston e na Filadélfia e ocupou papel central em uma disputa por reconhecimento e visibilidade institucional na Exposição Internacional realizada em 1871, no South Kensington Museum, em Londres<sup>244</sup>.

Figura 3 – Escultura *Roma* (1869), de Anne Whitney

---

<sup>244</sup> Atualmente, a obra está localizada no Davis Museum da Wellesley College, nos Estados Unidos. Para saber mais sobre a biografia de Anne Whitney, consultar: *Enciclopédia Britânica*, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Anne-Whitney>. Acesso em: 20 ago. 2025.



Fonte: Nineteenth-Century Art Worldwide.

O episódio, narrado nas cartas de Marianne North<sup>245</sup>, informa que a viajante assumiu ativamente a defesa da escultura *Roma*, ao ver que a peça foi inicialmente alocada em um “corredor horrível”, sem identificação e fora do catálogo oficial da exposição (North, [s.a.f]).<sup>246</sup> Estas exposições eram combinações de “feiras, museus, galerias de arte e lojas. [...] Milhões de visitantes desfrutavam, observavam e consumiam uma galáxia de bens comerciais, obras de arte, amostras científicas e máquinas” (Hoffenberg, 2017, p. 1).

Qualquer país ou colônia britânica poderia participar da Exposição Internacional, “mas só podiam exibir o que fosse solicitado para cada item específico – a menos que encontrassem

---

<sup>245</sup> Anne Whitney foi descrita por Marianne North como “uma mulher encantadora, sensível e talentosa” e estava prestes a retornar aos Estados Unidos após seu período na Europa (North, [s.d.a]).

<sup>246</sup> Ver texto: “Vou te contar tudo sobre isso. A peça já foi vendida – é uma pequena estatueta de mármore, de grande beleza e pensamento original, e foi deixada lá fora, no frio, numa galeria envidraçada pela metade na Exposição Internacional, com três luzes cruzadas sobre ela, de modo a partir o coração da sua criadora. Está suja, sem rótulo, fora do catálogo – e colocada entre os modelos de gesso mais comuns” (North, [s.a.f], tradução minha). Texto original: “I will tell you all about it – it is sold – it is a tiny marble statuette of great beauty & original thought – & has been stuck out in the cold half glazed gallery at the internacional – with three cross lights on it, so as to break the heart of its mistress it is dirty, unlabeled, an catalogued & amongst the commonest crocke model” (North, [s.a.f]).

uma maneira criativa de contornar os limites e apresentar o que não havia sido explicitamente requisitado” (Hoffenberg, 2017, p. 3). *Roma* era a única peça americana na exposição e não havia um espaço digno reservado a ela. Sendo assim, Marianne North considerou que a escultura deveria estar em uma das salas italianas do evento. Indignada, ela visitou a exposição mais de uma vez, realizou contatos com membros da organização e buscou apoio entre mulheres influentes da classe média britânica. Em uma correspondência enviada à Anne Whitney, a viajante afirmou que *Roma* ainda estava no mesmo lugar sombrio e na mesma posição: “sem rótulo e fora do catálogo” (North, 1871g, tradução minha).

Diante desta situação, Marianne North solicitou diretamente a Amelia Edwards que escrevesse um artigo em defesa da peça, mobilizando sua influência na imprensa para reposicionar *Roma* em um espaço mais nobre da exposição.

Agora, queria – e me pergunto – se você poderia escrever um pequeno texto sobre a estátua *Roma*, da Srta. Whitney, para o *Morning Post*. [...] O número dela é 1748 [na exposição], e ela se encontra quase sozinha naquele corredor horrível entre a galeria estrangeira e o conservatório – cercada de simples lixo – e os melhores lugares na galeria italiana cheios dessas bobagens. Numa das salas (a 15, acho), a única exceção é uma imitação de uma antiguidade – um Fauno de Müller –, cujo nome já mostra que ele é tão estrangeiro na Itália quanto minha amiga americana. Aquele *Fauno* tem genialidade e bom desenho; o resto é desprezível. É claro que não ficarei ofendida se você não puder fazer isso, mas, se puder, será pela honra da Inglaterra, pois *Roma* é uma raridade e a Srta. Whitney é uma pessoa rara (North, [s.a.f], tradução minha).<sup>247</sup>

A crítica de Marianne North ao espaço destinado à escultura de Anne Whitney demonstra sua indignação com a marginalização da obra, já que esta invisibilização era provavelmente causada pelas questões de nacionalidade e pelo aspecto do gênero. O “corredor horrível” ao qual a peça foi designada, segundo as palavras da viajante, somado à exclusão do catálogo oficial da Exposição Internacional, demonstra uma política de apagamento simbólico de mulheres artistas neste grande evento.

No contexto apresentado, percebe-se o papel estratégico da imprensa britânica no agenciamento de mulheres artistas e na disputa por legitimidade dos seus trabalhos. Sabe-se

---

<sup>247</sup> Texto original: “Now I wish & wonder if you would write a little bit about Miss Whitney statue of Roma – in the *Morning Post* [...] its number is 1748 & it stands almost alone in that horrid corridor between the foreign gallery & the conservatory – with mere rubbish round it – & the best places in the Italian gallery full of such rubbish – in one room (15 I think) the sole exception an imitation of the antique, a Faun by Müller – whose name shows him to be as much a stranger in Italy us my American friend – that Faun has genius & good drawing in it the rest beneath contempt – I shall not of course be off offended if you cannot do this but if you can, it will be for the honour of England for Roma is a rare – Miss Whitney is a rare person” (North, [s.a.f]).

que Amelia Edwards escrevia artigos para o *Morning Post*, e, por esta razão, Marianne North pediu ajuda a ela. O trecho citado anteriormente apresenta como, por meio das redes de sociabilidade “feminina”, a imprensa se torna um espaço de reivindicação, no qual se articulavam afetos, alianças e intervenções no campo da arte. Neste sentido, o pedido de Marianne North não é apenas uma solicitação pessoal: é uma tentativa de romper com a exclusão que a instituição promoveu com a obra produzida por uma artista mulher.

Junto ao pedido para que Amelia Edwards escrevesse um artigo na imprensa a favor da obra *Roma*, a carta de Marianne North continha ainda um anexo enviado pela própria Anne Whitney, no qual a artista explicava a concepção estética e política da escultura. O texto oferece uma chave de leitura fundamental para compreender os sentidos inscritos em *Roma*:

Todo mundo que viveu nos domínios papais antes da mudança de governo sabe que a mendicância era sistematicamente incentivada e promovida pelo governo. Por isso, representei (em 1869) Roma na figura de uma mendiga. Em uma das mãos, ela deixa cair a moeda recém-recebida; na outra, segura o medalhão *Questuante in Roma*, que representa uma licença do governo para mendigar – usada por grande parte dos pedintes de lá ainda hoje. A borda do manto está ornamentada com relevos das grandes esculturas de Roma – pois nenhuma representação justa da cidade pode deixar de lado suas riquezas, que existem em contraste gritante com sua miséria e sofrimento. Mas, por ora, essa Roma afastou de si a tiara papal – que jaz no chão, meio oculta ao lado dela. (...) Esquecendo sua presente degradação, ela se senta entre as ruínas – sobre o topo de uma coluna coríntia virada –, absorta em lembranças de um passado grandioso e distante. A pele pendurada em sua mão esquerda simboliza a barbárie, que parece ser a tendência legítima das coisas sob um governo qual a inteligência, ciência e liberdade de imprensa são todas proibidas. [...] Não me agrada fazer essa análise da minha obra, pois, quando a criei, não pensava em quase nada além de “alguma mãe de impérios mortos – sem filhos, sem coroa, em sua aflição sem voz” (North, [s.a.f], tradução minha).<sup>248</sup>

---

<sup>248</sup> Texto original: “Everybody knows who lived in the papal dominions previous to the change of rule – that mendicancy was systematically fostered & encouraged by the government. I therefore represented (in 1869) Rome in the guise of a beggar, from one hand she drops the coin lately received, & from the other hangs the medal *Questuante in Roma* which signifies a license from Govt. to beg & is worn by a large proportion of the mendicants there today. The border of the mantle is inwrought with bas reliefs of the great sculptures of Rome – for no just representation of her can leave out her riches which exist in such sharp contrast with her squalor & wags. But for the moment this Roma lays aside today papal tiara is on the ground half hidden at her side – (...) . & forgetting her present degradation she sits among the ruins (on a Corinthian) column topsey turvy [*Pop*] absorbed in memories of a great & remote past. The skin hanging from her hand on the left symbolizes barbarism, which seems to be the legitimate tendency of things under a Govt. where intelligence, science & freedom of the press are all under ban – Miss Whitney adds I do not enjoy making this analysis at my work in the light in which I made it. I had in my mind scarcely anything else than ‘some mother of dead empires’ ‘childless & crownless in her voiceless woe’” (North, [s.a.f]).

A explicação de Anne Whitney amplia a dimensão simbólica da peça, conferindo-lhe um caráter político que desafia os valores da Igreja e os limites impostos às mulheres artistas no espaço público. A escultura, ao representar *Roma* como uma mulher mendicante que carrega as marcas de uma grandeza passada e de uma opressão presente, apresenta uma crítica ao conservadorismo religioso, à política e à exclusão social. O gesto de “afastar a tiara papal” e “deixar cair as chaves” carrega um simbolismo de ruptura com o domínio do papa, enquanto o corpo “feminino” representa a imagem de uma cidade-império em ruínas.

Neste contexto, o pedido de Marianne North a Amelia Edwards ganha novo peso: trata-se não apenas da defesa de uma amiga ou de uma escultura deslocada, mas da tentativa de fazer ecoar uma mensagem política silenciada. Ao anexar este texto à carta, a viajante reconhece a profundidade da obra de Anne Whitney, e busca garantir que Amelia Edwards tenha elementos para compreender a importância de *Roma* e reforçar o apelo da sua publicação na imprensa.

Além de Amelia Edwards, Marianne North pediu ajuda à Srta. Durante, personagem que, embora ainda não tenha sido identificada nos registros históricos, desempenhou papel ativo na trajetória da viajante inglesa. O trecho a seguir apresenta esta mobilização:

Não vou deixar o caso de “Roma” de lado. Estive almoçando com a Srta. Durante – e ela está tão ansiosa quanto eu para que a obra seja colocada em um lugar apropriado. Vou encontrá-la amanhã na Exposição Internacional – e ela irá atrás do velho Sr. Redgrave para fazê-lo mover a peça de lugar. Ela parece achar que não haverá dificuldade. Ela é uma criatura admirável e um crédito à sua profissão. Sinto que, se conseguirmos nos apossar dela, teremos sucesso. A carta dela me convidando para o almoço cruzou-se com a minha sobre “Roma” – ela espera muito que você vá vê-la quando retornar a Londres – e ela a levará a outros ateliês ingleses (North, 1871h, tradução minha).<sup>249</sup>

A referência à Srta. Durante como um “crédito à sua profissão” indica que ela possuía alguma posição de prestígio no mundo das artes ou da crítica, reforçando que estas redes “femininas” não eram “marginais”, mas compunham, com suas próprias formas de atuação, o campo letrado e artístico da época. Além disso, ao mesmo tempo em que compartilhavam

---

<sup>249</sup> Texto original: “I am not going to let ‘Roma’ alone. I have been having Cuncheon with Miss Durante – & she is as eager as I am to have it put in a proper place & I am to meet her tomorrow at the International. & she is going to hunt up old Mr. Redgrave & make him move it – she seems to think there will be no difficulty – she is a capital creature & a credit to your profession – I felt sure if we could get hold of her we should succeed – & Her letter asking me to Cuncheon crossed mine about Roma – she hopes much you will come & see her when you return to London – & she will take you to other English studios” (North, 1871h).

experiências íntimas, elas estabeleciam laços com figuras masculinas, frequentando exposições e trocando correspondências com diretores, curadores e escritores. Deste modo, juntas, Marianne North e Srta. Durante realizaram contato com Richard Redgrave, curador do South Kensington Museum, para que ele conseguisse mover a obra de lugar.

Depois de receber algumas respostas negativas, Marianne North recorreu à ajuda de Mary Ewart<sup>250</sup>, educadora e ativista britânica, e, juntas, se dirigiram à residência de Henry Cole<sup>251</sup>, diretor do South Kensington Museum, para deixar uma queixa formal. A viajante relatou ainda que Mary Ewart escreveria a outros membros do Comitê de Artes, embora com poucas esperanças de sucesso. Ainda assim, Marianne North afirmou que voltaria na semana seguinte e enviaria um novo relatório à amiga: “Eu realmente gostaria que algo pudesse ser feito – parece tão triste e perdida onde está [*Roma*]” (North, 1871g, tradução minha).

O agenciamento de Marianne North evidencia o quanto estas redes “femininas” operavam para garantir visibilidade e reconhecimento entre as mulheres, inclusive no meio artístico londrino. De acordo com as informações das correspondências, foi por intermédio de Mary Ewart que a escultura acabou sendo removida. Segundo o documento, Henry Cole, referido ironicamente como “King Cole”, teria ordenado a mudança da peça para um lugar mais visível, embora não o desejado inicialmente pelas amigas. Marianne North expressou, com seu tom irônico habitual, que “quase sempre consegue o que quer”.

Vi uma nota do Rei Cole ontem dizendo “que ele havia mandado mover a estátua”. *Pop* [Marianne North] geralmente consegue o que quer – e ama aqueles que a ajudam ou que estão dispostos a queimar um pouco os próprios dedos para ajudar os outros. E, embora você não tenha escrito, sei que teria feito isso se eu tivesse insistido. Mas eu estava certa de que eu teria sucesso em mover a escultura – e por isso esperei. Só espero que o novo lugar seja melhor! Mas não é onde escolhemos, e sim o local indicado na resposta de Cole a outra solicitação que recebi antes de recorrer à Srta.

<sup>250</sup> Em uma carta para Anne Whitney, Marianne North relatou o contato que Mary Ewart realizou com o capitão Donnelly, que ocupava um cargo abaixo ao de Henry Cole na Exposição Internacional. Ver trecho: “Minha amiga Mary Ewart chegou logo depois que você saiu – ela disse que tinha acabado de ver o Capitão Donnelly, que é o segundo no comando de ‘King’ Cole na Exposição Internacional, e que escreveria para ele sobre *Roma*. Então, eu escrevi, em segredo, o conteúdo da sua mensagem para mim e mais algumas coisas para ela – e espero que o pedido dela reforce o seu” (North, 1871g, tradução minha). Texto original: “[...] my friend Mary Ewart came in after you left – she said she had just seen Captain Donnelly who is 2<sup>nd</sup> under ‘King’ Cole at the International that she would write to him about *Roma* – so I wrote down the substance of your note to me secretly & a few other things for her – & I hope her application will back up yours” (North, 1871g).

<sup>251</sup> Henry Cole era comissário executivo do South Kensington Museum, e, ao lado do príncipe Albert, foi a pessoa mais associada às exposições inglesas. Por esta razão, tinha grande prestígio (Hoffenberg, 2017).

Durante – por meio de Mary Ewart. Ainda espero que a segunda tentativa seja a que realmente resolva a questão (North, [s.a.i], tradução minha).<sup>252</sup>

Apesar de Amelia Edwards não ter escrito o artigo conforme Marianne North havia solicitado, os documentos apresentam uma solução para a obra *Roma*. Através da sua posição social de prestígio, Marianne North mobilizou diferentes mulheres – Amelia Edwards, Mary Ewart e Srta. Durante – em prol de uma causa comum: garantir reconhecimento e dignidade ao trabalho artístico de outra mulher. Além disso, esta prática coletiva era uma forma de resistência ao universo masculino. Marianne North reconheceu isso ao dizer a Amelia Edwards que Anne Whitney “[...] está cheia de ideias bonitas e originais, que você entenderia de um modo que meus (amigos homens) não conseguem” (North, [s.a.f], tradução minha).<sup>253</sup>

As correspondências, portanto, demonstram que estas redes “femininas” eram complexas, já que eram espaços de solidariedade, afeto, crítica e disputa. Os escritos de Marianne North em defesa da escultura *Roma* apresentam o esforço de várias mulheres para romper com os limites das relações de gênero e alcançar espaços de legitimação profissional no século XIX.

As Exposições Internacionais Anuais não duraram muito tempo. Após 1874, o projeto foi encerrado, e muitos autores afirmam que elas não obtiveram sucesso. Acredita-se que o “fracasso” foi motivado pelo alto custo do evento e porque, em 1870, elas não eram mais novidades, assim como foi a Grande Exposição em 1851. Já nessa década, havia exposições com o mesmo formato em Londres, Manchester e Dublin e em outras cidades na Grã-Bretanha e no mundo (Hoffenberg, 2017).

Há poucos estudos sobre as Exposições Anuais, e, por consequência, são escassas as referências à participação “feminina” nestes eventos. Esta lacuna historiográfica dificulta a reconstituição da trajetória de mulheres que, como Marianne North, buscaram espaços de visibilidade artística. Apesar desta dificuldade, parte das suas correspondências e os registros da imprensa apresentam atuações anteriores à criação da Galeria North, em Kew Gardens,

---

<sup>252</sup> Texto original: “I saw a note from king Cole Yesterday ‘that he had ordered the Statuette to be moved to!’ Pop generally gets her own way – & loves those who help her – on are willing to burn their own fingers a little to help others – & though you have not written, yet I know you would have done so had I pressed you, but I felt sure I should succeed in moving it & waited – I only hope the place will be a better one! But it is not where we chose, but Cole’s note was in answer to another application I got before applying through miss Durant – through Mary Ewart – I still hope the second will really gain the day” (North, [s.a.i]).

<sup>253</sup> Texto original: “[...] she is full of pretty & original thoughts which you would understand in a way my [men friends] cant –” (North, [s.a.f])

indicando sua inserção em exposições públicas desde a década de 1870, como será discutido no tópico a seguir.

### 4.3 AS EXPOSIÇÕES DE MARIANNE NORTH

De acordo com a ideologia vitoriana, esperava-se que as mulheres permanecessem confinadas ao lar, dedicadas às tarefas domésticas, à educação dos filhos e ao cultivo das virtudes morais. No entanto, este ideal de “esferas separadas” entre o público e o privado não se sustentava plenamente na prática, e diversas mulheres buscaram maneiras de alargar as fronteiras da sua atuação (Sheffield, 1997; Gazzola, 2001; Morris, 2005).

Como observa Morris (2005, p. 27), a separação entre as esferas nunca produziu “limites claros de prática”, já que muitas mulheres, sobretudo viúvas e solteiras, desempenhavam papéis econômicos relevantes e encontravam formas legais de escapar às restrições do casamento. No entanto, como vem sendo destacado na tese, no contexto vitoriano, o discurso da domesticidade se intensificou, consolidando uma ideologia de gênero que associava a mulher à moralidade e à passividade. Steinbach (2004, p. 42) afirma que as mulheres de classe média viviam sob o peso deste ideal, pois “havia restrições reais sobre o que podiam fazer sem comprometer suas reputações e respeitabilidade”. Embora fossem incentivadas a permanecer fora do mercado de trabalho, muitas continuavam a exercer atividades produtivas invisibilizadas pelas definições de “trabalho” do período.

Antes de inaugurar a North Gallery, em Kew Gardens, Marianne North já se dedicava à organização e à exibição das suas pinturas em outros espaços. As fontes (cartas e jornais) indicam que, desde 1875, ela vinha estabelecendo contatos e tomando decisões sobre a melhor forma de divulgar suas obras.

Em 1877, Marianne North realizou uma exposição individual no South Kensington Museum, instituição que mais tarde se chamaria Victoria & Albert Museum, em Londres. Fundado em 1852, inicialmente sob o nome Museum of Manufactures, o museu surgiu no contexto da Grande Exposição de 1851 e teve como primeiro diretor Henry Cole<sup>254</sup>, figura já conhecida pela viajante e mencionada anteriormente no tópico referente à escultura *Roma*.

O Museu de South Kensington está exibindo uma série de esboços a óleo finalizados, retratando paisagens orientais e tropicais, flores, frutas e plantas, dignos de uma hora de prazerosa contemplação. A pintora, Srta. Marianne North, conseguiu representar uma semelhança vívida das esplêndidas

---

<sup>254</sup> Para saber mais sobre o museu, acessar <https://www.vam.ac.uk/collections/the-va-story/>.

produções do Brasil, de Java e das Ilhas das Especiarias, e qualquer pessoa que observe os retratos de flores resplandcentes, borboletas multicoloridas, árvores gigantes e frutos exuberantes aprenderá com muito mais exatidão o que tais coisas realmente são do que a partir das mais elaboradas descrições verbais (*Sussex Advertiser*, 26 jun. 1877, tradução minha).<sup>255</sup>

Na pesquisa realizada no acervo dos jornais britânicos, foi possível encontrar numerosos anúncios das suas viagens, atividades botânicas e exposições. Nas colunas dedicadas às artes, os periódicos frequentemente destacavam o nome de Marianne North e elogiavam suas pinturas, conforme mencionado na citação acima.

Em carta a Barbara Bodichon, Marianne North mencionou a atuação de Mary Ewart: “A Mary disse-lhe que todos os meus esboços em breve serão expostos em Kensington, e eu estou a tornar-me tão famosa quanto Elliot [...]” (North, 1877, tradução minha).<sup>256</sup> Mais uma vez, Mary Ewart aparece como uma importante personagem nas redes de sociabilidade da viajante, assim como no episódio que envolveu a escultura *Roma*, de Anne Whitney. Sua presença nas redes demonstra uma atuação fundamental no campo artístico, oferecendo apoio em questões relacionadas ao trabalho. Em outra carta, desta vez escrita para Arthur Burnell, ela chegou a se referir a Mary Ewart<sup>257</sup> como sua “sócia”, isto é, alguém com um vínculo de colaboração e parceria profissional<sup>258</sup>.

Além do trabalho em South Kensington, outros pequenos anúncios indicam novas exposições das suas pinturas. O jornal *Hastings and Bexhill Independent* (21 out. 1880, tradução minha) informava: “A Srta. Marianne North está atualmente em uma excursão colonial, com o objetivo de ampliar a valiosa coleção de pinturas que esteve em exibição por

---

<sup>255</sup> Texto original: “The South Kensington Museum is exhibiting a series of finished oil sketches, representing Oriental and tropical scenery, flowers, fruits, and plants, worthy of an hour’s pleasant contemplation. Miss Marianne North, the painter, has succeeded in giving a vivid likeness of the splendid productions of Brazil, Java, and the Spice Islands, and anyone who looks at the pictures of glowing flowers, many-coloured butterflies, giant trees, and luxuriant fruits will learn much more accurately what such things really are than from the most elaborate verbal descriptions” (*Sussex Advertiser Tuesday*, 26 jun. 1877).

<sup>256</sup> Texto original: “Mary has told you all my sketches will soon be exhibited at Kensington & I am becoming so notorious that Elliot [...]” (North, 1877).

<sup>257</sup> Vale lembrar que Mary Anne Ewart (1830–1911) teve um importante papel na mobilização por mudar a obra *Roma* na Exposição Internacional. Ela foi uma patrona britânica do ensino superior para mulheres.

<sup>258</sup> Ver texto: “Quero que você conheça minha ‘sócia’ Mary Ewart. Há alguém que o senhor queira conhecer e que eu provavelmente conheça? Acho que um dos principais prazeres da vida é conhecer pessoas agradáveis – e desejo que meus amigos tenham a mesma satisfação” (North, 1878n, tradução minha). Texto original: “I want you to know my ‘Co’ Mary Ewart – is there anybody you want to meet who I am likely to know? I think one of the chief delights of life is knowing nice people – and wish my friends to have the same enjoyment” (North, 1878n).

algum tempo na Escola de Belas Artes, em Claremont<sup>259</sup>”. Outra notícia indicava que a exposição anteriormente apresentada no South Kensington Museum havia sido transferida para um edifício de Thomas Brassey, em Claremont. Thomas Brassey (1836–1918) era um político inglês casado com Anna Brassey (1839–1887), escritora e viajante. O casal foi responsável pelo Brassey Institute<sup>260</sup>, construído em 1879 (Sendino; Porter, 2020).

Quanto à sala inferior, considerava que seria muito útil para a realização de exposições ocasionais. Ele parabenizou o Sr. Vernon, o arquiteto, por ter providenciado uma sala tão bela. Declarou estar satisfeito em afirmar que, graças à gentileza da Srta. North e das autoridades de South Kensington, havia obtido a coleção única de desenhos da Srta. North – resultado de seus trabalhos em todas as partes do globo – e que recebera o elogio dos mais destacados críticos de arte de Londres (*Brett’s St. Leonards and Hastings Gazette and Visitors’ Vade Mecum*, 21 set. 1878, tradução minha).<sup>261</sup>

As notícias publicadas em jornais locais, como o *Hastings and Bexhill Independent* e o *Brett’s St. Leonards and Hastings Gazette*, indicam que o nome de Marianne North circulava regionalmente. Embora não haja informações suficientes para uma análise mais aprofundada destes periódicos, como dados sobre seus editores, preços, público-alvo e outros aspectos<sup>262</sup>, a imprensa foi uma fonte importante para observar tanto as redes de sociabilidade da personagem quanto o seu envolvimento com as viagens, a botânica e a arte.

É importante ressaltar que, no contexto vitoriano, jornais e revistas circulavam amplamente entre a metrópole e as colônias por meio dos navios. Segundo Potter (2007, p. 58-59), “os editores se aproveitavam das notícias e opiniões de jornais que chegavam das colônias e publicavam-nas em suas próprias colunas, muitas vezes com apenas pequenas

<sup>259</sup> Texto original: “Miss Marianne North is now on a colonial tour, with a view of adding to the valuable collection of paintings which were for a time on view at the School of Art Building in Claremont” (*Hastings and Bexhill Independent*, 21 out. 1880).

<sup>260</sup> Anos depois se tornou o Hastings Museum (Sendino; Porter, 2020).

<sup>261</sup> Texto original: “As to the room below, he thought it would be most useful in which to hold occasional exhibitions. He congratulated Mr. Vernon, the architect, for providing so handsome a room. He was pleased to state that through the kindness of Miss North and the authorities at South Kensington, he had procured Miss North’s unique collection of drawings, the result of labours in every part of the globe, and which had received the commendation of the ablest art critics in London” (*Brett’s St. Leonards and Hastings Gazette and Visitors’ Vade Mecum*, 21 set. 1878).

<sup>262</sup> Para saber mais sobre os impressos, consultar as seguintes obras: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010; MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial (1820-1840)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017; ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016; e BESSONE, Tania; RIBEIRO, Gladys; GONÇALVES, Monica; MOMESSO, Beatriz (orgs.). *Cultura escrita e circulação de impressos no Oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2016.

modificações<sup>263</sup>”, o que evidencia a existência de uma rede transnacional de circulação de ideias. Deste modo, nesta prática, os jornais frequentemente reproduziam e trocavam conteúdos entre si, como resenhas, notícias e anúncios, formando uma ampla rede de correspondência e circulação de informações. Isso facilitava a ampliação dos acervos e o acesso do público às notícias, mas também dificulta, hoje, a identificação precisa das autorias (Munaro, 2013).

Os historiadores apontam que é complexo determinar quem estava por trás de determinado artigo ou crítica, uma vez que, em muitos casos, o nome do editor poderia encobrir um grupo de proprietários ou colaboradores anônimos, vinculados, por exemplo, a alianças políticas locais. Além disso, a identidade dos jornalistas nem sempre era revelada, pois era comum o uso de pseudônimos (Royle, 1990; Munaro, 2013).

Nos periódicos, os artigos eram frequentemente assinados – embora às vezes com pseudônimos; já na imprensa de jornais diários, o anonimato era a regra. O jornalista provincial muitas vezes precisa ser localizado por meio de registros censitários, diretórios do Correio ou registros de votação. O redator de periódico, por sua vez, só aparece identificado em seu obituário. Alguns permanecem ocultos para sempre. Mesmo quando dispomos de uma quantidade considerável de informações, a identidade de um jornalista pode permanecer apenas como uma sombra (Royle, 1990, p. 50, tradução minha).<sup>264</sup>

Apesar destas dificuldades, o jornal é uma fonte fundamental para compreender as dinâmicas políticas e culturais do período. Como observa Wolff (*apud* Royle, 1990), os periódicos não apenas refletiam a cultura vitoriana, mas também atuavam na formação de opinião e na construção de identidades coletivas. Neste sentido, as trajetórias de Marianne North e Maria Graham inserem-se neste meio de difusão cultural e científica mediado pela imprensa.

Ao se referir à “viagem colonial” e à ampliação da “valiosa coleção de pinturas” de Marianne North, o jornal *Hastings and Bexhill Independent* dá destaque para as expedições da personagem, que tinham um objetivo: completar seu acervo sobre a flora do mundo. Ao mesmo tempo, o fato de suas obras terem sido exibidas em instituições de renome, como o

<sup>263</sup> Texto original: “[...] editors gutted news and opinion from papers that had arrived from the colonies, and published it in their own columns, often with only minor modifications” (Potter, 2007, p. 58-59).

<sup>264</sup> Texto original: “In the periodicals articles were often signed – though sometimes with pseudonyms; in the newspaper press anonymity was the rule. The provincial journalist has sometimes to be dug out of the census returns, Post Office directories or poll books. The periodical writer often emerges only in his obituary notice. Some remain concealed for ever. Even when we have a considerable amount of information, the identity of a journalist can remain but a shadow” (Royle, 1990, p. 50).

South Kensington Museum, e, posteriormente, em espaços financiados por figuras da elite, como Thomas Brassey, reforça a inserção da inglesa nas redes de sociabilidade que legitimavam o saber artístico e científico da época.

Além dos espaços citados acima, Marianne North participou de uma mostra na Royal Geographical Society, na qual expôs pinturas de paisagens ao lado de artistas como Miss Gordon-Cumming, Dr. Naumann e Mr. J. S. Keltie:

Diversos países estrangeiros responderam com grande boa vontade aos convites enviados, e uma ampla e representativa coleção foi reunida, e está agora sendo organizada pelo Sr. F. E. Walker, sob os auspícios do Sr. Keltie, na Great Marlborough Street, nº 55. As salas estão literalmente lotadas de objetos educacionais, muitos de grande interesse e alguns de considerável mérito artístico [...] uma seção particularmente interessante da exposição é dedicada às pinturas geográficas. Entre as exibidas, encontram-se diversos desenhos originais da Srta. Marianne North, da Srta. Gordon-Cumming e do Dr. Naumann (*Globe*, 03 dez. 1885, tradução minha).<sup>265</sup>

Dois anos depois, em 1879, Marianne North expôs novamente suas obras no número 9 da Conduit Street, provavelmente uma pequena galeria de arte.

EXPOSIÇÃO DE PINTURAS: Os amigos da Srta. Marianne North ficarão satisfeitos em saber que uma exposição será aberta a partir do dia 1º de julho, no número 9 da Conduit Street, em Londres, com os esboços dessa artista representando a Índia, Ceilão, Singapura, Java e Sarawak. Nossos leitores sabem que a Srta. North retornou recentemente da Índia com esses esboços, e não precisamos dizer àqueles que viram sua exposição anterior em South Kensington e em Hastings que prazer essa nova coleção proporcionará. A exposição estará aberta diariamente das 9h às 19h (*Hastings and St. Leonards Observer*, 28 jun. 1879, tradução minha).<sup>266</sup>

Os trechos elencados acima mostram como Marianne North esteve inserida no universo das artes e como a imprensa britânica, principalmente os jornais locais de Hastings,

<sup>265</sup> Texto original: “[...] and several foreign countries having responded with great goodwill to the invitations despatched, a very large and fully representative collection has been got together, and is now being arranged by Mr. I. B. Walker, under the auspices of Mr. Keltie, at 58, Great Marlborough-street. The large rooms are literally crammed with educational objects, many of great interest, and some of considerable artistic merit. [...] A very interesting section of the exhibition is that devoted to the geographical pictures. Those shown include a number of original drawings by Miss Marianne North, Miss Gordon-Cumming, and Dr. Naumann” (*Globe*, 3 dez. 1885).

<sup>266</sup> Texto original: “EXHIBITION OF PICTURES: The friends of Miss Marianne North will be glad to learn that an exhibition will open on and after July 1, at 9, Conduit-street, London, of that lady’s sketches of India, Ceylon, Singapore, Java, and Sarawak. Our readers know that Miss North has lately returned from India with these sketches, and we need not tell those who saw the former exhibition in South Kensington and Hastings what a treat this new collection will be. The exhibition will be open daily from 9 till 7 o’clock” (*Hastings and St. Leonards Observer*, 28 jun. 1879).

cidade em que nasceu, acompanhava e divulgava suas atividades. Embora não fizessem parte de associações científicas, muitas mulheres das classes médias e altas nos séculos XVIII e XIX foram responsáveis por grande parte das coleções nos museus de história natural. Sendino e Porter (2020) apresentaram a trajetória de três personagens que produziram grandes coleções incorporadas nos museus britânicos: a Condessa de Aylesford, a Duquesa de Portland e Anna Brassey. Assim como Marianne North, todas elas financiaram suas próprias atividades, utilizando recursos pessoais para reunir, organizar e expor suas coleções.

Diversos autores apontam que Marianne North se beneficiou da estrutura imperial britânica. Sua conexão com o Kew Gardens foi fundamental para assegurar seu acesso a diferentes territórios, pois lhe garantia importantes vínculos diplomáticos (Morgan, 1993; Sheffield, 1997; Gladston, 2012). Segundo Morgan (1993), Marianne North pôde viajar e pintar graças à influência dos homens que ocupavam posições de poder no império, o que explicaria a ausência de críticas mais severas à sua atuação. De modo semelhante, Sheffield (1997) destaca que suas viagens só foram possíveis porque o Império Britânico havia estabelecido extensas redes políticas e científicas em diversas partes do mundo.

Observa-se, portanto, uma divergência na historiografia: enquanto biógrafos afirmam que Marianne North recebeu apoio financeiro do governo britânico, o que reforçaria sua inserção em um projeto de difusão do imperialismo, outros ressaltam que ela empreendeu suas exposições de forma independente, custeando-as pessoalmente (Morgan, 1993; Sheffield, 1997; Gazzola, 2008; Gladston, 2012). O jornal *Daily Telegraph & Courier* (25 ago. 1880, tradução minha) destacou esta segunda perspectiva, afirmando que “a grande importância deste trabalho feito com tanta dedicação que a Srta. North empreendeu às suas próprias custas, pode ser melhor apreciada por aqueles que com interesses comerciais, educacionais e industriais, e que sentiram falta de uma fonte compreensiva e precisa de referência pictórica<sup>267</sup>”. O jornal *Hastings & St. Leonards Time* (23 out. 1880, tradução minha) também afirmou que, “agora, a senhora está prestes a visitar a Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e Ilhas Maurício, principalmente com o propósito de realizar, às suas próprias custas, pinturas precisas das árvores e plantas notáveis desses países<sup>268</sup> [...]”.

---

<sup>267</sup> Texto original: “The great importance of that labour of love which Miss North has undertaken at her own cost can be best appreciated by those persons who, in commercial, educational, and industrial pursuits, have felt the want of a comprehensive and accurate source of pictorial reference” (*Daily Telegraph & Courier*, 25 ago. 1880).

<sup>268</sup> Texto original: “The lady is now about to visit Australia, New Zealand, South Africa, and the Mauritius, mainly for the purpose of making, at her own cost, accurate paintings of the remarkable trees and plants of these countries” (*Hastings & St. Leonards Time*, 23 out. 1880).

Este contraste entre apoio estatal e esforço individual mostra como era complexo pensar a atuação de uma mulher viajante no século XIX. Ainda que tenha se beneficiado do aparato imperial, viajando sob a proteção de redes diplomáticas e científicas, como citado por alguns autores, por outro lado, Marianne North criou estratégias para divulgar seu trabalho e garantiu que suas exposições fossem amplamente conhecidas, seja através de anúncios ou por meio de textos na imprensa.

Estes textos, publicados em jornais, elogiavam as pinturas de Marianne North. O *Brett's St. Leonards and Hastings Gazette and Visitors' Vade Mecum* (1878, tradução minha) descreveu a coleção como “a mais magnífica já exibida como obra de uma única pessoa”. O jornal ressaltava que as pinturas ofereciam prova de “viagens constantes e trabalho incansável em muitas situações difíceis”, sugerindo, portanto, que a recepção da sua obra estava fortemente associada à ideia de esforço e sacrifício, valores que, no imaginário vitoriano, eram tradicionalmente atribuídos a exploradores e naturalistas homens (Schiebinger, 2004).

Essas pinturas a óleo, representando mais de quinhentos temas de botânica e paisagem estrangeira, formavam a mais magnífica coleção já exibida como obra de uma única pessoa e foram dispostas na Sala de Exposições do Sr. Brassey e em uma parte da sala inferior do edifício. Esta bela e extensa coleção – para a qual tivemos o prazer de sermos os primeiros a chamar a atenção [para a coleção], antes mesmo de ela adornar as paredes de South Kensington – oferece prova não apenas de habilidade, mas também de viagens cheias de energia ao exterior e trabalho incansável em muitas situações difíceis (*Brett's St. Leonards and Hastings Gazette and Visitors' Vade Mecum*, 21 set. 1878, tradução minha).<sup>269</sup>

Marianne North acompanhava a repercussão das suas exposições na imprensa britânica, reconhecendo o papel dos jornais na divulgação do seu trabalho e na ampliação de seu público. “Você viu as notícias no *Spectator*, *Times*, *Pall Mall*, *Gardiner's Chronicle*, etc., sobre minha exposição? Todos elogiam e criticam coisas diferentes, e, no conjunto, é divertido – mas me dão crédito pela veracidade, que é a única coisa que busco” (North, 1878q, tradução minha).<sup>270</sup>

<sup>269</sup> Texto original: “These oil-paintings – representing more than five hundred subjects in foreign botany and landscape and forming the most magnificent collection ever exhibited as the work of one person – were arranged in Mr. Brassey's Exhibition Room and in a portion of the room beneath. This beautiful and extensive collection, which it was our pleasure to be the first to call attention to ere it adorned the walls of South Kensington, is an unexampled proof not only of ability, but also of energetic foreign travel, and a constant pursuit of aims under many trying situations” (*Brett's St. Leonards and Hastings Gazette and Visitors' Vade Mecum*, 21 set. 1878).

<sup>270</sup> Texto original: “Have you seen the bits in the *Spectator*, *Times*, *Pall Mall*, and *Gardiner's Chronicle*, etc., etc., about my exhibition? they all admire and abuse different things and are amusing as a whole – but give me credit for truth which is the one thing I aim at” (North, 1878q).

O impacto das notícias era fundamental. Segundo a própria Marianne North, após o anúncio publicado no *Times*, o número de visitantes à galeria aumentou significativamente. “Abri a galeria gratuitamente no *Bank Holiday*, e 170 pessoas a visitaram, querendo saber se era feito à mão; 69 pessoas foram no dia seguinte depois do anúncio no *Times*” (North, 1878q, tradução minha).<sup>271</sup>

Estes dados indicam o alcance que sua obra atingiu junto ao público e o modo como Marianne North soube utilizar os meios de comunicação para promover suas exposições, ampliando, assim, sua visibilidade. Neste trecho, extraído de uma carta enviada a Arthur Burnell, ela comentou com ironia a respeito de algumas notas publicadas nos jornais:

Não vi a nota no *Graphic*, mas minha amiga Amy Edwards quase exagerou na lisonja em duas colunas do *Morning Post*, e fico até corada só de pensar nisso! Mas um pequeno trecho no *Times* de 26 de dezembro me agrada, pois não foi feito por nenhum amigo, creio eu, e me dá crédito apenas pelo que mereço – nada mais (North, 1878d, tradução minha).<sup>272</sup>

Vale ressaltar que *Graphic*, *Morning Post* e *Times* eram jornais britânicos. O comentário acima demonstra a crítica de Marianne North em relação à forma como sua imagem estava sendo construída pela imprensa, bem como a intervenção direta de Amelia Edwards neste processo, já que, como escritora do *Morning Post*, Amelia utilizava sua influência jornalística para destacar mulheres da sua rede de sociabilidade. A própria Marianne North reconheceu este tipo de apoio quando pediu a Amelia Edwards que escrevesse um texto em defesa da escultura *Roma*, de Anne Whitney.

Em outro episódio, Marianne North escreveu a Amelia Edwards manifestando seu descontentamento com o texto publicado na *Academy*, afirmando que o artigo continha diversas informações falsas e trechos que ela mesma nunca havia redigido. Estas distorções, segundo a viajante, foram reproduzidas por jornais locais, tornando-se motivo de piada. Entre os equívocos apontados pela inglesa, estavam detalhes técnicos e observações de viagem, como a afirmação de que “Queenstown situava-se a seis mil pés acima do nível do mar,

---

<sup>271</sup> Texto original: “I opened the Gallery free on Bank holiday and 170 people went – who wanted to know if it was hand work 69 people went the day after the Times notice” (North, 1878q).

<sup>272</sup> Texto original: “I have not seen the notice in the *Graphic* but my friend Any Edwards has almost over done the flattery in 2 columns of the *Morning Post* and it makes me blush even to think of it! but a little bit in the *Times* of December 26th does please me, for it is not done by any friend I think, and gives me credit only for what I deserve – not more” (North, 1878d).

quando, na realidade, não passava de seiscentos”. O caso lhe causou aborrecimento, sobretudo porque o texto vinha sendo republicado por diferentes periódicos<sup>273</sup>.

Além deste episódio, a citação abaixo indica que Amelia Edwards divulgou informações imprecisas sobre o caráter autobiográfico de um esboço da vida de Marianne North. Em resposta às críticas que recebeu, sobretudo da amiga viajante, Amelia Edwards enviou uma carta ao editor do *Hastings and St. Leonards News*, publicada sob o título “O Memorial de Miss North”, na qual procurou esclarecer a origem e a legitimidade do texto.

#### O MEMORIAL DE MISS NORTH

Ao Editor do *The Hastings & St. Leonards News*.

Senhor – Como compreendo que foi publicada em seu jornal uma comunicação que lança dúvidas sobre a autenticidade dos dados utilizados no meu memorial sobre Miss North, peço-lhe o favor e a justiça de também publicar a reprodução do texto abaixo:

A Srta. Amelia B. Edwards escreve-me em referência às nossas *Literary Notes*, nas quais foi afirmado que, na ausência da Srta. Marianne North (que atualmente se encontra em Mahé, Seychelles), “suas amigas mais íntimas recusam-se a atestar o caráter autobiográfico reivindicado para o ‘pequeno esboço de sua vida’ que apareceu no jornal *The Queen* em 18 de dezembro de 1880”. Como uma das amigas mais próximas dessa senhora – e autora do referido esboço –, confio que você me concederá gentilmente espaço para responder: (1) que a própria Srta. North me informou quais eram os materiais utilizados para o artigo em questão; (2) que não acrescentei nada a esses materiais que não tivesse sido autorizado e aprovado pela própria Srta. North; (3) que os documentos originais, escritos de próprio punho por Miss North, foram tratados com o máximo cuidado, levando-se em conta apenas pequenas imprecisões relativas a datas, períodos de tempo e coisas semelhantes. Desde a publicação do *memoir*, fui alertada sobre tais detalhes e posso acrescentar que a própria Srta. North sempre foi extremamente precisa em suas declarações; o tom de seus escritos revela traços de detalhe autobiográfico redigidos enquanto estava no mar, confiando – como agora concluo – apenas na própria memória. Nenhuma sugestão contrária foi feita, nem qualquer falta de autenticidade foi introduzida em seu texto, o que, de

<sup>273</sup> Ver texto: “Eu gostaria que você não tivesse colocado aquela coisa na *Academy* – está cheia de coisas que eu nunca escrevi e que não são verdade e foi copiada para os jornais locais, transformando-me em uma piada. A ideia de que Queenstown está a 6.000 pés acima do nível do mar! Não está nem a 600! [...] Você é muito bem-vinda a enviar minha fotografia para o *Graphic*, se eles aceitarem – fotografias geralmente são verdadeiras –, e seria bom para o artista que a tirou tão bem vê-la publicada [...] por favor, me desculpe por esta nota curta, mas achei melhor contar-lhe sobre os aborrecimentos que este artigo está me causando – só ontem à noite encontrei outro trecho sobre ele – no *Mercury* de Natal” (North, 1884a, tradução minha). Texto original: “I wish you had not put that thing in the Academy, it is full of things I never wrote & which are untrue – & has been copied into local papers & turned me into a joke – the idea of Queenstown being 6000 feet above the sea! It is not 600! [...] You are most welcome to send my photograph to the Graphic if they would have it photographs are generally true & it would be good for the artist who did it so well to have it published [...] Please excuse this short note but I thought it best to tell you the bothers that article is causing me – only last night I found another bit about it – in the *Mercury* of Natal” (North, 1884a).

outro modo, eu teria me apressado em verificar (*Hastings and St. Leonards News*, 18 jan. 1884, tradução minha).<sup>274</sup>

Nesta resposta, Amelia Edwards apresenta um esforço de defesa tanto da sua reputação como escritora quanto da legitimidade dos materiais utilizados em seu “memorial” sobre Marianne North, que, como destacado, era uma das amigas mais próximas dela. No trecho citado acima, Amelia enfatiza a autorização prévia da viajante e a fidelidade aos manuscritos originais, numa tentativa de restabelecer a credibilidade de ambas.

Neste sentido, as redes de sociabilidade aparecem como elementos centrais para compreender a divulgação e o reconhecimento das atividades de Marianne North ligadas ao campo artístico e botânico. A correspondência demonstra que ela se preocupava com a recepção pública das suas exposições e participava ativamente na construção de sua imagem artística. A relação com Amelia Edwards, em particular, teve papel relevante na inserção de seu nome na mídia vitoriana, ampliando o alcance da sua produção e consolidando sua posição no campo das artes e das viagens.

Marianne North realizou exposições em diferentes lugares renomados, como o South Kensington Museum, o edifício de Thomas Brassey e a Royal Geographical Society. Contudo sua principal atividade foi a criação de uma galeria de arte permanente. Em carta ao médico e amigo Arthur Burnell, ela expressou este desejo:

Gostaria de construir uma galeria próxima aos jardins do Kew (ou dentro deles), pendurar minhas pinturas e servir café e chá a todos os visitantes cansados – com uma casinha anexa para ferver a água e um quarto extra para mim, para me recolher e pintar quando quisesse descanso e árvores verdes. Se Sir Joseph pudesse me arranjar um pedaço de terra, eu construiria isso e o

<sup>274</sup> Texto original: “Miss North’s Memoir. To the editor of ‘The Hastings & St. Leonards News’. Sir, – As I understand that a communication casting doubt on the authenticity of the data used for my memoir of Miss North has found space in your paper, may I request you to do me the favour and the justice to insert also a reprint of the subjoined: Miss Amelia B. Edwards writes to me with reference to our Literary Notes, in which it was stated that, in the absence of Miss Marianne North (who is now at Mahé, Seychelles), ‘her most intimate friends decline to vouch for the autobiographical character claimed for the ‘little sketch of her life’ which appeared in the *Queen* newspaper on December 18, 1880.’ As one of this lady’s most intimate friends, and the writer of the said sketch, I trust you will kindly grant me space to reply (1) that Miss North herself informed me which of the materials for the article in question; (2) that I have added nothing to those materials which was not sanctioned by Miss North’s own full permission and authority; (3) that the original documents in Miss North’s handwriting were regarded with the utmost care, as regards certain minor inaccuracies of dates, periods of time, and the like. My attention has been directed since the publication of the memoir, I may add that Miss North’s own always scrupulously exact in her statements, whose tone betrays of autobiographical detail while at sea, trusting, as I now conclude, her memory only. No suggestion otherwise, no unauthenticity made use of her tone, which otherwise I should have been startled to verify” (*Hastings and St. Leonards News*, 18 jan. 1884).

deixaria para ele e para os futuros diretores dos jardins, junto às pinturas (North, 1878q, tradução minha).<sup>275</sup>

A galeria construída no Kew Gardens é a exposição mais famosa e, possivelmente, a mais importante da trajetória de Marianne North<sup>276</sup>. Em parceria com Joseph Hooker, na época diretor do museu, a viajante criou um espaço destinado à exibição de mais de 600 pinturas realizadas ao longo das suas viagens pelo globo terrestre que abordam aspectos da flora mundial<sup>277</sup>. Para alguns autores, a galeria é um espaço que pode ser compreendido como

---

<sup>275</sup> Texto original: “I should like to build a Gallery close to the pleasure grounds (or in them) at Kew, hang my pictures and have coffee and tea for all the poor tired visitors – with a cottage attached to boil the kettle in – and a spare room for myself to go and sulk and paint in when I want rest and green trees. If Sir Joseph could find me a bit of ground I would build this – and leave it to him and future directors of the gardens, pictures” (North, 1878q).

<sup>276</sup> Para saber mais, acessar: <https://www.kew.org/kew-gardens/whats-in-the-gardens/marianne-north-gallery>.

<sup>277</sup> Ver texto: “Há alguns anos, uma ampla série de pinturas de plantas realizadas pela Srta. Marianne North foi exibida em uma das longas galerias do South Kensington Museum, despertando merecida admiração. Desde então, a coleção foi grandemente ampliada: uma nova série inteira de desenhos de plantas australianas foi acrescentada; uma galeria apropriada, projetada pelo Sr. James Ferguson, foi erguida para abrigar as obras nos Jardins de Kew; e todo o conjunto – o edifício e os desenhos – foi generosamente doado ao público pela Srta. North. A coleção compreende nada menos que 627 exemplares, constituindo, de longe, a série mais completa e, ao mesmo tempo, mais precisa de ilustrações da flora mundial existente. As pinturas são estudos em óleo sobre papel, altamente detalhados, e, em todos os casos, os objetos representados foram pintados no próprio local. O que isso implica e a extensão das viagens dessa senhora podem ser inferidos pelo fato de ela ter explorado os países mais remotos e menos conhecidos dos dois hemisférios – Tenerife, Jamaica, Brasil, Califórnia, Bornéu, Austrália Ocidental, Ceilão e o Himalaia. A coleção abrange flores, plantas, árvores e grupos de árvores característicos, bem como estranhos insetos e répteis dos diferentes países ilustrados. Enquanto as exigências dos botânicos são amplamente atendidas pela fidelidade e pelo acabamento das pinturas, e autoridades científicas competentes certificam que as obras não podem ser superadas em precisão. Sir Joseph Hooker, em particular, afirmou que ‘é impossível superestimar o interesse e o valor da coleção botânica em conexão com os interesses dos jardins, as estufas e os museus de Kew’” (*Illustrated London News*, 17 jun. 1882, tradução minha). Texto original: “Some years back an extensive series of paintings of plants by Miss Marianne North was exhibited in one of the long galleries at South Kensington, and deservedly excited much admiration. Since then the collection has been greatly extended; an entirely new series of drawings from Australian plants have been added; a suitable gallery, from designs by Mr. James Fergusson, has been erected for the reception of the works in Kew Gardens; and the whole – building and drawings – have been munificently presented to the public by Miss North. The collection comprises no less than 627 examples, and forms incomparably the most complete, and at the same time the most accurate series of illustrations of the flora of the world in existence. The paintings are highly finished studies in oil on paper, and in all cases the objects represented have been painted on the spot. What this implies and what the range of this lady’s travels have been will be inferred from the fact that she has explored the remotest and least-known countries of the two hemispheres – Teneriffe, Jamaica, Brazil, California, Borneo, Western Australia, Ceylon, and the Himalayas. The collection comprises characteristic flowers, plants, trees, and groups of trees, and also strange insects and reptiles of the different countries illustrated; while the requirements of the botanists are amply met by the fidelity and finish of the paintings, competent scientific authorities certifying that the paintings cannot be surpassed in accuracy. Sir Joseph Hooker, in particular, says that ‘it is impossible to overrate the interest and value of the plant-house collection in connection

um museu; para outros, trata-se de um “gabinete vitoriano”, uma forma híbrida entre arte e ciência (Sheffield, 1997; Gladston, 2012). A Figura 4 mostra a fachada da galeria. O espaço permanece aberto à visitação.

Figura 4 – North Gallery, Kew Gardens



Fonte: <https://www.kew.org>.

É interessante ressaltar a forma como a presença “feminina” nas instituições científicas foi veiculada na época. Conforme observa Morgan (1993), esta representação estava enraizada em concepções coloniais e de gênero típicas da sociedade vitoriana. Além de Morgan (1993), a interpretação de Gazzola (2001, p. 32) amplia esta leitura ao destacar o caráter eurocêntrico e classificatório do projeto da artista:

A obra de Marianne North responde com clareza ao projeto eurocêntrico, que trata de incorporar a realidade dos países visitados às ordens e categorias do conhecimento europeu. [...] Também, a organização da coleção na *North Gallery*, feita pela própria pintora, reproduz os mesmos princípios classificatórios: a tendência a incluir objetos “autênticos” trazidos dos países visitados e a própria disposição dos quadros, lado a lado e sem espaço entre as obras, como uma coleção de selos colada nas paredes da galeria. North se situa, em termos de seus objetos e estilo, totalmente dentro da tradição, pois opta pelo naturalismo que caracteriza a maioria dos chamados artistas viajantes e escolhe como objeto privilegiado aquilo que, na natureza, mais se

---

with the interests of the gardens, plant houses, and museums of Kew” (*Illustrated London News*, 17 jan. 1882).

afina com o sujeito feminino: a flora, que predomina sobre as paisagens, seu outro campo de interesse.

Deste modo, a galeria de Marianne North pode ser compreendida simultaneamente como uma afirmação de autoria “feminina” e um reflexo dos ideais imperiais de seu tempo. Sua obra materializa tanto a capacidade de inserção de uma mulher nas esferas da arte e da ciência quanto a permanência das hierarquias raciais e culturais que sustentavam o império britânico (Morgan, 1993; Gazzola, 2001).

Como mencionado, é possível observar que o esforço de Marianne North em tornar conhecidas suas produções encontraram na imprensa um instrumento fundamental de divulgação e legitimação. Os jornais não apenas noticiavam suas exposições, mas também ajudavam a construir sua imagem pública como artista e viajante. Um exemplo expressivo é o artigo do *Bath Chronicle and Weekly Gazette* (14 set. 1882), que elogia a qualidade das suas obras e lamenta a falta de reconhecimento institucional: “As obras merecem ser vistas”, escreve o autor, surpreso ao constatar que “um cavalheiro de vasto conhecimento” jamais ouvira falar de Marianne North. O texto conclui afirmando que “uma artista tão generosa mereceria um reconhecimento público muito maior do que recebeu” e acrescenta que, “se fosse na França ou na Alemanha, serviços e dádivas como os de Marianne North seriam recompensados com ordens de mérito” (*Bath Chronicle and Weekly Gazette*, 14 set. 1882, tradução minha).

A imprensa britânica, em diferentes periódicos, insistia em destacar o gênero da artista: uma mulher viajando sozinha, enfrentando condições adversas e dedicando-se a um trabalho geralmente associado a homens de ciência. Como registra o *Hastings and St. Leonards News* (26 maio 1882), Marianne North realizou suas pinturas “sob condições de dificuldade, isolamento e perigo”. Aliás, esta noção do sacrifício e da coragem inscreve-se, mais uma vez, na tradição do viajante heroico dos séculos XVIII e XIX, cuja figura era associada à masculinidade, à exploração e à conquista do desconhecido (Schiebinger, 2004).

Mary Terrall sugeriu que os viajantes científicos do século XVIII moldavam suas expedições em narrativas que contribuíam para exaltar um novo e muito valorizado tipo de masculinidade heroica. Esses relatos de viagem apresentavam “aventureiros-cientistas” que enfrentavam uma natureza que apresentava risco à vida, nativos selvagens e colonos hostis, tudo em nome da ciência (Schiebinger, 2004, p. 65, tradução minha).<sup>278</sup>

<sup>278</sup> Texto original: “Mary Terrall has suggested that eighteenth-century scientific voyagers fashioned their exploits into narratives that served to heighten a new and much-prized variety of heroic masculinity. These travel narratives featured ‘adventurer-scientists’ who encountered life-

Como discutido nos capítulos 1 e 2, os relatos sobre Marianne North apropriam-se desta mesma lógica, uma vez que, ao percorrer o mundo, ela incorporava virtudes como determinação, bravura e disciplina. Deste modo, esta construção heroica permeia tanto as notícias de jornal quanto as biografias publicadas após sua morte, nas quais Marianne North é representada como uma grande heroína e dama vitoriana que, apesar dos limites impostos ao seu gênero, conseguiu se destacar nas viagens e na arte (Sheffield, 1997; Gladston, 2012).

As descrições da imprensa enfatizam esse caráter “extraordinário”. Um artigo do *Hastings & St. Leonards Times* narra:

Ela explorou florestas tropicais, buscou os refúgios dos beija-flores, aventurou-se por um dia inteiro na mata para desenhar algum raro arbusto australiano e se sentou por horas observando o voo de papagaios e esquilo-voadores entre os frutos. Seu método consistia em pintar qualquer flor, árvore, grupo de árvores ou paisagem que lhe parecesse bela ou característica diretamente no local e literalmente “com os olhos sobre o objeto”. Quando estava trabalhando, nunca parava a não ser por falta de luz, mas pintava continuamente por horas e horas até que o esboço estivesse completo, para que nenhuma mudança ou acidente interferisse em sua perfeita precisão. Balzac, em algum lugar, descreve as virtudes dos grandes pintores holandeses como sendo “paciência e consciência”; e estas, certamente, pertencem à Srta. North (*Hastings & St. Leonards Times*, 24 jun. 1882, tradução minha).<sup>279</sup>

O mesmo discurso que exaltava sua coragem e competência também reproduzia as fronteiras de gênero da sociedade vitoriana. Embora fosse celebrada como uma “heroína” da arte e da ciência, Marianne North continuava enquadrada pela imprensa como uma “artista amadora” e “botânica entusiasta”, termos que suavizavam o alcance da sua autoridade intelectual e científica<sup>280</sup>. O periódico *Hastings & St. Leonards Times* também reforçava esta

---

threatening nature, wild natives, and hostile colonials all in the service of Science” (Schiebinger, 2004, p. 65).

<sup>279</sup> Texto original: “She has explored tropical forests, has found the haunts of humming-birds, has gone a whole day’s journey into the bush to draw some rare Australian shrub, and has sat for hours watching the movements of the parrots or the flying squirrels among the fruit. Her method has been to paint any flower, or tree, or group of trees, or landscape that struck her as beautiful or characteristic on the spot, and literally ‘with her eye on the object.’ When at work she never stopped except for want of light, but painted steadily on for hours and hours until the sketch was complete, lest any change or accident should interfere with its perfect accuracy. Balzac somewhere describes the virtues of the great Dutch painters as ‘patience and conscience;’ and these certainly have fallen to the lot of Miss North” (*Hastings & St. Leonards Times*, 24 jun. 1882).

<sup>280</sup> Ver texto: “Nossos leitores devem lembrar-se de que apresentamos, há algum tempo, o retrato da Srta. Marianne North, uma dama de grandes conquistas, artista amadora e botânica entusiasta, que generosamente doou sua vasta coleção de desenhos botânicos à instituição nacional dos Jardins de Kew, sob a direção de Sir Joseph Hooker” (*Illustrated London News*, 28 abr. 1883, tradução

ideia, ao afirmar que, “embora Miss North não seja botânica no sentido estrito da palavra, possui um faro extraordinário para espécimes raros, e muitos de seus esboços representam tipos totalmente ou quase desconhecidos na Europa ou extremamente escassos de conseguir, mesmo nos jardins mais bem organizados” (*Hastings & St. Leonards Times*, 24 jun. 1882, tradução minha).<sup>281</sup>

Esta contradição aponta o duplo olhar da imprensa vitoriana sobre as mulheres na ciência e na arte: por um lado, havia admiração pelo talento; por outro, a reafirmação de limites sociais. Marianne North era simultaneamente elogiada por desafiar convenções, mas constantemente lembrada de que sua posição no mundo das ciências naturais e das artes ainda era a de uma mulher.

Assim como Marianne North, o nome de Maria Graham é frequentemente mencionado na imprensa britânica, tanto nas metrópoles (Inglaterra, Escócia e País de Gales) quanto nas colônias (Jamaica e Índia, entre outras). Estes periódicos publicavam com frequência anúncios de viagens marítimas, notícias sobre descobertas naturais e resenhas de livros e exposições, compondo uma rede global de difusão do conhecimento imperial (Potter, 2007). Nela, o nome de Maria Graham aparece vinculado à literatura de viagem e ao mercado editorial, através de anúncios de seus livros e pequenas notas sobre sua vida familiar.

#### 4.4 MARIA GRAHAM E A PRODUÇÃO LITERÁRIA

Conforme destaca Aspinall (1946, p 30), “foi calculado, em 1829, que, em média, cada jornal londrino era lido por trinta pessoas”. O acesso coletivo à leitura e a ampla circulação de jornais e revistas criaram um ambiente de troca de informações, no qual as viagens, as descobertas científicas e os relatos de exploração tornaram-se temas de leitura. Neste contexto, as mulheres viajantes encontraram diferentes caminhos para tornar visíveis suas experiências, seja por meio da publicação de livros, seja pela exposição de obras artísticas.

---

minha). Texto original: “Our readers will remember that we presented, some time ago, the Portrait of Miss Marianne North, a lady of high accomplishments, an amateur artist and enthusiastic botanist, who had generously made a gift of her large collection of botanical drawings to the national institution at Kew Gardens under the direction of Sir Joseph Hooker” (*Illustrated London News*, 28 abr. 1883).

<sup>281</sup> Texto original: “[...] moreover, Miss North, although no botanist in the strict sense of the word, has an extraordinary flair for rare specimens, and great numbers of her sketches represent types which are either wholly or almost unknown in Europe, or exceedingly scarce and difficult to procure even in the best organized gardens” (*Hastings & St. Leonards Times*, 24 jun. 1882).

No caso de Maria Graham, os periódicos britânicos publicaram uma série de anúncios dos seus livros de viagem, sobretudo entre as décadas de 1820 e 1830, período em que foram lançadas as obras *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823* e *Journal of a residence in Chile during the year 1822; and a voyage from Chile to Brazil in 1823*. Em jornais como o *Shrewsbury Chronicle* (16 jul. 1824) e o *Saint James's Chronicle* (20 mar. 1824), o nome da autora aparecia ao lado de naturalistas renomados, como Spix e Martius, na divulgação destes anúncios editoriais.

Obras Interessantes e Importantes, recentemente publicadas por Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown e Green, Londres.  
*Viagens pelo Brasil, nos anos de 1817, 1818, 1819 e 1820*, empreendidas sob as ordens de Sua Majestade, o Rei da Baviera, e publicadas sob seu patrocínio especial, por Dr. John von Spix e Dr. Charles von Martius. [...] *Diário de uma estadia no Chile; e Viagem pelo Pacífico, nos anos de 1822 e 1823*, precedido por um relato das revoluções no Chile desde o ano de 1810 e, particularmente, das transações do esquadrão chileno sob o comando do Lorde Cochrane, por Maria Graham, autora de *Residence in India*, etc. Um volume, formato 4to, com gravuras. Preço: £2, 12s. 6d. encadernado (*Shrewsbury Chronicle*, 16 jul. 1824, tradução minha).<sup>282</sup>

Os livros eram anunciados de acordo com a editora, que dispunha de espaços específicos nos jornais para divulgar as obras recém-lançadas. As publicações de Maria Graham eram apresentadas sem grandes descrições de conteúdo, mas com destaque para o nome da autora, o número de gravuras e o preço do volume (Porto, 2017). O fato de suas obras aparecerem ao lado de títulos de viajantes homens demonstra que, apesar de inserida em um campo editorial dominado pelo masculino, Maria Graham ocupava um espaço importante dentro deste círculo literário.

Neste outro anúncio, o texto associa a autora ao prestígio dos viajantes e enfatiza sua capacidade de observação:

Publicadas hoje, em formato oitavo, com nove gravuras e um mapa do norte da Índia, ao preço de 14 xelins, encadernadas em brochura: *Letters on India*, de Maria Graham. “Mrs. Graham ocupa posição de destaque entre os viajantes; ela é ao mesmo tempo uma observadora ativa e inteligente.

<sup>282</sup> Texto original: “Interesting & Important Works, Just Published by Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green, London. Travels in Brazil, in the Years 1817, 18, 19, and 20. Undertaken by the command of His Majesty the King of Bavaria and published under his special patronage. By Dr. John von Spix and Dr. Charles von Martius. [...] Journal of a Residence in Chile; and Voyage from the Pacific, in the Years 1822 and 1823; preceded by an Account of the Revolutions in Chile, since the Year 1810, and particularly of the Transactions of the Squadron of Chile under Lord Cochrane. By Maria Graham, Author of ‘Residence in India,’ &c. &c. 1 vol. 4to, with Engravings, price £2, 12s. 6d. Bds” (*Shrewsbury Chronicle*, 16 jul. 1824).

Contempla as belezas da natureza com viva sensibilidade e as descreve com habilidade” (*Electric Review*, dezembro de 1813). Impressa por Archibald Constable and Co., em Edimburgo, e por Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, em Londres. Disponível também, da mesma autora, o livro *Journal of a residence in India*, em um volume in-quarto, segunda edição, ao preço de 1 libra, 13 xelins e 6 pence, encadernado e ilustrado com gravuras (*Caledonian Mercury*, 09 jan. 1815, tradução minha).<sup>283</sup>

É interessante observar o modo pelo qual o texto apresenta a imagem de uma viajante “sensível e observadora”, características consideradas socialmente aceitáveis para uma mulher escritora. Esta representação reforça o ideal “feminino” que vem sendo discutido ao longo da tese, segundo o qual a experiência das mulheres na viagem deveria estar associada à emoção, à delicadeza e à moralidade (Sheffield, 1997; Gazzola, 2001).

Além disso, é válido mencionar que as transformações técnicas e legais da indústria do livro britânico favoreceram o surgimento de autoras como Maria Graham. O barateamento da produção de gravuras e a Lei dos Direitos Autorais de 1710 (*Statute of Anne*), ao consolidar a figura do escritor profissional, possibilitaram que mais mulheres publicassem e fossem remuneradas por sua escrita. Embora o número de autoras ainda fosse reduzido, estima-se que quase mil mulheres tenham publicado obras entre 1695 e 1830 (Grundy, *apud* Porto, 2017).

Diferentemente de Porto (2017), que afirma que os anúncios sobre Maria Graham não traziam informações sobre o conteúdo das suas obras, um artigo do *Caledonian Mercury* demonstra o contrário: o jornal não apenas mencionava a autora e suas viagens, mas também resumia extensamente os temas e argumentos centrais do livro, apresentando-os como fonte de conhecimento sobre o Brasil e o Chile.

[...] esta obra da Sra. Graham é agradável e instrutiva, e certamente preenche uma lacuna em nosso conhecimento não apenas do país, mas também dos homens e mulheres por meio dos quais esse novo estado de coisas foi alcançado (*Caledonian Mercury*, 03 maio 1824, tradução minha).<sup>284</sup>

<sup>283</sup> Texto original: “This day were published, in octavo, with nine engravings, and a map of the north of India, price 14s. boards, Letters on India. By Maria Graham. ‘Mrs Graham stands very high in the rank of travellers. She is both an active and an intelligent observer. She looks abroad upon the beauties of nature with a warm sensibility and describes them with skill’. – *Electric Review*, Dec. 1813. Printed for Archibald Constable and Co. Edinburgh, and Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, London. Of whom may be had, by the same Author, Journal of a Residence in India. In one volume 4to. The second edition. Price L.1 13s. 6d. boards, illustrated by engravings” (*Caledonian Mercury*, 09 jan. 1815).

<sup>284</sup> Texto original: “This work by Mrs Graham is amusing and popular; and it certainly fills up a blank in our knowledge of these countries, giving us not only more precise notions of what has taken place there, but of the characters of those by whom the result has been accomplished” (*Caledonian Mercury*, 03 maio 1824)

A matéria<sup>285</sup> é extensa e revela que, no contexto da Independência do Brasil, a imprensa britânica reconhecia em Maria Graham uma observadora atenta aos acontecimentos políticos e sociais, capaz de apresentar ao público europeu um mundo recém-independente, ainda marcado pela escravidão, pela instabilidade política e pelos dilemas morais do colonialismo. Ao destacar sua “capacidade de observação” e suas “vivas descrições de cenários e costumes”, o texto reforça o discurso da autora baseado na sensibilidade e na moralidade.

A moralidade europeia e a benevolência refinada da Sra. Graham a deixaram profundamente chocada com angustiantes cenas que o tráfico de escravos suscitava. Foi ali que ela viu pela primeira vez o mercado de escravos e ficou profundamente abalada pelo espetáculo (*Caledonian Mercury*, 03 maio 1824, tradução minha).<sup>286</sup>

A abordagem do jornal enfatiza a condenação da autora à escravidão e à corrupção social e posiciona a viajante como “porta-voz” dos valores civilizatórios europeus, em que a experiência de Maria Graham é mobilizada para confirmar a “superioridade moral” britânica diante das colônias recém-independentes. O discurso apresentado do *Caledonian Mercury* não apenas legitima o olhar da viajante, mas o insere em uma lógica imperial de levar a civilização e o progresso aos espaços “atrasados” do mundo, conforme inscrito na ideia do “fardo do homem branco” (Dias, 1974; Pratt, 1999; Silva, 2009).

---

<sup>285</sup> Ver um trecho do texto: “A autora, Sra. Graham, já é conhecida do público por seus outros escritos, por sua capacidade de observação e por suas vivas descrições de cenários e costumes. Ela acompanhou o marido, o Capitão Graham, da fragata ‘Doris’, ao Brasil e ao Chile; e o presente livro trata inteiramente deste último país, dos sentimentos políticos do povo, de seus costumes, do estado de progresso e de diversos outros aspectos observados enquanto o navio visitava diferentes portos. [...] Concluindo, esta obra da Sra. Graham é agradável e instrutiva e certamente preenche uma lacuna em nosso conhecimento não apenas do país, mas também dos homens e mulheres por meio dos quais este novo estado de coisas foi alcançado” (*Caledonian Mercury*, 03 maio 1824, tradução minha). Texto original: “The writer, Mrs. Graham, is already known to the public by her other works; and her capacity for observation, and for lively delineations of scenery and manners, has been generally admitted. She accompanied her husband, Captain Graham, of the Doris frigate, to Brazil and Chili; and the present work relates entirely to the former country, to the political sentiments of the people, their manners, the state of improvement, and various other particulars, collected as the vessel touched at the different ports. [...] To conclude, this work by Mrs. Graham is amusing and popular; and it certainly fills up a blank in our knowledge of these countries, giving us not only more precise notions of what has taken place there, but of the characters of those by whom the result has been accomplished” (*Caledonian Mercury*, 03 maio 1824).

<sup>286</sup> Texto original: “The European morality, and refined benevolence of Mrs Graham, was greatly shocked by the distressing scenes to which the slave trade gave rise. It was here where she first saw the slave market; and her feelings were greatly agitated by the spectacle” (*Caledonian Mercury*, 03 maio 1824).

#### 4.5 REFLEXÕES SOBRE AS MULHERES VIAJANTES

Ao longo deste capítulo, buscou-se analisar como as mulheres evidenciaram diferentes estratégias de gênero e negociações no universo das viagens, da literatura e das artes. Embora a abundância de fontes tenha favorecido uma maior ênfase na figura de Marianne North, buscou-se também refletir sobre o percurso de Maria Graham e situá-la dentro do mesmo contexto de redes, deslocamentos e práticas culturais.

No decorrer da pesquisa, o olhar para a classe média inglesa foi fundamental para compreender as trajetórias de Maria Graham e Marianne North. Ambas se situavam num segmento social em expansão, caracterizado pela educação. Diferentemente das mulheres aristocráticas, que podiam viajar por lazer e *status*, e das trabalhadoras, que viajavam por necessidade econômica, ou, na grande maioria das vezes, nem viajavam, Maria Graham e Marianne North representavam uma classe média intelectualizada, que dependia de um equilíbrio entre independência e moralidade (Jordan, 1999; Jones, 2001; Holmes, 2020), e é neste ponto que elas mais se aproximam. Mesmo dispondo de recursos financeiros para viajar, Maria e Marianne não eram extravagantes: precisavam gerir cuidadosamente suas finanças, planejar deslocamentos, vender ou publicar suas obras e, sobretudo, negociar espaços de legitimidade.

É possível afirmar que suas afinidades não se explicam apenas por gênero, mas, sobretudo, pela condição social compartilhada<sup>287</sup>. Ambas construíram suas carreiras por meio de redes de sociabilidade, exploraram as possibilidades oferecidas pelo império e souberam usar os instrumentos disponíveis (cartas, livros, jornais, exposições) para ampliar seus horizontes e consolidar uma imagem pública de mulheres instruídas e respeitáveis. As diferenças de estado civil – Maria Graham viúva e Marianne North solteira – influenciaram suas escolhas e liberdades em momentos distintos, mas não alteraram o fato de que ambas permaneceram vinculadas aos valores e às limitações da classe média inglesa.

Por fim, destaca-se a importância de que novos estudos sobre a história das mulheres e das relações de gênero atentem para o papel desta classe média. As trajetórias de Maria Graham e Marianne North mostram que compreender o gênero sem considerar a classe é insuficiente; da mesma maneira que compreender gênero e classe sem atentar para a raça também é limitado. Foram justamente os valores, as limitações e as possibilidades desta

---

<sup>287</sup> Cabe aqui destacar a importância das discussões sobre interseccionalidade (Crenshaw, 2002).

classe média branca que moldaram o modo como elas viajaram, escreveram, pintaram e se tornaram visíveis no mundo imperial britânico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Porei aqui fim à minha narração. Se ela está bem, e como convém à história, isso é também o que eu desejo; mas se, pelo contrário, é menos digna do assunto, deve-se me perdoar.

(Graham, 1956, p. 366)

Com estas palavras, Maria Graham encerra o relato da sua viagem ao Império do Brasil, reconhecendo os limites de uma escrita que se pretende ser fiel à experiência, mas trazendo o contexto das restrições impostas à voz “feminina” no século XIX. Este gesto de autodesqualificação era uma das estratégias recorrentes entre mulheres oitocentistas. Por meio dela, viajantes como Maria Graham e Marianne North ocuparam espaços tradicionalmente destinados aos homens, como o da literatura, da botânica e das artes. Tratava-se de uma forma de negociação com o ideal da domesticidade que confinava as mulheres ao espaço privado (Sheffield, 1997; Franco, 2017).

Encerrar esta pesquisa com as palavras de Maria Graham é, portanto, também reconhecer o dilema vivido por tantas viajantes do período: o de afirmar-se como autora, observadora, naturalista e artista, sem transgredir completamente os limites do que se esperava de uma “senhora inglesa respeitável” (Sheffield, 1997; Gazzola, 2001). Neste sentido, a tese buscou compreender quais foram as estratégias de gênero e as negociações realizadas por Maria Graham e Marianne North para atuar em espaços marcados pela exclusão.

Grande parte dos estudos sobre mulheres viajantes concentrou-se na análise dos diários de viagem, ressaltando que todo relato fala tanto do mundo visitado quanto do olhar de quem o escreve (Leite, 1997). No entanto, esta tese procurou ir além desta leitura tradicional, ao examinar como duas mulheres inglesas, Maria Graham e Marianne North, conseguiram viajar, escrever, pintar, publicar e expor suas obras em um contexto social que limitava a autonomia “feminina”.

Deste modo, a pesquisa demonstrou que, além das redes de sociabilidade, estas mulheres precisaram dispor de recursos concretos: dinheiro, criados, cartas de recomendação e autorizações de embarque. Viajar exigia planejamento e conexões; publicar ou expor, ainda mais. Maria Graham contou com a legitimidade conferida pelo casamento e, posteriormente, pela viuvez, que lhe abriu novos horizontes intelectuais; Marianne North, por sua vez, transformou a condição de solteira em “autonomia” e liberdade de circulação.

Marianne North se destacou por uma postura mais ativa e central nas redes de sociabilidade de que participou: organizava encontros, mediava relações e discutia com homens e mulheres de diferentes classes e países. Com isso, criou uma ampla rede de apoio “feminino”. Já Maria Graham operou em espaços mais restritos, marcadamente pela presença masculina, mas igualmente significativos. Por esta razão, suas experiências demonstram que as fronteiras impostas às mulheres do século XIX não foram barreiras intransponíveis, mas campos de negociação nos quais era preciso encontrar brechas para escrever, pintar e catalogar.

Ao analisar estas trajetórias, entende-se que as categorias tradicionalmente utilizadas para definir estas mulheres, como “viajante-artista”, “viajante-cientista” ou “viajante-escritora”, são insuficientes para explicar suas vidas. Mais do que os rótulos atribuídos *a posteriori* – ou mesmo os títulos pelos quais foram reconhecidas em seu tempo –, o que se evidencia é a prática efetiva da observação, do registro e da interpretação do mundo natural e social. Ainda que não ocupassem posições formais nas instituições científicas ou artísticas, suas escritas e produções visuais mobilizavam procedimentos centrais do empirismo moderno, como a observação direta, a comparação e a descrição sistemática, visíveis, por exemplo, nos relatos de Maria Graham sobre fenômenos naturais, como o terremoto no Chile, ou nas detalhadas pinturas botânicas de Marianne North. Estas práticas se desenvolviam, muitas vezes, à margem ou independentemente dos circuitos institucionais consagrados, apresentando a viagem como um espaço privilegiado de produção de saber.

Neste sentido, conclui-se que a viagem é um campo específico de saber em consolidação ao longo do século XIX, dotado de relativa autonomia e capaz de dialogar com múltiplas áreas – ciência, arte, literatura e política – sem se reduzir plenamente a nenhuma delas. A condição de viajante reunia, em si, estas dimensões, permitindo que sujeitos como Maria Graham e Marianne North transitassem entre diferentes regimes de conhecimento. Esta experiência, contudo, não pode ser dissociada do contexto imperial. O Império Britânico fornecia a infraestrutura material, simbólica e política que tornava estas viagens possíveis: rotas, redes de sociabilidade, circulação de informações, proteção diplomática e acesso a territórios distantes. Ao mesmo tempo, moldava profundamente a forma como estas mulheres viam, narravam e se posicionavam no mundo.

As trajetórias de Maria Graham e Marianne North demonstram, assim, como o imperialismo não apenas enquadrava suas experiências, mas também produziu um espaço ambíguo de atuação. Como sugere Pratt (1999), ao tratar do processo de transculturação, as personagens desta tese, enquanto viajantes inglesas, participaram da difusão de valores e

saberes associados ao projeto imperial. Contudo suas experiências não se limitaram a uma lógica unidirecional de dominação. A viagem operou como uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que reforçava hierarquias imperiais, possibilitava encontros, trocas e a emergência de formas específicas de agência, inclusive para sujeitos considerados “subalternos” em seus contextos de origem. Neste sentido, as experiências de Maria Graham e Marianne North configuram uma experiência “feminina” de viagem que só pode ser compreendida plenamente no interior da malha imperial – uma experiência que não existiria fora deste contexto histórico específico.

Esta tese encerra, assim, um ciclo de pesquisa iniciado ainda no 3º período da graduação em História, quando o estudo dos diários de viagem escritos por mulheres despertou o interesse pela presença “feminina” em espaços intelectuais, artísticos e científicos. Reunir, nesta análise, duas mulheres inglesas, Maria Graham e Marianne North, significou mais do que aproximar duas trajetórias individuais: foi uma tentativa de compreender as formas de atuação e as estratégias “femininas” que lhes permitiram existir e produzir dentro de uma mesma lógica de classe e de gênero. Ambas são representativas da classe média vitoriana, cuja cultura e cujos valores e limites ajudaram a moldar seus percursos e suas ambições. Como foi destacado ao final do capítulo 4, compreender esta classe e suas redes de sociabilidade é fundamental para pensar o lugar das mulheres na modernidade inglesa.

Ao concluir a pesquisa, percebi que Maria Graham e Marianne North não estavam situadas em contextos tão distintos quanto imaginei inicialmente; ao contrário, partilhavam experiências e desafios semelhantes, inscritos nas mesmas tensões entre gênero, classe e império.

Por fim, destaca-se que esta tese abre caminhos para novas investigações na historiografia, ao propor o diálogo entre gênero, imprensa e imperialismo. A análise preliminar da presença de mulheres viajantes inglesas nos jornais britânicos demonstra a relevância de ampliar os estudos sobre a forma como a imprensa construiu imagens e discursos sobre o “feminino” em meio à expansão imperial. Neste sentido, esta pesquisa não representa um ponto final, mas um ponto de partida para outros trabalhos que se debrucem sobre a representação das mulheres, especialmente das viajantes, na cultura impressa britânica do século XIX.

### Biografias

AKEL, Regina. **Maria Graham: a literary biography**. New York: Cambria Press, 2009.

GOTCH, Rosamund Brunel. **Maria, Lady Callcott: the creator of little Arthur**. London: John Murray, 1937.

LAGO, Tomás. **La viajera ilustrada: vida de María Graham**. Santiago: Editorial Planeta Chilena, 2000.

### Bibliográficas

GLADSTON, Lynne. **The hybrid work of Marianne North in the context of nineteenth-century visual practice(s)**. Nottingham: University of Nottingham. (PhD Thesis), 2012.

MORGAN, Susan. "Introduction". *In*: NORTH, Marianne. **Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North**. Charlottesville: University of Virginia, 1993.

PRIORE, Mary del. **A viajante inglesa, o senhor dos mares e o imperador na independência do Brasil**. São Paulo: Vestígio, 2022.

SHEFFIELD, Suzanne Le-May. **Beyond the mask of gender: three victorian scientist-naturalists**. Tese (Doutorado em Filosofia). York University, North York, 1997.

### Autobiografias

GRAHAM, Maria. Reminiscences. *In*: GOTCH, Rosamund Brunel. **Maria, Lady Callcott: the creator of little Arthur**. Londres: John Murray, 1937.

NORTH, Marianne. Os primeiros dias e a vida em casa. *In*: GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida (org.). **Lembranças de uma vida feliz**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001.

### Diários de viagem

CALLCOTT, Maria Lady. **Escorço biográfico de d. Pedro I com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

GRAHAM, Maria. **Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823)**: San Martín, Cochrane, O'Higgins. Prólogo de Don Juan Concha. Madrid: Editorial América, 1916.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

GRAHAM, Maria. Escorço biográfico de d. Pedro I com uma notícia do Brasil e do Rio de Janeiro em seu tempo. *In*: GRAHAM, Maria. **Correspondência entre Maria Graham e a imperatriz dona Leopoldina**. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

GRAHAM, Maria. **Journal of a residence in India**. Edinburgh and London: George Ramsay and Company, for Archibald Constable and Company, and Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1812.

GRAHAM, Maria. **Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823**. London: Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown; and John Murray, 1824b.

NORTH, Marianne. **A vision of Eden: the life and work of Marianne North** (Published in collaboration with the Royal Botanic Gardens, Kew). Exeter: Web & Bower Publishers Limited, 1980.

NORTH, Marianne. **Lembranças de uma vida feliz**. Tradução de Ana Lúcia Almeida Gazzola. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001.

NORTH, Marianne. **Recollections of a happy life, being the autobiography of Marianne North**. London & Nova York: Macmillan & Co., 1894.

#### Cartas

GRAHAM, Maria. [Carta]. Para John Murray. Rio de Janeiro, 05 ago. 1823.

GRAHAM, Maria. [Carta]. Para Leopoldina. Londres, 02 nov. 1826.

GRAHAM, Maria. [Carta]. Para Lorde Lynedoch. 1825a.

GRAHAM, Maria. [Carta]. Para Lorde Lynedoch. 20 ago. 1825b.

GRAHAM, Maria. [Carta]. Para William Hooker. 11 abr. 1824a.

HOOKER, Joseph. [Carta]. Para William Dyer. 1879.

LEAR, Edward. [Carta]. Para Arthur Burnell. Londres, 17 ago. 1877.

LEOPOLDINA. [Carta]. Para Maria Graham. Rio de Janeiro, 14 out. 1824a.

LEOPOLDINA. [Carta]. Para Maria Graham. Rio de Janeiro, 06 nov. 1824b.

NORTH, Marianne. [Carta]. Para Alfred Wallace. Wotton-under-Edge, 30 dez. 1889a.

NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. [s.d.a].

NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. 07 ago. 1882.

NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. 20 jul., [s.a.a].

NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. 16 ago., [s.a.b].

NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. 20 ago., [s.a.c].

- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. 15 set., [s.a.d].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Estados Unidos, 18 dez. 1871a.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Katberg, 30 jun. 1883.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, sexta-feira, [s.a.e].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, 05 jun., [s.a.f].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, 09 mai. 1881a.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, maio 1871b.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, 22 maio 1871c.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, 26 maio 1871d.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, 15 jul. 1871e.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Londres, 19 jul. 1871f.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Mahé, 30 jan. 1884a.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Niagara, 23 out., [s.a.g].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Nova York, 23 nov., [s.a.h].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Quarta-feira, [s.a.i].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Sábado, [s.a.j].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Segunda-feira, [s.a.k].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. St. Johns, 26 abr., [s.a.l].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Amelia Edwards. Tasmânia, 1881b.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Annie Wallace. Oratava, [s.d.b].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Annie Wallace. Wotton-under-Edge, 30 dez. 1889b.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Annie Whitney. Londres, maio 1871g.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Annie Whitney. Londres, 09 jun. 1871h.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Agra, 21 mar. 1878a.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Begpore, 18 jan. 1878b.

- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Begpore, 20 jan. 1878c.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Bombay, 11 fev. 1878d.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Cochin, 24 jan. 1878e.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Cochin, 08 fev. 1878f.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Coonoor, 12 jan. 1878g.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Coonoor, 1878h.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Coonoor, 1878i.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Darjeeling, 14 set. 1878j.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Galle, 15 nov. 1878k.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Harwar, 24 abr. 1878l.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Lahore, 02 jun. 1878m.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Londres, 1878n.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Londres, 16 maio 1878o.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Londres, 17 jan. 1880.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Nynee Tal, 24 jul. 1878p.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Perrystone, 9 ago. 1878q.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Arthur Burnell. Simla, 06 jun. 1878r.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Barbara Bodichon. Londres, 15 jun. 1877.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Barbara Bodichon. Londres, 28 jul. 1875.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Dr. Allman. Londres, 24 ago. 1884b.
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Laura Forster. Wotton-under-Edge, 26 nov., [s.a.m].
- NORTH, Marianne. [Carta]. Para Maggie. Santiago, 27 nov. 1884c.

### **Jornais**

*Bath Chronicle and Weekly Gazette*, Bath, 14 set. 1882.

*Brett's St. Leonards and Hastings Gazette and Visitors' Vade Mecum*, Hastings, 21 set. 1878.

- Caledonian Mercury*, Edimburgo, 09 jan. 1815.
- Caledonian Mercury*, Edimburgo, 03 maio 1824.
- Daily News*, Londres, 30 dez. 1880.
- Daily Telegraph & Courier*, Londres, 25 ago. 1880.
- Globe*, Londres, 03 dez. 1885.
- Hastings & St. Leonards Times*, Hastings, 23 out. 1880.
- Hastings & St. Leonards Times*, Hastings, 24 jun. 1882.
- Hastings and Bexhill Independent*, Hastings, 21 out. 1880.
- Hastings and St. Leonards News*, Hastings, 26 maio 1882.
- Hastings and St. Leonards News*, Hastings, 18 jan. 1884.
- Hastings and St. Leonards Observer*, Hastings, 28 jun. 1879.
- Illustrated London News*, Londres, 17 jun. 1882.
- Illustrated London News*, Londres, 28 abr. 1883.
- Norfolk Chronicle*, Norwich, 22 jan. 1870.
- Saint Jame's Chronicle*, Londres, 20 mar. 1884.
- Shrewsbury Chronicle*, Shrewsbury, 20 set. 1822.
- Shrewsbury Chronicle*, Shrewsbury, 16 jul. 1824.
- Sussex Advertiser*, Lewes, 26 jun. 1877.

### Testamentos

- CALLCOTT, Maria. **Will**. 10 abr. 1842. The National Archives. PROB 11/1982.
- NORTH, Marianne. **Probate record**. England & Wales, National Probate Calendar (Index of Wills and Administrations), 1858-1995. Principal Registry, 28 Oct. 1890.

### REFERÊNCIAS

- AGNEW, Eadaoiv. “An old vagabond”: science and sexuality in Marianne North’s representations in India. **Nineteenth-Century Gender Studies**, Kingston University, v. 7, n. 2, 2011.

ALCORN, Keith. From specimens to commodities: the London nursery trade and the introduction of exotic plants in the early nineteenth century. **Historical Research**, Londres, v. 93, n. 262, p. 715-733, 2020.

ARAÚJO, Nara. La autobiografía femenina, ¿ un género diferente? **Debate Feminista**, Coyoacán, v. 15, ano 8, p. 72-84, abr. 1997.

ASPINALL, A. The circulation of newspapers in the early nineteenth century. **The Review of English Studies**, Oxford, v. 22, n. 85, p. 29-43, jan. 1946.

BANDEIRA, Júlio. **A viagem ao Brasil de Marianne North (1872-1873)**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2012.

BARBOSA, Silvana Mota. Da história política a uma história social da política: uma definição. *In*: BARATA, Alexandre Mansur; SÁ, Luiz César de; BARBOSA, Silvana Mota (org.). **Cruzando fronteiras: histórias no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020. p. 7-31.

BATSAKI, Yota; CAHALAN, Sarah B.; TCHIKINE, Anatole. **The botany of empire in the long eighteenth century**. Dayton: Marian Library Faculty Publications, 2017.

BEWELL, Alav. **Natures in translation**. Romanticism and Colonial Natural History. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BRIDGES, Roy. Exploration and travel outside Europe (1720-1914). *In*: HULME, Peter; Youngs, Tim (orgs.). **Travel writing**. Cambridge: University Press, 2002. p. 53-69.

BURTON, Antoinette; MAWANI, Renisa. **Animalia: an anti-imperial bestiary for our times**. Durham: Duke University Press, 2020.

CAIN, P. J.; HOPKINS, A. G. **British imperialism: 1688-2015**. 3. ed. London: Routledge, 2016.

CANNADINE, David. Contexto, sedução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a “invenção da tradição”. C. 1820 a 1977. *In*: HOBBSAWM, E.; TERENCE R. (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CHAKRABARTI, Pratik; WORBOYS, Michael. Science and imperialism since 1870. *In*: SLOTTEN, H. R.; NUMBERS, R. L.; LIVINGSTONE, D. V. (orgs.). **Modern science in national, transnational, and global context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020. p. 9-31.

COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 127-140, 1998.

COSTA, Kássia Pereira da. **A arte de Marianne North**: entre tempos e histórias no século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DIAS, Maria Odila da Silva. **O fardo do homem branco**: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

DICKENSON, Johv. Marianne North: uma naturalista do século dezenove no Brasil? **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 145-164, 2000.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2016.

DRAYTON, Richard. **Nature's government**. New Haven; London: Yale University Press, 2005.

EGMOND, Florike. Precious nature: rare naturalia as collector's items and gifts in early modern europe. *In*: EGMOND, Florike. **Luxury in the low countries**: miscellaneous reflections on netherlandish material culture, 1500 to the present. Amsterdã: Pharo Publishing, 2010.

ENDERSBY, Jim. **Gardens of empire**: Kew and the Colonies. London: Gresham College, 2019. p. 1-8.

FERGUSON, Niall. **Império**: como os britânicos fizeram o mundo moderno. São Paulo: Editora Crítica, 2021.

FETZ, Marcelo. Expedições científicas no século XIX: o universo da ciência e a diversidade cultural. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, n. 14 e 15, p. 39-54, 2010/2011.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Peregrinas de outrora**. Viajantes latino-americanas no século XIX. Florianópolis: Mulheres, 2008.

FRANCO, Stella Maris Scatena. **Viagens e relatos**: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. 2017. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GARNER, Paul. El “imperio informal” británico en la América Latina: realidad o ficción?. **Historia Mexicana**, Cidade do México, v. LXV, n. 2, p. 541-559, 2015.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. **Marianne North**: lembranças de uma vida feliz. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2001. p. 12-16.

GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 1.031-1.045, 2008.

- GOEBEL, Felipe. Maria Antonieta e sua corte: o regime de distinção indumentário e o alvorecer do sistema da moda (1770-1793). **Veredas da História**, Salvador, v. 11, n. 2, p. 26-58, dez. 2018.
- GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. *In*: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a. p. 51-75.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. *In*: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004b. p. 7-24.
- GONÇALVES, Margaret de Almeida. Livros de viagem do Oitocentos e a fabricação do Oriente: a Índia e a escrita em Maria Graham. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 96-117, jan./jun. 2011.
- GUST, Onni. Mobility, gender and empire in Maria Graham's Journal of a Residence in India (1821). **Gender e History**, Edimburgo, v. 29, n. 2, p. 273-291, 2017.
- HAGGLUND, Betty. The botanical writings of Maria Graham. **Journal of Literature and Science**, Cardiff, v. 4, n. 1, p. 44-58, 2011.
- HALL, Catherine; DAVIDOFF, Leonore. **Fortunas familiares: hombres y mujeres de la clase media inglesa 1780-1850**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994.
- HALL, Catherine; HOSE, Sonya. Introduction: being at home with the Empire. *In*: HALL, Catherine; HOSE, Sonya. **At home with empire**. Metropolitan Culture and Imperial World. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 1-31.
- HASSAN, Nariv. A perfect world of wonders: Marianne North and the pleasures and pursuits of botany. *In*: KARPENKO, Lara; CLAGGETT, Shalyn (orgs.). **Investigating the limits of knowledge in the victorian age**. Michigan: University of Michigan Press, 2017. p. 62-80.
- HASSE, Diego Rafael. **Dimensões críticas na apreensão da natureza: diálogos entre a produção de Maria Graham (séc. XIX) e práticas artísticas contemporâneas (séc. XXI)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- HIGGS, Edward. Domestic servants and households in Victorian England, **Social History**, Londres, v. 8, n. 2, p. 201-210, 1983.
- HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOFFENBERG, Peter H. 1871-1874: The South Kensington International Exhibitions. **BRANCH: Britain, Representation and Nineteenth-Century History**, 2017.
- HOLMES, Johanna. **To use our talents and improve them: women's careers in the London art world, 1820-1860**. PhD (History). Egham: Royal Holloway, University of London, 2020.

HONG, Jiang. Angel in the house, angel in the scientific empire: women and colonial botany during the eighteenth and nineteenth centuries. **Royal Society**, London, v. 75, n. 3, p. 415-438, 2020.

INOSTROZA, Carla Ulloa. Entrevista a Miriam Heard, atriz protagonista y guionista de la serie basada en las memorias de viaje de María Graham tituladas *Diario de mi residencia en Chile en el año 1822*. Entrevistado: Miriam Heard. **Mujeres viajeras**, [s.l.], 04 out. 2011.

JONES, Vivev. **Women in the eighteenth century**: constructions of femininity. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2001.

JORDAN, Ellev. **The women's movement and women's employment in nineteenth century britain**. London and New York: Routledge and Taylor & Francis e-Library, 1999.

JOZEF, Bella. (Auto)biografia: os territórios da memória e da história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

KELLEY, Theresa. **Clandestine marriage**: botany and romantic culture. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 2012.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde*. **MangwinPos**, v. 8, 2001.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LEITE, Miriam Moreira (org.). **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Instituto Nacional do Livro Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEON, Christopher. Letters of credit: a primer. **Maryland Law Review**, Baltimore, v. 45, n. 2, p. 432-464, 1986.

LEVILLAIN, Phillipe. Os protagonistas da biografia. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MAIA, Ludmila de Souza. **Viajantes de saia**: gênero, literatura de viagem em Adèle Toussaint-Samson e Nísia Floresta (Europa e Brasil, século XIX). 2016. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MARCHANT, Anyda. The captain's widow: Maria Graham and the Independence of South America. **The Americas**, New York, v. 20, v. 2, p. 127-142, out. 1963.

MARCUS, Sharov. **Between women: friendship, desire, and marriage in Victorian England.** Princeton: Princeton University Press, 2007.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes** (o olhar britânico 1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. História das mulheres e relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, Montes Claros, v. 19, p. 5-15, 2013.

MATTOS, Claudia Valladão de. Artistas viajantes nas fronteiras da História da Arte. *In: COLÓQUIO DO CBHA*, 2007, p. 283-290. **Anais...**, 2007.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial.** Raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

McDONNELL, Cheryl Anv. **Marriage in Victorian England.** 2018. Undergraduate Honors Thesis (BSU Honors Program Theses and Projects, Item 420) – Bridgewater State University, Bridgewater, 2018.

MEMORIA CHILENA. Biblioteca Nacional de Chile. Tomás Lago Pinto (1903-1975). 2024.

MIDGLEY, Clare. Introductioiv. Gender and imperialism: mapping the conections. *In: MIDGLEY, Clare (org.). Gender and imperialism.* Manchester: Manchester University Press, 1998. p. 1-18.

MILLS, Sara. **Discourses of difference: an analysis of women's travel writing and colonialism.** London: Routledge, 1993.

MOON, Brenda E. Marianne North's recollections of a happy life: how they came to be written and published. **Journal of the Society for the Bibliography of Natural History**, London, v. 8, n. 4, p. 497-505, 1978.

MORRIS, R. J. Men, women and property in England, 1780-1870. A social and economic history of family strategies amongst the leeds middle classes. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MOTTA, Romilda Costa. **Práticas políticas e representações de si.** Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão (Pagu). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MUNARO, Luís Francisco. **O jornalismo luso-brasileiro em Londres (1808-1822).** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

NUNES, Ana Beatriz Mauá. **Tan criolla, criolla como yo: identidade, política e gênero nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926-1956.** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Renata Cesar de. Arte-ciência: a influência da vida-obra de Marianne North. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA*, 17, Rio de Janeiro, 2020. **Anais...** Unirio, Rio de Janeiro, 2020.

PÁL, Eszter. Science and Society Scientific Societies in Victorian England. **Review of Sociology**, Budapest, v. 24, n. 4, p. 85-111, 2014.

PASSETTI, Gabriel. **O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 12, v. 22, p. 270-283, jan./jun. 2011.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54. 2007.

PEELING, Madeleine. Reimagining Elizabeth I and Mary queen of scots: women's historiography and domestic identities, c. 1750–1800. **Women's History Review**, London, v. 29, v. 29, p. 1-29, 2019.

PERKIN, Joav. **Women and marriage in nineteenth-century england**. London: Routledge, 1989.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PONSONBY, Laura. Marianne North: an introduction. *In: NORTH, Marianne. **Abundant beauty: the adventurous travels of Marianne North, botanical artist***. Vancouver: Greystone Books, 2010.

PORTER, Bernard. **The absent-minded imperialists**. Empire, society, and culture in Britaiv. New York: Oxford University Press, 2004.

PORTO, Denise Maria Couto Gomes. **A voz feminina e estrangeira de Maria Graham na construção de uma narrativa historiográfica sobre o Brasil oitocentista: 1821-1825**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2019.

PORTO, Maíra Guimarães Duarte. **Para inglês ver: uma análise de Journal of a Voyage to Brazil, de Maria Graham**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

POTTER, Simon J. Empire, cultures and identities in nineteenth and twentieth-century britaiv. **History Compass**, Hoboken, v. 5, v. 1, p. 51-71, 2007.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

PRIORE, Mary del. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In: FREITAS, Marcos Cézár de (org.). **História brasileira em perspectiva***. São Paulo: Contexto, 2018. p. 217-236.

PURVIS, June. **Women's history: Britain 1850-1945: an introduction.** London and New York: Routledge, 2006.

QUIRÓS, Pilar González Bernaldo de. La sociabilidad y la historia política. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Paris, 2009.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. *In*: SILVA, Zélia Lopes (org.). **Cultura histórica em debate.** São Paulo: Unesp, 1995.

RENDALL, Jane. The condition of women, women's writing and the empire in nineteenth-century Britain. *In*: HALL, Catherine; HOSE, Sonya. **At home with empire.** Metropolitan Culture and Imperial World. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 101-121.

RESENDE, Mariana Barbosa Araújo. **Instrumentos financeiros internacionais no direito brasileiro: estudo sobre as cartas de crédito comerciais e as cartas de crédito *stanby*.** Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2018.

RODENAS, Adriana Méndez. **Transatlantic travels in nineteenth-century Latin America: European Women Pilgrims.** Lewisburg: Bucknell University Press, 2014.

RODRIGUES, Jaime. Um mundo novo no Atlântico: marinheiros e ritos de passagem na Linha do Equador, séculos XV-XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 33, n. 65, p. 235-276, 2013.

ROS, Andreea Catalina. Marianne North (1830-1890). **Amateur Women Botanists Imagining Aesthetics of Domesticity in the Tropics**, Budapest, 2015.

ROYLE, Edward. Newspapers and periodicals in historical research. *In*: BRAKE, L.; JONES, A.; MADDEN, L. (orgs.). **Investigating victorian journalism.** London: Macmillan, 1990. p. 48-59.

RYALL, Anka. The world according to Marianne North, a nineteenth-century female linnaev. **Tijdschrift voor Skandinavistiek**, Groningen, v. 29, n. 1, p. 195-218, 2008.

SCHIEBINGER, Londa. **Plants and empire: colonial bioprospecting in the atlantic world.** Cambridge: Harvard University Press, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joav. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 45, p. 327-351, 2012.

SENDINO, Consuelo; PORTER, Juliav. Female aristocrats in the Natural History world before the establishment of the GSL. **Geological Society**, London, 2020.

SEVILLE, Catherine. **Literary copyright reform in early Victorian England: the framing of the 1842 Copyright Act.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SILVA, Elis Pacífico. **A construção de uma identidade nacional brasileira em visões estrangeiras (1808-1822)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Flaviana Aparecida da. O mundo de Maria Graham: análise sobre a narrativa autobiográfica **Reminiscences**. In: BARBOSA, Silvana Mota. **O lugar da mulher: gênero, agência e trabalho (séculos XVII, XIX, XX)**. Juiz de Fora: Editora UFJF/ClioEdel, 2023. p. 140-157.

SILVA, Flaviana Aparecida da. **Uma “viajante de letras” no Império do Brasil: relações de gênero e redes de sociabilidade nos relatos de viagem de Maria Graham (1821-1825)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

SILVA, Isadora Eckardt da. **O viés político e histórico de Maria Graham em *Diário de uma viagem ao Brasil***. 2009. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, Réne (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SMITH, Bonnie. **Gênero e história: homens, mulheres e a prática histórica**. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. Bauru: Edusc, 2003.

SMITH-ROSENBERG, Carroll. The female world of love and ritual: relations between women in nineteenth-century America. **Signs**, Chicago, v. 1, v. 1, p. 1-29, 1975.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro F. S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 399-429.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de. **Viajar, observar e registrar: coleção e circulação da produção visual de Maria Graham**. Tese (Doutorado em Artes visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SOUZA, Maria de Fátima Medeiros de; OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. As mulheres na produção editorial científica ilustrada do século XIX: Maria Graham, Anna Atkins e Matilda Smith. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 63, p. 1-23, 2021.

STEINBACH, Susie. **Women in England. 1760-1914. A social history**. London: Palgrave Macmillan, 2004.

TEMIN, Peter. Two views of the British Industrial Revolutiov. **The Journal of Economic History**, Cambridge, v. 57, v. 1, p. 63-82, 1997.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMPSON, Carl. Earthquakes and petticoats: Maria Graham, geology, and early nineteenth-century “polite” science. **Journal of Victorian Culture**, Cambridge, v. 17, n. 3, p. 329-346, 2012.

THOMPSON, Carl. Sentiment and scholarship: hybrid historiography and historical authority in Maria Graham’s South American Journals. **Women’s Writing**, Abingdon, v. 24, n. 2, p. 185-206, 2017.

THOMPSON, Carl. **Travel writing**. London: Taylor & Francis Group, 2011.

THOMPSON, Carl. Women travelers, romantic-era science and the Banksian Empire. **Royal Society**, London, v. 79, n. 4, p. 431-455, 2019.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 28-62, 1994.

VALE, Briav. **A frigate of King George**: life and duty on a british man-of-war. London/ Nova York: I. B. Tauris, 2001.

VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 63-84, 1994.

ZUBARAN, Maria Angélica. “A vistosa vestimenta vegetal do Brasil”: Maria Graham e as representações da natureza tropical no século XIX. **Textura**, Canoas, v. 11, p. 57-63, 2005.

## ANEXOS

## ANEXO A

Figura 5 – Bahia – Maria Callcott [s.n.]



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

## ANEXO B

Figura 6 – *Heliconia*, height eleven feet, 1820 – Maria Callcott

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

## ANEXO C

Figura 7 – *Fisherman's hut* – Maria Callcott

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

## ANEXO D

Figura 8 – Ganhadores, Bahia – Maria Callcott



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

## ANEXO E

Figura 9 – *Fishermen in jangada and Canoe: Bahia* – Maria Callcott

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

## ANEXO F

Figura 10 – Foliage and Fruit of the Loquat, or Japanese Medlar, Brazil – Marianne North



Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.

## ANEXO G

Figura 11 – Flowers of a Coral Tree and King of the Flycatchers, Brazil – Marianne North



Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.

## ANEXO H

Figura 12 – Brazilian Flowers – Marianne North



Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.

## ANEXO I

Figura 13 – Group of Brazilian Forest Wild Flowers and Berries – Marianne North



Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.

## ANEXO J

Figura 14 – Lowers of a Brazilian Coral Tree and Vegetable Mercury – Marianne North



Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.

## ANEXO K

Figura 15 – Flowers of *Hedychium*, Botanic Gardens, Brazil – Marianne North

Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.